

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA CÍVICA:  
as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí.  
(1930-1945).**

SALÂNIA MARIA BARBOSA MELO

Fortaleza (CE), 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA CÍVICA:  
as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí.  
(1930-1945).**

SALÂNIA MARIA BARBOSA MELO

Tese de Doutorado em  
Educação Brasileira apresentada  
à Universidade Federal sob do  
Prof. Dr. José Gerardo  
Vasconcelos.

Fortaleza (CE), 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA CÍVICA:  
as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí.  
(1930-1945).**

SALÂNIA MARIA BARBOSA MELO

Tese de Doutorado em Educação Brasileira apresentada à Universidade Federal do Ceará, foi julgada e aprovada, pelo orientador e os membros da banca examinadora, composta pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (orientador) – UFC

---

---

---

---

Aprovada em -----de -----de 2009

## FICHA CATALOGRÁFICA

M528c Melo, Salânia Maria Barbosa.  
A construção da memória cívica [manuscrito] : as festas escolares de civilidade no Piauí (1930-1945) / Salânia Maria Barbosa Melo. – 2009.  
231 f. : il.

Cópia de computador (printout).  
Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, 2009.  
“Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos”.

1. Educação – História – Piauí . 2. Festas Cívicas. 3. Memória Cívica . 4. Educação – História – Memória. I. Título.

CDD 370.981 22

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, Dona Creusa, com a certeza de que essa jornada teve início pela dedicação de suas habilidosas mãos para ensinar tudo o que sabe. Lembrar de minha mãe é saber de sua maestria. A meu pai, Seu Sinhô Melo (in memoriam), pela sua presença permanente em minha vida.

À Dália, minha flor do dia, que me ajudou a escrever cada vez mais as páginas deste trabalho sempre que pediu minha presença em suas brincadeiras.

Às minhas filhas Doroty e Bianca pelo imenso amor e, porque desde muito pequenas, foram capazes de aprender o significado de não se ter tudo que se quer ou precisa para superar a “ausência” da mãe.

Ao Amaral, por tudo.

## AGRADECIMENTOS

As palavras, por mais apropriadas que sejam elas não são capazes de expressar os nossos verdadeiros sentimentos de gratidão, mesmo assim necessito das mais adequadas neste momento para manifestar meus agradecimentos a todos os que confiaram, acreditaram e auxiliaram-me para tornar possível este trabalho.

Ao meu querido orientador, professor Doutor José Gerardo Vasconcelos, pela doçura, leveza e paz de espírito, pela fraterna acolhida desde o momento de minha chegada em Fortaleza e por todos os nossos encontros para entender o que na escrita era decifrável ou não, se o que estava dito era ou não lógico, em que os conceitos estavam ou não no lugar mais adequado, o seu carinho foi sempre muito grande para a lida delicada da orientação.

À professora Doutora Maria Juraci Maia Cavalcante, pela grandeza humana, pelos permanentes ensinamentos, pelas excelentes aulas, leitura e observações que fez no meu trabalho.

Ao meu sempre orientador, professor Doutor Antônio de Pádua Carvalho Lopes, da Universidade Federal do Piauí. Obrigada pelas várias leituras do meu trabalho e principalmente pela credibilidade na execução e viabilidade desta pesquisa, desde muito antes de pensá-lo como Tese.

À Universidade Estadual do Maranhão, pelo apoio institucional do afastamento para os estudos e pesquisa e pelo apoio financeiro que me ajudou a viabilizá-lo.

Ao Departamento de História da UEMA de Caxias, nas minhas amigas Dudu, Dalva e Arydimar e aos amigos da Geografia, Maria Teresa, Jorge e Assis.

À Jordânia pela dedicação de amor e carinho.

Ao Alcebíades, velho amigo, por todas as vezes que dedica parte de seu tempo para dividirmos o que possuímos.

À Universidade Estadual do Piauí pela liberação para realização deste trabalho.

Aos meus alunos da UEMA e da UESPI.

À Francisco James, bolsista PIBIC, pela grande contribuição na coleta dos dados, sem os quais a pesquisa não existiria.

Aos senhores e senhoras colaboradoras, que gentilmente cederam suas histórias sobre o que vivenciaram em Teresina ou no restante do Piauí. Primeiramente foram os depoimentos utilizados na Dissertação de Mestrado em 2002, à Professora Enid Matos (in memoriam), Elza Paiva, Hilma Mendes dos Reis, Anita Barros, Francisca Almeida e Expedita Santos e para a elaboração da Tese, algumas entrevistas em 2008 e outras em 2009, ao senhor Expedito Rodrigues de Carvalho, dona Constância Nogueira Bastos e dona Maria do Socorro Almendra de Carvalho.

Aos funcionários da Biblioteca Estadual Des. Cromwell de Carvalho, por todos os anos de uma convivência sadia e harmoniosa e, com certeza, pela torcida constante para que eu concluísse este Trabalho.

À Samara e Cristiana pela imensa colaboração de dividir despesas e saudades nos lugares em que moramos em Fortaleza e depois a Marta Rocheli, Fauston, Felipe e todos com quem compartilhei a cidade cearense.

Em especial à Simone Leão e ao Genivaldo Macário, amigos queridos de longa data, por todas as vezes que, em Fortaleza, me senti em casa.

À professora Maria Cecília Nunes pela sabedoria.

À Cláudia Fontenele, Marcelo e Rosânia pela amizade de sempre.

Ao Sérgio Brandim e Ana Cristina amigos e companheiros de trabalho.

À Maura Rejane que sempre me socorre com o “seu” inglês infalível.

À Maria da Penha Feitosa pela delicadeza da leitura e revisão do meu trabalho.

Às minhas amigas de sempre, Hortência, Assunção, Dude, Chiquinha, Joara, Socorrinha e Tâmara pelo amor que nunca desbotou.

Aos velhos amigos Rodolfo Pena, Evaldo e Antonio José Fontenele por todos os anos de alegrias divididas.

Aos meus irmãos, que foram capazes de compreender a necessidade de tantos afastamentos e, mesmo assim, se orgulharem de mim, ao Salan (Viviane e Ana Marina), Vânia (José Maria, Diego e Débora), Arnon (Aurileide, Hudson, João Gabriel, Agenorzinho), Beatriz (Pândia, Samir, Pablo), Sandra (Paulo e Pedro), Chico Melo (Poliana e Miguel), Elizângela (Douglas, Lucas e João Vitor) e Olívia.

A todos muito obrigada.

## LISTA DE FOTOS

Foto nº1 - Antigo Liceu Piauiense.....	p.32
Foto nº2 – Hospital “Getúlio Vargas”.....	p.38
Foto nº3 – Antigo prédio da Biblioteca, Arquivo e Museu Histórico do Piauí.....	p.38
Foto nº4 – Escola Normal Oficial.....	p.44
Foto nº5 – Cartaz de Propaganda .....	p.57
Foto nº 6 – Cartaz de Propaganda.....	p.57
Foto nº 7 – Apresentação de ginástica dos alunos do Liceu Piauiense .....	p.84
Foto nº 8 – Inauguração da Ponte Metálica .....	p.96
Foto nº 9 – Inauguração da Ponte Metálica .....	p.96
Foto nº 10 - Escola Reunidas Barão de Gurguéia .....	p.105
Foto nº 11 – Modelo de grupo escolar construído no período.....	p.107
Foto nº 12 – Inauguração Grupo Escolar de Regeneração .....	p.108
Foto nº 13 – Inauguração de Escola em Valença .....	p.109
Foto nº 14 – Grupo Escolar Agrônomo Parentes – Floriano –PI .....	p.111
Foto nº 15 – Festa de Inauguração do Grupo Escolar Agrônomo Parentes. ....	p. 111
Foto nº 16 – Recepção do Interventor Leônidas de Castro Melo.....	p.114
Foto nº 17 - Recepção do Interventor Leônidas de Castro Melo.....	p.115
Foto nº 18 – Festa em homenagem ao ex-interventor Landri Sales.....	p.119
Foto nº 19 – Festa em homenagem ao ex-interventor Landri Sales.....	p.120
Foto nº 20 - Homenagem ao ex-interventor Landri Sales.....	p.121
Foto nº 21 – Festa cívica em comemoração ao Golpe de 1937.....	p.123
Foto nº 22 – Comemoração do Aniversário de Getúlio Vargas.....	p.129
Foto nº 23 – Festa da Árvore .....	p.145
Foto nº 24 – Festa da Juventude .....	p.153
Foto nº 25 – Festa da Juventude .....	p.154
Foto nº 26 – Desfile do Pan-americanismo.....	p.155
Foto nº 27 – Desfile do Pan-americanismo .....	p.156
Foto nº 28 – Desfile do Pan-americanismo .....	p.156
Foto nº 29– Desfile do Pan-americanismo.....	p.157
Foto nº 30 – Desfile de 7 de Setembro .....	p.164

## RESUMO

A pesquisa diz respeito à construção da memória cívica piauiense e à invenção das tradições, inserindo-a no campo da História da Educação e tem como foco principal as comemorações cívicas, que são as festas que acontecem com a participação da escola, desde as festas de 7 de setembro, festa da árvore, desfile da juventude e do pan-americanismo, as festas de inaugurações, festas de colação de grau, somando as homenagens às autoridades, aniversários de governantes, aniversários do Estado Novo constituindo-se o calendário cívico, cumprido e organizado pela escola. Esta investigação tem como intuito analisar esta memória, destacando principalmente, os aspectos relevantes para compreendê-la, tais sejam: o tempo escolar, o disciplinamento, as disciplinas escolares e as festas cívicas, elementos que constituem a memória cívica, evidenciando, a cidade e a rua como palco dos eventos onde ocorriam as festas cívicas. Este caminhar faz-se metodologicamente pela História Oral pelas lembranças de pessoas com setenta ou mais anos que vivenciaram estes momentos e têm alguma relação com a escola e com a cidade e, ainda, no manejo das fontes escritas como os periódicos locais O Piauí, O Momento, Diário Oficial, o Almanaque da Parnaíba e as Mensagens Governamentais. Mergulho nas práticas cotidianas e nas lembranças para problematizá-las e, por fim, compreender como ocorreu a invenção das tradições cívicas e suas relações com o ensino primário durante a Era Vargas (1930-1945), cientes de que nossa investigação constatou que este ensino deu-se no sentido do que era considerado moderno neste período, formando sujeitos que construíram as instituições pesquisadas, tornando-os civilizados, nacionalistas e amantes da Pátria.

## ABSTRACT

The research concerns the construction of civic memory of Piauí and the invention of traditions, putting it into the area of History of Education and it has as its main focus the civic celebrations, which are the festivals that take place with the participation of school, since the parties on September 7th, the feast of the tree, the parade of youth and Americanism, the opening parties, graduation parties, and besides the tributes to the authorities, leaders' birthdays, anniversaries of the New State constituting the civic calendar, carried out and organized by school. This research has the intention to analyze this memory, especially highlighting the aspects relevant to understand it, such as: school time, the discipline, the school subjects and civic events, elements that constitute the civic memory, highlighting the city and the street scene as the events which occurred the civic events. This route is done methodically through Oral History by memories of seventy-year-old people and over who have experienced these moments and have some relationship with the school and the city, and also in the management of written sources as local newspapers *O Piauí*, *O Momento*, *Diário Oficial*, *Almanaque da Parnaíba* and the *Mensagens Governamentais*. The research in the daily practices and the memories to problematize them, and finally understand how the invention of civic traditions and their relation to primary education during the Vargas Era (1930-1945), aware that our research found out that this teaching took place in the sense of what was considered modern at this period, educating subjects who built the institutions surveyed, making them civilized, nationalist and lovers of the Fatherland.

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	05
AGRADECIMENTOS.....	06
LISTA DE FOTOGRAFIAS.....	08
RESUMO.....	09
ABSTRACT.....	10
APRESENTAÇÃO.....	13
Capítulo 1 – UM CENÁRIO PIAUIENSE.....	25
1.1. A MONTAGEM POLÍTICA DO CENÁRIO.....	25
1.2. AS ARTESANIAS DO TEMPO.....	58
1.3. AS LIÇÕES DAS DISCIPLINAS ESCOLARES COMO FORTALECIMENTO DA MENTE PATRIÓTICA.....	69
1.4. ARTESANIA DOS CORPOS.....	83
Capítulo 2 – O DESCORTINAR DAS FESTAS PIAUIENSES OU A MONTAGEM DO CALENDÁRIO CÍVICO.....	93
2.1. INAUGURAÇÃO DOS RETRATOS OU (A FESTA DOS RETRATOS) A SIMBOLOGIA DAS IMAGENS.....	94
2.2. FESTAS DE INAUGURAÇÃO DOS PRÉDIOS ESCOLARES.....	102
2.3. FESTAS PARA HOMENAGEAR AUTORIDADES.....	114

2.4. FESTAS DE ANIVERSÁRIO DE GOVERNO.....	121
2.5. NOVAS FESTAS CRIADAS NA ERA VARGAS.....	125
2.5.1. AS COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA DE 1930.....	126
2.5.2. O ANIVERSÁRIO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA.....	127
Capítulo 3 – AS FESTAS CÍVICAS ESCOLARES.....	131
3.1 AS FESTAS QUE OCORRIAM NO INTERIOR DA ESCOLA.....	140
3.2 AS FESTAS CÍVICAS QUE TINHAM A PARTICIPAÇÃO DIRETA DA ESCOLA .....	143
3.2.1. FESTA DA ÁRVORE – OU O NASCIMENTO DA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA .....	143
3.2.2 - A JUVENTUDE PIAUIENSE O PAN-AMERICANISMO E A CONSTRUÇÃO DOS SIGNOS DE UNIDADE NACIONAL.....	148
3.2.3 – AS FESTAS DO DIA GRANDE OU O DIA DA PÁTRIA.....	159
4- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS FINALIZAÇÕES.....	168
5 – BIBLIOGRAFIA .....	173
5.1 - FONTES ORAIS.....	188
5.2 - FONTES IMPRESSAS.....	189
6 – ANEXOS .....	192

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta-se como resultado de estudos sobre festas cívicas, onde analiso as relações entre estas e a educação, intitulado **A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA CÍVICA: as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí de 1930-1945**, abordando a identificação e análise do que eram e quais eram as festas cívicas comemoradas e celebradas pelos piauienses e procura compreender, a partir de vestígios documentais escritos e das lembranças de quem vivenciou o período estudado, os sentimentos que moveram a “invenção das tradições” cívicas no Piauí, para a defesa do doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará.

A pesquisa sobre as festas cívicas no Piauí está inserida no campo da História da Educação em comunhão com a História Cultural, que tem contribuído para ampliar as possibilidades de análise e as interpretações do simbólico, emergindo daí novos objetos, trazendo aos nossos olhos a capacidade de perceber outros sujeitos e mostrar lugares para novas buscas, lugares de cultura e de memória, sendo que a escola nos aparece como esse lugar de história, cultura e de memória.

Esta investigação tem como foco principal as comemorações cívicas, ou seja, todas as festas que foram promovidas pelo Estado no sentido da construção da memória cívica, compreendendo que, de uma forma ou de outra, todas envolviam a cidade e sempre aconteciam com a participação direta ou indireta da escola, desde as festas de sete de setembro, homenagens a autoridades, aniversários da cidade, inaugurações de prédios escolares, inauguração de obras públicas, festas de colação de grau, encerramento do ano letivo e outras, que foram ao longo do período surgindo, constituindo, assim, um calendário cívico.

Situando esta pesquisa no campo da História da Educação, é necessário reconhecer que os pesquisadores-educadores que voltaram suas buscas para este campo têm feito um excelente trabalho preenchendo vazios teóricos, alargando seus conhecimentos historiográficos, focando melhor questões da História da Educação Brasileira, partindo do pressuposto de que se necessita de fontes, de temas e de desmitificar verdades tidas como absolutas, abrindo dessa maneira possibilidades, que vão da construção de fontes, quando toma como metodologia a História Oral, para ampliar o que e como se vê a História local.

A pesquisa está estruturada nos seguintes eixos de problematização, quais sejam:

1- a constituição de civilidade a partir das festas cívicas;

2- a expansão dos grupos escolares como propagadores da cultura e do ideal de modernidade;

3 – a expansão das práticas do cotidiano escolar “inventando tradições” e voltadas para a construção da memória cívica.

O estudo da memória cívica se faz no sentido de compreender como acontece a invenção das tradições cívicas no Piauí, procurando me situar não em uma origem, mas no sentido de compreendê-la exatamente neste momento de propagação que coincide com a reafirmação do sentimento de nacionalidade, com a maior urbanidade e com a expansão dos prédios escolares, com o controle e disciplinamento das populações, entendendo-a como um ritual de repetição que cria mentalidade e tradição cívica, imbricada na educação através do ensino da história pátria, de educação física e canto orfeônico, modificando assim a cultura escolar.

Neste sentido, busquei apoio teórico em Julia (2001, p. 10), que vê cultura escolar:

[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas, normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o ser analisado o corpo profissional dos agentes que chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos [...]

Para entender cultura escolar é preciso saber como as normas funcionavam dentro da escola no período estudado, a partir daí, então, compreender como os conteúdos ensinados nos remetem às práticas escolares e culturais. Para tanto, será necessário, ainda, imbricar nestas práticas a compreensão de cultura e de “invenção das tradições”.

Hobsbawm (1997) entende “invenção das tradições” como um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Em análise sobre a temática da cultura escolar, Souza (2005) contribui no sentido de “um alargamento do campo da história da educação” e expõe suas cautelas ao afirmar que

[...] é preciso estarmos atentos para explicitarmos o lugar de onde falamos e articulamos o mais pontual, por exemplo, o estudo dos manuais escolares, dos livros de leituras, das práticas escolares, com o movimento histórico mais geral [...] (p. 75).

Levando adiante o projeto criador e construtor de uma memória oficial, o Estado “inventa tradições” quando, por exemplo, cria um calendário cívico específico para celebrações escolares, que altera o cotidiano escolar e da cidade, sacralizando o Estado.

Cabe aqui conceituar cultura na perspectiva de Raymond Williams (1992), que traz para um mesmo recipiente a produção intelectual e as práticas educativas. Cultura somando, ainda, significados plurais no decorrer do vivido. Essa ideia nos leva a compreender cultura com múltiplas significações “[...] espaço para o estudo de instituições, práticas e obras manifestamente significativas, mas não apenas isso, também para, por meio dessa ênfase, estimular o estudo das relações entre essas e outras instituições, práticas e obras”. (p.207-208).

Passa-se no Brasil à prática comemoracionista (Catroga, 2005), uma espécie de “liturgia cívica”, de ritual cívico, uma prática de reunir pessoas, que muitas vezes eram multidões, apresentando a essas populações uma grande aula de história pátria, verdadeiros espetáculos públicos, cujo palco são as ruas da cidade, que têm seu cotidiano alterado numa sagração dos mitos que a escola ajuda a construir.

O Brasil pode ter herdado essa prática de Portugal, que buscou, por sua vez, mirar-se na França. É uma tradição que remonta a tempos idos, que na Europa pode ter começado com a Revolução Francesa que, por ser ritualística, remete às práticas das antigas procissões católicas ainda da Idade Média. No entanto, as procissões têm sua origem nas celebrações pagãs de agradecimento pelas colheitas agrícolas, portanto, práticas de temporalidades híbridas.

É minha intenção neste começo de trilha perceber como se dá a relação da escola com estas comemorações cívicas, como aconteciam estas festas, os ensaios, a montagem dos cenários, o treinamento das crianças, os dias de preparação e como a cidade muda nestes dias, o roteiro dos desfiles e, ainda, situar a cidade como palco

destas manifestações, que são organizadas para a formação da memória cívica, tentando visualizar alguns aspectos que rompem a rotina, alteram o cotidiano da cidade e como a escola é vista pelos seus habitantes.

Esta pesquisa apoiou-se na História Cultural, “campo historiográfico que se torna mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX” (Barros, 2004, p.55), e no manejo das diversas fontes como jornais da época e Mensagens Governamentais e depoimentos de testemunhas que vivenciaram esse momento histórico. Adotei um recorte temporal que foca o olhar a partir da década de 1930 até 1945, no Piauí, destacando a importância dada aos eventos oficiais de caráter comemorativo que ganhavam notoriedade no cenário local, em que as comemorações escolares, como inaugurações, desfiles, refeições de grau, passavam a ser festas da cidade.

As possibilidades de novos trabalhos no campo da História nos incentivam a buscar temáticas antes consideradas insignificantes aos historiadores, preocupados com temas até então tidos como de maior valor historiográfico. Com a multiplicidade de objetos as fontes também foram alargadas, expandindo inclusive o seu significado, para além do velho dito-escrito oficial, os jornais, os depoimentos orais, as fotografias vão mais adiante dos antigos manuais dos métodos da pesquisa histórica.

Buscando construir fontes para além dos jornais locais, os dados serão também as lembranças de quem vivenciou o período estudado, de 1930 a 1945, através dos seus depoimentos, utilizados pelas técnicas da História Oral, para melhor compreender este tempo marcado pelas memórias da escola. Ciente de que estas lembranças vêm carregadas de presente, por isso, marcadas de subjetividades, buscou-se o passado com o olhar do presente e é este presente que alimenta as reminiscências do vivido.

Se os objetos pesquisáveis e as fontes foram sacudidos pela famosa quebra dos paradigmas e pela História Cultural, a “festa”, enquanto objeto de pesquisa, veio se mostrar como sendo capaz de ser pesquisada e historiografada, em todas as suas dimensões – popular, religiosa, cívica e escolar, enfim, digna de ser buscada e analisada, apoiada tanto nos ditos-escritos quanto nos ditos-falados.

Preciso, neste momento, de uma metáfora para que este caminhar seja menos áspero. Adoto esta figura como bastião, como apoio para experimentar a beleza que possa me adoçar as trilhas.

O que se propõe a partir de então é dizer dos caminhos percorridos, entendendo que o pesquisador é um catador de pequenas coisas que, no primeiro momento, apanha caquinhos de todas as cores que encontra, não tem ainda clareza se prefere os pedaços azuis, vermelhos, pretos, amarelos ou lilases, apanha a todos indistintamente, necessita de tranquilidade e maestria para selecionar o que foi catado, juntar por tamanho, cor e formato para adotar critérios. Carece de coragem, para transformar o que antes não tinha nenhum sentido e agora deve ganhar beleza.

Lembrando Portinari, que inicia seus trabalhos com a palheta em arco-íris e, com habilidade e criatividade, transforma uma multiplicidade de cores em magníficas telas, catando os passos deste itinerário metodológico, apanho os fragmentos de memórias que serão juntados e darão luz a esse caminhar.

A trajetória deste percurso tornou-se mais rica graças ao conjunto de múltiplas fontes que foi utilizado, constituindo um corpus documental, entendendo corpus como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual irá trabalhar” (apud Barthes, 2007, p. 174), formado pelos dados buscados no Arquivo Público do Estado do Piauí - Casa Anísio Brito, nos jornais<sup>1</sup> O Pyauí<sup>2</sup>, Diário Oficial<sup>3</sup>, O Tempo, O Momento, no Almanaque da Parnaíba, Mensagens Governamentais, Leis e Decretos, do período de 1930 a 1945, que me permitem lidar com as imagens e todo e qualquer vestígio veiculado através destes periódicos.

Dos relatos dos periódicos locais procurei manter e respeitar o texto, deixando a mesma escrita da época, entendendo que a sua forma original reflete melhor o que se pensava naquele momento, o que de certo não dificultará a leitura e compreensão deste trabalho. Conservei também a transcrição das falas dos entrevistados o mais próximo possível da linguagem que cada um utilizou.

---

<sup>1</sup> Os jornais pesquisados no Arquivo Público do Piauí constituem-se como corpus documental, em formato impresso, com alguns números disponibilizados para pesquisa e outros lacrados. Um jornal traz nos seus comentários relatos sobre os vários acontecimentos da cidade e do mundo, neste aspecto ele é local e ao mesmo tempo universal. O jornal não foca somente o específico, o que nos mostra inúmeras possibilidades como “lócus”, de fontes para a pesquisa histórica. As notícias a serem trabalhadas e analisadas devem ser previamente selecionadas, e ter pertinência com o seu objeto de estudo.

<sup>2</sup> Periódico local do Partido Republicano Piauiense, que circulou nas primeiras décadas do século XX. Características semelhantes possuíam os jornais O Pyauí e O Tempo. De guarda e acesso no Arquivo Público do Estado do Piauí.

<sup>3</sup> Periódico local oficial. Noticiava diariamente atos e ações dos governantes, e vários outros acontecimentos sociais. De guarda e acesso no Arquivo Público do Estado do Piauí.

A esta altura da caminhada, elaborei um inventário de fontes, que serviu como suporte, ou um roteiro, para a produção do conhecimento histórico, em seus diferentes níveis, desde uma perspectiva de investigação, tendo como base as referências teóricas com evidências empíricas e problematizações que auxiliam a análise pretendida. Levando, ainda, a estabelecer diálogo com a metodologia pretendida, organizar e levantar os vários elementos empíricos da investigação, mapear e inventariar os registros empíricos coletados e planejar o desenvolvimento da pesquisa.

Privilegiei os jornais locais como fonte, por entender que são *lócus* de divulgação não só do pensamento escrito de uma determinada época, mas também das imagens, portanto, torna-se necessário refletir acerca das fotografias como fontes para a história e lembrando com Mauad (2004, p. 22), que “as imagens não foram aqui trazidas para análise como prova testemunhal de verdade, como resquício de um tempo passado, mas como representação que foi considerada válida para ser guardada para posteridade”, por serem as imagens uma forma de preservação da memória.

A imagem eterniza o tempo vivido, legando ao historiador que a utiliza como documento a possibilidade de ampliar o campo de visão, juntamente com outras fontes, sobre o objeto analisado, como sugere Vidal e Abdala (2005, p.198):

[...] a foto não esgota sua utilidade ou função pela simples contemplação estética. Exceto em algumas fotos artísticas, o que prende nossa atenção à imagem não é apenas a apreciação do belo, mas a possibilidade de reconhecer/ conhecer o real. Vemo-nos transportados no tempo e no espaço, tocando o passado, eternizado pela ação mecânica da máquina fotográfica. Nesse sentido, poderíamos afirmar que a importância da fotografia como fonte para a história e a história da educação residiria nesse seu dom de permitir visualizar o ontem e o outro em seus contornos de verdade.

Depois da “revolução documental” o conceito de documento foi ampliado, trazendo para o campo da história a fotografia enquanto fonte-imagem de um tempo, ampliando as possibilidades de análise do historiador, porque é fonte que se permite ver quando sugere múltiplas versões para o mesmo acontecido. Neste sentido, cabe o que Cardoso e Mauad (1997, p. 402), tecem a este respeito:

De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuam a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema,

a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador.

A imprensa local, fiel aliada na divulgação dos eventos cívicos, serviu também como educadora da sociedade piauiense, moldando através do que noticiava a memória cívica desta terra, auxiliando no sentido de que cada uma destas comemorações estivesse sempre de acordo com as maiores e melhores festas que aconteciam nas outras capitais do país.

Dentre a grande variedade de fontes, a História Oral<sup>4</sup> foi utilizada como uma metodologia qualitativa de busca, palmilhando o tempo e o espaço com o desejo de encontrar respostas aos questionamentos que norteiam este trabalho. Para tanto elegi o relato de pessoas com setenta ou mais anos, em função da relação com a temática pesquisada, atentando para o fato de que o sujeito entrevistado vive o passado naquele presente em que chego e remexo seus armazéns de lembranças e esquecimentos guardados, ciente de que, naquele instante de reviravolta no tempo, o que ele narra já não é mais o acontecido e sim o que seu achado temporal foi capaz de coar, lembrando que, através da História Oral, a palavra de quem viveu uma determinada história ganha importância ímpar, uma espécie de recuperação ou reinvenção do passado, no dizer de Catroga (2009, p. 7), “o homem conta histórias como protesto contra a sua finitude”.

A História Oral me permite catar lembranças, como fontes historiográficas. Permite-me também burilar as experiências de pessoas ou de grupos, me aproxima dos “meus sujeitos” com afetividade metodológica, tempo em que me torna mais perto de fatos e situações, que muitas vezes deixaram cicatrizes, consciente de que os testemunhos orais dizem mais do que o simples questionamento foi capaz de perguntar. Eles dizem de um tempo vivido, dizem da cultura, das práticas culturais, das tradições, dos costumes, enfim, do mundo vivido, trazendo para este contexto a possibilidade de analisar outras histórias que ainda não foram registradas pela historiografia acadêmica.

As lembranças catadas dos sujeitos da pesquisa foram submetidas à análise qualitativa, utilizando as técnicas da História Oral com o intuito de compreender as experiências vivenciadas no momento histórico aqui recortado e seguindo os passos de Portelli (1996, p.38):

---

<sup>4</sup> As proposições metodológicas da oralidade como fonte histórica são apoiadas em autores como Paul Thompson (1992), Ecléa Bosi (1994), Antônio Torres Montenegro (1994), Alessandro Portelli (1996, 1997), Verena Alberti (2004) e vários outros que fazem desta técnica um recurso essencial.

Nossa tarefa é distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias é das fontes orais. [...] na narração, não temos, pois, a certeza de fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contando de modo verdadeiro. [...] o tema da narração é a subjetividade.

Busquei, como elementos constitutivos de uma época, as memórias de pessoas com setenta ou mais anos que tivessem alguma relação com as festas cívicas piauienses. Sem esquecer que as narrativas que utilizo foram repassadas por quem vive o seu passado no presente atual, atentando para que o narrado não é igual ao vivido ou acontecido, como diz Gabriel Garcia Marquez (2007, p.5): “A vida não é a que gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”.

A memória buscada como fonte e viés interpretativo dos acontecimentos foi trazida ao presente pela variedade evocativa e como elucida Le Goff (1996) “o verbo *memore* significa fazer recordar, donde avisar, iluminar, instruir. [...] evocar o passado, perpetuar a recordação [...]”.

Nesta pesquisa foram analisados os depoimentos dos sujeitos entrevistados, a princípio somente professoras e ex-alunas, no total de seis, da Escola Normal Oficial, porque foram entrevistadas em 2002, quando eu desenvolvia a Dissertação do Mestrado intitulada - Reminiscências do processo de escolarização: a formação da professora normalista piauiense e o ensino primário (1930-1945), e posteriormente mais seis sujeitos, levando em conta a sua relação com a escola e com as festas da cidade.

A partir destas entrevistas e adentrando melhor o objeto escolhido, para maior aprofundamento teórico e analítico, novos sujeitos foram entrevistados, como um alfaiate – senhor Expedito Rodrigues de Carvalho; uma ex-diretora de escola primária e ex-aluna da Escola Normal - Constância Nogueira Bastos e uma professora aposentada que trabalhou em várias escolas de Teresina e do interior do estado – Maria do Socorro Almendra de Carvalho.

Mapeados os sujeitos da pesquisa, procurei contatar antecipadamente com cada um deles. Conversei informalmente, com cada um deles, procurando inteirá-los das intenções da entrevista e o que seria tratado na mesma. Isto se deu no sentido de procurar construir uma familiaridade com estes colaboradores.

Ganhou lugar neste percurso a entrevista, que foi previamente elaborada, ou semi-estruturada, lembrando que, apesar de pensada com antecipação, esta deve ser maleável, alterando os questionamentos de acordo com o desenrolar de cada uma delas. A postura do entrevistador deve ser mais que a de um escutador, deixando o colaborador à vontade para falar, afinal é ele a testemunha, sabendo que o que pergunto pode dar o norte das respostas.

Fiz a transcrição. Tenho consciência que o trabalho está apenas começando, estão coletados os dados, é hora de não me perder no contentamento provocado pelas histórias contadas e incorrer em atropelamentos e equívocos de achar que “o relato que resulta da entrevista de História Oral já é a própria ‘História’, levando à ilusão de se chegar à ‘verdade do povo’ graças ao levantamento do testemunho oral”. (Alberti, 2006, p.158).

E como bem disse Certeau (1982, p.94), “Tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”. Neste sentido, como os dados já foram coletados, o passo seguinte é a análise, tentando decifrar as falas, às vezes pequenos pedaços soltos de lembranças, às vezes as respostas aos questionamentos estão cheias de reticências, geralmente aí estão presentes os vazios da memória que insiste em permanecer, burilar estes dados leva à elaboração do texto, num emaranhado de anotações, fichamentos, fotografias. Enfim, é hora de misturar com as teorias aprendidas ao longo deste caminhar, as falas dos sujeitos colaboradores com o que penso.

As entrevistas afirmam a importância das fontes orais para a História Oral porque elas dizem da experiência dos sujeitos, como bem lembra Alberti (2004, p. 166):

É a experiência de um sujeito que trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquilo que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu e, por isso dá a vida às conjunturas e estruturas que de outro modo parecem distantes.

O pesquisador que utiliza as técnicas da História Oral e constrói suas fontes sabe que utiliza uma fonte viva e da mesma forma que tem cuidado e respeito pelos documentos de um arquivo, guardados muitas vezes há vários séculos ou décadas, deve ter o cuidado e respeito necessários, afinal são pessoas, com suas histórias. Remexer o

passado pode suscitar tanto boas quanto más lembranças, constituindo-se naquilo que para Portelli (1997, p. 86) é:

[...] o principal paradoxo da História Oral e das memórias é que as fontes são pessoas, não documentos, nenhuma pessoa; quer decida escrever sua própria autobiografia, quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia dos outros.

A História Oral auxilia a montagem da memória histórica, delineando o que precisamos saber de nós mesmos com o compromisso de repassarmos às outras gerações o máximo que se puder de nossa história e não somente parte dela como se fez ao longo de sua existência com as prioridades que foram escolhidas.

O passado buscado através da História Oral, cuja maior preocupação é a produção de testemunhos históricos, evitando assim os apagamentos e os silêncios da História, tem como norte para seu guia a memória cuja metodologia requer um projeto anteriormente pensado e elaborado, para construção das fontes necessárias para análise, com sujeitos depoentes que auxiliam com suas narrativas a montagem “não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como uma colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo depois de reunidos” no dizer de Portelli (1997, p. 97), conhecendo as particularidades narradas por cada um em suas entrevistas, particularidades ricas de experiências, mesmo que às vezes arranhadas pelo tempo, ainda assim juntas formam a História da Educação ou as múltiplas visões de uma mesma História compartilhada, por isso, muito mais diversificada.

As entrevistas constituem momentos singulares para o historiador que escolhe esta metodologia porque ele vive um tempo ímpar. Diante de sua fonte viva ele experimenta instantes em que presencia o documento sendo construído, onde há uma relação visível entre o passado e o presente, quando o entrevistado monta diante do entrevistador seu testemunho e constrói a consciência daquelas histórias narradas.

Atentando para o fato de que o narrador vive e revive o passado no presente, o rememorar já não é mais o fato acontecido, mas sim a interpretação do narrador, os cacos de memórias de cada um dos lembradores me ajudaram a analisar o significado das festas cívicas, festas escolares, do tempo escolar para a construção da memória cívica piauiense.

Meticuloso, cauteloso trabalho, o de construir História da Educação no Piauí, utilizando a História Oral como fonte de busca, com a consciência de que os caminhos que me levam a todos os “meus entrevistados” foram traçados fora do conhecimento de cada um deles, como bem diz Bosi (2003, p. 63), “rememorar é um ato criativo”, tendo a sensibilidade para lembrar sempre que sou eu quem chega lá e remexo o passado, ciente de que “[...] ao rememorar, não há pessoa que não se encontre consigo mesma”. (BORGES, 2000, p. 183).

O percurso percorrido não diz somente das fontes construídas pelas técnicas da História Oral, ele também apresenta a maravilhosa descoberta do cotidiano piauiense que os jornais pesquisados me mostraram, lembrando que só é possível enxergar e ouvir o que as fontes escritas me dizem se tenho clareza do que pergunto, como a faculdade do ofício permite, reinvento o lugar do vivido.

Decifrar o emaranhado que os jornais apresentaram, dentro do recorte escolhido, me deu licença para flexibilizar a problematização do objeto antes desejado e perceber o quão elásticas são as temáticas quando o historiador admite que o documento tem características próprias e que apontam a cada momento para a sua materialidade.

Adentrar por este canteiro da História da Educação requer quase sempre mais cuidados, como quem caminha sobre pedras e no escuro, trilhando por dentro de uma História considerada por muitos como maior. Sinto-me, ainda, olhando pela fresta.

O mergulho na história local contribui para um deslocamento teórico-metodológico, possibilitando esclarecimentos da multiplicidade não apenas da História da Educação, mas dos vários sentidos do projeto civilizador nacional em que a circulação de serviços como os de educação, saúde, estradas e comércio, construindo uma nova cultura local, retratando o cotidiano da cultura escolar, possibilitando esclarecimentos desta multiplicidade historiográfica educacional piauiense.

Este trabalho se divide em três capítulos.

O primeiro capítulo apresenta o cenário piauiense nas décadas de 1930 e 1940, o que estava ocorrendo no estado do Piauí, quando se vivia os abalos políticos da Revolução de 1930, o que acontecia por aqui quando Vargas e seus homens tomaram o poder, e durante o Estado Novo, quais as tramas que os interventores teceram para expandir a rede pública de ensino através da construção dos grupos escolares e porque deram prioridade para a construção de tais grupos. Este mesmo capítulo traz como cenário também outras temáticas que compreendo como elementos essenciais nesta

preparação da memória cívica piauiense, como, por exemplo, do tempo em que se processam os fazeres da escola, o tempo de aula, o tempo sem aula, o tempo do recreio, o que se prepara dentro de sala de aula, como, por exemplo, as disciplinas que eram trabalhadas na escola e faziam parte do rol de conteúdos programáticos que foi nomeado de artesanias do tempo e das mentes, trata, ainda, do disciplinamento dos corpos.

O segundo capítulo apresenta as festas inaugurais promovidas pelo Estado procurando elucidar quais eram e como aconteciam estas festas vividas no Piauí, motivo não faltava para inaugurar com festas, perpassam por todo o período analisado as festas inaugurais. No entanto, o foco maior nesta análise será para as inaugurações dos prédios escolares, por dois motivos: primeiro porque a construção de um prédio deste porte tem a simbologia de modernidade, no sentido da expansão da educação mudando a cultura local e na maioria das vezes criando uma cultura escolar; segundo porque a entrega festiva de uma obra pública altera consideravelmente o cotidiano local neste dia.

O terceiro capítulo apresenta as festas cívicas escolares, as que aconteciam no interior da escola: colação de grau, escolha da rainha da escola, aniversário da escola e, as que tinham a participação direta da escola, como a festa da árvore, festa da juventude e a festa da independência do Brasil, focando mais especificamente a memória destas festas, dando ênfase para o que representou este período rico em comemorações por quem o vivenciou, trazendo para a História as lembranças destas pessoas, tanto na condição de alunos ou ex-alunos, pais de alunos, professores e espectadores destas festas.

## CAPÍTULO 1 – O LUGAR DO FESTEJAR PIAUIENSE

### 1.1 A montagem política do cenário

Neste início de trilha, cabe apresentar o cenário onde as festas ocorriam e que lugar era este, o que acontecia por aqui, como era o Piauí de então; mostrar a construção dos prédios escolares, que articulações foram feitas para tais realizações. Neste mesmo cenário cabe ainda apresentar o tempo histórico em que acontecia essa montagem, adequando todos os espaços, que tempo era este vivido nas salas de aulas, como era cronometrado, como era medido o tempo dos conteúdos escolares e como acontecia o disciplinamento dos corpos e das mentes, apresentando-o como ambiente propício para os espetáculos cívicos desenrolados no Piauí no período histórico analisado.

O período estudado situa-se em torno da chamada Era Vargas – 1930-1945<sup>5</sup> – no Piauí, importando aqui não somente por ser um momento histórico considerado rico pela historiografia que, por si só, justificaria a escolha, mas porque carece de caracterizá-lo historiograficamente, compreendendo que, a partir de 1930, é o Estado que tem como função principal construir a nação brasileira, assumindo o papel de construtor de uma nacionalidade modelada nos padrões de modernidade.

O Estado assume poderes ditatoriais para tomar decisões que achasse necessárias, em uma clara substituição da nação pelo Estado e continuava ensinando suas lições de patriotismo. Portanto, o pensamento autoritário do Estado Novo já tinha aqui seu embrião, ou seja, este Estado manteve na sua estrutura política componentes tradicionais de poder e, neste sentido, para tornar mais claro, tomo referência Skidmore (1975), quando afirma:

O nacionalismo poderia ser muito útil como meio de edificar um consenso popular. O nacionalismo era um sentimento que podia unir os brasileiros de diversas classes e setores, dar-lhes um senso de comunidade. Como argumentava os apologistas intelectuais do nacionalismo desenvolvimentista, a identificação com a nação em um esforço comum poderia ajudar a superar as tensões de classe produzidas por uma sociedade em desenvolvimento. (p.142).

---

<sup>5</sup> A concepção de Era Vargas aqui adotada segue a compreensão de historiadores que a vêem como um conjunto de mudanças ocorridas a partir do movimento de 1930 que provocou alterações significativas na sociedade brasileira em quase todos os seus aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, destacando ainda, a montagem e ordenações ocorridas no campo da educação, por exemplo, a criação do Ministério da Educação e Saúde e as várias reformas educacionais promovidas neste período.

Para o historiador Boris Fausto (2001), no início do século XX já se percebe o delineamento de um pensamento autoritário de direita no país, que parece ser a construção da defesa de uma ordem autoritária, com apego às tradições e ao papel relevante do Estado na organização da sociedade, passando necessariamente por uma sistematização da política educacional.

A construção da memória nacional, memória esta pautada em uma cultura política autoritária e nacionalista, foi reacendida na sociedade brasileira como um movimento que envolveu a quase todos: modernistas, intelectuais que idealizavam o Estado, católicos, militares, professores e operários, com o interesse de dar um caráter nacional, de nacionalizar tudo, criando assim justificativas para reproduzir a cultura nacional e que o homem brasileiro assumisse o sentimento de brasilidade e de pertencimento ao Brasil.

A nacionalização da sociedade é um dos principais objetivos do governo de Getúlio Vargas, que deveria ser alcançado utilizando vários elementos ou argumentos que auxiliassem o Estado nesta consolidação, como a educação e a cultura, para o fortalecimento da memória nacional.

À medida que se evidenciava o caráter autoritário no governo pós-30, mais clara ficava a sua intenção para a viabilização de uma política educacional também autoritária, servindo, assim, a educação como lugar adequado para pôr em ação tais práticas políticas e cujo ancoradouro era o suporte dado por vários intelectuais brasileiros que comungavam do pensamento de que, através deste Estado, haveria uma melhora do nível de vida de todos os brasileiros e um amadurecimento da Nação.

Os intelectuais, nas mais diversas sociedades e ao longo do tempo, ocuparam o papel de propagadores dos valores, quer sejam morais, políticos ou culturais e influenciaram, através da formulação de ideias, na construção do nacionalismo brasileiro, na construção da brasilidade, com uma rica produção intelectual voltada para este fim em conformidade com os mentores do Estado projetado para aquele momento,

[...] vários daqueles ideólogos do Estado Brasileiro (Francisco Campos, Azevedo Amaral e Oliveira Viana) bebiam na fonte do pensamento autoritário, que subordinava os interesses individuais ao coletivo, pois a

mediação, Estado sociedade era pensada pela via estatal e não a partir de organizações autônomas. (AIRES, 1999, p.85).<sup>6</sup>

Os abalos que o mundo ocidental sofreu com a crise de 1929 fomentaram, a partir de então, ideias de autoritarismo como forma de proteção do Estado e com políticas de controle das condutas, marcando toda a década de 1930, o Brasil pós-30 dá início as primeiras medidas neste sentido.

Com a criação do Ministério da Educação e Saúde e com a Reforma de Francisco Campos, de 1931, passa a existir no país a sistematização, organização e controle da política educacional, substituindo os sistemas estaduais que não tinham nenhuma articulação com o sistema central, alheios à política nacional de educação. Viabilizando, dessa maneira, uma intervenção cada vez maior do Estado na educação, ampliando as esperanças na educação, colocando-a em um lugar de destaque, pelo menos no imaginário coletivo.

Ao ser concebido logo no início da Era Vargas, o Ministério da Educação e Saúde foi pensado para executar a ideia de educação que auxiliasse na construção de uma cultura política que sustentasse e legitimasse o Estado Novo.

O discurso homogeneizante da Educação reaparece com a Revolução de 1930, justificando a educação como um instrumento do Estado, capaz de através de um discurso modernizante e da ação pedagógica, inculcar valores culturais e civilizatórios, vencendo a rudeza, sendo “entendida como espaço de mudança de hábitos, procurando

---

<sup>6</sup>Francisco Campos – teórico do Estado Novo. Defendia um Estado forte e corporativo, baseando seu pensamento na visão da falência do liberalismo, criando meios que justificasse o seu modelo de Estado. Defendia ainda, um Estado que desse mais espaço para os valores católicos, dando indícios assim de seus ataques aos escolanovistas. Redigiu a Constituição de 1937. No campo educacional, seu nome está ligado a duas reformas: as do ensino primário e do ensino normal, com destaque para a organização e para o programa das disciplinas, Higiene Escolar e Exercícios Physicos. Foi Secretário do Interior de Minas Gerais, Ministro da Educação do governo provisório de Getúlio Vargas e Ministro da Justiça do Estado Novo. Autor de “Educação e Cultura”, publicado em 1941 pela Livraria José Olympio Editora.

Antonio José de Azevedo Amaral – um dos ideólogos do autoritarismo e defensor do Estado Novo, crítico ferrenho das ideologias estrangeiras. Autor de “O Estado Autoritário e a Realidade Nacional”, onde destaca as virtudes do autoritarismo e do Estado Novo. Defende que “o Estado autoritário baseia-se na demarcação nítida entre aquilo que a coletividade social tem o direito de impor ao indivíduo, pela pressão da maquinaria estatal, e o que forma a esfera intangível de prerrogativas inalienáveis de cada ser humano”.

Francisco José de Oliveira Viana – autor de “O idealismo da Constituição” demarcou as esferas do totalitarismo e do autoritarismo, defendia que: “Do que precisamos é do Presidente único. Isto é, do Presidente que não divida com ninguém sua autoridade; do Presidente soberano, exercendo, em suma, seu poder em nome da Nação, só a ela subordinado e só dela dependente”.

assim familiarizar a criança com os aspectos da ciência, da cultura nacional e da democracia”. (CHAVES, 2002, p. 142).

Neste contexto, caberia aqui a afirmação de Bomeny (2001), quando caracteriza a sociedade, momento em que as mudanças que ocorriam geralmente tornariam-se tão alardeadas que, na maioria das vezes encobriam o sentido maior daquilo que realmente não era facilmente visível para muitos:

Os anos de 1930 e 1940 foram um período de grandes transformações em toda a sociedade brasileira, consideráveis repercussões na área educacional. O sentido das reformas educacionais era menos o da ampliação do sistema do ensino do que o de seu controle e regulamentação. (p. 34).

Como no restante do país, o Piauí também expôs suas fraturas, diante das agitações políticas que se vivia no Brasil, nos momentos que antecedem a tomada do poder em 1930, pondo à mostra as divergências que se arrastaram por toda a Primeira República.

Para Nascimento (1994):

[...] no Piauí a situação revolucionária pode ser percebida através de notícia veiculada pelo jornal “Estado do Piauí”, do dia 19 de dezembro de 1930, que a Assembléia Legislativa e suas dependências estavam literalmente cheias de elementos de todas as classes e autoridades estaduais, municipais e federais. (p. 100).

Permeando todo este período no Piauí, várias comemorações ocorreram, como a do aniversário de um ano da Revolução Brasileira, a exemplo de um jornal, aquela que tinha sido a grande obra dos brasileiros:

Irmanados por um pensamento nobre e altruístico, coesos, cumpriram o dever que lhes assistia de integrar o Brasil no regime que nos legaram os legionários de 89.

O Piauí que contribuiu valorosamente na Revolução de Outubro, lembrará com satisfação desmedida o Dia da Vitória, cômico de haver cumprido o seu dever e orgulhoso por estar colaborando na grande obra de reconstrução nacional.

E assim também, o Piauí marcha na fileira dos Estados que seguindo a fecunda orientação do Governo Provisório procuram integrar o Brasil na pureza do regime republicano. (Fonte: Diário Oficial, Nº 237, 23/outubro/1931).

Logo após a Revolução de 1930, o Piauí ficou sob o comando do interventor federal Landri Sales Gonçalves, que através do Decreto de número 1.301, de 14 de setembro de 1931, reestruturou a Diretoria Geral da Instrução Pública e, paralelamente implementou um novo Regulamento Geral do Ensino, caracterizando-se como uma tentativa de dar unidade e sistematizar o projeto de educação no Estado a integrar-se aos ideais do Governo Federal.

A Diretoria Geral da Instrução Pública, que a partir de 1935 torna-se Departamento de Ensino, tinha como função a “administração e fiscalização de todos os ramos do ensino no Estado”, tendo como atribuições, dentre outras:

1. A administração, direção e inspeção imediata do ensino, quer nas escolas públicas primárias e profissionais, na Escola Normal Oficial e no Liceu Piauiense, quer nos estabelecimentos de qualquer grau reconhecidos ou subvencionados pelo Governo, e nas particulares no que lhe for aplicável, na forma do Regulamento;
2. O estudo das questões relativas à Instrução Pública e sua aplicação no Estado. (PIAUI. Decreto nº 1.301, de 14 de setembro de 1931).

Mirando o foco no cenário piauiense do pós-30, dos momentos imediatamente após a tomada do poder, nas promessas de mudanças políticas e econômicas, sente-se que há uma aceleração do tempo histórico, como que avançando para dar conta e acompanhar as grandes nações com seus progressos, criando o imaginário de um novo tempo, tempo este permeado de festas.

Os setores políticos que assumem o Estado no pós-30 empenham-se em construir uma imagem do Chefe de Estado e do próprio Estado e mais ainda do Estado Novo, como sendo o momento fundador da nacionalidade. Neste sentido, a construção de uma nacionalidade deveria afirmar a unidade nacional sob todos os aspectos e a educação deveria trabalhar efetivamente auxiliando nesta construção.

Fernando de Azevedo, quando se refere às políticas educacionais que seriam postas em prática pelos revolucionários que tomaram o poder e assumiram o comando do país, assim analisa este momento:

[...] Trazer, não trazia a revolução, que desfraldou o estandarte liberal, um programa de política escolar nitidamente formulado ou mesmo implícito num plano de reorganização nacional que propusesse executar quando as armas vitoriosas concentrassem nas mãos de seus chefes os poderes da Nação. Nem prevalecia, a não ser em alguns grupos revolucionários, de tendências mais avançadas, a idéia de que a posse do poder formasse a condição suficiente para grandes transformações sociais, econômicas e pedagógicas [...]. (1996, p.664-665).

Com esta Revolução, Vargas pretendia reformular o sistema político vigente que para muitos significava a renovação das bases da sociedade brasileira, iniciando, assim, a construção de uma nova cultura cívica republicana com a criação de um calendário cívico, com ciclos de comemorações e festas, que teve um importante papel na construção de uma nova imagem da nação.

As cerimônias cívicas reforçam o sentido de unidade nacional, criam uma aura de sacralidade à imagem da nação e do Chefe da Nação com o intuito de transformar o presidente do país em “pai dos pobres”. Para reafirmar tal propósito, todo evento ou oportunidade era motivo para homenageá-lo como, por exemplo, rara é a cidade brasileira que não possui uma rua, praça ou avenida designada de Getúlio Vargas, até mesmo seu aniversário, dia 19 de abril, passou a ser comemorado em todo o país, com montagem de grandioso espetáculo, conforme noticiou um periódico local:

Transcorre, depois de amanhã, a data natalícia do benemérito brasileiro que para benefício do Brasil é, no momento atual, seu Supremo Magistrado. O Piauí deve ao Chefe da Nação, e à sua esclarecida obra administrativa os mais assinalados serviços e, por isso mesmo no elevado propósito de patentear sua gratidão celebrará a data de depois de amanhã com a realização de festas e solenidades cívicas. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 87, 17/abril/1940, p.1).

A festa “natalícia do benemérito brasileiro” constava de vasta programação, iniciando geralmente pela manhã indo até a noite com o canto do hino nacional, demonstração de educação física, discurso de autoridades, efetiva participação de trabalhadores de todas as categorias organizadas e desfile das escolas de Teresina, que obedeciam à ordem de apresentação no referido desfile, conforme a programação previamente estabelecida, somando um total de dezenove escolas que formavam um todo coeso, numa sintonia que o Estado exigia, caracterizando assim o caráter patriótico do que era ensinado.

As ideias de progresso que circulavam na sociedade brasileira estimulavam a criação de mais escolas no Brasil e, portanto, o Piauí se insere neste contexto, buscando expandir o ensino primário para a concretização do sonho da universalização da educação. Além das políticas públicas que institucionalizassem o ensino primário, obrigatoriamente gratuito e laico, o Piauí deveria montar-se ou aparelhar-se, construindo

e expandindo prédios escolares, capacitando e qualificando normalistas para este empreendimento.

Esta dinâmica de expansão dos prédios escolares atendia a uma exigência do Estado do Piauí, que procurava incorporar desde 1912, ano de conclusão da primeira turma da Escola Normal Oficial, as normalistas em um processo de substituição dos professores leigos e pôr em ação as políticas de alfabetização de piauienses, como evidenciou Queiroz (1994):

Com a saída da primeira turma da Escola Normal Oficial, em 1912, tem início a progressiva substituição dos professores primários do sexo masculino pelas normalistas, num movimento que vai culminar com a total destinação do ensino primário à ação da mulher. (1994, p.58).

A investigação na História da Educação Piauiense contribui para esclarecimentos da diversidade tanto de fontes de pesquisa, quanto da multiplicidade de objetos analisáveis neste campo de pesquisa, assim como da análise do projeto civilizador nacionalista, que tinha a educação como seu sustentáculo. Permeando esse campo pode-se constatar que à cultura piauiense somaram-se outros valores, mesclando a cultura escolar com novas cores.

Neste recorte temporal volto o foco para a Interventoria de Landri Sales, militar que governou o Piauí de 1931 a 1935, sem reduzir o olhar para as realizações deste governo, como faziam os positivistas. Compreendo, no entanto, que algumas de suas ações já apontam para o sentido de modernidade que busco localizar nesta pesquisa, não deixando de frisar que essa era uma modernidade-conservadora, como por exemplo, em 1932, quando iniciou-se a produção de álcool-motor pela Usina Santana e quando o governo empreendeu a construção de vários prédios escolares, que ao todo somavam 25 prédios concluídos ou por concluir, com destaque para o início da construção do belíssimo prédio do Liceu Piauiense, atual Colégio Estadual Zacarias de Góis. Tratando ainda dos grupos escolares, mereceu atenção especial o Grupo Escolar Domingos Jorge Velho, inaugurado em 1933, quando da visita do Presidente Vargas ao Piauí, ano que marca significativamente o Estado, considerado ano símbolo de modernidade com a chegada dos primeiros aviões em Teresina, pela expansão dos serviços de comunicação pelo Correio Aéreo Nacional, no mesmo ano em que, em

Teresina, foi exibido o cinema falado e da introdução de linotipo na Imprensa Oficial, inaugurando um novo tempo, na visão de muitos.

O maior destaque nas obras públicas, do período analisado, em relação aos prédios escolares, foi o Liceu Piauiense<sup>7</sup>, atual Colégio Zacarias de Góis, escola que serviu por muito tempo, principalmente, aos mais abastados da sociedade piauiense. Iniciada em 1934 e concluída em 1935, no governo de Leônidas de Castro Melo, localizava-se em um terreno elevado de aproximadamente 8.820 metros quadrados, dispondo de sete salas de aulas, quatro gabinetes para laboratórios, instalações sanitárias, gabinete médico e dentário e um auditório com capacidade para 436 lugares e ainda de acordo com Sales,

[...] O Liceu possui arquitetura em estilo moderno, resgata os traços arquitetônicos valorizados durante um período de intensas discussões sobre a forma que deveria assumir um prédio escolar. O prédio do Liceu é amplo, sem retórica decorativa e dá ênfase aos aspectos funcionais e espaciais. A sua arquitetura materializa a concepção de que a educação não se resume, apenas, à leitura e à escrita. (2000, p.137). (foto abaixo).

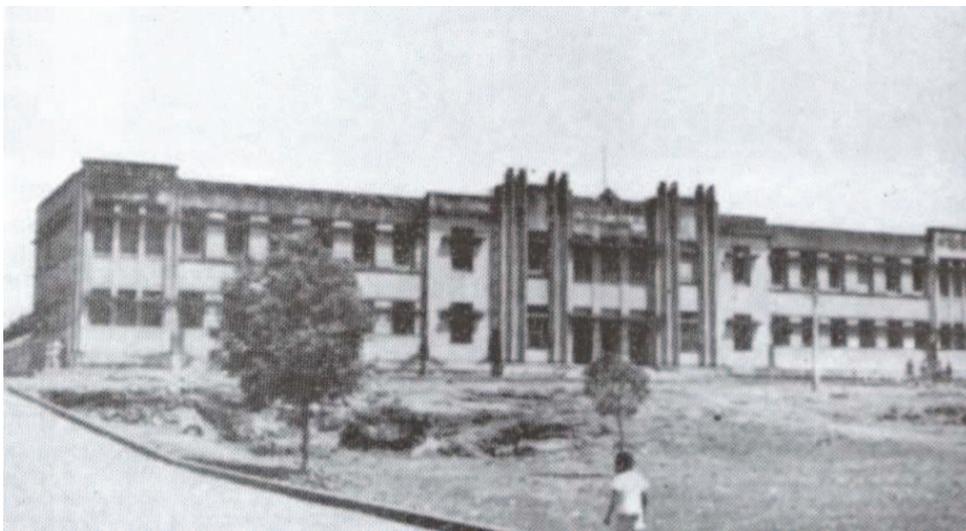


Foto nº 01. Liceu Piauiense. Fonte: Teresina 150 anos. Jornal O Dia, 2002.

---

<sup>7</sup>Instituído em 1845, pela lei provincial n.148, de outubro, sancionada por Zacarias de Góis e Vasconcelos. Caracteriza-se neste período a escola de Ensino Secundário no Piauí, ao longo de sua vida sofreu em alguns momentos, o fato de não ter prédio próprio, até sua inauguração em 1935, chegando a funcionar, “em velhos casarões do Estado, ou próprios de empréstimos, e hoje, afinal, instalada neste palácio, que é justo orgulho da política de construções escolares patrioticamente erguidas” (NAPOLEÃO, 1939). Tendo sido mais tarde equiparado ao ginásio nacional padrão.

Os idos de 1930 e 1940, tempo de mais grupos escolares, de belos prédios construídos com a finalidade de pôr em ação os ideais republicanos e as lições aprendidas pelas normalistas na velha Escola Normal Oficial de Teresina, que formou as professoras encarregadas de desarnar meninos e meninas, era tempo de acreditar que a educação salvaria o homem da ignorância, que tiraria o homem do atraso e das trevas, que as cidades devem estar aptas para este novo tempo e para este novo homem, as cidades também devem ser belas, onde o padrão de estética e de urbanidade começa a exigir dos arquitetos e engenheiros traçados mais modernos, com linhas menos rijas, a arquitetura invade o tempo histórico adotando seus novos elementos que comporão a modernidade prometida.

Falar em modernidade é pensar em uma possibilidade de igualar-se, partindo sempre de um referencial, como essencialmente aquele ou aquilo que faz referência, ou ao que se reverencia, transformando-o em maior e melhor, partindo do pressuposto de que uma cópia é sempre inferior, é incompleto, o que não é todo, o da incompletude, aquele que falta sempre algo, o não original.

Marshal Berman diz que modernidade é “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo”. (1986, p.15). Caberia então a pergunta: o que seria modernidade no Piauí?

A construção dos prédios escolares, na época dos Interventores no Piauí, leva a pensar numa dinâmica capaz de iniciar o processo de modernização, tanto na capital quanto nas várias cidades piauienses. Esta experiência de tempo e de espaço auxilia para uma compreensão de modernidade, entendendo que é a chegada destes prédios no interior do estado que instaura concepções de novos tempos e outras visões de mundo para estes homens.

Ampliar os prédios escolares fazia parte de um movimento nacional, que foi capaz de gerar novas concepções para a educação, como sendo esta responsável pela formação humana, como afirma Veiga (2003, p. 403):

Os desafios postos para a elite diziam respeito à expansão da escola e às formas dessa expansão para tornar a razão moderna parte integrante da formação humana, sem, contudo desestabilizar a nova ordem então conquistada. Entre outras coisas, as novas ações deveriam se voltar para as

formas de organização do ensino, para a hierarquização dos saberes na escola, para a difusão de conhecimentos voltados para redefinição do espaço e do tempo escolar, para as ênfases em determinados conteúdos, materiais e métodos e para a formação de professores.

A expansão dos prédios escolares<sup>8</sup> nas décadas de 30 e 40 do século XX pelo sertão piauiense enchia de esperanças de dias melhores homens e mulheres de cada lugar onde se construía uma escola. Os pais passavam a acreditar que seus filhos teriam um destino diferente dos seus, não seriam marcados pela estiagem, o ser-tão seco que forjou uma mentalidade pelas inconstâncias da natureza, que às vezes era mãe e enchia de alegria e cor todos os pratos e desejos, outras vezes era só penúria, melancolia, da terra-seca, da mata-seca, dos animais mortos de magros. Era a esperança de seus filhos seriam mais tarde homens letrados e poderiam pensar em futuro, tempos diferentes dos seus, sempre a depender das chuvas; seriam outras suas perspectivas de vida, com a escola encaminhando suas vidas para outros rumos; teriam outros horizontes, modificando o destino trágico.

Seguindo os passos de Lopes (2006), para melhor compreender a expansão dos grupos escolares no Piauí que, mesmo tendo sido propostos em 1905, foram oficialmente criados pela reforma da educação em 1910 e que

[...] por sua necessidade de instalações apropriadas e pelos recursos materiais que exigia e que o tornavam mais oneroso, foi concretizado somente em 1922. [...] a implantação dos grupos escolares no Piauí, foi antecedida pela implantação das escolas reunidas, no período de 1905 a 1922. Em 1922, temos, como marco divisório, a criação do Grupo Escolar Miranda Osório, em Parnaíba, pelo que representou de diferenciação em relação às escolas reunidas situadas na capital, Teresina, fundadas em 1910. (p. 82)

Esta dinâmica não acontece de forma homogênea nem mesmo linear, havia um claro interesse do governo em construir prédios escolares para atender essa demanda social e suprir a carência de escolas pelo interior do Estado. Por outro lado, o que filtrei da Mensagem Governamental de 1936, do então interventor, expõe que “o Piauí já carecia de uma reforma na Instrução, não só de regulamento, mas também de métodos

---

<sup>8</sup> A expansão dos prédios escolares, compreendendo prédios escolares como a aparelhagem da estrutura física, Antônio de Pádua Carvalho Lopes (2006) analisa em seu artigo intitulado “Das Escolas Reunidas ao Grupo Escolar: a escola como repartição pública”, desde a construção das chamadas casas-escola, as escolas reunidas até a concretização dos grupos escolares.

de ensino”, e manifesta suas preocupações com a qualidade do ensino primário piauiense, não assumindo essas deficiências, mas repassando-as para as normalistas:

A normalista, inclusive, muitas vezes, aquelas mais entusiastas da profissão, dentro de pouco tempo de tirocínio escolar, no sertão distante, vai perdendo aquele fervor, a dedicação mesmo à causa a que, de início, emprestara tanta energia. Todas as qualidades exigidas para a mestra primária, lhe vão fugindo, pouco a pouco, reduzindo-a a uma completa indiferente ao ideal da profissão ardorosamente abraçada. (Fonte: Mensagem Governamental, 1936).

Os jornais expõem as faces da sociedade, como interlocutores desta, indicando muitas vezes suas necessidades, como fez o redator de “O Momento”, de setembro de 1937, quando da inauguração de mais um grupo escolar, desta vez em Boa Esperança, atual Esperantina. Sobre as inaugurações dos Grupos Escolares analiso mais adiante (Segundo Capítulo), compreendendo tais inaugurações como festa nestas localidades. Evidente que os comentários do redator são elogiosos ao administrador, mas também deixam muito às claras as ansiedades dos piauienses em relação à situação educacional, tanto do material escolar como dos grupos escolares, ao afirmar que:

Ao assumir as rédeas do governo o Dr. Leonidas de Castro Melo, teve as suas vistas voltadas para o ensino. Cercou-se de valiosos elementos conhecedores, nesse ramo da administração, das necessidades do Estado. Faltavam à organização do ensino oficial, prédios que prestassem efetivamente ao funcionamento das escolas. Em geral, o que se notava até há pouco em nosso Estado, era o mais completo desconforto nos estabelecimentos do interior, onde minguavam não só o material escolar, mas, também o ambiente que proporcionasse o desenvolvimento intelectual e moral das crianças. (Fonte: Jornal “O Momento”, nº 425, 09/09/1937, p.1).

Durante o governo de Leônidas de Castro Melo, em 1937, acontece o golpe com a implantação do Estado Novo, com objetivos muito claros de utilização da educação para justificar a política autoritária do governo de Vargas, uma educação capaz de barrar, segundo eles, o perigo comunista que rondava o país.

Por ocasião, das comemorações do quarto aniversário de governo de Leônidas de Castro Melo, em 1939, o senhor Osvaldo da Costa e Silva, à época presidente da Assembléia Legislativa, no seu discurso fez referências às realizações desta administração, enaltecendo com uma clara preocupação em carregar de nuances

de engrandecimento o Chefe do Poder Executivo piauiense, tornando-o acima dos demais homens, mais capaz, mais sensível, mas também com afirmações de um orador atento à situação política e social do Estado naquele momento, expõe o que muitos piauienses almejavam: mais educação e mais saúde, conforme o exposto abaixo:

Maior e melhor não só no que respeita às realizações materiais imediatas, cujo acervo aí está, sob as vistas do público, como no que se relaciona com os benefícios futuros que ela proporcionará à terra piauiense.

Sem descuidar dos demais problemas que formam o complexo administrativo, como o da viação, que se nos apresenta com estradas novas, abertas em várias direções, para melhor intercâmbio entre municípios e Estados vizinhos, onde obras d'arte sólidas e custosas surpreendem o viandante, os problemas a que insigne chefe do Estado mais tem dedicado a sua atenção e os seus cuidados são o da instrução e o da saúde. Do início de seu Governo a esta data, criaram-se escolas por toda parte. Construíram-se e constroem-se prédios escolares nas sedes de todos os municípios onde não os havia; abriram-se postos médicos na quase totalidade dessas sedes e, nos lugares mais longínquos, chegam, inesperadamente, às vezes, o médico e a professora, material didático e medicamentos que o Estado envia para o combate ao analfabetismo e à verminose, ao paludismo e à sífilis.

E, como se rendesse, aqui, um culto à saúde e à vida, ergue-se, ali na Avenida Presidente Vargas, uma sólida e bela construção que será certamente, dentro de breves dias, o mais amplo, moderno e modelar hospital do Setentrião Brasileiro.

Essa preferência, essa predileção, esse carinho que nos demonstra o Chefe do Executivo pelos problemas do ensino e da saúde, dizem, com clareza absoluta, da perfeita intuição que tem sua Excelência da finalidade das suas elevadas funções no Governo, revelando o sentido mais inteligente e racional, da coisa pública, que visa, em primeiro lugar, pela orientação que segue, o fator humano que, sem saúde e sem instrução, não produz com eficiência, não faz a sua felicidade, não concorre para o progresso do estado e, às vezes, nem serve à Pátria. (MELO, 1976, p. 305).

Na compreensão dos que cercavam o interventor, ocupando cargos públicos ou simplesmente aplaudindo todo e qualquer feito, as suas realizações apontavam para uma modernidade, embora essa modernidade tivesse um custo social muito alto, como o desenrolar histórico dos incêndios que ocorreram em Teresina.

Leônidas de Castro Melo, dando continuidade às construções de seu antecessor, inaugurou um novo prédio para a Escola de Aprendizes Artífices, em 1936, que mais tarde foi transformada em Escola Técnica Federal do Piauí; concluiu o prédio do Liceu Piauiense e expandiu os prédios escolares para cada município onde não existiam escolas.

A sociedade de então necessitava de serviços que cabiam ao Estado assumir as responsabilidades de protagonizá-los, como criar condições de proporcionar o acesso à educação, como bem afirma Veiga (2000):

Os desafios postos para a elite diziam respeito à expansão da escola e às formas dessa expansão para tornar a razão moderna parte integrante da formação humana, sem, contudo desestabilizar a nova ordem então conquistada. Entre outras coisas, as novas ações deveriam se voltar para as formas de organização do ensino, para a hierarquização dos saberes na escola, para a difusão de conhecimentos voltados para redefinição do espaço e do tempo escolar, para as ênfases em determinados conteúdos, materiais e métodos e para a formação de professores. (p. 404-405).

O Serviço de Inquérito e Pesquisas Pedagógicas foi criado no ano de 1942, ligado ao Departamento de Ensino, o qual se define “como aparelho de pesquisas e de informações pedagógicas”<sup>9</sup>, e tinha como objetivo orientar a criação de instituições auxiliares de ensino, cuja finalidade era “fazer a propaganda do Ensino; amparar os alunos pobres; despertar os sentimentos de amor à Pátria; estimular a cooperação da escola e da família”, como se pode perceber, essas eram as políticas de educação no sentido de assegurar as condições necessárias para viabilizar a construção da memória cívica.

Seguindo essa dinâmica, vários sinais considerados naquele momento como símbolos de modernidade chegam em 1937 no Piauí como, por exemplo, os telefones automáticos; a Ordem dos Advogados do Brasil, seção Piauí, foi instalada em 1938; em 1939, a ponte metálica João Luis Ferreira foi construída sobre o rio Parnaíba, unindo o Estado do Piauí ao Maranhão, símbolo de progresso para os dois estados e, demonstrando mais uma vez preocupação com a saúde do piauiense, em 1941, construiu o Hospital Getúlio Vargas<sup>10</sup> (foto abaixo). Neste mesmo ano construiu o prédio para abrigar a Casa Anísio Brito<sup>11</sup>, (foto abaixo), complexo cultural que comportava nas suas

---

<sup>9</sup> Fonte: Diário Oficial do Piauí, 1942.

<sup>10</sup> Hospital Getúlio Vargas, ou HGV, construído por Leonidas de Castro Melo, inaugurado em 1941 por ocasião das comemorações do 6º aniversário de seu governo, suntuosa obra arquitetônica destaca-se não somente pela modernidade arquitetural apresentada para a cidade naquele momento, mas principalmente pela utilidade tendo em vista as políticas de saúde pretendidas pelo dirigente estadual, colocando à disposição de Teresina e das outras cidades piauienses uma grande quantidade de leitos para internações.

<sup>11</sup> Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito - criado pela Lei nº 533 de 1909, com documentação dos séculos XVIII e XIX, teve seu prédio construído em 1942, com uma arquitetura considerada moderna para a época, agregava neste período Arquivo, Biblioteca e Museu. Nos anos 50 do século XX teve seu acervo ampliado recebendo também livros, periódicos e fotografias. A partir de 1980 estas três Casas de

modernas dependências Biblioteca, Museu e Arquivo Público do Estado, manifestando seu interesse com a cultura letrada e com a guarda da memória oficial; adequando o Piauí ao perfil do Estado Novo, cuja feição era o nacional-desenvolvimentismo apresentando, através da educação e da estreita relação com intelectuais, a construção dos valores cívicos e nacionalistas.



Foto nº 02. Hospital "Getúlio Vargas". Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1942. p.199.



Foto nº 03. Prédio onde funcionava Biblioteca, Arquivo e Museu Histórico do Piauí, atual Arquivo Público – Casa Anísio Brito - Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1942. p.197.

Os que moravam nos bairros mais distantes do centro urbano, não tiveram acesso aos avanços tecnológicos trazidos à cidade, visto que progresso e desenvolvimento não necessariamente são sinônimos de democracia, justificando assim, dois processos que correm paralelos, a inacessibilidade de todos aos bens culturais e educacionais e o alto índice de analfabetismo, conforme Bomeny:

Ao longo da história republicana, a educação era um bem escasso, privilégio de poucos. [...] As duas primeiras décadas republicanas expuseram as chagas da nação brasileira. A abolição da escravatura, como prenunciava a jovem educadora alemã Ina Von Binzer, desnudava a sociedade em sua incapacidade de incorporar seus cidadãos na vida comunitária. Habilidades, competências, capacidade de interação: tudo isso diz respeito à formação básica. Mas como já sabemos,  $\frac{3}{4}$  da população brasileira estiveram fora desse processo de formação, excluídos dos direitos de aprender para participar da sociedade de mercado. (2001, p. 17).

Em 1943, o governo enfrenta um dos maiores, senão o maior, problema de sua gestão, depois dos levantes comunistas de 1935, pois nem tudo era tão harmônico como noticiava a maioria dos jornais, quando uma violenta onda de incêndios de casas de palha toma conta de Teresina, considerados por muitos correligionários como obra da oposição e pela oposição como ação do próprio governo, de certo que para alguns estudiosos deste fato, como Nascimento (2002), pode ter servido como política de

higienização dos espaços urbanos. Uma das colaboradoras desta pesquisa Dona Expedita Santos (2002), quando relembra de Teresina nos anos anteriores a 1945, afirma que,

Naquela época Teresina parecia uma cidade de interior, ruas tortas, esburacadas, cheias de lama e muita poeira também na época da seca, muitos animais criados soltos, era muita sujeira [...] Quem vê esse bairro hoje não diz que aqui já foi um matagal, se caminhava pelas veredas desviando dos barreiros de porcos. Não tinha calçamento e água encanada só chegava até o Hospital Getúlio Vargas, luz elétrica só no centro, nos bairros usava-se lamparina a querosene. Veja o quanto Teresina progrediu, até 1945 existiam casarões de palha em pleno centro da cidade.

No ano de 1944 foi criado o Corpo de Bombeiros do Estado e ampliado o sistema de abastecimento de água da cidade de Teresina, passando a cidade a ter características de maior urbanidade e civilidade, conseguindo-se assim, expulsar os feios, sujos e desgrenhados para longe do centro da cidade, onde funcionavam o comércio, os belos templos católicos, as suntuosas e avarandadas residências, as repartições públicas, o Clube dos Diários, os cafés, o Teatro 4 de Setembro, os cinemas, enfim, onde a vida civilizada acontecia. Não se pode deixar de evidenciar que este é o momento em o governo mostra sua verdadeira face, assumindo na prática todas as características de ditador.

Nascimento (2002), quando analisa os incêndios em Teresina, afirma:

O Interventor Federal, Leônidas de Castro Melo, em suas memórias, não dedica uma só linha ao tema. [...] Também os intelectuais que viveram esse período nada registraram sobre esse fato. Sem falar que os jornais editados na cidade pouco trataram do problema. [...] O primeiro trabalho sobre os incêndios data do início da década de 1950. Trata-se do conto Fogo de Vitor Gonçalves Neto, publicado fora dos limites do Piauí. Como percebemos o tema é tratado de forma ficcional. (p.13 e 14).

Como se pode sentir, um dos maiores problemas sociais que ocorriam no Estado neste período, atingindo grande parte da população, não sensibilizou os intelectuais piauienses. Sabe-se que existia repressão, perseguição e censura características de uma ditadura, mesmo assim é questionador o silêncio de quase toda a sociedade, principalmente dos intelectuais que permaneceram indiferentes. A voz

dissonante veio em forma de ficção literária, o contista Vitor Gonçalves Neto<sup>12</sup> (1988) descreve este trágico acontecimento. Pincei de seu texto o trecho que bem caracteriza a divisão da sociedade sobre o fato e expõe as festas que apesar e além de tudo aconteciam:

[...] E seria necessário fugir outra vez. Sim, o mundo, a vida que Alberto sonhava estavam na sua terra, nem o fogo consumira. Olhou para Marlene, pequenina, dormindo na rede poída e sorriu encorajada. Decerto que aquela teria um futuro melhor. Apanhou as roupas coletadas na freguesia escassa e tomou o caminho do rio. As ruas estavam limpas. **Todo mundo fora ver a parada dos soldados e estudantes na Praça Pedro II. Era um feriado qualquer. (Grifo meu).**

Esta experiência de modernidade nos coloca no olho do redemoinho com todos os contratempos que este movimento disforme traz, provocando mudanças e coisas inesperadas, como aquilo que antes apresentava apenas o lado invisível e o que não era esperado, por exemplo, as mudanças trazidas com a construção dos prédios escolares, caracterizando o sentido de modernidade pensado pelos interventores, em cada lugar em que chegaram as escolas e aos inesperados percebidos, agora com a presença das normalistas substituindo as professoras leigas pelo Piauí adentro.

Modernidade ou projeto de modernidade se pretende um movimento permanente de desintegração e de abalos às vezes grandes, outros pequenos tremores, que pode ser percebido como desenvolvimento constante, mas também numa destruição do velho para construir algo novo por ser uma unidade de desunidade, mirando o olhar nas concepções bermanianas (Berman, 1986).

O século XIX é responsável pelo crescimento e proliferação das cidades; tomando por base a Europa, as referências são Londres e Paris. Seguindo o modelo nacional de reforma urbana que só acontece a partir do início do século XX, processo começado em São Paulo e no Rio de Janeiro, a cidade de Teresina também impõe a sua modernização, que se dá de forma violenta, com os incêndios das casas de palha, expulsando os mais pobres para longe do chamado centro urbano.

É nesta constante luta entre o “novo” e o “velho”, numa teimosia de ser novo ou permanecer velho, que essa peleja se deixa transparecer em vários momentos

---

<sup>12</sup> Vitor Gonçalves Neto, poeta, contista e cronista. Nasceu em Teresina em novembro de 1925, trabalhou na redação de vários jornais em todo o país. Na década de 1980, residia na cidade de Caxias (MA) e dirigia o jornal “O Pioneiro”. Publicou as seguintes obras: “Fogo” (1951, 1988), “Conversa tão somente”(1957) e “Roteiro das Sete Cidades”(1963).

onde as características de modernidade começam a aparecer em Teresina, como o que Le Goff (1996) chama de “tentativas de modernização” protagonizadas pelo Estado, que se imbuí dessa função com o objetivo de tornar novos os centros urbanos.

A modernidade assim concebida pode ser sentida no Piauí e é nesse intuito que as preocupações com a educação reaparecem neste contexto, sendo vista ou desejada como redentora, capaz de redimir o Estado de todas as suas omissões, como por exemplo, a falta de escolas, o alto índice de analfabetismo herdado da Primeira República. A ideia de unidade nacional passa a ser posta em prática, tendo a educação como suporte para esta finalidade, como enfatiza Fernando Azevedo, por assim defender que:

[...] dessa marcha para a unidade que é toda a história da revolução de 30 e teve seu ponto culminante no golpe de estado e na Constituição de 1937: aglomerar, aproximar, assimilar as unidades federadas num espírito de comunhão nacional brasileira, tal foi a tarefa principal do governo que se instituiu com o novo sistema político, e começou por fortificar a autoridade do poder central, alargar as fronteiras, abolir as distinções locais e fundir, numa Nação, os Estados e as comunidades rurais e urbanas. A unificação dos sistemas educativos, não pela identidade de estruturas do ensino, mas pela unidade fundamental de diretrizes, ou, por outras palavras, o ensino público organizado segundo uma política geral [...]. (1996, p. 678).

As ideias de modernidade são de tal forma absorvidas pela sociedade que passam a ser adotadas como ações pedagógicas, compreendendo que os objetivos da educação são romper a rudeza e inculcar valores culturais de estética e civilidade, criando, ou às vezes alterando, a cultura escolar e as culturas locais, familiarizando as crianças com as noções de ciência, de amor à pátria e de civismo, caracterizando alguns dos sintomas desta concepção de modernidade.

Os ares desta pretensa modernidade começam a soprar rumo à quente cidade de Teresina, capital do Estado, e são de tal forma absorvidos que vários setores desta sociedade manifestam o desejo de contribuir para essas mudanças, assim como as autoridades locais que defendem a construção de uma nova cidade, uma cidade moderna, de acordo com Nascimento (2002), conforme os planos e realizações do governo municipal do período de 1936 a 1945<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Neste período o prefeito de Teresina era Lindolfo do Rego Monteiro, cujo Diretor de Obras Municipal era o engenheiro Luis Pires Chaves, que partilhava da ideia de construção de uma nova Teresina, no sentido de ampliar o antigo projeto.

A cidade planejada por Saraiva necessitava, de acordo com o pensamento do engenheiro Luis Pires Chaves, que foi prefeito de Teresina de 1932 até 1935 e depois assumiu o cargo de Diretor de Obras Públicas Municipal, de novos traçados por ter crescido e o velho risco não suportava mais a cidade; o projeto de 1852<sup>14</sup> sofreria modificações, teria também diversificadas funções essa nova urbes, adequações de acordo com o que se entendia naquele momento, como modernidade e ordenamento urbanístico.

Lentamente, de acordo com Nascimento (2000), os símbolos da modernidade chegam a Teresina a partir da segunda década do século XX, os sintomas de progresso começam a surgir criando e valorizando os espaços urbanos, com salas para cinema, bares, cafés, clubes, prédios escolares<sup>15</sup>. Inclui-se como um desses símbolos modernos, a construção do prédio da Escola Normal Oficial, em 1924, (foto abaixo) e tudo mais que se compreendesse como novo, para que Teresina pudesse servir como modelo para todos os municípios piauienses, ainda que essa pretensa modernidade possa ser sentida como reflexo de um pensamento autoritário, porque imaginada por uns poucos intelectuais e políticos, deixando os arredores do centro administrativo e comercial totalmente fora dos seus respingos.

---

<sup>14</sup> Projeto do Conselheiro Antonio José Saraiva, em cumprimento a Lei Provincial nº 315 de 18/06/1852 transfere a capital do Piauí, Oeiras para a Vila Nova do Poti, a cidade de Teresina, a nova capital. Oeiras, a antiga capital sofreu todas as conseqüências com esta mudança, conservando somente, como marcas de um tempo os prédios provinciais, as igrejas, a Usina Elétrica, o prédio da Prefeitura Municipal, Grupo Escolar e Cemitério Público. (Fonte: Diário Oficial, nº 78, p.5, de 04/04/1939). Teresina nasce planejada com suas ruas alinhadas e quarteirões, e com a missão do tão prometido progresso, a princípio deu-se a construção de prédios para a implantação das repartições públicas que deveriam acomodar a transferência político-administrativa e também a construção de casas residenciais, o que atraiu comerciantes para a nova cidade. A efervescência da vida política, religiosa e cultural da cidade acontecia neste entorno, naturalmente à medida que o tempo vai passando novos prédios surgem dando outras características a este espaço, como o Teatro 4 de Setembro, o Clube os Diários, a Escola Normal Oficial, os bares, os cafés, os cabarés, os cinemas e os teresinenses o incorporam ao seu cotidiano.

<sup>15</sup> Durante toda a Era Vargas, de 1930 a 1945, no Piauí foi significativo o aumento do número de prédios escolares construídos, escolas singulares, escolas rurais, ampliando o acesso a educação para mais piauienses, explicitando aqui, que não se está analisando a educação ou os programas escolares, tão somente a expansão dos grupos escolares.



Foto nº 04. Antiga Escola Normal Oficial atual Palácio da Cidade. Fonte: Teresina – 1852 –2002 (Edição Comemorativa – 150 anos de Teresina).

A ideia de unidade nacional permeava o pensamento piauiense, confirmando as características de um Estado autoritário, sentimento esse que perpassa para além das práticas adotadas pela educação, os discursos expressam o pensamento de uma época, senão vejamos a transcrição, em jornal local, da opinião de Pires Gaioso, então diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Piauí (DEIP), quando expõe suas ideias eugênicas à época do Estado Novo:

No Brasil a grande raça, que assimilou e se depurará das outras que são indesejáveis apenas por incultura e fealdade, - é a raça branca. Queira ou não queira a política. [...] A decadência desses negros puros é sentida e demonstrada pela estatística. Se nos centros populosos parecem muito evidentes é que acorrem a eles, desde a abolição, empregados na indústria doméstica e servis, onde não tem a concorrência branca. Os descendentes destes mestiçados com os brancos são produtos de passagem, porque além de vítimas preferidas pela tuberculose (por má higiene, alcoolismo e sensualidade)... pela neuropatia, são branqueados por sucessivas gerações ao ponto de parecerem de raça branca. Hoje em dia muito branco pela pele e cabelo, por outros índices recorda o labéu colorido. (PIAUI. Conferência do Dr. Pires Gaioso - sobre “unidade étnica e unidade política. 1943”. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Teresina. Jornal – O Piauí, 22/setembro/1945, p.1).

O Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Piauí (DEIP), representação local do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), era conduzido por Pires Gaioso, seguindo as determinações nacionais no controle das informações e

de toda a vida cultural do Estado, utilizando para tanto todo e qualquer meio de comunicação para veiculação das mensagens oficiais, por meio da propaganda e da educação para pôr em ação estas práticas políticas, deixando transparecer o lugar que a educação ocupava neste período.

O controle exercido pelo DIP, dirigido inicialmente pelo jornalista Lourival Fontes, nas atividades culturais determinava toda a condução das cerimônias cívicas, desde sua programação até a realização do evento, dos hinos a serem executados, roteiro dos desfiles, ordem de apresentação e as autoridades que deveriam proferir os discursos. Neste sentido, Schwartzmann (2000), afirma que:

Coroando toda essa armação, não ficaram de fora os aspectos de orientação cívica e política necessária à propagação do novo regime: o culto à bandeira, o canto do Hino Nacional e da Mocidade, o ensino de noções militares e patrióticas. Através da educação individual, praticada dentro da disciplina da Organização, contava-se com uma preparação para o exercício dos atos e deveres da vida civil, o que vale dizer, do fortalecimento de uma milícia civil organizada. (2000, p. 141).

Vivendo sob os efeitos de uma ditadura, a modernização da cidade começa a ser sentida, como fiz referência anteriormente, evidenciando o que se pode chamar de paradoxos da História, quando ardem em toda a Teresina, tornando o sol ainda mais quente, os incêndios que transformam em cinzas os casebres de palhas onde habitavam os mais pobres, que foram obrigados a abrigarem-se o mais distante possível do centro da cidade, (Nascimento, 2000), conseguindo-se, desta forma, afasta-los dos espaços onde a beleza arquitetônica fala mais alto que o ser humano, empurrando para os arredores aqueles que tornavam a cidade suja, feia e fora de estética.

Esta modernização que queima as casas dos pobres não destrói a memória, ela permanece nas lembranças dos que viveram em Teresina os terríveis anos em que o repicar dos sinos e as sirenes dos poucos carros de bombeiros que existiam eram momentos de terror por anunciarem mais um incêndio a queimar tanto as casas como a seus próprios donos. As lembranças de Dona Anita Barros e Dona Francisca Almeida, respectivamente, presas a este passado, mostram alguns aspectos da cidade:

[...] Teresina mudou muito depois da década de 40. Até 1940, Teresina parecia uma cidade do interior. Havia muitas quintas cercadas de arame e

muito mato. Com o passar do tempo foram sendo construídas casas melhores, principalmente depois da onda de incêndio que nessa época ocorreu em toda Teresina. (Barros, 2002).

[...] Recordo-me de que em 1935 ainda não tinha água encanada nem luz elétrica, usava-se lamparina, as ruas eram cheias de matos, pedras e buracos. Só a partir de 1940 é que Teresina começou a progredir, mas o povo sofreu muito nessa época porque houve uma onda de incêndio em vários cantos da cidade. Quem tinha casa de palha era obrigado a cobrir de telha se não pudesse ia morar no interior. Nunca se soube a causa desses incêndios. Passada essa onda de incêndio, o governo, que era chamado de interventor, passou a organizar a cidade, a fazer calçamentos e ampliar o sistema de água e de luz elétrica. Foi bom para a cidade, mas o povo sofreu muito. (Almeida, 2002).

As lembranças se ligam ao tempo e ao espaço, são pontos que marcam e auxiliam na análise do passado histórico, como documentos que servem de estacas de sustentação, fincadas na memória de cada um dos seus guardiões, que compartilham fragmentos de um mesmo acontecimento. O senhor Expedito Rodrigues de Carvalho (2008), colaborador desta pesquisa, quando o entrevistei tinha 82 anos, homem simples, com admirável clareza em sua narrativa, singularidades de quem aprendeu mais com a vida do que com a escola, pois esta ele frequentou muito pouco, também se recorda dos incêndios em Teresina, assim evidenciando este doloroso tempo em que os pobres foram afastados do centro da cidade, para que ela pudesse ser mais bela, adequada aos padrões de estética que o tempo exigia. Quando lhe indaguei sobre estes acontecimentos, ele assim se remete:

[...] Ave Maria, eu não quero nem me lembrar, no tempo da ditadura, no tempo de Leônidas Melo, Lindolfo Monteiro, [...] me lembro demais, o centro todo era de palha só tinha ali aquela praça, Rio Branco, aquela Pedro II, ali a Landri Sales perto do Liceu, o resto tudo era de palha, foi uma coisa muito vagabunda que fizeram com muitas famílias.

[...] Tinha sim, tinha casa de palha em todo lugar, da Vermelha, existia Vermelha, existia Porenquanto, até ali perto desse Marquês, na Avenida Santos Dumont, perto do Aeroporto tudo era de palha.

[...] Aquilo ali foi uma campanha por debaixo dos panos para acabar com as casas de palha, ficava mal visto o povo chegar aqui e falar que em Teresina só tinha casa de palha e aí por baixo dos panos esse Leônidas Melo, com Lindolfo Monteiro ..... e tinha um chefe da polícia aí que eu esqueci o nome, a gente tava assim quando dava fê era o fogo, foi proposital mesmo.

Ao historiador da memória é permitido este difícil acesso às dores do outro. Levamos nossos colaboradores ao encontro com suas lembranças, como Seu Expedito

diz, “Ave Maria, eu não quero nem me lembrar, no tempo da ditadura, no tempo de Leônidas Melo, Lindolfo Monteiro”, no entanto, lembra e narra com muita clareza o que viu, ou ouviu pelas ruas de Teresina, nas suas muitas caminhadas, chegando, ele mesmo, às suas conclusões: “Aquilo ali foi uma campanha por debaixo dos panos para acabar com as casas de palha, ficava mal visto o povo chegar aqui e falar que em Teresina só tinha casa de palha”.

A memória, aqui, é buscada como uma das possibilidades de construir uma visão de passado, como uma das maneiras de trabalhar outras fontes de pesquisa, que dá base à construção do saber histórico ou, ainda, que dá visibilidade aos lugares de memória, pois as lembranças, as reminiscências do passado dão à História suas características primeiras, imbricando passado e presente, como na narrativa do Seu Expedito, que mesmo temendo lembrar: “[...] eu não quero nem me lembrar, no tempo da ditadura [...]”, suas lembranças estão recheadas desse passado que insiste em ser presente, como afirma Theodoro:

Grande parte da memória corresponde a ausências, perdas, ao que foi excluído, ao que deixou de ser registrado, por não fazer parte dos “grandes acontecimentos” responsáveis por mudanças profundas na vida política e econômica. Portanto, quando aceitamos o desafio de trabalhar com a preservação de nossa memória devemos lembrar que memória e esquecimento são dois processos correlatos. (1990, p. 68-69).

Esta é uma panorâmica mais geral do cenário piauiense deste pós-30, quando os governantes começam a olhar para a educação como elemento primordial para a modernização da sociedade brasileira, primeiramente através da construção dos grupos escolares, projeto que daria maior visibilidade à concretização dos ideais educacionais da República, capaz de provocar mudança de mentalidade, compreendendo-se, assim, que só era possível pensar em modernidade a partir do momento em que o acesso à educação pudesse deixar de ser privilégio, como afirma Carvalho:

Tais estratégias se ajustavam aos intentos políticos dos governos estaduais, que capitalizavam politicamente o apelo modernizador da intensa mobilização cívica em torno das campanhas de regeneração nacional pela educação. (2000, p. 233).

Assim, a partir de 1930, os interventores do Piauí adotam estratégias políticas de ampliar as condições para estruturar a educação, lembrando que a construção dos prédios escolares tem início na década de 1920, embora de modo lento e disforme (Lopes, 2006), iniciando pela construção de um maior número de prédios escolares, adequando melhor cada um dos municípios para oferecer educação para mais piauienses, com o intuito de construir pelo menos um grupo escolar para cada município; o Piauí contava, então, com 47 (quarenta e sete) municípios, durante as interventorias de Landri Sales<sup>16</sup> e de Leônidas de Castro Melo<sup>17</sup>.

Durante o governo de Landri Sales, de 1931 a 1935, os ideais da Revolução de 1930 foram postos em prática, o que o levou a definir em seu modelo administrativo uma proposta de modernização da política piauiense com o intuito de propagação do ensino primário por todo o Estado.

Nesse sentido, o Regulamento de 1933, no que se referia à orientação do ensino, ordenava que os processos educativos fossem práticos e concretos e que promovessem a integração da criança ao meio físico e social, para isso recomendavam a utilização do método intuitivo e das conquistas da Escola Nova<sup>18</sup>.

No ano de 1934, o referido interventor, com o desejo de pôr em ação seus objetivos para a educação, realiza uma seleção de seis professoras primárias com os melhores currículos para um curso de capacitação em Minas Gerais, com a

---

<sup>16</sup> Landri Sales, tenente cearense, fazia parte do Clube 3 de Outubro, organização tenentista, assume a Interventoria Federal no Estado do Piauí em março de 1931, por indicação de Juarez Távora. Em seu discurso de posse toma a posição de membro desta comunidade fazendo dos problemas político-administrativos piauienses, problemas seus, como fez em seu discurso de posse. Criou a Diretoria das Municipalidades, com o objetivo de fiscalizar a ação dos prefeitos por ele nomeados. Durante seu governo construiu 25 escolas, cujas despesas eram divididas com os governos municipais.

<sup>17</sup> Leônidas de Castro Melo – médico piauiense governou constitucionalmente o Piauí de 03/05/1935 até 10/11/1937, depois com o golpe do Estado Novo, torna-se Interventor Federal, desta data até 29/10/1945. Foi professor da cadeira de História Natural da Escola Normal Oficial, nomeado em 01/02/1932, tornando-se mais tarde Diretor por nomeação de Landri Sales, de 14/07/1932, diretor da mesma Escola. Um dos grandes problemas enfrentados durante sua administração foram os incêndios das casas de palhas. Assim como Landri Sales, uma de suas prioridades no governo foi a construção dos grupos escolares.

<sup>18</sup> Movimento Renovador da Educação – movimento que teve início na década de 20 e culminou em 1932 com a publicação do “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, escrito por Fernando de Azevedo e assinado por vários educadores. Tinha como princípios gerais, dentre outros: - A educação é considerada em todos os seus graus como uma função social essencialmente político que o Estado é chamado a realizar com a cooperação de todas as instituições sociais; - Cabe aos estados federados organizar, custear e ministrar o ensino em todos os graus, de acordo com os princípios e as normas gerais estabelecidas na Constituição e em leis ordinárias pela União, a quem compete a educação na capital do país, uma ação supletiva onde quer que haja deficiência de meios e a ação fiscalizadora, coordenadora e estimuladora pelo Ministério da Educação, etc.

obrigatoriedade de que quando retornassem deveriam prestar melhores serviços ao Piauí, uma prática de buscar capacitação fora do Estado, nos mais renomados centros e instituições de ensino, conforme notícia que veiculou pela imprensa local:

Chegou ontem a esta capital, [...] a sr<sup>a</sup> Maria de Jesus Sampaio, digna e competente professora normalista de um dos Grupos Escolares de Teresina. Tendo aproveitado o seu passeio à capital paulista para aprofundar os seus conhecimentos pedagógicos, freqüentou [...] um curso de aperfeiçoamento para professoras, adquirindo assim, neste admirável cenário de experiências e pesquisas educacionais que é hoje São Paulo, noções de alta cultura pedagógica, [...] freqüentou curso de aperfeiçoamento para professora na Universidade de São Paulo [...] e foi aluna de Fernando de Azevedo. (Fonte: Jornal O Tempo, nº 371, 17/janeiro/1935, p.1).

Cabe destacar que a ação das normalistas era direcionada para dar características compatíveis com as novas conquistas pedagógicas e as modernas orientações didáticas da política educacional piauiense, buscando atender a necessidade dos vários tipos de escolas primárias<sup>19</sup> existentes naquele tempo.

A demanda social pela ampliação ou a expansão do ensino primário é um dos elementos que norteia o projeto da modernidade piauiense no projeto educacional idealizado por Landri Sales, que defende dentre várias questões a expansão e difusão do ensino, conforme citação abaixo:

Nenhum plano educacional definido poderá ser objetivado sem o conhecimento exato das condições demográficas locais. O levantamento censitário é a base científica para a localização justa de escolas e para estudo de todas as questões que digam respeito a difusão, orientação e inspeção do

---

<sup>19</sup> Os vários tipos de escolas primárias assim se caracterizavam: Escolas Singulares - possuíam apenas um professor para as várias séries e só podiam ser instaladas em comunidades com turmas mínimas de 30 crianças em idade escolar, possuíam o mesmo currículo das Escolas Agrupadas, conforme Brito (1996), cujas disciplinas eram, Leitura e Escrita; História Sumária o Piauí e do Brasil; Noções de Geografia Geral e Corografia do Piauí; Noções de Higiene e Urbanidade e Ginástica; Canto, Desenho e Caligrafia; Lições de Coisas, Noções de Agricultura e Pecuária e Trabalhos Manuais.

Escolas Nucleares - tinham caráter temporário e eram instaladas em povoados que possuíssem o mínimo de 25 alunos. Era uma escola de mestre ambulante, instalando-se em caráter provisório, em uma e outra povoação, com o intuito de oferecer alfabetização rápida, com a duração do curso de um ano;

Escolas Agrupadas - eram formadas por três escolas singulares, podendo funcionar em um mesmo prédio, ou prédios diferentes, desde que distassem em apenas 2 quilômetros;

Grupos Escolares: funcionariam com o mínimo de quatro classes e 180 crianças em idade escolar, cujo currículo era assim organizado constando de Educação literária; Educação cívica, incluindo História; Noções de Educação Moral e Cívica e Geografia; Educação Científica, abrangendo: Matemática e rudimentos de Ciências Físicas e Naturais; Educação da Saúde, incluindo Higiene e Ginástica; Educação Prática, envolvendo Lições de Coisas, rudimentos de Agricultura, Pecuária e Educação Manual, sendo obrigatório adotar como padrão a Escola Modelo que era um anexo à Escola Normal Oficial e era destinada à prática dos alunos da referida escola, não se tratando de uma modalidade e sim de um laboratório preparatório para a prática docente.

ensino. Quem quer que lance as diretrizes de um sistema de política educacional, terá de fundamentá-lo nos resultados anteriores oferecidos pelo cálculo global, condições particulares e distribuição geográfica da população infantil em idade escolar. (Fonte: Jornal Diário Oficial, 8/março/1932).

De acordo com a Reforma do Ensino Primário de 1933, que em seu artigo 197 define que o Ensino Primário tinha como responsabilidade capacitar o educando para a vida social com uma função qualquer, contanto que economicamente produtiva. A compreensão política com a educação naquele momento era a de que o acesso ao ensino primário era suficiente para essa capacitação; saber ler, escrever e contar já era suficiente, reforçando o movimento que teve início com a formação da primeira turma de normalistas da Escola Normal Oficial.

Conforme Relatório de 1935, do interventor do Estado, há uma preocupação com a expansão do ensino primário, quando os dados oficiais apresentam o aumento no número de matrículas no primário de 1930 a 1935. Em 1930, por exemplo, o número de matrículas era de 7.397, subindo para 11.101 em 1931; 14.922 no ano de 1932; em 1933 de 16.054; em 1934 de 20.638 e em 1935 chegando ao total de 26.000 alunos matriculados, ou seja, os resultados obtidos são considerados extremamente significativos, pois cresceu mais que três vezes o número de crianças com acesso à escola, no período de cinco anos, no entanto, sabe-se que estes são dados oficiais.

No mesmo período analisado, ou seja, ainda durante a Interventoria de Landri Sales, o aumento do número de professoras normalistas, como resultado de políticas de formação de docentes, passa de 176 normalistas diplomadas em 1931 para 206 em 1934. Este número, embora pequeno, é significativo uma vez que neste momento todo o Estado contava somente com as Escolas Normais de Teresina,<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Em 1910, foi criada a Escola Normal Oficial de Teresina, quando governava o Estado Antonino Freire – contando com o empenho da imprensa local para a divulgação de suas atividades, desde o chamamento para as matrículas, até as festas escolares, tornando-se assim uma escola de grande destaque no Estado, atraindo o interesse de candidatas a alunas em todo o Piauí, conforme Queiroz (2008), “Em março desse ano, já se encontravam em Teresina candidatas de Parnaíba, Belém (atual Monsenhor Gil), Amarante, Floriano e Itamarati (atual Pedro II) e estavam sendo esperadas senhoras de Oeiras, São João do Piauí, São Raimundo Nonato, Livramento (José de Freitas) e Porto Alegre (atual Luzilândia)”. Formou suas primeiras turmas em 1912 e 1913, obedecendo ao currículo de três anos para conclusão do curso, e conforme o Relatório da Instrução Pública do Piauí, de 1922, p.62, “E tudo isso se deve à instituição da Escola Normal – matriz que é de todo o ensino primário e, ainda mais, foi ela o fator único da cultura intelectual feminina no Piauí, onde se limitavam os estudos da mulher à má aprendizagem das primeiras letras, ou curso primário”. A Escola Normal era tida em alto conceito pela sociedade piauiense, onde as famílias mais representativas do ponto de vista econômico e social empenhavam-se em matricular suas filhas neste estabelecimento de ensino. Em 1931, a cidade de Teresina passa a contar também com a Escola Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus, equiparada à Escola Normal Oficial, por força do Decreto Lei Nº 1.213, de 1931.

Parnaíba<sup>21</sup> e Floriano,<sup>22</sup> o que dificultava a formação de um maior número de professores e a política de substituição das professoras leigas pelas normalistas.

As escolas normais, de Parnaíba e Floriano, foram criadas com o intuito de sanar as dificuldades de formação de normalistas para o atendimento das necessidades do Estado e dos problemas de acesso e locomoção para a Escola Normal de Teresina e, ainda, e ainda, porque por as normalistas, uma vez que, tendo se formado na escola da capital, recusavam-se a ir para os mais distantes municípios do Estado. A Escola Normal de Parnaíba e a Escola Normal de Floriano possibilitaram várias alternativas para a problemática do ensino primário, passando a suprir o mercado de trabalho com mão-de-obra qualificada, contando com professoras normalistas e não só mais com professoras leigas, como acontecia em quase todo o Estado.

Todos esses aspectos são importantes nesta análise para melhor delinear o papel desempenhado pelo projeto de modernização ativamente desenvolvido ao longo do século XX no Estado do Piauí, especialmente no pós-1930.

No pós-1930, novas exigências e necessidades foram colocadas como forma de intervenção do Estado em vários setores da sociedade, dentre eles a educação, tendo clareza que não era mais possível continuar com a mesma política da Primeira República, que se eximia completamente das obrigações em relação ao ensino primário e profissional.

---

<sup>21</sup> Em 1928, Parnaíba passa contar também com uma Escola Normal, equiparada à Escola Normal Oficial de Teresina, pela Lei nº 1196, promulgada em 18 de julho de 1928. A cidade de Parnaíba está situada na microrregião do litoral piauiense, compreendendo uma vasta área de influência, considerada naquela época a segunda maior cidade do Estado do Piauí, ocupou lugar destacado no plano econômico piauiense, não só do ponto de vista geográfico, mas também econômico político e social. A instalação desta escola na cidade está atrelada aos processos que primavam por uma modernização, reelaborando e/ou ampliando setores estratégicos do tecido social, incrementando o potencial desenvolvimentista urbano das emergentes elites em ascensão no contexto piauiense, assim como dinamizando os setores básicos de ofertas de serviços à população, com construção de estradas para um melhor fluxo de pessoas e mercadorias tanto na cidade, como os serviços de saúde e de educação.

<sup>22</sup> A Escola Normal de Floriano é equiparada à Escola Normal de Teresina, por força do Decreto Lei Nº 1.247 de 1930, a este respeito o Decreto, afirma que “Considerando que a Escola Normal de Floriano, pela sua localização em um ponto do Estado que é como um entreposto comercial, intelectual e social, é de grande eficiência, porquanto nela poderão se titular professoras filhas dos municípios do Sul do estado”. A Mensagem Governamental de 1930 apresenta o seguinte argumento, quando da defesa desta escola: “A Escola Normal de Floriano contribuirá de futuro, decisivamente, para satisfazer as necessidades do ensino, neste particular, no que diz respeito ao pessoal necessário às escolas das cidades e villas do extremo sul do Estado, cujas populações vivem mais em contato com aquela importante cidade, onde têm relações de família e maior entrelaçamento de interesses do que nesta capital e demais cidades do Estado. Desse modo, mais facilmente os candidatos ao professorado podem fazer o curso normal alli”. Considerando que, nestas condições, fazendo a equiparação à escola Normal desta Capital, da Escola Normal de Floriano, ficarão resolvidos, ao menos em parte, os problemas da instrução no Sul do Estado.

Retornando ao ponto de partida, ou seja, à construção dos prédios escolares, durante o governo de Landri Sales foram construídas ou se encontravam em construção várias escolas, modificando completamente o quadro anterior a 1930, uma vez que não existiam prédios públicos que abrigassem todas as escolas, funcionando as mesmas, muitas vezes, em casas alugadas, ou ainda, a concretização dos grupos escolares “[...] não foi imediata e conviveu, mesmo no seu período áureo, com as casas-escola e as escolas reunidas. Estas eram, inicialmente, a opção considerada mais viável para o Piauí”.(Lopes, 2006, p. 81).

O engenheiro civil e diretor de Obras Públicas, deste governo, Luis Mendes Ribeiro Gonçalves elaborou um projeto para construção de prédios escolares e relata em suas memórias que a relação entre o Estado e os Municípios assim ocorria:

[...] Houve um momento em que cada prefeito raro naquele tempo, vinha e comunicava que já tinha tantos contos acumulados. Queria aplicar aquele dinheiro. E a tendência era fazer uma coisa que servisse o povo, mas ao mesmo tempo, que projetasse o nome do prefeito e o prestígio do prefeito. Uns propunham fazer um jardim público, outros propunham fazer uma outra, coisa qualquer. Eu então projetei um tipo de pequeno mercado, de pequeno matadouro, de pequeno cemitério. Tipos diversos de escolas. Então, quando eles chegavam, e dizia que queria fazer um jardim, queria fazer uma outra coisa qualquer de divertimento. O Landri perguntava: “Você tem escola? Você tem mercado?”. Um mercado é uma coisa que você faz e dá renda; um jardim não dá renda, dá despesa permanente para tratar, para cuidar, embora dê prazer a quem o freqüente. É uma coisa que deverá vir depois. E então, encaminhava o homem àquele rumo. Pois bem, com isso eu desenvolvi um plano de construção de grupos escolares. Naquele tempo o curso primário era dividido em 4 anos. Eu fiz os projetos de grupos escolares com quatro classes; uma para cada ano. De grupos escolares, de escolas mistas, escolas agrupadas. Antes disso, para comprovação do que era possível, eu resolvi projetar (combinei com ele) um grupo escolar para Teresina, que é Grupo Escolar Costa Alvarenga, que tem lá na Avenida Circular ou na Avenida Miguel Rosa, de estilo colonial. Fiz aquele projeto, o orçamento, dirigi a construção e verifiquei depois quanto foi gasto: cinqüenta contos de réis, naquele tempo. Então eu disse: nesta base o Estado poderá propor à municipalidade esta forma de construir ou de realizar. A municipalidade leva umas destas plantas e edifica o grupo escolar, o governo dando metade ou trinta contos de réis. Desta forma, o Landri conseguiu fazer uma rede de escolas considerável no Estado que não tinha no interior escola de nenhuma espécie, a não ser funcionando em casas, residências particulares, alugadas. O primeiro desses grupos foi o de minha terra. O prefeito veio desejoso de fazer um jardim e saiu com as plantas do grupo escolar que é hoje Grupo Escolar Eduardo Ferreira, lá em Amarante. (Entrevista cedida ao Núcleo de História Oral do Piauí – Fundação CEPRO. p. 192/193).

A partir dos relatos do engenheiro Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, constata-se, a princípio, que suas ideias para a construção dos prédios escolares

encontravam-se totalmente integradas ao que naquele momento poderia ser considerado como mais avançado, senão vejamos o que afirma Veiga (2000) neste sentido sobre outras regiões, quando se refere ao mesmo período histórico:

[...] essas reformas também pretendiam dar vazão ao fascínio e ao belo, concretizar a indústria e a tecnologia, abrir vias de circulação, erguer os monumentos da razão moderna, elaborar o lugar dos indivíduos, demarcando os campos do público e principalmente do privado.

Os engenheiros do século XIX e início do século XX não pouparam espaços para tal. Diferentes reformas como as de Paris, Londres, Viena, Berlim, Rio de Janeiro, Vitória, Recife, Belo Horizonte, entre outras, atendiam a dupla necessidade.

As cidades precisariam tornar-se um local de deslocamento, de trabalho, mas também de culto à pátria, de comunhão cívica, da recepção estética, do cultivo do belo, da harmonia e da ordem. (p. 401).

As obrigações com a educação primária deveriam ser dos municípios, no entanto, os próprios municípios não abraçam este desejo do Estado. Os gastos com as construções dos prédios escolares passaram a ser divididos entre o Estado e os municípios, através do Departamento das Municipalidades, de acordo com o que previa o artigo 152 da Constituição de 1934, que cria o Conselho Nacional e os Conselhos Estaduais de Educação, cria também nos municípios os Conselhos Populares de Educação, cujos objetivos eram fiscalizar e inspecionar o ensino primário, determinando, também, a aplicação de nunca menos de 20% de parte dos Estados da renda resultante dos impostos “na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos” e mais tarde, em 1943, de acordo com o Convênio do Ensino Primário, firmado entre os governos estadual e municipal, que assim determinava:

#### “CONVÊNIO DE ENSINO PRIMÁRIO”

O Governo do Piauí, representado pelo Sr. Interventor Federal, por uma parte, e, por outra, os municípios de Altos, Alto Longá, Amarante, Aparecida, Barras, Batalha, Belém, Boa Esperança, Bom Jesus, Buriti dos Lopes, Campo Maior, Canto do Buriti, Castelo, Corrente, Floriano, Gilbués, Jaicós, Jerumenha, João Pessoa, José de Freitas, Luiz Correia, Miguel Alves, Oeiras, Parnaíba, Parnaguá, Patrocínio, Paulistana, Pedro II, Picos, Piracuruca, Porto Alegre, Porto Seguro, Regeneração, Ribeiro Gonçalves, São Benedito, São João do Piauí, São Miguel do Tapuio, Simplício Mendes, São Pedro do Piauí, Santa Filomena, São Raimundo Nonato, Socorro, Teresina, União, Uruçuí e Valença representados pelos respectivos prefeitos e seus delegados autorizados, [...] resolvem firmar o seguinte Convênio de Ensino Primário a que se obrigam na forma das ratificações constantes do Decreto Lei nº 5.293, de 1º de março de 1943 e Dec. Lei Estadual nº 729, de 04 de novembro de 1943.

CLAUSULA PRIMEIRA – Os Municípios cooperarão financeiramente com o Estado, mediante a contribuição de cota especial, para o fim de desenvolvimento do ensino primário em todo o território do Estado.

CLAUSULA TERCEIRA – Os municípios signatários do presente convênio comprometem-se a manter, em 1944, a cota de quinze por cento da renda de seus tributos e renda patrimonial, com exceção da “Taxa de Saúde” para ser aplicada no custeio, ampliação e aperfeiçoamento do sistema escolar primário. O compromisso da contribuição da referida cota será mantido de 1944 a 1949, inclusive, quando poderá ser ultrapassado, segundo as necessidades do ensino e condições de prosperidade financeira. [...]

CLAUSULA SEXTA – O Estado do Piauí compromete-se a aplicar quinze por cento da renda proveniente de seus tributos ao custeio e desenvolvimento do ensino primário, em 1944, elevando esta percentagem a dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove a vinte por cento, respectivamente, nos anos de 1945, 1946, 1947, 1948 e 1949. Nos anos seguintes será mantida a percentagem relativa ao ano de 1949, se as condições e necessidades não permitirem ultrapassar.

CLAUSULA SÉTIMA – Serão incorporadas ao Estado as Escolas Municipais mantidas por Prefeituras cujas rendas anuais sejam inferiores a Cr\$ 20.000,00.

CLAUSULA OITAVA – Nenhum Projeto de Decreto-Lei criando escolas municipais será encaminhado pelo Departamento das Municipalidades ao Conselho Administrativo sem prévio parecer do Diretor Geral do Departamento de Ensino. Teresina, 14 de novembro de 1943. (BRITO, 1996. p.93/94).

Todas essas mudanças certamente provocaram alterações no cotidiano, levando a uma ressignificação do passado, e compreender para analisar tais mudanças é função primeira do historiador, pensar ainda as modificações ocasionadas com a chegada dos engenheiros nos vários municípios do Piauí, esses homens letrados, para construir os prédios escolares.

Mergulho nas práticas cotidianas e nas lembranças para problematizá-las e, por fim, compreender como ocorreram a formação das professoras e o ensino primário durante a Era Vargas no Piauí (1930-1945), ciente de que minha investigação constata que tal formação deu-se no sentido do que era considerado moderno naquele período histórico, formando sujeitos que construíram as instituições pesquisadas, tornando-os civilizados, nacionalistas e amantes da pátria.

Com tais ocorrências, é necessário destacar as mudanças, ou pequenos abalos provocados no cotidiano de cada uma dessas pessoas, e pensar também que assim como os engenheiros chegaram para conduzir a construção dos grupos escolares, as normalistas chegaram e trataram de misturar a cultura da gente letrada com a cultura que já existia, dando início a um novo tempo na vida do lugar e a uma nova cultura escolar.

A vida cotidiana pode ser entendida como a nossa vida de todos os dias, dos gestos e dos rituais aprendidos no trabalho ou na escola, a escola como um local de cultura, de diversas atividades, de diferentes práticas e sociabilidades.

O homem simples, o “homem ordinário”, cria e recria o seu cotidiano através de práticas e táticas sutis bem articuladas com os procedimentos, vistos aqui como esquemas de operações e manipulações técnicas do cotidiano, dando novos rumos a aquilo que lhe foi determinado, embora este mesmo homem simples não se reserve ou se furte de fugir dos padrões que é obrigado a seguir, reinventado assim o seu cotidiano. (Certeau,1994).

Não podendo se dissociar o cotidiano da História, do espaço e da escola, a escola é espaço de produção de sentidos e “lugar de memória”<sup>23</sup>, tais como o patrimônio arquitetônico e seu estilo que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricos de cuja importância somos incessantemente lembrados (NORA, 1995).

Durante todo o governo de Vargas, fica claro o fortalecimento da memória nacional, entendendo-a como memória oficial e, mais especificamente, as políticas educacionais ditadas pelo Estado Novo, destinando à educação o papel de construtora dessa nova mentalidade, voltada essencialmente para a constituição da nacionalidade, na defesa da ordem, da manutenção e da criação de tradições.

Segundo Schwartzman (2000, p.146), nacionalidade assim pensada apresenta três aspectos:

- 1) Dar um conteúdo nacional à educação transmitida nas escolas e por outros instrumentos formativos;
- 2) A padronização, que deveria constituir-se na construção de uma universidade-padrão, de escolas-modelo secundárias e técnicas, de currículos mínimos obrigatórios para todos os cursos, livros didáticos padronizados, de sistemas federais de controle e fiscalização; e,
- 3) Erradicação das minorias étnicas, lingüísticas e culturais.

Desde o início deste período, a educação ocupa um lugar importante nos discursos oficiais e sua necessidade é acentuada à medida que se evidencia o caráter autoritário do regime. Ao mesmo tempo em que a educação passará a ser vista com a

---

<sup>23</sup> Lugar de memória – expressão cunhada pelo historiador Pierre Nora como o lugar para uma renovação ou reatualização da memória, que torna possível buscar o significado daquele lugar para alguém, definindo a relação do que é lembrado no concreto, ou seja, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (1993).

concepção de problema nacional, existirá uma relação entre educação e saúde e se buscará dar ênfase à educação moral. Estes temas evoluirão, então, sempre no sentido de colocar o sistema educacional a serviço da implantação da política autoritária.

Com o Estado Novo, torna-se transparente os desejos do governo ditatorial. Também fica muito claro que caminhos conduzirão a educação brasileira, e por ela passarão as políticas de nacionalização, ampliando, assim, a capacidade de dominação do Estado, a nacionalização do ensino através da unidade linguística, deixando de lado sérios problemas sociais que o país apresentava.

Em 1942, foi criado no Piauí o Serviço de Inquérito e Pesquisas Pedagógicas, o qual se define “como aparelho de pesquisas e de informações pedagógicas”,<sup>24</sup> funcionando como órgão ligado ao Departamento de Ensino. O Serviço de Inquérito e Pesquisas Pedagógicas tinha como objetivo orientar a criação de instituições auxiliares do Ensino, cujas finalidades eram fazer a propaganda do Ensino; amparar os alunos pobres; despertar os sentimentos de amor à Pátria; estimular a cooperação da escola e da família, contribuindo, assim, para o fortalecimento do sentimento de nacionalidade e amor à pátria.

Neste contexto de colocar em prática mais um mecanismo de fazer funcionar a contento a educação do Estado, a propaganda do ensino, uma das finalidades do Serviço de Inquérito e Pesquisas Pedagógicas, foi utilizada pelo Interventor do Piauí, quando em comemoração aos oito anos de governo, em 1943, lança dois cartazes de propaganda de suas realizações na educação, um divulgando os números de matrículas nos vários estabelecimentos de ensino público e o outro apresentando o resultado da expansão da educação através da construção de prédios escolares, demonstrando no referido cartaz além do número de escolas construídas a fotografia de cada uma delas, conforme estas imagens:

---

<sup>24</sup> PIAUÍ. Diário Oficial do Piauí, 1942.



to nº 05. Cartaz de propaganda. Fonte: Folheto comemorativo: Oito anos de governo: Administração Leônidas Melo no Piauí. Maio de 1935 – Maio de 1943.

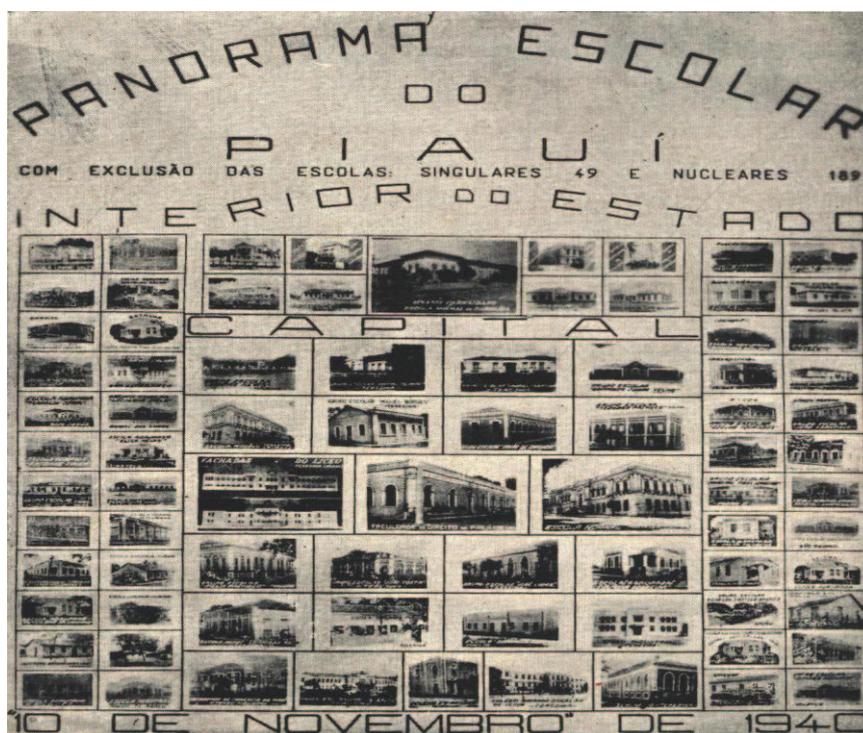


Foto nº 06. Cartaz de propaganda. Fonte: Folheto comemorativo: Oito anos de governo: a Administração Leônidas Melo no Piauí. Maio de 1935 – Maio de 1943.

Todas as mudanças impostas revolveram de modo tão significativo esse cotidiano apresentado que, embora possa ser uma dinâmica própria da cultura, ainda

assim provocou uma avalanche percebida nas rupturas detectadas na vida do homem, que resistiu às imposições e ele mesmo determinou o que deveria permanecer, seja nos rituais da escola, do trabalho e em todas as suas ações, fissuras que o conceitual não daria conta de apresentar, somente a vida vivida nesse momento poderia ser suficiente para explicitar tal evidência.

As alterações provocadas na vida e no tempo de todos e de cada um, trazidas pelo prédio escolar, constituem-se algo impactante, como esse tempo da modernidade pretende ser, inserindo-as em um novo tempo, um tempo moderno e modernizante, não importando aqui se o recorte temporal é o mesmo dos grandes descobrimentos, da constituição do capitalismo, das reformas religiosas ou o da hegemonia do pensamento europeu. É um tempo novo no Piauí, tempo do grupo escolar, tempo em que ficou transparente este modelo de escola, é este o tempo da escola, o tempo das aulas, das férias, das comemorações e das festividades, porque desde então a vida de todos apresenta um novo desenrolar.

Neste cenário em que as transparentes cortinas estão à mostra de grande agitação política, de construção do novo sendo posto em função do velho, dos velhos costumes, do velho jeito de ser piauiense em que os prédios escolares são construídos cotidianamente fazendo alterar a vida dos que levam e recebem os ensinamentos eruditos, tempo de muitas festas, desde as populares e religiosas, as chamadas “da sociedade”, nos clubes fechados, nos ricos salões, das festas cívicas que ocorriam nas ruas e as que aconteciam dentro das escolas, alterando dessa forma o tempo vivido.

## 1.2 As artesanias do tempo

Compensando a incapacidade de saber o que é o tempo, o homem enreda o seu fio invisível para, de balde, o apanhar. (CATROGA, 2009).

A análise da construção do tempo da escola e como ocorreu a educação para esse tempo, todo medido, diferente da organização do tempo doméstico, um tempo que se estabelece antagônico entre o de casa, porque é mais perceptível a sua cronometragem, em que se processam os fazeres da escola, o tempo de aula, o tempo sem aula, o tempo do recreio, o que se prepara dentro de sala de aula como, por exemplo, as disciplinas que eram trabalhadas na escola, e faziam parte do rol de

conteúdos programáticos que foi nomeado de artesanias do tempo, até a adequação de cada um para cumprir um calendário escolar, é o que se propõe nesta etapa do trabalho.

O aspecto a ser analisado será o tempo escolar: como o tempo se processa no interior da escola, como o tempo escolar altera o cotidiano das pessoas e da cidade e quais as diferenças do tempo vivido na escola, e, por último, mas totalmente relacionado aos outros dois pontos frisados, pretendo estudar, o disciplinamento dos corpos e a existência de uma adequação dos corpos, para atender as determinações da escola e do Estado, no sentido de entender as festas cívicas criando tradições piauienses.

Para analisar o tempo adoto como referência uma medida cronometrada e me guio por ela, para orientação sigo com as comemorações cívicas, compreendendo que estas datas marcam o calendário escolar; é um tempo contado por suas festas, consciente de que o tempo é um fio que impulsiona as modificações e que só pode ser analisado como representação e que um dos elementos que deve ser levado em conta é a subjetividade.

O tempo escolar aqui buscado se refere ao calendário cívico, assim como o tempo que se vive no interior da escola, os horários de aulas e seus intervalos, as datas de provas, os recreios, a chegada e a saída, os dias de festas e os feriados. Tendo como pressuposto que cada sociedade elabora seu tempo e suas temporalidades da forma que foi ou é vivido num contínuo relembrar, reviver, repetir algo, como uma comemoração, que se torna ritual, o passado está presente por este entrelaçar constante de atualização do que a memória permite.

O que é o tempo e como ele é vivido? O tempo é interminável, mas podemos ensaiar uma dança com ele, vou ao ano de 1930 ou ao mais distante que eu recortar e volto instantaneamente, com recuos e avanços. Ao historiador foi permitida essa possibilidade de ser louco e viajar no tempo, é esta a sua matéria, pode estar ao mesmo instante vagando pelo passado mais remoto, com o presente carregado de passados. Depende do que se viveu e como viveu, o tempo é uma experiência pessoal e individual, mas também pode ser coletivo. O presente depende do passado, o passado é parte do que o presente vê.

No seu "processo civilizador" Elias (1994), caracteriza o tempo como aquele ou aquilo que proporciona o desenvolvimento da sociedade, compreendendo tempo como ritmo dado às ações humanas e sendo muito mais as mudanças provocadas

neste ritmo, definidoras das transformações da Idade Média para a Moderna, do que a moeda, neste sentido a:

[...] necessidade de sincronização da conduta humana em territórios mais amplos e a de um espírito de previsão no tocante a cadeias mais longas de ações como jamais haviam existido [...] também há manifestação do grande número de cadeias entrelaçadas e interdependência, abrangendo todas as funções sociais que os indivíduos têm que desempenhar, e da pressão competitiva que satura essa rede densamente povoada e que afeta, direta ou indiretamente, cada ato isolado da pessoa. Esse ritmo pode revelar-se, no caso do funcionário ou empresário, na profusão de seus encontros marcados e reuniões e, no do operário, na sincronização e duração exatas de cada um de seus movimentos. Em ambos os casos, o ritmo é uma expressão do enorme número de ações interdependentes, da extensão e densidade das cadeias compostas de ações individuais, e da intensidade das lutas que mantém em movimento toda essa rede interdependente [...]. (p.207).

Para caminhar menos cambaleante, caberiam algumas indagações: e na escola como esse tempo corre? Seria possível mensurar o vivido, a não ser pelas alegrias ou pelas lembranças tristes que alguém viveu em um momento remoto? Como o tempo escolar era regido, teria modificado o vivido e o viver? Como a escola se organizava para cumprir o calendário escolar? Qual era o calendário escolar, quais as datas comemoradas?

O tempo na escola pode ter sido mais organizado e distribuído a partir da estruturação dos grupos escolares, pois segundo Lopes (2006, p.84-85) “[...] o grupo escolar [...] era apresentado como uma verdadeira repartição pública, com horários de funcionamento, postos, hierarquias funcionais [...]”. O tempo na escola orienta a vida para o futuro, no sentido de que o pensamento é voltado para uma expectativa, visto como resultado de uma evolução, evolução aqui no sentido do desenvolvimento da capacidade humana, tempo voltado para uma possibilidade de dias melhores, é geralmente o que mantém assegurada a permanência de muitos na escola. Desta maneira, viver o presente muitas vezes é limitado porque aponta sempre para um tempo para frente e distante.

As horas vividas na escola, os horários de aula, o convívio com os professores, com os funcionários, este tempo é distribuído de acordo com normas que a regem, e quanto mais esta educação é institucionalizada maior rigor na periodização e divisão do tempo que ela determina e ensina, conforme Carretero (2007):

A aprendizagem escolar é uma iniciação que poderíamos chamar “o emprego do tempo”, em vários planos: 1º) – impõe uma temporalidade produtiva sobre o tempo vital e fracionado no tempo de estudo e do jogo, e compartimenta assim a atenção e a recreação; 2º) - favorece a organização de uma “agenda” que segue as pautas do tempo cronológico e linear e na qual as unidades se organizam de acordo com períodos como as horas da jornada, dos dias da semana, dos meses do calendário; 3º) - induz a compreensão complexa de temporalidade histórica, em que as categorias, de hoje e de amanhã se transformam em passado com a de administrar o presente. À medida que o tempo se imbrica com disciplinamento do corpo que se torna produtivo (um ponto comum entre a genealogia da escola e da fábrica, onde o relógio mecânico marca o tempo de um novo modo de produção em sentido amplo: da indústria e do humano). (p.220).

A divisão do tempo na escola, para a distribuição das tarefas do dia-a-dia, a matrícula, o horário do recreio, as férias, hora de cantar o hino, as horas cívicas<sup>25</sup> para a construção das virtudes cívicas, o hasteamento da bandeira, compondo as horas importantes no ambiente escolar, os horários de aulas e seus intervalos, as datas de provas, a chegada e a saída, os dias de festas e os feriados, o encerramento do ano letivo, essa totalidade de fatias de tempo somam este calendário, dando rumo às práticas no cotidiano escolar.

As práticas educativas elaboradas e reelaboradas como saberes buscaram promover o controle e o disciplinamento do tempo dos alunos por meio de normas tidas como legítimas da ação educativa, como as impostas às crianças, desde o cumprimento do horário de chegada na escola, o encerramento do ano letivo até as festas que são comemoradas, controle do tempo de todos pelo Estado através da escola, como reforço da educação cívica.

Tendo como pressuposto que cada sociedade elabora seu tempo e suas temporalidades como uma celebração que se torna ritual, as festas cívicas, embora aconteçam no nosso tempo linear, trazem aspectos de um tempo cíclico do eterno retorno. Já se sabe desde os positivistas que um fato histórico não se repete, de certo não ocorrerá novamente o grito de independência do Brasil, mas é a repetição revivida na comemoração que perpetua o passado.

---

<sup>25</sup> Horas cívicas aqui compreendidas como as horas que no cotidiano escolar eram dedicadas à construção das virtudes cívicas, como amar a Pátria, respeitar os heróis nacionais, adquiridas com o cantar dos hinos pátrios, das preleções sobre as datas comemorativas nacionais, o hasteamento das bandeiras, que com o passar do tempo foram totalmente introjetadas e assumidas como fazendo parte da vida de todos.

Para Braudel (1992):

Os acontecimentos retumbantes não são amiúde mais que instantes, que manifestações desses largos destinos e só se explicam por eles. Assim chegamos, à distinção, no tempo da história, de um tempo geográfico, de um tempo social, de um tempo individual. Ou se preferirmos, à decomposição do homem num cortejo de personagens. (p.15).

No Piauí, a criação e expansão dos prédios escolares se efetiva entre os anos de 1930 até 1945, mudando dessa maneira o jeito de ver e viver o tempo, modificando o correr dos dias e das horas, daquela população que era na sua quase totalidade rural, onde o marcar das horas era função do sol, a manhãzinha ou o entardecer, alterando a ordenação e distribuição do tempo e também a cultura escolar. Neste sentido, seguindo mais uma vez os passos de Lopes (2006) para um andar mais seguro, compreende-se que, a construção dos grupos escolares acelera e modifica o tempo, e tais mudanças só são possíveis de serem entendidas em um processo de urbanidade, atentando para o fato de que os prédios escolares construídos podem ter dado início a várias cidades piauienses, no sentido de uma dinâmica, que acelera o tempo.

Essa multiplicidade de ações, somadas às condições sociais, culturais e políticas vividas neste momento de significativas modificações no campo educacional, acarretaram sérias alterações na cultura escolar para levar adiante o seu projeto criador de mentalidade, de civilidade e construtor de uma memória oficial, o Estado “inventa tradições” (Hobsbawm,1997) quando, por exemplo, cria um calendário cívico específico para celebrações escolares, que altera o cotidiano escolar e da cidade, sacralizando o Estado.

Para o historiador Jacques Le Goff (1996),

[...] toda a vida cotidiana, afetiva, fantástica de uma sociedade depende de seu calendário [...] embora dependam do tempo cósmico, regulador da duração que se impõe a todas as sociedades humanas [...] transformam-no em calendário, segundo as suas estruturas sociais e políticas, os seus sistemas econômicos e culturais, os seus instrumentos científicos e tecnológicos. (p.265, 268).

A expansão escolar, para Reznik (1992), é resultado do processo de industrialização e urbanização da sociedade brasileira, no entanto, defendendo que a

expansão dos grupos escolares no Piauí pode ter sido fator de desenvolvimento e urbanização das cidades piauienses, mas este é ponto de discussão que não pretendo alargar nesta investigação, apenas o vejo como tendo sido o que conduziu o processo de modernização neste Estado.

Neste sentido, as preocupações com as medições do tempo podem advir do tempo adotado para cronometrar a vida de meninos e meninas na escola, e em consequência destas modificações, em função da educação trazida com os grupos escolares, altera também a vida de seus pais e de toda a comunidade, deixando o tempo de ser medido, como antes foi frisado, por fenômenos da natureza, como assim o percebe Elias (1994, p. 208):

[...] tornou-se cada vez mais urgente a exigência de sincronizar um número cada vez maior de atividades humanas e de dispor de um retículo temporal contínuo e uniforme como marco comum de referência de todas as atividades humanas. Foi tarefa das atividades centrais (profanas e religiosas) preparar esse retículo e assegurar seu funcionamento. Dele dependia o pagamento ordenado e recorrente de tributos, interesses, salários, e o cumprimento de outros muitos contratos e obrigações, assim como os numerosos dias festivos que os homens descansavam de seu cansaço.

A organização dos horários de aulas, os intervalos, o calendário de provas, o tempo vivo das tarefas escolares dentro e fora da escola constituem o tempo escolar e, mesmo o tempo que não se faz nada na sala de aula, entre a saída de um professor e a chegada do outro é cronometrado pelo ordenamento temporal determinado pelas normas que regem a escola, como bem lembrou Dona Constância Bastos (2008), ex-diretora e professora aposentada, hoje com 82 anos de idade, uma das colaboradoras desta pesquisa, quando rememora o tempo vivido e os conceitos próprios de cada época, como os que são evidenciados aqui como indisciplina e tempo livre, assim explica:

[...] todo mundo era assim mais comportado, não fazia brincadeira, só ali mesmo entre nós, a gente cantava no intervalo das aulas, ia para o fundo da sala, a cantar e bater na carteira, baixinho, senão vinham lá da Diretoria e brigavam com a gente [...]

As lembranças ajudam-nos a compreender as experiências passadas, o passado é buscado pelas reconstituições que o tempo foi capaz de fazer, podendo ser

confirmado ou mesmo alterado; diferenciam-se e se assemelham, principalmente porque são memórias de um mesmo tempo histórico, recheadas de simbologia para cada uma das mulheres que, na condição de professoras ou alunas, viveram aqueles momentos, Dona Expedita Santos (2002) também rememora a cidade de Teresina dos anos 40, a escola em que estudou e a organização do tempo, dentro e fora do ambiente escolar:

Com 7 anos papai matriculou-me no Grupo Escolar Domingos Jorge Velho, onde estudei do 1º ao 4º ano, depois fui para o colégio Maria de Lourdes, onde hoje é a Prefeitura, lá conclui a 8ª série do Ginásio. Naquela época não tinha transporte coletivo, por isso saíamos muito cedo de casa porque antes da aula tinha a prática da Educação Física, além disso, era muito distante, íamos e voltávamos a pé, mas para nós aquela caminhada era uma diversão (2002).

Na montagem deste calendário cívico, as datas comemorativas locais têm o significado de elaboração da memória piauiense, tanto as que são consideradas desde algum tempo como edificantes para a História do Piauí, ou as outras, como as que abaixo apresento, que passaram a compor estes eventos, como por exemplo, a chegada do Interventor Federal de várias de suas viagens, constitui-se como um dia festivo e que se tornou obrigatório para as escolas. Esta notícia escolhida informa que o governante passou mais de dois meses na capital federal, na época o Rio de Janeiro, cuidando de questões políticas, o noticioso local repete-a durante vários dias consecutivos, ocupando páginas e páginas, tornando o retorno do Chefe do Estado um fato político, histórico e festivo, conforme o exposto:

#### O REGRESSO DE SUA EXCELENCIA DO RIO DE JANEIRO

Depois de uma ausência de quase dois meses, empregados, na capital da Republica, em resolver vários e importantes problemas que dizem respeito aos vitaes interesses do Estado regressará a Teresina e ao convívio de seus innúmeros amigos, possivelmente a 16 deste à tarde, o Exmº. Sr. Dr. Leonidas de Castro Mello, eminente governante do Piauhy. O preclaro Chefe do Estado tomará o avião da linha, que voará do Rio a 13 deste, segunda-feira próxima [...] Grande número de amigos e admiradores aguardarão a chegada do illustre, itinerante em Karnak [...] No dia seguinte ao da chegada do Sr. Dr. Leonidas Mello, o Sr. Dr. Anfrisio Lobão, Governador interino, em regozijo do feliz regresso do Chefe do Estado e dos beneméritos serviços prestados ao Piauhy durante a sua estadia no Rio, dará recepção publica em Palacio sendo opportunamente marcada a hora para a referida recepção havendo à noite, à avenida Antonino Freire, cinema ao ar livre para o povo da capital, que se associará assim ao regozijo geral pelo retorno ao Estado do

seu honrado governante, effectuando-se, no dia seguinte, a transmissão do governo. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 202, 08/janeiro/1937, p.1).

Eventos desta natureza compõem a memória cívica piauiense, construída pelos antigos guardados dos armazéns de lembranças individuais, como é o caso da professora aposentada Hilma Mendes dos Reis (2002), à época estudante da Escola Normal Oficial, lembrados mais uma vez quando lhe perguntei sobre estas comemorações, a professora assim rememorou:

Nas festas de 7 de Setembro, chamadas de paradas, nessa época eram feitas na Avenida Antonino Freire, que é aquela que vai até a frente da Igreja São Benedito.

Também quando o governador chegava de viagem as alunas da Escola Normal iam recebê-lo no Palácio de Karnak, era uma obrigação que a Escola Normal tinha.

[...] Nem todos gostavam, como é ainda hoje, mas éramos obrigados a assistir e participar. Havia punição para quem faltasse. (2002).

O calendário regula o tempo social, e em consequência o tempo escolar, ordenando e reordenando as práticas de alunos e professores, dentro e fora da escola, com a intensificação do culto ao Estado, um novo calendário cívico é construído, reforçando as datas que já existiam e outras que passaram a ser festejadas e vivificadas pelo sentimento patriótico.

Com o passar dos tempos e à medida que se traduziam em costume da cidade, o calendário de festas e de comemorações ampliava, somando-se aí as datas nacionais e estaduais, festejadas ano após ano numa repetição de ritual com a participação de todas as escolas, públicas e privadas, a partir das práticas de uma educação modelar que tinha como missão disciplinar e controlar a população e a cidade e encaminhá-las para a modernidade e civilidade.

Este calendário traz algumas datas comemorativas que já eram festejadas muito antes da revolução de 1930, mas a partir desta amplia-se consideravelmente o rol de comemorações, como o dia de Tiradentes em 21 de Abril; o 1º de maio, dia do trabalho; a Semana da Pátria, com uma enorme variedade de atividades de propagação do sentimento patriótico, organizadas pelo Estado, que aconteciam na primeira semana de setembro e culminavam com o desfile militar e o desfile dos estudantes no dia 7 de

Setembro; o dia do golpe do Estado Novo, em 10 de novembro; comemorava-se também a proclamação da República, no dia 15 no mesmo mês; e para fechar o calendário o dia 19, o “Dia da Bandeira”.

A Semana da Pátria acontecia como um laboratório das lições de História, onde a cada dia se aprendia a amar o torrão natal, os símbolos da nação, por isso tudo e pela independência política do país as festas eram diversificadas desde as comemorações cívicas, desfile militar e as exposições dos estudantes representando as escolas pelas ruas da cidade, como noticiou um jornal local:

#### O DIA DA PÁTRIA

Sob os applausos de uma grande e atenciosa assistência, se realizaram, hoje, à frente da Escola Normal, diversas partidas de jogos interessantes e curiosas, com que aquella e outras escolas participam das comemorações que ora se promovem à Semana da Pátria.

Cerca de 8 horas, com a chegada de uma seleção de alumnas da Escola Normal no pátio em frente a este Educandário, tiveram inicio as provas que se deviam effectuar, com uma gymnástica por música, terminada a qual desencadeou-se o entusiasmo dos assistentes com um longo e justo “bater de palmas”.

Em seguida, alumnas da Escola de adaptação, escolhidas e em grupos, desempenharam, louvadamente, a parte que lhes confiar a organização do programa. Sucederam-se, ainda, outras provas executadas por alumnos dessas duas Escolas, Normal e Adaptação terminando as comemorações de hoje, mais ou menos, às 9 e meia horas, com uma animada partida de “voley ball” entre alumnas do Lyceu e da Escola Normal, sendo coroadas com victoria por que tanto se empenharam todas as jogadoras, as alumnas que alli representavam este último Instituto. (Fonte: Jornal “O Tempo”, nº 562, 06/setembro/1935, p.1).

A cidade apresenta-se como o palco em que se tecem as tradições, era o lugar onde aconteciam as festas de toda natureza, as procissões católicas, as manifestações populares e os espetáculos cívicos. Cabe aqui analisar as relações do tempo escolar com a cidade, de que forma esse tempo alterava o cotidiano da cidade, visto que nesta a rotina era rompida dando margem ao esvaziamento das obrigações, que devem ser preenchidas de alguma forma por algo significativo, com uma nova obrigação que nasce da ilusão de participação política, de servir ao Estado, da relação com a Pátria. Neste sentido, procuro compreender desde o treinamento dos corpos para a apresentação nos grandes dias e também que outras festas aconteciam neste mesmo palco, como as que foram lembradas por Dona Francisca Almeida:

[...] participávamos de festas, passeios, comemorações públicas como os desfiles de 7 de Setembro, as quermesses da Igreja de Nossa Senhora do

Amparo, de Nossa Senhora das Dores e principalmente da Igreja São Benedito por ser mais perto.

Mas o bonito mesmo desta comemoração era apresentação dos Marujos, um grupo de homens que realizavam uma tradição portuguesa. No dia 24 de dezembro um grupo de homens vinha de vários lugares, entoando cantigas sobre o som dos maracás nas embarcações que navegavam nas águas do Rio Parnaíba. Desembarcavam na Praça Deodoro da Fonseca onde a população já esperava inclusive as mulheres que os recebiam com aplausos. Saíam em passeatas pelas ruas apresentando espetáculos e cânticos.

Particpei de todas as festas, não só as religiosas como também as populares. Quando eu era criança brinquei muito carnaval. Os blocos se apresentavam na Praça Rio Branco. Os democráticos, o guará, os quebrados e outros. Os blocos chegavam em carros alegóricos, os foliões ficavam circulando a Praça, jogando confetes, serpentinas e lança-perfume, momento em que senhoras e senhoritas nas trocas de lugares aproveitavam para fazer declarações de amor, muitas vezes proibido. (2002).

O cotidiano da cidade é alterado com as festas, há uma suspensão da cotidianidade, uma fratura na mesmice da vida de quase todos os habitantes, os que direta ou indiretamente estão envolvidos com os eventos, tornando o viver diferente, o dia anterior ao do acontecimento já dá sinais de mudanças, com a arrumação das ruas, a montagem do palanque das autoridades. O tempo sofre alterações para dar lugar ao que será representado, para dar lugar à festa e aos desfiles, tão rigorosamente ensaiados por vários dias.

Os espetáculos cívicos geralmente têm a cidade como palco, onde atores e espectadores somam-se apresentando um único enredo, sensibilidades irmanadas, dando notoriedade ao que foi pensado e ensaiado, dando a ver aquilo que no momento lhe é mais caro, conforme Pesavento (2007, p.14):

[...] essa cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível.

A ritualística híbrida de temporalidades mostrada no presente é recriação do passado, edificação da memória cívica nacional, fundando a cada repetição, a cada hora memorada uma nova representação do vivido, cerimônias ricas de significados e de tempos que se misturam tanto no passado que se busca consagrar, como no futuro, na esperança de melhores tempos; esse desandar dos marcadores de tempo constitui-se um dos elementos imprescindíveis na formação da memória afetiva comum a todos da cidade, memória que começa a ser construída na escola, conforme Pollak (1992, p.205):

Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima que é a memória nacional constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória do povo.

O tempo é marcado necessariamente pelo seu ritmo, às vezes mais próximo, de menor ou de mais longa duração, qualquer que seja o seu compasso, ele é constituído de memórias, cabe no que buscamos aqui apresentar as concepções de memória cívica de acordo com Fernando Catroga (2000), que a compreende como um tipo de memória social, que não tem as sutilezas de uma memória individual ou mesmo afetiva, mas que, irmanada aos elementos que a edificam, busca seu caráter simbólico para sempre se impor como presente, neste jogo de presentificação e sacralização do passado.

Procurando compreender as festas cívicas como elementos essenciais na montagem diária da elaboração do calendário e da cultura escolar, que marcam a vida e a vivência escolar, e ainda, como cada acontecimento foi rememorado, no sentido das comemorações buscadas pela memória e que hoje se presentificam.

A dança do tempo, evidenciada pela memória cívica e pelas lembranças de cada um dos sujeitos buscados para a colaboração nesta pesquisa, permite perceber a montagem de um calendário escolar com suas especificidades, como as datas de provas, tempo de matrículas, tempo de aprender higiene corporal, tempo de “matar” a aula, de manifestar algum descontentamento com as exigências impostas, observar outros calendários que correm paralelos e pela mesma via e outros ainda, como o calendário cívico e o calendário litúrgico. Permite atentar também para a cidade como referencial balizador de todas as comemorações com a participação efetiva da escola, numa permanente aceleração dos ponteiros do relógio, fazendo o tempo passar, uniformizando os sentimentos cívicos.

### **1.3 As lições das disciplinas escolares como fortalecimento da mente patriótica**

A análise do conteúdo político e percurso histórico de cada uma das disciplinas do currículo escolar no período recortado nesta pesquisa, Canto Orfeônico, História, Educação Física e Educação Moral e Cívica, permitiu considerá-las como estratégicas para a construção de uma memória cívica, justificando tal evidência a conjuntura vivida, apresentando as especificidades de cada uma, que traziam em seus conteúdos programáticos ensinamentos voltados para formar a mentalidade patriótica e cívica, o sentimento de pertença à nação, o corpo são e treinado para servir a Pátria.

O constante e repetido exercício de decorar todas as lições, no sentido mais amplo que o termo possa significar, era tarefa diária tanto dentro quanto fora da sala de aula no momento histórico-pedagógico aqui trabalhado. Embora o tempo escolar fosse insuficiente para algumas disciplinas, como no caso de Canto Orfeônico, os exercícios se repetiam sempre, pois os cantos, os hinos estariam na “ponta da língua” e poderiam ser repetidos em qualquer lugar, bastava que se fizesse algum gesto ou clique de lembrança que a música ensaiada voltava à cabeça e era cantarolada.

Canto Orfeônico era uma das disciplinas mais importantes no currículo escolar. Criada sob inspiração de Villa-Lobos<sup>26</sup>, um dos seus objetivos era treinar multidões que entoassem hinos nacionais em coro, defendia ainda que, “o canto orfeônico, praticado pelas crianças e por elas propagado até os lares, nos dará gerações renovadas por uma bela disciplina da vida social, em benefício do país, cantando e trabalhando, e, ao cantar, devotando-se à Pátria!” (2000, p.108).

Busquei compreender o significado desta disciplina recorrendo às lembranças de ex-alunas e ex-professoras da Escola Normal Oficial do Piauí que vivenciaram o momento e foram alunas da professora de canto Adalgisa Paiva, que depois de ter sido aluna do maestro Heitor Villa-Lobos retorna à Escola Normal e ao Colégio Sagrado Coração de Jesus, ensinando as futuras normalistas a cantar e encantar o Piauí.

A professora Adalgisa Paiva, pianista que já era, aprimorou seus estudos de música no Conservatório Nacional do Rio de Janeiro, aprendeu a importância do Canto

---

27 HEITOR VILLA-LOBOS – Nasceu em 1887 e morreu em 1959, considerado um dos maiores compositores eruditos do Brasil, seu legado é de grande valia para as novas gerações brasileiras e do mundo. Na música sua maior contribuição dá-se no sentido de mesclar os temas nacionais considerados de referência, a ícones da cultura brasileira na música erudita. Buscou inspiração nas concepções alemãs de canto coral e criou o canto orfeônico, foi responsável pelas apresentações que atraía multidões, notadamente durante o governo de Vargas, tornando-se o ponto alto das comemorações cívicas, destaca-se também pela organização da educação musical e organização de corais no Brasil.

Orfeônico com seu mestre Villa-Lobos, e retornando ao Piauí, passa a lecionar esta disciplina procurando alcançar seus objetivos de divulgar os cantos folclóricos e criar através dos hinos o sentimento cívico patriótico, e foi ainda capaz de fazer as normalistas piauienses propagarem este sentimento cívico pelos vários grupos escolares espalhados pelo interior do Estado.

A origem de algumas disciplinas<sup>27</sup> escolares ensinadas no Brasil nos remete quase sempre ao início do período varguista - 1930 - momento em que tem início no país a organização de um sistema escolar nacional, pois este era um dos objetivos do recém-formado Ministério da Educação e Saúde.

No pós-1930, tem início a ideia de construção do Estado Nacional, tendo a educação como instrumento de formação e constituição da nacionalidade, o recurso mais lógico será atrelar esse pensamento ao cotidiano escolar, utilizando-se para tanto das disciplinas que facilitassem a construção do sentimento patriótico, como Educação Moral e Cívica, Educação Física, História e Canto Orfeônico, permeando a grade curricular se fundam os aspectos ideológicos quando os setores políticos apresentam um anteprojeto determinando a obrigatoriedade de algumas disciplinas, como aponta Horta:

Durante os trabalhos preparatórios para a Assembléia Nacional Constituinte de 1934, o problema só foi abordado quando a Comissão encarregada da elaboração do anteprojeto incluiu um dispositivo determinando que o ensino cívico, a educação física e o trabalho manual fossem considerados matérias obrigatórias, em todas as escolas primárias, secundárias, profissionais e normais do país. (1994, p. 144).

A ideia da grade curricular, ou seja, das disciplinas que a integravam, era da formação de um todo compacto, as disciplinas consideradas de cunho ideológico tinham relação uma com a outra, voltadas para o objetivo maior que era o doutrinamento das

---

28- O que figura com referência a algumas disciplinas escolares ensinadas é a grade curricular da Escola Normal Oficial no 3º Ano Pedagógico, as seguintes disciplinas: História Natural, Português, Inglês, Matemática (Álgebra e Geometria), História da Civilização, Física e Química, Biologia e Higiene, Desenho, Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, Educação Física e Geografia. No 2º Ano, aparecem as matérias: Português, Francês, Inglês, Geografia do Brasil e Cartografia, História da Civilização, Matemática (Aritmética), História Natural (Estudo Geral), Música, Desenho, Trabalhos Manuais e Educação Física. No 1º Ano as disciplinas eram Português, Francês, Geografia (Estudo Geral), Matemática (Aritmética), História do Piauí, Música, Desenho, Trabalhos Manuais e Educação Física. A partir de 1940, a formação do curso normal contará com mais uma série, o 4º ano, e sua grade curricular era a seguinte: Português (História da Literatura Brasileira), Química, Psicologia Educacional, Higiene Escolar e Noções de Puericultura, Metodologia Geral, Didática, História do Brasil, Música (Canto Coral) e Educação Física. A grade curricular, totalmente inserida nos moldes nacionais, dentre as disciplinas consideradas de cultura geral, apresentava Trabalhos Manuais, Economia Doméstica, Música (canto geral ou canto orfeônico).

crianças e da juventude. Se a Educação Física treinava e modelava os corpos, a História cuidava da mente com a educação cívica e patriótica e o reforço permanente das ideias de unidade nacional, ideias essas que deveriam concretizar o sentimento de pertença. A disciplina do Canto Orfeônico, além de fortalecer o sentimento nacionalista emprestava as vozes treinadas para dar beleza ao que não podia se apresentar como realmente era.

As práticas escolares fornecem elementos que auxiliam na compreensão da história das disciplinas escolares - também cabe aqui uma explicação para “disciplinas” como sendo as matérias, ou conteúdos programáticos, ensinadas em sala de aula; disciplina com o sentido de ordenar, controlar o que é ensinado, o que é legado para cada geração. Por isso elas adquirem novas características, ao longo da história tomaram o formato que aquele momento histórico permitia ou exigia que elas tivessem.

O Canto Orfeônico tem sua origem do canto coral, movimento que pode descender dos coros litúrgicos. Na Alemanha e na França, os cantos corais se organizaram no século XIX, na Alemanha ficou conhecido como Liedertafel, na França recebeu a denominação Órpeon a partir de 1833, talvez como homenagem ao deus da música, Orpheu, da mitologia grega.

O Decreto nº 1.139, de 2 de janeiro de 1931, normatiza as disciplinas escolares e o artigo de número 17 determina que “As aulas de música presidirão o intuito de cultivar o ouvido e o sentimento, procurando-se desenvolver o gosto pelas músicas populares e brasileiras”.

Na sua Mensagem à Assembléia Legislativa, o então interventor Leônidas de Castro Melo, em 1º de junho de 1937, manifesta sua preocupação em adequar o Piauí ao novo modelo em vigor no país, através da contratação de professores do Rio de Janeiro, para preencher as vagas de Canto Orfeônico e de Educação Física. Tal propósito fica evidente quando afirma:

Em atenção à amplitude que deve tomar o ensino de música, importante disciplina, que vem decidir também da atitude individual, a começar da infância, providenciei o contrato de um professor especialmente destinado a esse fim. Solicitei, para isso, ao Sr. Governador do Estado do Rio que fosse posto à disposição do governo do Piauí o encarregado do Serviço do Canto Orpheônico de Niterói, no que fui atendido. Espero mais, manter no edifício da Escola Normal um curso de piano destinado às alunas que mostrarem especial inclinação a esse gênero de estudo. (Fonte: Mensagem Governamental, 1937).

Memória é tempo vivido buscado através de lembranças, vista nas lembranças das professoras Elza Paiva (2002) e Enid Matos (2002), quando revivem o tempo que compartilharam na Escola Normal com a professora de Canto Orfeônico, dona Adalgisa Paiva, marcas que o tempo foi capaz de guardar das aulas de música:

Nós tínhamos professor de música, professora de canto orfeônico. Lembro até da Dona Adalgisa Paiva, muito animada. Eram aulas boas, participativas. Essas aulas levavam os alunos a participarem mais da vida escolar, apresentando números. (Elza Paiva).

A professora Enid Matos, quando a entrevistei contava com 90 anos de idade, dona de uma memória invejável, estar em sua frente parecia que se estava diante de livro com velhas lições de História. Encontrei-a no prédio onde funcionou por muitos anos o Instituto de Educação Antonino Freire, a Escola Normal, disse-me “só falo aqui e com minha filha presente”, como que oficializando e testemunhando sua fala, conhecedora que era da importância de sua história de vida. No entanto, chamou-me atenção o fato de que ela falava sempre de um lugar e com um tom oficial, reservava a si o direito de reconhecer o lugar social que por algum tempo tinha ocupado, quando lhe perguntei algo sobre Getúlio Vargas me referindo a ele como ditador, praticamente fui repreendida, de pronto ela respondeu, me dando uma lição de suas experiências:

[...] Tem muita gente que não gosta de Getúlio Vargas. Mas acontece que Getúlio não foi ditador. Em 1930, ele era Presidente do Rio Grande do Sul, porque nessa época havia quatro presidentes, interessante o que veio governador era Presidente. São Paulo, Minas Gerais por incrível que pareça no Nordeste, a Paraíba, que era João Pessoa. Em 1930 era Presidente da República Washington Luis. Getúlio vem de lá para cá e naquela época eu ainda era jovem, mas ainda assim, tola, tinha o ginásio, sempre me interessei pelas coisas, lia os jornais, porque nesse tempo não tinha televisão, a gente se informava só pela palavra escrita. Em 30 Getúlio assumiu, ele chegou no Rio e deu baixa a Washington Luis e deu 24 horas. Getúlio assumiu como governo provisório, em 33 ele requereu eleições gerais e ele foi candidato venceu as eleições e assumiu definitivamente o governo da República em 34 a 1937. Agora, foi até 1937, teria novamente eleições, ele seria o candidato, mas acontece, interessante isso, eu me lembro bem disso, um emissário para todos os governadores. E nessa época o governador do Piauí era Leônidas de Castro Melo. O rio Parnaíba era uma beleza, não era o que é hoje não, os governadores deixaram o rio morrer, pela primeira vez veio um hidravião..., veio então um emissário de Getúlio, João Batista Lizardo. Dr. Leônidas foi lá e lá naturalmente houve a consulta, porque aí foi instalada, ao invés da eleição, a ditadura, sendo que todos os governadores foram transformados em

interventores, Dr. Leônidas, então ele passou a ser interventor até 1945, quando realmente a ditadura caiu. (Enid Matos, 2002).

Revisitar o passado pelas memórias de alguém é sempre muito delicado, e trazê-lo à tona como metodologia de um trabalho histórico é mais delicado ainda. Apesar deste presente, no ato da entrevista estar recheado de passados, até mesmo o clima que envolve o ambiente remete a tempos idos, não posso esquecer que estou revisitando a vida de uma pessoa, posso levá-la naquele momento a lembranças alegres ou, ainda, a lembranças que a própria pessoa não gostaria de tocá-las, de simplesmente esquecê-las. Felizmente, até agora, não é o que a minha experiência nesta pesquisa tem vivenciado, tenho até o momento me deparado com pessoas que têm aceitado remexer seus “armazéns” de guardados sem demonstrar tristezas, e isso me leva a buscar Bosi (1994), quando se refere à memória geradora e regeneradora, como é a própria memória dos velhos:

Ao lembrar o passado ele (o velho) não está descansando, por um instante das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ela está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. (p.60).

Quando pedi à professora Enid Matos para me falar sobre as disciplinas ensinadas na velha Escola Normal, com a mesma serenidade com que falou do Dr. Leônidas de Castro Mello, então interventor do Piauí, lembrou-se do que era e como era ensinado e assim se remeteu:

As aulas eram regulares, os professores muito competentes. História, Religião, Higiene e Puericultura, com o Dr. Vicente de Carvalho, era médico. E Canto Orfeônico, Dona Adalgisa Paiva e Silva, que ela fez o curso no Conservatório Nacional, ela foi aluna de Vilas Lobo, o maestro chefe-geral do Conservatório. (2002).

A importância da música, enquanto disciplina curricular e propagadora dos ideais do Estado, evidencia-se com a implantação do Canto Orfeônico como obrigatória nas escolas e tinha como principal objetivo promover nos corais criados a execução anual em datas comemorativas tanto do calendário local quanto nacional.

Conforme Contier (1998), a ideia de Villa-Lobos era criar, através da educação, meios de propagar os sentimentos nacionalistas, cívicos e patrióticos, encontrando apoio em Getúlio Vargas que, em 1932 aprovou a adoção oficial da disciplina no ensino público, primeiramente no Distrito Federal, e a criação da Superintendência da Educação Musical e Artística. Tais sentimentos de amor à Pátria, defendidos pelo maestro, só seriam possíveis “quando o Estado possuísse um órgão de censura, que controlasse as músicas que tocassem nas rádios”, defendia a cassação de obras nacionais ou estrangeiras consideradas de “péssima qualidade estética”. Para ele, os objetivos da disciplina eram mais políticos que mesmo pedagógicos, senão vejamos em sua fala:

O sentido disciplinador, implícito no projeto para a oficialização do ensino do canto orfeônico nas escolas, interessava aos educadores e agentes políticos, uma vez que a música poderia trazer as massas à cena política onde os políticos assumiriam o papel de sepultar a República Velha, instaurando, no lugar desta, a República Nova (1930) e o Estado Novo (1937).

[...] dar concerto nas capitais e cidades do interior num momento em que todas as crises social, econômica, política e até mesmo artística – chegam quase ao extremo (...) além de semear o gosto pela música pura, pela verdadeira arte, senão elevadas intenções cívicas e patrióticas (...) para elevar o Brasil no conceito das grandes nações, e talvez quem sabe para despertar o triste letargo de uma raça sonâmbula ...” (apud. CONTIER, 1998, p.35).

A disciplina Canto Orfeônico é tomada como de suma importância para disciplinar e doutrinar seguindo os objetivos do Estado, como se pode perceber pelo discurso do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em 2 de dezembro de 1937:

A propósito da educação moral, não quero deixar de dar uma palavra sobre um dos elementos educativos de mais valor, o Canto Orfeônico, que deverá ser organizado e praticado em todas as escolas do país. As massas orfeônicas que o Governo Federal uma ou outra vez já teve oportunidade de mostrar ao público, constituem espetáculos de grande edificação.

Cumprido dizer, afinal, que o Ministério da Educação e Saúde vem realizando, por meios extra-escolares, notadamente pelas conferências públicas, um programa de educação moral, de alcance considerável. Esse programa, cada vez mais ampliado, prosseguirá. (CAPANEMA, 1939).

No Piauí já existia oficialmente a intenção da implantação do Canto Orfeônico, desde os primeiros anos da década de 1930, figurando como parte da

estrutura curricular do Estado, conforme o Decreto nº 18.890, de 18 de abril de 1932 que:

[...] tornava-se obrigatório o Canto Orfeônico nessas escolas. Atendendo às diretrizes da SEMA (Superintendência da Educação Musical e Artística), segundo as quais a música deveria ser ensinada no sentido de se tornar o principal veículo de propagação do civismo – criaram-se órgãos semelhantes àquele nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Sergipe, Paraíba, Piauí, Ceará, Amazonas, Rio Grande do Norte, Minas Gerais. (CONTIER, 1998, p. 30).

Para Villa-Lobos (apud. CONTIER, 2007):

O elemento educativo destinado a despertar o bom gosto musical, formando elites, concorrendo para o levantamento do nível intelectual do povo e desenvolvendo o interesse pelos efeitos artísticos nacionais. É o melhor fator de educação cívica, moral e artística. O canto orfeônico nas escolas tem como principal finalidade colaborar com os educadores para obter-se a disciplina espontânea dos alunos, despertando, ao mesmo tempo, na mocidade um sã interesse pelas artes em geral. (p. 21)

Sobre a institucionalização da disciplina de Canto Orfeônico, Villa-Lobos (apud. CONTIER, 2007) afirma:

Para não retardar a verdadeira interpretação do papel da música na formação das gerações novas e da necessidade inadiável do levantamento do nível artístico do nosso povo, foi implantado nas escolas municipais do Distrito Federal o ensino de canto orfeônico.  
[...] O ensino do canto orfeônico destina-se a desenvolver no aluno a capacidade de aproveitar a música como meio de renovação e de formação moral, intelectual e cívica. (p. 44)

Para o maestro, o Canto Orfeônico era capaz de quase que sozinho operar verdadeiros milagres, pois além de renovar possuía a missão da formação moral, intelectual e cívica do aluno, uma disciplina acima das outras, com capacidade de agir nos vários aspectos e dimensões da educação, como afirmou durante uma palestra em Praga:

O canto orfeônico, praticado pelas crianças e por elas propagado até os lares, nos dará gerações renovadas por uma bela disciplina da vida social, em benefício do país, cantando e trabalhando, e, ao cantar, devotando-se à Pátria! (apud. Schwartzman, 2000, p.108).

Quando apresentou sua Mensagem Governamental, uma espécie de prestação de contas, para a Assembleia Legislativa, em 1937, o interventor Leônidas de Castro Melo evidencia seus interesses no Canto Orfeônico, embora se possa perceber um descompasso, pois, segundo o próprio governo, esta disciplina “até agora quase descuidada, passe a ter a importância e significação que realmente possui”, uma vez que pelo “Decreto nº 18.890, de 18 de abril de 1932, tornava-se obrigatório o Canto Orfeônico nessas escolas”. Figurando o Piauí como um dos Estados que já atendia as exigências da SEMA (Superintendência da Educação Musical e Artística), o governo busca adequá-la ao modelo nacional:

O Governo do Estado conseguiu da Interventoria de São Paulo, a vinda do competente professor Pedro Aloisi, para reger a cadeira de musica da Escola Normal Oficial. Referido professor vai dando completo desempenho às suas funções e tudo faz crer que a regência de tão importante cadeira, até agora quase descuidada, passe a ter a importância e significação que realmente possui. (Fonte: Mensagem Governamental, 1937).

Da mesma maneira que os conteúdos ensinados são levados para a vida, permanecem na memória de todas as colaboradoras desta pesquisa que estudaram na Escola Normal Oficial, a lembrança da Professora Adalgisa Paiva, como assim se recordou Dona Constância Nogueira Bastos (2008):

[...] Adalgisa era de Canto Orfeônico, depois a dona Adalgisa entrava de licença e vinha uma moça que vinha do Colégio das Irmãs, eu não recordo o nome dela, ela passava pouco tempo, mas a dona Adalgisa é que era... ela era maravilhosa.

[...] Eram umas aulas muito boas animadas, quando era assim perto do dia do professor, do dia do aniversário da Escola Normal, ela fazia aquilo tudo, tinha o Salão de Honra como ela chamava, um piano muito bonito que ela ensaiava [...].

Destacando as reminiscências das ex-alunas da Escola Normal Oficial, quando indagadas sobre o que mais gostavam e o que menos gostavam na escola, a professora Elza Paiva (2002) evidencia, com certa tristeza, parte de suas lembranças em relação às disciplinas estudadas,

O que eu menos gostava era da matéria de História da Educação. Nós tínhamos que decorar um livro enorme. Eu tinha horror, o professor Valdir

Gonçalves [...]. O que eu mais gostava eram das festas, que me encantavam. Eu sempre participava, eu achava engraçado porque muitas coisas eram feitas em frente à escola, ocupava a praça. Era lá que aconteciam as festas, os jogos, as brincadeiras, as ginásticas rítmicas. Eu gostava demais das disciplinas de trabalhos manuais [...]. (2002).

Dentre as disciplinas que auxiliam na construção do sentimento nacionalista, uma delas é História, ensinada neste período e por muito mais tempo a partir de uma visão de um só passado, congregando aí sentimento único, como se não houvesse diversidade cultural, firmando a ideia de unidade nacional, não somente as aulas propriamente ditas serviam para ensinar História, mas também as notícias veiculadas pela imprensa local das festas cívicas, dos desfiles, das inaugurações, das homenagens às autoridades.

O Decreto nº 1.139, de 2 de janeiro de 1931, no seu artigo de número 14 determinava que o ensino pedagógico, nas Escolas Normais, do Estado do Piauí,

[...] o ensino de história não consistirá predominantemente na citação de nomes e datas nem se baseará precipuamente na enumeração de batalhas e conquistas. Nello se focará a evolução progressiva do homem, da animalidade primitiva até a civilização actual, fazendo-se o estudo das principaes descobertas, invenções e ideaes que mais têm contribuído para o progresso e adiantamento moral da humanidade.

Os desfiles funcionavam como pedagogia porque ensinavam a história pátria, ensinavam o que era necessário para fazer o povo acreditar que aquilo era a verdade, até a introjeção e se passasse a defender aquilo que tinha visto e escutado. As ruas eram palcos para a exibição do que a escola havia preparado ao longo dos anos, grande teatro aberto onde a cidade se envolvia, os estudantes, os professores, os militares, as autoridades eram os principais da festa, os outros compareciam para se sentirem parte integrante das comemorações, por ser um dos raros momentos em que eram convidados a participar, uma vez que politicamente estavam sempre excluídos de qualquer participação.

As comemorações iam além dos desfiles estudantis e militares, somando-se aí várias outras atividades, como os hinos que eram cantados, as exibições de educação física, as várias bandeiras, as disputas entre as escolas, a demonstração de aparato militar representando a força do Estado, os discursos das autoridades eram sempre o

coroamento das festividades, era o momento, além do desfile, que dava maior conotação política ao evento e, acima de tudo, com sua significação pedagógica.

Era a História sendo ensinada por uma metodologia de caráter positivista e de inculcação de valores morais e éticos voltados sempre para um passado glorioso, desviando o foco de atenção para o presente que estava sendo vivido.

No jornal Diário Oficial, de 22 de janeiro de 1937, localizo em meio às listas de compras para as escolas de material que seriam usados, como giz, goma-arábica, lápis bicolor, latas de creolina, mata borrão, mapas de todos os continentes, borrachas, caixas de penas “Bayard”, sabonete “Protector”, novelos de barbante grosso, régua de madeira milimetrada, os livros didáticos que seriam comprados pelo governo para as crianças piauienses, livros estes que evidentemente já tinham passado por uma análise e que cabiam perfeitamente nos objetivos propostos pelo Estado através do Ministério da Educação, como por exemplo, “Nossa Pátria” de Rocha Pombo, “Corações de Crianças” de Rita M. Barreto, “Livro de Leitura” de A. Firmino Proença, “Contos Pátrios” e “A Pátria Brasileira” de Olavo Bilac e Coelho Neto, uma pequena mostra dos autores que serviam de apoio aos professores, com conteúdos programáticos voltados para a História do Brasil e eram estudados no período aqui analisado, definindo claramente o perfil doutrinário de então, através dos conteúdos programáticos.

Os livros didáticos cujos títulos são como “Contos Pátrios”, “A Pátria Brasileira” e “Nossa Pátria”, serviam de base para as lições de civismo, de amor e de engrandecimento da Pátria, pelas letras destes poemas, como o que segue abaixo, de Olavo Bilac e Coelho Neto. Compreende-se este processo educacional de jovens e crianças, que desde muito cedo eram preparadas para amar a Pátria, a terra em que nasceu, em que “A Natureza, aqui, perpetuamente em festa”, além da exuberância da própria terra retratada pela natureza, esta “Boa terra! jamais negou a quem trabalha o pão que mata a fome, o teto que agasalha”, ensinava-se às crianças a existência de um lugar sem problemas, onde tudo era festa, ordem e beleza:

#### **A Pátria**

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!  
Criança! não verás nenhum país como este!  
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!  
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.  
 Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,  
 Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!  
 Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande extensão de matas, onde impera  
 Fecunda e luminosa, a eterna primavera!  
 Boa terra! jamais negou a quem trabalha  
 O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e umedece,  
 vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!  
 Criança! não verás país nenhum como este:  
 Imita na grandeza a terra em que nasceste!

Para a construção do nacionalismo no Brasil, o Estado utilizou-se de tudo o que foi possível. Na educação escolar as disciplinas curriculares eram adequadas a estes objetivos, aproveitar-se da tecnologia que nem todos tinham acesso era um meio eficaz, com todo o encanto que o cinema poderia ocasionar, era capaz de trazer, com sutileza, delicadeza e beleza, todo o arcabouço ideológico, portanto, conservador e autoritário, com as peculiaridades de um governo ditatorial, com uma roupagem nova, moderna e de finíssimas telas.

O Presidente da República, Getúlio Vargas, em pronunciamento aos profissionais do cinema nacional, em 1934, afirma:

O cinema será [...] o livro de imagens luminosas, no qual as nossas populações praieiras e rurais aprenderão a amar o Brasil, crescendo a confiança nos destinos da Pátria. Para a massa dos analfabetos, será essa disciplina pedagógica mais perfeita, mais fácil e impressiva. Para os letrados, para os responsáveis pelo êxito da nossa administração, será uma admirável escola. (apud. HORTA, 1994, p.146).

Procurando acompanhar os benefícios que a capital federal e os grandes centros viviam com o desenvolvimento tecnológico, o interventor do Estado do Piauí assim se pronunciou quando da apresentação em sua Mensagem Governamental de 1936:

Registro, aqui, com prazer, a introdução do cinema educativo no Piauí. Julgo desnecessário encarecer-vos a sua influencia como fator de educação. A Diretoria do Ensino sugere que além do aparelho já adquirido para a projeção dos filmes que mensalmente nos vêm, por força do contrato firmado com o

representante da Kodak e da Eastmann Teaching Film, seja comprado também um aparelho de filmagem, pretendendo, assim, divulgar “as crianças das nossas escolas, aspectos de nossa geografia; trechos de nossos rios, serras, vales, cidades e vilas, lugares pitorescos e até mesmo do trabalho piauiense, ignorado ainda hoje, no ambiente escolar. (1936).

Cabe ainda ressaltar que, no período histórico estudado, a disciplina de Educação Física é tal como as demais, repleta de significados, proveniente da ginástica europeia do século XIX, vista então como código de civilidade.

A escola era responsável pela visão de mundo formulada através dos conteúdos trabalhados em sala de aula e, principalmente, pelas preleções carregadas de lições de vida, assim como pela ideia de corpo, através da educação corporal, ou educação física. Desta maneira, na concepção desportiva se insere a disciplina e a submissão às determinações escolares formadora do homem e da mulher, como afirma Carmem Soares (2001),

[...] o corpo – torna-se objeto de constantes cuidados e as pedagogias que sobre ele incidem estão voltadas ora para civiliza-lo, ora para ensina-lo a ser útil e higiênico, ora para sexualizá-lo e erotizá-lo.

[...] a Educação Física, como conteúdo escolar, conquista lugar privilegiado para ensinar modos de olhar e de preferir.

Herdeira de uma tradição científica e política que privilegiada a ordem e a hierarquia desde sua denominação inicial de Ginástica, a hoje chamada foi e é compreendida como um importante modelo de educação corporal que integra o discurso do poder. (p.112-113).

O governo do Estado justifica a necessidade de implantar Educação Física e as práticas de atividades físicas nas escolas públicas piauienses, ao expor a Mensagem ao Legislativo em 1938:

A carta política de 10 de novembro (art.131) obriga, acertada e patrioticamente que haja educação física em todos os estabelecimentos de ensino: primário, secundário ou normal.

No Piauí, cumpre, afirmá-lo, aquele dispositivo constitucional não nos apanhou de surpresa. Na lei de meios para 1937 e 1938 já cogitou o Governo do Estado de resolver o assunto, no que diz respeito, pois que, na referida lei, consta dotação orçamentária destinada ao contrato de um professor de educação física, que, no momento, procuro conseguir entre técnicos especializados. (Fonte: Mensagem Governamental, 1938, p.87).

Neste mesmo ano foi criada a Inspetoria da Educação Física e regulamentado o funcionamento do curso destinado aos portadores de diploma de professores normalistas ou certificados de conclusão de estudos secundários e o Decreto nº 237, de 17 de junho de 1939, que normatizou a disciplina Educação Física, estabelecendo as instruções ao funcionamento das aulas, nos estabelecimentos de ensino primário:

De ordem do Sr. Diretor deste Departamento de Ensino, torno público para conhecimento dos interessados, que, de 1º a 20 de fevereiro vindouro, acham-se abertas nesta Diretoria, as inscrições à matrícula no Curso Especial de Educação Física.

De conformidade com as instruções em vigor, deverão os interessados satisfazer as seguintes exigências:

- a) ser diplomado como professor normalista ou possuir certificado de aprovação no Curso Secundário, por estabelecimento de ensino oficial ou oficializado;
- b) ter mais de 16 e menos de 30 anos de idade, contados até a data da matrícula;
- c) ter excelente e ótima robustez física, comprovada em rigorosa inspeção de saúde.

Para marcar bem o significado deste Curso Especial de Educação Física, o governo do Estado torna o momento de seu lançamento em festa, conforme noticiou o Diário Oficial de 5 de abril de 1939:

Constituiu uma brilhante solenidade a instalação, na manhã de sábado último, do curso de educação física, anexo ao Departamento de Ensino, tendo comparecido ao salão principal da Escola Normal Oficial os professores da capital e crescido o número de estudantes, previamente convidados para a cerimônia. Precisamente às 10 horas chegou àquele edifício, acompanhado de seus auxiliares de administração, o Exmº. Sr. Dr. Leônidas de Castro Melo, Interventor Federal no Piauí, sendo recebido à porta pelo Sr. Dr. Anísio Brito, Diretor do Departamento de Ensino e Senhora Maria de Lourdes do Rêgo, Diretora da Escola Normal Oficial. [...] Referiu-se ao empenho desenvolvido pelo governo para dotar a instrução pública do Estado de um curso de educação física, com o qual se vinha de preencher uma necessidade cultural vivamente reclamada, congratulando-se, a seguir, com o Sr. Diretor do Departamento e demais professores presentes pela aquisição de um profissional especializado. [...].

O profissional especializado ao qual se referiu o Interventor era o professor Manoel Carvalho de Anchieta, do Estado do Espírito Santo, a quem foi confiada a missão de organização do Serviço de Educação Física no Piauí e que em seu discurso no dia da instalação do curso de Educação Física assim se pronunciou:

[...] A criação da Inspeção de Educação Física nesta unidade da Federação é um feito de projeção nacional. Reflete sabiamente a nova e sã política brasileira, a orientação firme, segura e patriótica, que vem S. Excia o Sr. Dr. Getúlio Vargas, eminente Chefe da Nação imprimindo aos magnos problemas que dizem respeito à nossa nacionalidade. Não se restringe ao rincão piauiense. Todos nós do sul, muitos nos regozijamos com semelhante iniciativa. [...] Todos vós bem conheceis das vantagens enormes oriundas da educação física. Harmonizando cérebros e corações, como peças necessárias, ao funcionamento vital, contribuindo para a construção de um tipo racial perfeito sobre os alicerces científicos do progresso hodierno é sobre esta base que repousa a grandeza deste imenso Brasil. [...] Proporcionemos à nossa mocidade, pelo cultivo equilibrado de suas faculdades, a satisfação imensa de viver acompanhada de uma inclinação espontânea para o bom, para o belo, o verdadeiro, o útil, o grande, que tanto dignificam e engrandecem a personalidade. Seja pois o nosso lema – Ser integralmente forte, forte de corpo e de espírito, para fazer o Brasil forte. (Fonte: Diário Oficial, nº 77, 5/abril/1939, p.1).

O encerramento desta festa foi feito em grande estilo com o discurso do acadêmico Aluizio Ribeiro da Silva, integrante da equipe de Educação Física, caracterizando o pensamento de parcela da juventude brasileira, sobre a qual o Estado Novo não mediu esforço para pôr em prática suas políticas de controle:

[...] Não é de hoje que as outras nações civilizadas, como os Estados Unidos, a Alemanha, a Itália, a Hungria, o Japão, Portugal etc., só concebem a educação sob o tríplice: moral, físico e intelectual. Enquanto por muito tempo, os moços aqui vivíamos, uma vida de sedentariedade, encerrados em uma sala de aulas a preocuparmo-nos somente com o cérebro, a juventude de outras partes, sem esquecer esse míster, procurava também o sol vivificante, o contato mais íntimo com todos os atrativos da natureza para o culto da forma em relação harmônica com os progressos da inteligência. Que belo espetáculo nos oferecem, por exemplo, as competições atléticas das universidades estadunidenses, que empolgam o mundo inteiro! E a disciplina impecável dos “balilas” italianos, constituindo o orgulho da juventude fascista! Na pátria de Hitler a educação integral é uma realidade palpante. (Fonte: Diário Oficial, nº 77, 5/abril/1939, p.3).

#### **1.4 Artesania dos corpos**

As práticas educativas elaboradas e reelaboradas como saberes, justificados anteriormente com a disciplina de Educação Física imposta e regulamentada por leis e

decretos, buscam promover o controle dos corpos dos alunos por meio de normas tidas como legítimas da ação educativa, desde a maneira e o melhor lugar para sentar na cadeira e o lugar certo na sala de aula.

Era o treinamento dos corpos para o engrandecimento do Estado, coroando a educação cívica por meio de comemorações e festas, que referendam “as tradições inventadas” (Hobsbawm, 1997).

Procedimentos e estratégias foram criados para justificar uma educação conformadora e moralizante, onde o que se levava para a avaliação escolar eram as ações moralizadoras, muito mais do que as ciências ali ensinadas e um aluno poderia ser considerado bom, com rendimento excelente, pelo comportamento adequado às normas da escola.

Os disciplinamentos em toda e qualquer instância, na fábrica, na prisão ou na escola encaminham suas estratégias e procedimentos para o controle. O exercício do poder, pelo olhar foucaultiano, é enxergado nas técnicas, em procedimentos, no gestual e além de tudo nos saberes trazidos pelas mãos da educação.

A educação modelando e controlando o corpo, manipulando como cada um se comporta e ver o mundo e, neste sentido, Foucault (1987, p. 138), reforça “Na essência de todos os sentidos disciplinares funciona um pequeno mecanismo penal. E beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça com suas leis próprias [...]”.

A escola piauiense criou condições ao funcionamento normatizado, por leis e decretos, para cumprir as exigências que o governo federal determinava, utilizando, além da grade curricular, locais e materiais adequados e cuidando, ainda, da formação de seus professores, como assim o fez, segundo o próprio governo, com a capacitação dos professores de Educação Física<sup>28</sup>, sempre requisitados para apresentações nas comemorações cívicas, para exibição dos alunos com seus corpos bem treinados e adequados ao que propunham as políticas de então, procurando atender as prerrogativas da raça forte, disciplinada e sadia, servindo como amostragem “as provas de ginástica” apresentadas pelos estudantes, como mostra a fotografia abaixo na festa de aniversário do Liceu Piauiense:

---

<sup>28</sup> A capacitação dos professores de Educação Física se tornou possível através do Decreto nº 237, de 17 de junho de 1939, que normatizou esta disciplina.

[...] Terminado o desfile, foi executada sob direção do professor Benjamin Soares, uma bela prova de educação física onde estavam presentes representantes de todos os nossos estabelecimentos secundários. Foi apresentado, também, um interessante número de ginástica decorativa, por um Grupo de alunos do Liceu Piauiense [...]. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 222, 6/outubro/1941, p.1).



Foto nº 07. Apresentação de ginástica por alunos do Liceu Piauiense. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 222, 6/10/1941, p.1).

Os usos e práticas são confirmadas pela reelaboração de artimanhas para cada vez mais adequar os corpos aos espaços criados com tal finalidade, haja vista os modelos de escolas e de grupos escolares com padronização arquitetural voltada para o controle e vigilância do indivíduo.

O corpo e a visão passam por modificações até a adequação das determinações exigidas, onde quer que haja imposições, na fábrica, na prisão ou na escola, até a aceitação ou naturalização. A educação chama para si a responsabilidade de construir uma memória cívica, adotando desde a grade curricular, disciplinas como educação moral e cívica, educação física e canto orfeônico, tendo como guias deste tripé cidadãos de corpos bem treinados devotando e louvando os heróis do Estado.

A rítmica cadenciada adquirida ao longo de anos de treinos, como adequação dos corpos planejados através dos mecanismos de controle, visa ao automatismo da percepção e do corpo. A disciplina treina os corpos por meio de pequeníssimos poderes, como os fios invisíveis do ventríloquo, para torná-los amáveis,

dóceis e aptos para serem utilizados e manipulados, como bonecos e, quando necessário, punidos.

O poder disciplinar é, antes de mais nada e principalmente, um tipo de poder que, mais do que se apropriar e retirar dos sujeitos tudo o que eles trazem de particular, tem como objetivo maior adestrar para daí retirar e se apropriar, significando não mais uma apropriação indevida; apropriar deste modo ganha o sentido de torná-lo seu.

A política adotada, no final do século XVIII, para artesanaria dos corpos, o barro que ganha plasticidade nas mãos do hábil artesão, merece destaque no que Foucault (1977, p.136) considera como biopoder, “uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações” com um significado de poder que domina a própria forma de vida.

A escola se imbuí de um certo poder em meados do século XVIII, criando as salas de aulas homogêneas, organizando os alunos em filas, controlados pelo olhar vigilante do mestre. Impondo lugares individuais, buscando desta maneira controlar cada um e a todos. Transformando a escola numa espécie de oficina de gente, de onde se sai “fôrmado” (com o acento circunflexo mesmo!). Numa oficina onde todos são vigiados.

O poder nasce nos mais ermos e periféricos locais, nos monturos e no lodo, na ação controladora do espaço da sala. Podemos mesmo apontar uma cultura escolar que começa a formatar um padrão de organização na escola, ainda nos apoiando na perspectiva foucaultiana, que aponta o que assim descreve:

[...] filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios, colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente (FOUCAULT, 1988, p. 127).

O século XVIII apodera-se de tal forma destes mecanismos para criar rituais em que a simbologia de maior ênfase é a morte, como rito de passagem que inaugura a chegada a outro mundo, a dinâmica do tempo cuida das modificações próprias de cada momento, o culto de sagração de morte sai de cena para dar vez à vida, e é neste sentido que se compreende o biopoder, cujo significado mais adequado é de poder sobre a vida.

A escola organiza-se para efetivar mecanismos disciplinares e mecanismos reguladores, os primeiros cuidam mais diretamente de tornar o corpo individual como corpo múltiplo, como massa homogênea, uma medusa desprovida de seus poderes venenosos e os segundos cuidam de garantir poder sobre a população, como um “[...] aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido [...]” (Foucault, 1977, p. 146).

A modelagem dos corpos deixa poucos vestígios nas mãos destes artesãos, a sutileza do agir da maquinaria escolar produz artefatos quase perfeitos, salvo alguns em que o artesão perdeu o controle do seu “torno”<sup>29</sup>. Feita a peça, é necessário dar visibilidade, torná-la espetáculo, espetacularizar os corpos criados através de uma dada rítmica ou cadência.

Seguindo por este mesmo prisma analítico, o disciplinamento dos corpos só se efetivará com uma permanente vigilância, para não perder o compasso do antes ensaiado e orquestrado, seja pelos cantos de louvor ou pelas marchas cívicas, visando o controle de todos e a organização de uma rede disciplinar.

Em suas análises, Foucault (1987) atenta para as mais variadas formas de controle social, perceptíveis com as transformações econômicas, políticas e culturais sofridas com o advento da modernidade, que se somaram mais tarde às novas práticas culturais e escolares, adequando o corpo às novas exigências institucionais de aprimorar o corpo para render os melhores resultados, em qualquer espaço por ele ocupado, e na escola apresentar sempre lugar de destaque desejado por todos. Buscando compreender - o como do poder -, objetivando decifrar os mecanismos do poder que tecem os limites impostos nos discursos de verdade construídos nas relações fechadas idealizadas enquanto direito do mestre que ensina algo a alguém.

Os dispositivos disciplinares trazidos para a análise na educação resumem-se nos procedimentos de ensinar a ver e de como se comportar no mundo, e uma das

---

30 - Instrumento de trabalho do ceramista tão antigo quanto a própria arte com cerâmica, para a Arqueologia este instrumento possui aproximadamente 3.000 anos, o termo foi aqui utilizado como uma metáfora, para melhor caracterizar bem a modelagem dos corpos com os disciplinamentos escolares, no entanto da mesma forma, que uma peça torneada apresenta algumas características que fogem às habilidosas mãos do artesão, os ensinamentos de sala de aula nem todos seguem piamente.

formas de modelar o comportamento era através dos uniformes escolares, como o exposto abaixo, pela Portaria nº 1 do Liceu Piauiense, de 9 de julho de 1930,

[...] levo ao conhecimento das alunas matriculadas [...] que o uniforme a ser usado será o seguinte: - blusa de palha de seda creme com gola e peitilho e mangas compridas até a base da mão, saia da mesma fazenda, descendo dois centímetros abaixo do joelho, plissada nos lados, chapéu de palha de abas largas com faixa creme e sapatos pretos e meias creme.

Retomando as lembranças de nossas entrevistadas que, na condição de quem conviveu neste espaço da escola Normal Oficial, indicam a dimensão simbólica, onde o uniforme escolar era também um dos vários tipos de disciplinamentos, porque impõe as condutas e normas consideradas adequadas, controlando os corpos das alunas, mas que não impediu que reclamassem, por exemplo, dos modelos de fardamentos impostos, explicitada aqui pelas professoras Elza Paiva (2002) e Hilma Mendes dos Reis (2002), respectivamente:

Foram vários modelos, mas teve um tempo que usamos meias pretas, saia plissada azul marinho. Reclamávamos, das meias pretas, e algum tempo depois foram trocadas por meias soquete. Mas ainda usamos muito tempo meias pretas e mangas compridas. Era inadequado para o clima. Mas todo mundo aceitava. Não havia atitude de revolta. Nós reclamávamos por causa do calor, mas nunca com atitudes drásticas. Talvez em reuniões da Escola isso tenha sido discutido e foram trocadas pelas meias soquetes. (Elza Paiva).

Quando entrei a farda era quente, de mangas compridas e saia justa, ninguém gostava. O sapato era preto e as meias eram pretas, e num lugar quente como Teresina, nós reclamávamos muito, mas depois melhorou. (Hilma Mendes dos Reis).

O sentido do disciplinamento no menor gesto de uma criança lembrado aqui por Francisca Almeida (2002), que consegue resumir em suas palavras alguns castigos pelos quais passavam os alunos em Teresina, “[...] naquele tempo o mais comum era ficar ajoelhada sobre os grãos de milho [...]”, ou ainda, o que caracterizava bem a criança que não era considerada inteligente, às vezes por um pequeno deslize nas lições diante de todos os colegas de sala de aula, “[...] E quando não sabia a lição ficava em pé diante da turma com o livro na cabeça. [...]”, conforme o relato abaixo:

Todas nós estudávamos no mesmo colégio, o Barão de Gurguéia que ficava na Praça Saraiva. Estudei do 1º ao 4º primário, depois prestei o exame de admissão e fiz a 5ª série do Ginásio. Parei de estudar porque meus pais ficaram doentes e eu precisei trabalhar para cuidar deles. Na escola eu também era levada. Minhas professoras foram dona Dagmar, dona Hilda e dona Olga, a diretora da escola. Ela tinha o cabelo avermelhado, não sei se era natural ou pintado, um dia ela me castigou porque chamei-a de cabelo de fogo, não me lembro qual foi o castigo, só sei que naquele tempo o mais comum era ficar ajoelhada sobre os grãos de milho ou ... E quando não sabia a lição ficava em pé diante da turma com o livro na cabeça. Não passei por isso, mas naquela época era uma prática comum em muitas escolas de Teresina.

O Estado, no período aqui recortado para análise, se imbuíu de várias responsabilidades no intuito de controlar a todos, no discurso proferido no dia 2 de dezembro de 1937, na solenidade de comemoração do centenário de fundação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, o presidente Getúlio Vargas deixa muito clara quais as intenções do Estado implantado em 1930, conforme afirmações abaixo:

Precisamos reagir em tempo, contra a indiferença pelos princípios morais, contra os hábitos do intelectualismo ocioso e parasitário, contra as tendências desagregadoras, infiltradas pelas variadas formas nas inteligências moças, responsáveis pelo futuro da Nação; precisamos, com maior urgência, dar sentido claro, diretrizes construtoras e regras uniformes à política educacional, o mais poderoso instrumento a utilizar no fortalecimento da nossa estrutura moral e econômica.

Dentro dessa orientação se vem processando, precisamente, desde 1930, a atividade governamental.

Cuidou-se de ampliar as possibilidades do Estado em todos os graus da instrução e ramos do Ensino. Houve sempre o propósito deliberado de realizar obra duradoura, na convicção de que educar não é apenas transmitir conhecimentos ou conferir diplomas de capacidade intelectual. O processo educativo mais adequado às nossas condições sociais é o que consiste na preparação equilibrada do espírito e do corpo, transformando cada brasileiro em fator consciente e entusiasta do engrandecimento pátrio.

Procurando o foco para não me perder no caminho traçado sobre o disciplinamento dos corpos, como lição de sala de aula e exposto na rua nos desfiles cívicos, destaco que

dar visibilidade ou imprimir notoriedade é mostrar-se ao mundo, apresentando o que já é “tornado”<sup>30</sup>, o que ganha vida pelas habilidades do artesão que o elaborou, o que já é disciplinado.

Os espetáculos cívicos geralmente têm a cidade como palco onde atores e espectadores somam-se apresentando um único enredo, sensibilidades irmanadas, dando notoriedade ao que foi pensado e ensaiado, dando a ver a aquilo que no momento lhe é mais caro, conforme Pesavento (2007, p.14):

A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam *na e por causa* da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em *lugar*, ou seja, portador de um significado e de uma memória [...] (2007).

O cotidiano é alterado com os espetáculos, que mudam a vida de quase todos os habitantes, os que direta ou indiretamente estão envolvidos com os desfiles. O dia antes da apresentação do espetáculo cívico já dá sinais de mudanças, monta-se o palanque para as autoridades, há um embelezamento, às vezes maquiagem/cenário das ruas da cidade, cria-se um burburinho efêmero em torno do que será vivido.

A cidade imaginária se apresenta como protagonista por meios de práticas educativas, reafirmando o fim último, guardando de fundo o caráter teleológico dos rituais públicos. O tempo sofre alterações para dar lugar ao que será vivido. O esperado: a festa, os rituais e a cadência rítmica.

Cria-se uma cidade imaginária, é outra cidade, arrumada, preparada para o momento, quando o clima festivo toma conta de todos, o colorido é intenso, como também a ansiedade dos professores que cuidaram mais diretamente da organização da festa, para que tudo saia de acordo com seu script, a cidade-palco transformada em cenário deixa de ser aquela que os olhos já estavam acostumados.

A festa, o espetáculo público, para construir e sempre rememorar as datas simbólicas, com função de sacralizar a memória nacional, a “memória coletiva”, a memória analisada por Hallbawachs (1990) como aquela construída pela oficialidade.

A cidade fica mais bonita, é o cenário onde tudo será redimensionado, terá maior visibilidade. Visibilidade necessária para realçar a pluralidade de significados da comemoração, um ritual quase religioso em que, cada elemento que a compõe tem o seu

---

<sup>30</sup> Tornado no sentido daquele ou daquilo que foi feito no torno, tomando a referência anterior (nº27), ou seja, elaborado pelo artesão, neste caso, pelo professor na condição de representante dos objetivos do Estado.

lugar definido e sentido próprio, cada pelotão<sup>31</sup> e uniformes ali apresentados são como uma lente que ampliará o olhar sobre a educação para a construção da memória e da unidade nacional, rememorando os tempos idos dos heróis longínquos, dando concretude ao fazer histórico, como tarefa escolar, que se leva para casa todos os dias.

A professora Maria do Socorro Almendra de Carvalho, colaboradora desta pesquisa, reconstruiu a experiência deste tempo festivo retomando detalhes significativos para a compreensão histórica na construção da memória cívica piauiense:

[...] o aluno era muito bonito, dava mesmo as aparências, a gente achava, ficava empolgada, preparava e a gente preparou ele como D. Pedro, ouviu e, a roupa .... os pais tinham muita boa vontade de preparar os filhos que eram escolhidos prá esses desfiles e o jipe também, a gente preparou, contornava o jipe com uma fazenda adequada e era um carro alegórico mesmo muito bonito, preparado com muito requinte, na época que a gente não tinha, hoje em dia você vê as televisão, copia muita coisa, a gente tinha livros que a gente pesquisava e fazia. (2009).

Cria-se uma ordem cívica, uma nova estética carregada de simbologia e uma aparente vontade da escola de representar esta estética modelando e remodelando os corpos nos vários “atos” vividos, reatualizando a ideia política de unidade nacional, pintando de carvão na maioria das vezes uma criança para encenar o negro, outra de vermelho, figurando com “tanga e cocar” o nati-índio, e a mais bela criança, que de tão branca não precisa ser pintada, para completar a tão propagada miscigenação das três raças e das três cores. Como nos mostra, Catroga (2005, p. 47):

[...] em todo o rito, movimentam oficiantes e participantes, pondo em cena, num tempo e num espaço revestidos de alguma sacralidade cívica, um espectáculo que, como alternativa ao caos, simboliza a ordem ideal e o sentido da História que nele se procura legitimar. [...] também integram os participantes e os espectadores através de desfiles e de efeitos visuais, em ordem a captarem uma maior adesão popular possível.

Nesta mesma perspectiva, o desfile prossegue a cada instante dando lugar a um novo herói, passando à nossa vista ou revista carros alegóricos com um Pedro I, um Tiradentes, um Duque de Caxias, transformando este instante imaginário, parte de uma

---

<sup>31</sup> Pelotão, expressão que designa cada uma das três partes de companhia de soldados, adotada na organização dos estudantes para o desfile escolar.

mesma temporalidade histórica, enlouquecendo os relógios do tempo, onde o passado se encontra com o presente, conforme anuncia Catroga (2005, 37):

[...] as comemorações tinham por finalidade representificar o passado, silenciando o facto de a sua evocação ser selectiva, processo mediante o qual o presente paga aos defuntos ilustres a sua dívida de reconhecimento [...] a mobilização da memória dos mortos era decisiva para a solidificação dos elos sociais entre os vivos [...].

Uma festa à brasileira, promovida pelo poder público, conforme Del Priore (1994) que ganhou aqui características próprias e é ao mesmo tempo demonstração da autoridade do Estado e da escola, apresentando a total submissão da segunda ao primeiro. A hierarquização social e os lugares sociais que na festa se demonstram, em que se deixa evidenciar o quanto o imaginário coletivo é manipulado, em que se cria a ideia de participação de todos, de igualdade fraternal, momento sem igual em que todas as diferenças desaparecem, pelo menos enquanto dura a festa.

A cidade transformada é obra coletiva, é beleza sem tamanho, é harmonia, é de todas as cores, é alma de seu povo educado e preparado para o espetáculo, para assim se mostrar, como representação coletiva da “cadência bonita” da marcha cívica criadora de heróis, de grandes homens edificados e edificantes, é construtora de memórias, na compreensão de Pollak (1992, p. 209):

[...] a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Múltiplos elementos se somam para edificação da memória cívica, dentre eles elencamos o Estado, a educação, os rituais e a historiografia, manipulando cuidadosamente esta memória multifacetada, apresentando-se às vezes como individual, outras como coletiva. Sem aqui entrar nos embates entre Pollak e Hallbawachs, de memória individual ou coletiva, para melhor esclarecer tais divergências, adoto como uma possibilidade de análise neste momento o conceito de memória cívica de Fernando Catroga (2000), que a percebe como um tipo de memória social que não tem as peculiaridades de uma memória individual ou mesmo afetiva, mas que, irmanada aos

elementos que a edificam, busca seu caráter simbólico para sempre se impor como presente no jogo de presentificação e sacralização do passado.

A grandiosidade do lugar assumido pela escola, com tamanha força que mexe e remexe na vida de todos e de cada um, altera o cotidiano, torna uma cidade palco para um espetáculo, transforma uma população em plateia, transforma o menino brasileiro em negro africano, em europeu e em índio, junta num mesmo tempo histórico D. Pedro, Tiradentes e Duque de Caxias, ou seja, transforma diferentes tempos históricos em um. Que força magnífica é esta, que é capaz de alterar inclusive o sentido dos ponteiros dos relógios? Será magia ou poder?

## CAPITULO 2 – O DESCORTINAR DAS FESTAS PIAUIENSES OU A MONTAGEM DO CALENDÁRIO CÍVICO

Este parece ter sido um tempo festivo, e “é importante ressaltar que este tipo de aproximação entre poder público e povo não era um fato isolado” (GOMES, 1988, p 128). Motivo não faltava para inaugurar com festas, fosse o simples calçamento de uma rua, um hospital, mercado, praça ou um grupo escolar, o ato de entrega era transformado em algo bem maior, como quem faz um donativo e não uma obrigação, transformando o sentido político de administrar, para tornar mais visível o feito dos homens que dirigiam o Estado, deixando suas marcas com variadas intenções, como continuar no poder, ficar para a posteridade para não ser esquecido com o passar do tempo e, principalmente, não ser esquecido pela História. Desta maneira, a festa redimensiona o caráter do que antes apenas era um ato inaugural.

Tempo festivo pelas várias comemorações cívicas, pelas inaugurações e também pela expansão dos prédios escolares, quando cada nova entrega de mais uma escola era transformada em festa, conforme Lopes (2006, p.4366):

No Piauí, foi especialmente com o advento das escolas reunidas e dos grupos escolares que a rotina de festas se expandiu e se consolidou. Em que pese as multiplicidades de usos, intencionalidades e sentidos existentes nas festas, estas eram utilizadas pelas escolas reunidas e grupos escolares, especialmente, para tornar mais visível sua ação pedagógica no contexto escolar, demarcando sua posição de importante inovação no aparato existente. Reunião e movimentação de um número significativo de alunos, as festas escolares demarcavam mobilidade e status das escolas na cidade.

Com uma pluralidade de intenções desde as políticas até as mais simples que passam quase despercebidas, ou aquelas que são fáceis de serem notadas, como a beleza, a higiene das ruas, a circulação de pessoas pelas ruas, uma verdadeira tomada das ruas por essas pessoas, gente de todos os lugares e de todos os lugares sociais, os que são diretamente convidados para a festa ou as pessoas tidas como “comuns” e são chamadas de “povo em geral”, procurava-se atingi-los de alguma forma, como que os inserindo naquelas comemorações, principalmente através dos discursos políticos, criando um imaginário de participação das medidas políticas que tinham a ver com as “coisas” daquele lugar.

Inaugurar traz o sentido de consagração, de abrir ou expor ao público, era esta a intenção do Estado quando a cada momento de entrega, após a construção de uma obra pública, tudo era feito em grande estilo, com a representação da entrega, como quem faz uma doação.

Perpassam por todo o período analisado as festas inaugurais, no entanto, o foco maior nesta análise será para as inaugurações dos prédios escolares, por dois motivos, primeiro porque a construção de um prédio escolar deste porte tem a simbologia de modernidade, no sentido da expansão da educação, mudando a cultura local e na maioria das vezes criando uma cultura escolar, segundo porque a entrega festiva de uma obra pública altera consideravelmente o cotidiano local neste dia.

Inaugurar guarda de certa forma o significado da delimitação e preparação dos espaços, por este aspecto houve neste período uma ambientação ou, dizendo melhor, uma preparação do terreno para a Era Vargas ou mais especificamente para o Estado Novo. As festas de inauguração dos retratos dos Chefes de Estado, Getúlio Vargas e Leônidas de Castro Melo, contavam geralmente com a presença das autoridades políticas, militares, religiosas, dos estudantes e professores, com hasteamento de bandeiras e canto do Hino Nacional, tornando-se quase comum este ato nas repartições públicas e nos vários grupos escolares, tanto na capital como no interior do Estado do Piauí, como o que a seguir apresento.

## **2.1 Inaugurando retratos e construindo a imagem do Chefe da Nação**

As inaugurações das coisas públicas são tratadas aqui como festas, em que analiso, além das dos prédios escolares, “as inaugurações dos retratos” e da Ponte Metálica “João Luis Ferreira”, ponte sobre o rio Parnaíba, que une os estados do Piauí e do Maranhão, festa ocorrida no sábado, 02 de dezembro de 1939, mas noticiada e preparada com antecedência, assim como algumas autoridades que chegavam a Teresina com vários dias antes do evento. O Diário Oficial de 29 de novembro assim afirma: “À tarde os eminentes hóspedes do Piauí percorrerão os principais pontos da cidade, visitando o Liceu Piauiense, a Escola Normal Oficial”, constituindo-se interessante experiência daquele momento quando os grupos escolares eram “palácios escolares” (Veiga, 2000), cumprindo parte da programação cuidadosamente elaborada, pois ainda de acordo com o mesmo jornal:

Para execução integral do programa foram nomeadas diversas comissões, que já entraram em atividade, de forma a não se registrar, em sua prestes execução, a menor deficiência.

O governo do Estado tendo em consideração a magnitude da obra a ser entregue, oficialmente, à servidão pública, obra ligada a outras realizações, que se levam a efeito, ao tempo, por aí afora, elevando o nível econômico e, sobretudo salientando sempre e sempre o gigantesco plano do Presidente Getúlio Vargas, em plena execução, em todo nordeste brasileiro, e ainda desejando dar à solenidade de sábado maior amplitude e brilhantismo, resolveu fechar o expediente nas repartições estaduais e municipais, naquele dia, convidando para a solenidade os honrados servidores do Estado e do município, bem como, e de modo especial, às classes trabalhistas, os estudantes dos cursos secundário e superior, [...] a sociedade da capital e o povo pois todos precisam tomar parte, com civismo, de uma cerimônia que consubstancia, nos seus objetivos atingidos, os anseios de duas coletividades [...]. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 291, 29/novembro/1939, p.1).

Das imagens que o tempo guardou deste importante evento, estas duas caracterizam melhor o significado desta festa para os piauienses e maranhenses: a foto nº 08 apresenta “a chegada das autoridades ao local da solenidade da inauguração da ponte”, além de Leônidas de Castro Melo e Paulo Ramos, interventores dos Estados do Piauí e do Maranhão, respectivamente, vê-se também o representante do Ministro da Viação e o Diretor da Estrada de Ferro São Luis-Teresina, em menor perspectiva, caracterizando bem o lugar social que estes ocupavam, aparecem ainda os militares e as pessoas comuns, representando uma festa tipicamente nordestina em que as bandeiras delimitam este espaço; na foto nº 09 percebe-se claramente, além das autoridades, a banda de música, que tinha presença obrigatória em todos estes eventos

e a presença de mulheres e crianças na comemoração. Pôde-se notar que durante todo o período analisado e em todas as manifestações cívicas, o presidente Vargas foi aclamado, homenageado, como nos faz lembrar, na imagem abaixo, uma faixa ao fundo com a frase “Salve Presidente Vargas”, parece que servindo de proteção a quem ali se encontrava.



Foto nº 08. Inauguração da Ponte Metálica “João Luis Ferreira”. Fonte: Diário Oficial, nº 295, 2/dezembro/1939, p.2).



Foto nº 09. Inauguração da Ponte Metálica “João Luis Ferreira”. Fonte: Diário Oficial, nº 295, 2/dezembro/1939, p.2).

Definindo mais claramente o momento histórico, apresento também o mais singular dos eventos que serão analisados: as várias inaugurações dos retratos, que eram amplamente noticiadas nos periódicos locais e que aconteciam em todo o Estado, como os exemplos que seguem:

#### Inauguração dos Retratos

No dia 15 deste, em sessão solene que dava o Prefeito<sup>32</sup>, Sr. Dr. Raimundo Lustosa Nogueira, por este foi dito, em traços resumidos, mas claros e precisos, o que foram e que estão sendo os vultos, cujos retratos iam ser inaugurados no salão nobre daquela Prefeitura. Seriam estes os do Marquês de Paranaguá, Barão de Paraim, Des. Cons. José Mariano Lustosa do Amaral, filhos do município, e Presidente Getulio Vargas – o maior dos vultos da atualidade. Sendo facultada a palavra aos presentes, foi dito pela professora publica sr<sup>a</sup> Antonia Lustosa Nogueira que vinha associar-se àquela festa altamente significativa trazendo seus discípulos que, depois de recitarem poesias análogas ao ato entoariam o Hino Nacional. (Fonte: Diário Oficial, nº 20, 24/ janeiro/1939, p.5).

<sup>32</sup> Parnaguá, município situado no sul do Estado contava nos anos de 1940 com uma população de pouco mais de 8.500 habitantes. Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1943.

Pela notícia acima pode-se perceber a participação da escola, com toda a sua representação nos eventos criados pelo Estado, em que o jornal local enfatiza que “a professora pública [...] vinha associar-se àquela festa altamente significativa trazendo seus discípulos que, depois de recitarem poesias análogas ao ato entoariam o Hino Nacional”. Era a educação legitimando esses atos e modelando os hábitos, o gosto pelos deveres cívicos.

Além de Parnaguá, de acordo com a notícia acima, outras cidades do Piauí e repartições públicas da capital piauiense inauguraram os retratos dos homens que a História construiu como heróis, impondo, através da imagem concreta do retrato, a presença permanente daqueles que fariam parte da vida e do cotidiano de cada um, na escola, no trabalho e em todos os lugares, marcando sua onipresença como um quase deus que não poderia jamais ser esquecido, nas mais distantes escolas primárias, singular, mista, rural ou grupo escolar eram repetidos os rituais da construção e da sagração do Chefe da Nação, como o que abaixo pode ser constatado:

[...] em Nazária, próspero povoado do município desta capital, soubemos haver sido inaugurado ali, condignamente, no dia 9 de agosto passado, às 10 e ½ horas da manhã, a efigie do Sr. Presidente da República, Sr. Getúlio Vargas, a exemplo do que vem fazendo todas as Prefeituras e Agências Municipais do país, além do grande número de empresas particulares. A solenidade foi assistida pelas figuras mais representativas do povoado e grande massa popular [...] Ao ser descerrado o retrato do eminente Chefe da Nação, então envolto pela Bandeira Brasileira, foi cantado o Hino Nacional, pelos alunos da Escola Singular Mista de Nazaria, dirigidos pela professora Maria do Socorro Alcântara. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 202, 10/setembro/1938, p.1).

Seguindo as determinações de que em todas as prefeituras, agências municipais e empresas particulares, as inaugurações dos retratos passaram a fazer parte do cotidiano das cidades e repartições públicas, como ocorreu na Prefeitura Municipal de Boa Esperança, (atual Esperantina), Buriti dos Lopes, Diretoria do Departamento do Ensino do Piauí, nos municípios de São Raimundo Nonato, Parnaíba e São João do Piauí e na Inspeção do Serviço de Defesa Sanitária Animal em Teresina,

[...] Revestiu-se a cerimônia de toda essa expressiva solenidade que tem constituído, em atos idênticos, a mais palpitante demonstração do inconfundível apreço, em que é tido pelo Brasil inteiro, o estadista emérito

que lhe vem orientando a vida pública e lhe aplaina caminho para romaria impetuosa do Futuro. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 189, 24/agosto/1938, p.12).

As características destas solenidades iam desde a singularidade do que era festejado até a comoção do público que participava da inauguração do retrato do Presidente da República, na Delegacia Fiscal do Estado, quando:

Ao ser descerrado o retrato, envolto pela bandeira, as duas bandas rompem o hino nacional sendo o mesmo coberto de pétalas de rosas, pelas senhoritas presentes ao ato.

Aos presentes foi servida uma taça de champagne, cerveja e outras bebidas. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 153, 12/setembro/1938, p.1).

As festas dos retratos seguiam conforme as determinações oficiais nas várias escolas públicas, no entanto, a imprensa não noticiava todos esses eventos, mas a Escola Normal Oficial sempre ocupava as páginas dos jornais. Desta maneira, sua diretora a professora Dona Maria de Lourdes Martins Rêgo, convidou o Diretor do Diário Oficial para a inauguração do retrato do Presidente da República, conforme noticiou este diário: “Tenho a honra de convidar V.Excia. para abrilhantar a solenidade da inauguração do retrato do eminente Presidente da República [...] a ser realizada no dia 7 de setembro, às 19 horas no salão nobre desta Escola”. (Fonte: Diário Oficial, nº 198, p.1, 05/09/1939), compondo as comemorações da Semana da Pátria, assim como as preleções que as professoras fizeram aos alunos, ensinando patriotismo e construindo a memória cívica piauiense.

Repetia-se, tornando-se um ritual, em quase todas as repartições públicas a inauguração dos retratos que concorria para ser uma das festas mais significativas, ora apresentada como a Imprensa Oficial do Estado, leia-se Diário Oficial, interpretou sua própria festa, da maneira como expôs na primeira página do seu número 170, de 02 de agosto de 1938:

Encorporando-se às fileiras daqueles que sabem usar de sinceridade e acima de todos os interesses enxergam os interesses da Pátria, os funcionários da Imprensa Oficial, com justo júbilo, inauguraram hoje, na sala da Redação do Diário do Estado, o retrato de Sua Excelência, o Sr. Presidente da República, dando ao ato o maior cunho possível de solenidade.

As esperanças vivas da nação e o vislumbramento da grandeza do Brasil se acham nesse instante, como naqueles que sucederam 1930, na figura respeitável e brilhante do maior estadista brasileiro, o Sr. Dr. Getúlio Vargas. O Estado Novo – obra indissolúvel e de fino acabamento, cujos elementos primordiais de formação foram incontestavelmente o espírito de brasilidade e as emanções sadias da sabedoria, auridas na experiência quotidiana das lides da política partidária – por si só e por tudo que da sua benemérita vigência tem ganho a nacionalidade, marca um episódio indelével e memorável da história, abrindo no livro do tempo, página dourada cujas ilustrações e referência são dadas pelo eminente patriota, hoje homenageado. A serenidade, a sabedoria, a reflexão e a consciência de trabalhar pelo bem comum do povo brasileiro, sempre foram e são as qualidades fundamentais do caráter do Sr. Getulio Vargas reveladas e conservadas no seu labor diário pelo engrandecimento de nossa gente no aperfeiçoamento cuidadoso dos seus valores e das suas forças potenciais [...]agradecendo-lhe com o coração e saudando com a pureza da alma, a obra valiosa com que ele soube presentear os destinos da Pátria.

Algumas das nossas tradições nós mesmos as inventamos, herdamos umas dos povos colonizadores ditos civilizados, dos povos vindos em movimentos migratórios, das várias relações que no decorrer dos processos de trocas culturais se efetivaram, outras são copiadas ou absorvidas e a República Francesa, segundo Hobsbawm (1997), inventou três tradições, quais sejam: o ensino primário, as comemorações públicas e a produção em massa de monumentos públicos.

Imbuídos da concepção de que ser moderno era imitar a Europa, ou mais especificamente copiar a França, o Piauí parece seguir tal tendência, logicamente seguindo o exemplo do resto do país, quando no Tempo dos Interventores a expansão dos grupos escolares acontece de forma significativa e com esta ocorre a propagação do ensino primário, inaugurando um novo tempo, tempo das comemorações públicas, ampliando o significado das festas cívicas.

A Revolução de 1930 inaugura uma nova etapa na história do país, dá início à construção de um novo homem e de novas concepções, é o momento de pontuar os feitos que teriam de ser marcados pelos símbolos que ficassem na memória. Sendo assim, a maneira mais adequada para fixar estes símbolos foi realizar festas como estratégia para festejar, comemorar, inaugurar, mas também, e principalmente, de educar.

A festa cívica possui um estranho elo com o tempo histórico, quando, no momento de sua realização, abre-se ao presente, apresentando quase sempre e especificamente o passado recheado de suas reminiscências, como lhe é próprio; passado dos feitos heróicos e que o presente insiste em repetir para sagração destes

homens e de seus atos, remetendo-os ao futuro no instante em que o exposto alimenta as promessas de melhores dias.

Ao analisar a festa, o historiador tem consciência dos cuidados no seu andar interpretativo, de não atropelar em sua análise ou ofuscar seu olhar quando foca seu objeto, que se criou como tal pela repetição, e cego pelo brilho entendê-lo como compreensível para todos aqueles que a assistem ou dela participam diretamente, atentando para o fato de que a festa cívica carrega em si o sentido celebrativo quase de um ritual religioso, passando então esta festa a consagrar um novo culto, o culto ao Estado, ou ainda, como prefere Catroga (2005), uma religião cívica.

Seguindo os passos de Ozouf (1976, p. 217), outro alerta no andar interpretativo diz respeito a uma certeza ilusória do futuro contido na repetição político-afetiva do passado comemorado, como sendo os atos heróicos sempre um gestual exemplar, compreendendo que:

[...] é na repetição que se fundamenta a esperança e, por outro lado, mais que um futuro aberto a todas as indeterminações, e por esse fato fonte de angústia, a festa representa, de uma só vez e de imediato, com uma magia não assimilável à previsão e ao trabalho, a cena da imortalidade e da indestrutibilidade. E esse jogo, sem dúvida, ergue imagens proféticas; mas, como considerá-las como realmente antecipadoras? Pertencem ao imaginário, projeção do desejo bem mais do que antecipação da realidade. Aqui ainda o historiador sente-se desarmado; não lhe cabe pensar em pedir à festa uma consciência do que ela prepara. O tempo que ela anuncia não é o tempo da História.

As festas cívicas são festas com essência política e oficial, distanciaram-se ao longo do tempo de sua existência do antigo festejar das cerimônias religiosas, de adoração do sagrado, e como foi aclarado por Ozouf (1976), é um tempo diferente com a suspensão do que se vive rotineiramente para indicar um novo momento, é o tempo da festa, as festividades cívicas se voltaram à sagração do Estado, dos feitos heróicos dos homens do Estado, com uma clara substituição do culto cristão pelo culto cívico, daí cultivar a nação.

A função pedagógica da festa é educar a população para a civilidade, para a estética e para as normas morais de comportamentos. Para Elias (1994), civilidade significa autocontrole, a festa cívica seria o lugar adequado para se mostrar esses comportamentos, apresentar-se como treinado, modelado, educado e civilizado.

Esta festa apresenta a característica de ser um acontecimento voltado para a sacração do Chefe do Estado e seus feitos, diferenciando-se das outras festas que geralmente têm como objetivos a alegria e a diversão, outro aspecto de diferenciação é que ela muda o cotidiano da cidade e das pessoas, provocando uma suspensão da rotina em que a população não é somente espectadora, ela também se sente parte integrante da festa. Nesta perspectiva, vários tipos de acontecimentos festivos serão aqui apresentados por terem permeado todo o período analisado, as festas tratadas neste capítulo são: de inauguração dos retratos, como acima já foi apresentado, de inauguração de prédios escolares, de homenagens a autoridades, das viagens do interventor, aniversários de governo, aniversário natalício de Getúlio Vargas, todos estes eram eventos promovidos pelo Estado para legitimar suas ações.

Cabe neste ponto do trabalho apresentar um calendário das comemorações estaduais, publicado no Almanaque da Parnaíba em 1943:

#### FESTAS NACIONAIS BRASILEIRAS:

Confraternização Universal	1 de janeiro
Execução de Tiradentes (1792)	21 de abril
Festa do Trabalho	1 de maio
Independência do Brasil (1822)	7 de setembro
Comemoração geral dos mortos	2 de novembro
Proclamação da República (1889)	15 de novembro
Natal	25 de dezembro

Quatro destas datas eram comemoradas com a efetiva participação da escola: 21 de abril, em homenagem a Tiradentes, considerado mártir das lutas de independência do Brasil; 1º de maio, o dia do Trabalho, amplamente comemorada em todo o território nacional, dada a ênfase que a política trabalhista exigia; 7 de setembro, dia da Independência do Brasil, largamente festejado em todo o país e 15 de novembro, festejado pela Proclamação da República, lembrando que nestes dias a escola altera sua rotina, sendo ou não feriado, tudo na escola gira em torno do que é lembrado, do que é revivido pela história.

## 2.2 Festas de inauguração dos prédios escolares

As festas de inauguração dos prédios escolares concorriam na cidade para ser uma das maiores, onde os discursos eram disputados pelas autoridades políticas e educacionais, cada um desejando expor sua veemente oratória que caracterizasse mais significativamente o pensamento ou o ideal de uma época, uma festa de sagração do Estado, sintetizando uma conformação do novo homem, ou ainda, de um homem ideal.

Domingo, 09 de março de 1930, a cidade de Teresina rompe com a monotonia, com uma solene festa de inauguração do Grupo Escolar Barão de Gurguéia, situado na Praça Saraiva, no centro da cidade, com a presença de autoridades políticas, professoras e muitas outras pessoas, destacando entre outros o governador do Estado, Pires Leal, o senador Antonino Freire, o presidente da Academia Piauiense de Letras, Hygino Cunha e os diretores do Lyceu e da Escola Normal. E para finalizar o evento “a todos os presentes foram servidas finas bebidas, e bombons à petizada”. (O Piauí, nº 53).

Neste festivo clima cívico Teresina viu a inauguração de mais um grupo escolar, amplamente noticiada pelo Jornal “O Piauí” no seu número 53, que circulou pela cidade no dia 11 de março. Festas inaugurais como esta que eram promovidas pelo poder público visavam dar visibilidade aos feitos do Estado, imbuído do pensamento nacional que viabilizaria o ideal republicano através da educação, ou mais precisamente pela construção dos prédios escolares, que marcam significativamente sua presença na cidade, como nos apresenta Lopes (2006, p. 4366):

A presença das escolas na cidade faz-se não apenas pelo murmúrio e caminhar de estudantes em direção da escola e depois de volta para casa, mas, também, no momento em que a escola se abre para a cidade, ocupando seus espaços ou sendo ocupada pela população. Isso ocorre, especialmente quando a escola, suspende a rotina, abre-se para a festa. As festas são diferentes tipos de motivações, nela ocorrendo a recolocação da escola na cidade, alterando a dinâmica da escola e da cidade, recriando sociabilidades.

O cotidiano da cidade é alterado mudando a vida de quase todos os habitantes, cria-se uma cidade imaginária, é outra cidade, arrumada, preparada para este momento, o ambiente festivo domina o ar da cidade, o dia 09 de março de 1930 amanheceu tingindo com maior intensidade o sol de Teresina. As mulheres de algumas autoridades que mais tarde ganharão destaque no palco acordaram pensando no arrumar dos cabelos e nos vestidos costurados para tal ocasião.

As professoras do “Barão de Gurguéia” sabem o significado deste dia para o Estado, para a cidade, para a educação, afoitas entre tantos pensares, não esquecem a festa de logo mais. Para uma, a ocasião é especial, a professora Annita Martins, que proferirá o discurso que mereceu publicação na imprensa local.

O discurso da professora Annita Martins será aqui utilizado como uma referência do lugar social ocupado pelos professores naquele momento histórico, apontando o destaque dado por ela à educação, desde a construção de prédios escolares até a missão de cada um dos envolvidos no seu processo de consolidação da educação.

Apresentamos a fonte utilizada como crônica do cotidiano da escola e da cidade, trazida pelas páginas de um periódico local cuja matéria não é lembrada por quem a escreveu e sim por Máximo Ferreira, que na época dirigia o jornal. Após cumprimentar todos os presentes, ela inicia sua exposição de ideias afirmando: “O objetivo que aqui nos traz e nos reúne nesta solemnidade, em que os nossos corações palpam num mesmo rythmo de idéias e de sentimentos – é, de certo, do mais inestimável apreço da mais nobre e da mais alta significação” dando conta da simbologia que envolve o momento.

Prosseguindo com seu discurso de engrandecimento dos feitos das autoridades, imbuída do sentimento de nação e do espírito da missão da educação como salvadora e edificadora de seu povo, continua pontuando em alto e bom tom, dizendo:

[...] É que temos por fim dar o justo e devido realce ao edificante acontecimento de hoje, em que se vê mais uma parcella do trabalho e do esforço piauienses, contribuindo, em realizações fecundas, para o progresso do Estado, o benefício do povo, - a grandesa, poder e o brilho da nacionalidade brasileira [...]. (Annita Martins, 1930).

Faz-se necessário trazer como marco neste projeto de edificação de prédios públicos, mesmo antes de 1930, portanto em 1924, a Escola Normal Oficial, que tem seu prédio próprio construído neste ano, em estilo neoclássico, obedecendo ao que era considerado como mais moderno naquele momento. Conforme Veiga (2000), “de qualquer forma, os monumentos, os palácios escolares foram erguidos, grupos escolares e escolas normais cada vez mais faziam parte do cotidiano das cidades, mesmo que grande parte da população estivesse fora dela”. (p. 405).

Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, engenheiro responsável pela construção deste prédio quando foi secretário de Obras do Estado, tinha total apreço pela Escola

Normal, chegando mesmo a ser professor deste estabelecimento de ensino, assim se refere a esta escola quando remexe seus guardados memoriais:

[...] a construção da Escola Normal teve início no governo de Eurípedes de Aguiar, construção que o João Luis concluiu e em que se deu a transmissão do governo do João Luis para o Mathias.

A Escola Normal a partir de sua construção passa a ser palco de várias comemorações cívicas, torna-se um local “de comunhão cívica”, como festa de posse do governador João Luís Ferreira ao então eleito Mathias Olímpio de Mello.

[...] A Escola Normal foi quase toda construída a noite.

A construção deste edifício significou para o Piauí, mais do que inserir-se em uma nova concepção arquitetônica, vinha imbuído de novas e várias possibilidades, a de embrenhar-se em uma política educacional voltada para a formação de professores, estes seriam responsáveis pela educação das novas gerações.

Educar ou instruir as novas gerações, não seria trabalho fácil, porque teria como objetivo embutido nesta nobre tarefa o objetivo de projetar novas condições ao Estado. (Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, entrevista cedida ao Núcleo de História Oral do Piauí – Fundação CEPRO).

A partir de 1930, quando o Estado Nacional à medida que se constrói com características diferentes do Estado de antes, desenha uma educação como instrumento de formação e constituição de nacionalidade, o recurso mais lógico será imbricar esse pensamento no cotidiano escolar e ir paralelamente construindo uma maquinaria que atendesse a esta necessidade, como afirma Carvalho (2000):

[...] estratégias que se ajustavam aos intentos políticos dos governos estaduais, que capitalizavam politicamente o apelo modernizador da intensa mobilização cívica em torno das campanhas de regeneração nacional pela educação. (p. 233).

E ainda com o objetivo que possibilitasse o aumento do número de salas de aulas, podendo desta maneira oferecer educação a um maior número de piauienses, bem lembrado por Annita Martins, em seu discurso na referida festa inaugural quando, totalmente envolvida no nobre sentimento cívico, afirma que:

Pois a tanto monta a rápida evolução por que passou o modesto estabelecimento de ensino público, que há poucos annos se abriu nesta capital sob o patrocínio do Snr. Barão de Gurguéia, que entre nós representa uma venerável tradição de operosa honestidade e exemplar benemerência à causa da instrução popular.

[...] De simples escola isolada no seu surto inicial, logo depois se elevou as escolas reunidas e dagora em diante, o grupo escolar installado, como se vê, no mesmo prédio, que para servir ao ensino publico, o Estado deve à espotanea offerta do nosso magnanismo patrono.



Foto nº 10. Antigo prédio das Escolas Reunidas Barão de Gurguéia. Fonte: Teresina – 1852 - 2002. Edição Comemorativa -150 anos de Teresina.

Completamente remodelado e adaptado aos altos propósitos a que foi destinado, há de proporcionar, d'ora avante, confortável e excelente instalação ao novo Grupo Escolar, cujas portas ora se desceram para o bem e para a virtude, pois a tanto importa dizer a cultura moral e intelectual, que aqui encontrarão as gerações que se formam.

Em todo o país os governantes se apresentam cada vez mais imbuídos da ideia de assegurar à educação um lugar indispensável para a modernização da sociedade brasileira, compreendendo-se, portanto, que o desenvolvimento do país passava necessariamente pela escolarização de sua população. Fazia-se urgente que as pessoas tivessem um estudo mais avançado, principalmente nos saberes básicos da escrita, do cálculo e da leitura, estes instrumentos eram importantes como uma forma de adequação ao que era exigido naquele momento, até mesmo para poder desempenhar as funções que a modernidade exigia.

A temporalidade apresentada com múltiplos significados aponta nesta análise que o Piauí procura seguir este caminho e durante a interventoria de Landri

Sales, foi elaborado por Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, engenheiro civil e Diretor de Obras Públicas, um projeto para construção de prédios que abrigassem as escolas públicas, como antes já foi apresentado.

A partir de então se inicia a construção e inauguração de Grupos Escolares em parceria com os municípios, apoiados legalmente pelo Departamento das Municipalidades, em Amarante, Barras, Floriano, Piracuruca, Pedro II, José de Freitas, (foto abaixo), Buriti dos Lopes, Valença, Porto Alegre, São Pedro, União, Buriti dos Lopes e Parnaíba e a construção de Escolas Agrupadas em Bom Jesus, Belém, Canto do Buriti, Luiz Correia, Parnaíba, Gilbués, Socorro, Corrente, Regeneração, Aparecida, Boa Esperança, Jerumenha e Santa Filomena e, nesta perspectiva, procurar atender a todos os municípios onde não tivesse prédios escolares.



Foto nº 11. Modelo de grupo escolar construído no período, como este do município de Jose de Freitas. Fonte: Mensagem Governamental de 1937.

A exemplo deste manifesto desejo de construir prédios escolares, ora em parceria com o Departamento das Municipalidades, ora o Estado assumindo todas as despesas, em 1936, segundo a Mensagem Governamental, foram edificadas Escolas Agrupadas em Aparecida, Belém, Boa Esperança, Santa Philomena, Canto do Burity,

Luiz Correia, Regeneração, Morros da Mariana e Grupos Escolares em Oeiras, Parnahyba, José de Freitas, Pedro Segundo, São Pedro e Valença.

O tempo desta história ficou marcado pelas imagens abaixo apresentadas perpetuadas pelos fotógrafos do Diário Oficial do Piauí quando registraram as festas de inaugurações dos prédios escolares, que um a um foram preenchendo os enormes vazios de aparelhagem da educação escolar. Não era somente o prédio escolar que chegava a estes locais Piauí adentro. Com o intuito de espalhar o ensino público e gratuito, seguiam, junto com as escolas das primeiras letras, professoras formadas pelas escolas normais, material escolar, noções científicas e lições cívicas nestas bagagens culturais.



Foto nº 12. Inauguração de escola em Regeneração.  
Oficial, nº 196, 04/setembro/1937, p.12.

Fonte: Jornal Diário

Nesta foto nº 12, pode-se visualizar muitas pessoas em frente ao prédio inaugurado, provavelmente crianças que ali irão passar parte de suas vidas e mulheres que possivelmente são professoras e mães de alunos, as autoridades caracterizando o que esta escola que abre suas portas a esta localidade representa.

Concretizando o ato da entrega e do recebimento, desta vez de um grupo escolar na cidade piauiense Regeneração, na montagem do mini-painel abaixo, na foto nº 13, de cinco clicagens que nos possibilitam inúmeras interpretações, a primeira foto desta montagem é o prédio que foi entregue à cidade, com a arquitetura padrão dos demais já construídos no mesmo período, seguida das imagens da chegada ao local do

evento das autoridades que foram recebidas pelas crianças, todas perfiladas formando um cordão de isolamento para resguardar o lugar ocupado pelas autoridades, as professoras também compõem o elenco dos destaques da festa, que junto com as crianças transformarão este prédio em uma casa de educação e ensino.

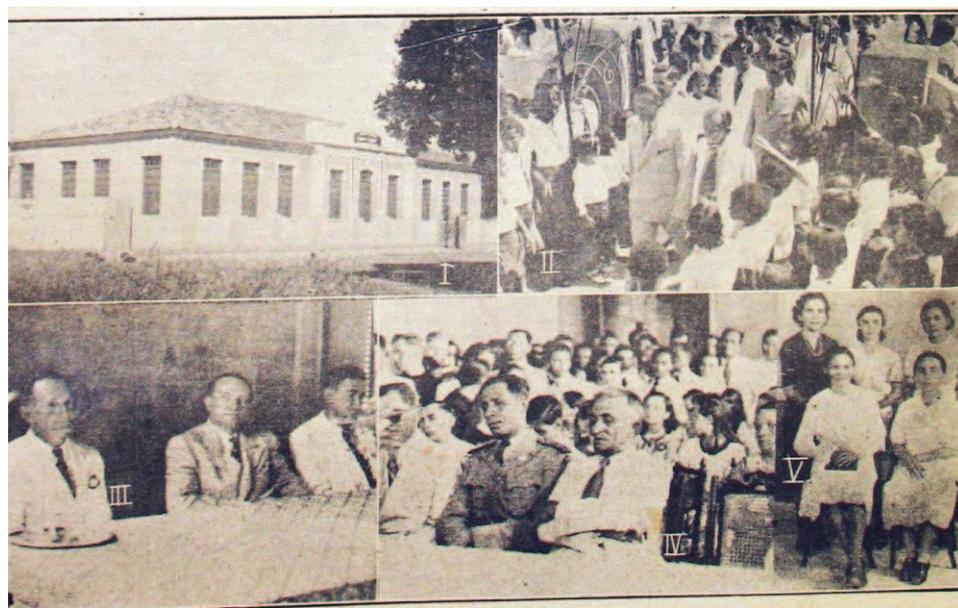


Foto nº 13. Inauguração de Escola em Valença. Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 198, 06/setembro/1937, p.2)

Da mesma maneira que acontecia em Teresina, como na inauguração do Grupo Escolar Barão de Gurguéia, conforme as notícias veiculadas pela imprensa, outras cidades piauienses viviam sob a era das festas, manifestando seu apego ao que deveria ou poderia ser inaugurado, como é o caso das cidades de Boa Esperança (atual cidade de Esperantina), Floriano, (foto abaixo), Parnaguá e Buriti dos Lopes, que inaugurou o Grupo Escolar Leônidas de Castro Melo, homenageando o benfeitor em vida, somente para citar alguns,

[...] uma viagem que além do mais preencheu outras finalidades de caráter econômico, administrativo, cultural e cívico. A festa do ensino, resumida na inauguração solene do grupo escolar de Buriti dos Lopes, foi mais uma expressiva demonstração da imperiosa necessidade do contacto que devem manter, constante e ininterrupto, governante e governados, ativando aquele, com a sua presença, a ação construtiva de seus legados, nos municípios. Buriti dos Lopes é uma terra pouco conhecida e, por isso, caluniada. Com a inauguração de seu grupo escolar – sementeira dos melhores sentimentos de

bondade, de fé e de patriotismo – e com a visita do chefe do executivo e de sua comitiva, se restabelecerá, por certo, o crédito progressista de uma edilidade de gente laboriosa, que cria e lavra em gleba tão boa quanto as mais umbrosas de nosso amado Piauí. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº203, 13/setembro/1937, p.2).

Assim prosseguiram as inaugurações, ora uma escola ora outra, desta feita na cidade Boa Esperança (atual Esperantina), como se pode constatar pelo que foi noticiado

Mais um grupo escolar inaugurado

[...] o Sr. Dr. Anfrísio Lobão Veras Filho, Governador em exercício, que alli foi inaugurar mais um prédio escolar construído pelas autoridades municipais, em colaboração com o poder público estadual. [...] A inauguração do edificio obedece ao princípio traçado pelos administradores actuaes, que se dedicam tão eficientemente à causa da instrução pública. [...] Faltavam à organização do ensino oficial, prédios que prestassem efetivamente ao funcionamento das escolas. Em geral, o que se notava até há pouco em nosso Estado, era o mais completo desconforto nos estabelecimentos do interior, onde minguavam não só o material escolar, mas, também o ambiente que proporcionasse o desenvolvimento intelectual e moral das crianças. Várias casas, perfeitamente higienicas e construídas segundo um padrão previamente determinado foram erguidas [...]. (Fonte: Jornal O MOMENTO, nº 425 – 9/setembro/1937 p.1).

Uma grande festa inaugural foi feita em Floriano, uma das maiores cidades do sul do Piauí, para a entrega do Grupo Escolar Agrônomo Parentes, que também “obedece ao princípio traçado pelos administradores”, conforme foto abaixo. Para abrilhantar a solenidade, os estudantes somaram-se aos participantes, apresentando o resultado dos tantos treinos dos professores de Educação Física (foto nº 15); a imagem clicada pelo fotógrafo eternizou este momento capaz de espelhar o sentimento de brasilidade que cada uma das componentes do pelotão de alunas que ora se apresentara, quando exibiram os movimentos corporais por diversas vezes treinados para aquele instante de glória de estar representando a estima que tinham ao Estado e ao país.



Foto nº 14. Grupo Escolar Agrônomo Parentes – Floriano –PI, à época de sua inauguração. Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 199, 09/setembro/1939.

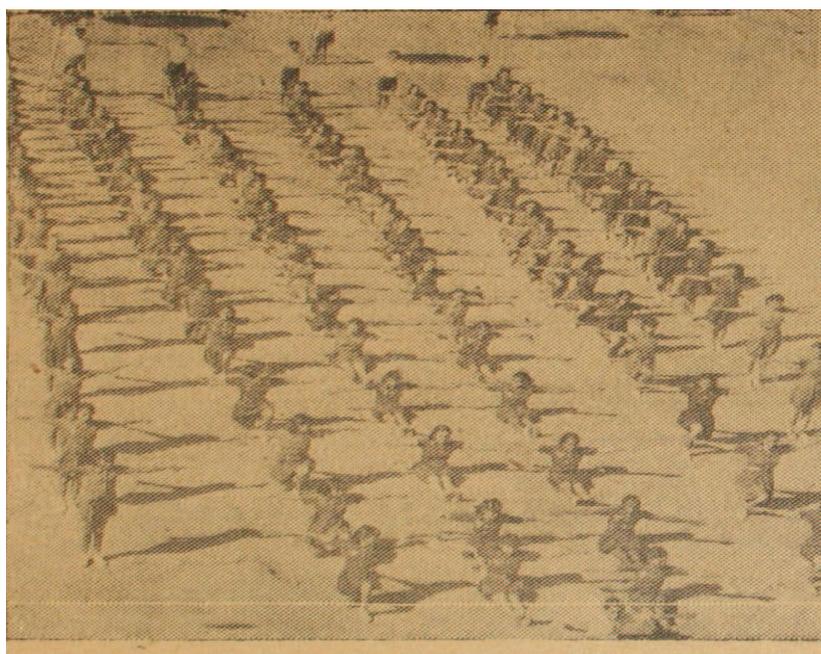


Foto nº 15. Apresentação de alunas na inauguração do Grupo Escolar Agrônomo Parentes. Floriano-PI. Fonte: Diário Oficial Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 199, 09/setembro/1939.

Compreende-se que esta dinâmica da construção dos prédios escolares e suas festas de inauguração, de colação de grau, de encerramento do ano letivo, tão somente não é suficiente para garantir a expansão da educação pelo interior do Estado.

Era necessário ocorrer concomitantemente a sistematização do ensino primário público e gratuito, assim como cuidar da formação das professoras, como bem explicitou Gallego (2007, 8):

Considerando-se o estabelecimento de um sistema de ensino primário público e do regime republicano, as festas, entre outras coisas, acabaram constituindo um modo de construir e difundir referências e símbolos nacionais não só entre os estudantes e professores como também na sociedade de modo geral, integrando, assim, a memória coletiva.[...] Como será tratado, o calendário escolar, ao eleger e selecionar datas a serem festejadas, indica o que deve ser lembrado e, conseqüentemente, produz esquecimentos. Hinos, hasteamento da bandeira, pavilhão escolar e Orfeão constituíram atividades decisivas na constituição da memória coletiva oficial.

Esta ordem cívica que se impõe com toda sua simbologia apresenta uma vontade da escola de representar esta estética, de novas tradições, nos vários atos vividos reatualizando a ideia política de unidade nacional, visível no discurso de Annita Martins, na inauguração do Grupo Escolar Barão de Gurguéia, em Teresina publicado no jornal Diário Oficial nº 53:

[...] É que nenhum bem e nenhuma virtude maior para uma collectividade humana, que o da instrução a illuminar a alma do povo com as luzes da intelligencia creadora, os julgores do civismo constructor e o brilho desse excelso sentimento que anceia em vibrações constantes pela felicidade, pela honra, pela grandeza da Pátria.

O valor, a importância de uma nação, qualquer que seja afere-se pelo padrão cultural de seus filhos e pela diffusão de superioridade e efficiencia do seu ensino popular. Por maior, mais rica e mais populosa que possa ser, uma nacionalidade sem os beneficios supremos da instrução, não passará jamais de um vasto campo aberto à triculência dos caudilhos irriquietos e à insânia inevitável de todos os tyrannos.

Não passará nunca de um povo incapaz, inconsciente de si mesmo das riquezas da terra, onde a ignorância, a inaptidão, a ausência de civismo e de amor patriótico são os fermentos geradores de fáceis oppportunidades para o descrédito e as incursões insólitas das ambições extranhas.

Cada collectividade humana vale o que valem a austeridade dos seus costumes, a moralidade e cultura intellectual dos membros que a compõem. (Fonte: Jornal, O Piahy, nº 53, 11/março/1930, p.1).

A ritualística híbrida de temporalidades mostrada no presente são recriações do passado, edificação da memória nacional, fundando a cada repetição, a cada nova apresentação do vivido, cerimônias ricas de significados positivistas, um lugar dos heróis como no “Olimpo” sonhado pelo Estado, memória afetiva comum a cada um dos habitantes da cidade, memória construída desde a escola até as sutilezas das individualidades, como nos clareia Pollak (1992, p.9):

Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória do povo.

Como fica claro no encerramento da fala da professora oradora, sintetizando o pensamento de uma época em que a educação era vista como salvadora da pátria, quando assim exalta:

E, assim, nós as professoras do novo Grupo Escolar – Barão de Gurguéia – manifestamos aqui o nosso contentamento, ao mesmo tempo que nos congratulamos com, as altas autoridades administrativas do Estado, pelo indiscutível impulso que vêm de dar à causa do ensino nacional, com o franqueamento à matrícula escolar de mais um estabelecimento de instrução pública.

Mas, é justo não esquecer e aqui consignar com o relevo sincero da nossa gratidão e do nosso respeito, a actualização decisiva do Snr. Commandante Vieira Ferreira, no tocante ao notável melhoramento que ora inauguramos, cavalheiro operoso, prestativo, attencioso e patriota, foi incansável em esforços pela conquista preciosa que vimos conseguir.

Devemos-lhe uma assistência perseverante, firme e realizadora nessa transformação da simples e modesta escola isolada Barão de Gurguéia em o actual grupo escolar que aqui se ergue com o mesmo nome e sob os mesmos auspícios promissores, em um prédio amplo e apropriado ao seu elevado fim. Não regatemos applausos aos eminentes bemfeitores da causa publica de cujo auxilio ainda precisamos e em quem integralmente confiamos para a consecução do qua ainda necessita esta nova casa de ensino popular.

A ella dedicaremos todos os nossos carinhos, todos as nossas atenções, todas as nossas melhores energias.

Tudo pela Republica e pela grandeza da Pátria Brasileira! (Fonte: Jornal O Piauí, nº 53, 11/março/1930, p.1)

Neste imbróglio percebe-se a arquitetura da cultura escolar piauiense, abrangendo desde a organização do tempo escolar, ou por assim dizer, de um novo

tempo escolar, onde cada escola produz e reproduz o seu modo de ser e de fazer, além dos sentidos de festividades e comemorações.

### 2.3. Festas para homenagear autoridades

Os dias que circundavam as viagens do Interventor Leônidas de Castro Melo eram também de festas, não com uma data determinada, marcada no calendário como as outras, mas sempre que ele viajava e retornava a Teresina vivia-se e criava-se uma alegria nos que compunham esta plateia, que de acordo com as imagens abaixo, eram estudantes, professores, profissionais de várias classes, mulheres da alta sociedade trajando suas melhores roupas que evidentemente estavam de acordo com a moda da capital federal, nas fotografias que a posteridade-presente foi salvaguardada pelo tempo e podem agora servir para auxiliar a análise deste vai-e-vem que se tornou evento histórico.



Foto nº 16. Recepção do Interventor Leonidas de Castro Melo, aeroporto em Teresina-PI.  
Fonte: Diário Oficial, 07/novembro/1939, nº. 269, p. 12.



Foto nº 17. Recepção do Interventor Leônidas de Castro Melo, aeroporto de Teresina-PI.  
 Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 269, 7/novembro/1939, p. 12.

A professora Hilma Mendes dos Reis (2002) relatou com enorme descontração esses momentos considerados festivos, lembrando que o que era festa ou comemoração para alguns, para outros era somente uma efêmera alegria, senão vejamos, quando discorreu sobre estes eventos na cidade:

Nas [...] paradas, nessa época eram feitas na Avenida Antonino Freire, que é aquela que vai até a frente da Igreja São Benedito. Também quando o governador chegava de viagem as alunas da Escola Normal, iam recebê-lo no Palácio de Karnak, era uma obrigação que a Escola Normal tinha.

[...] Nem todos gostavam, como é ainda hoje, mas éramos obrigados a assistir e participar. Havia punição para quem faltasse.

Para a professora aposentada Elza Paiva (2002), que estudou na Escola Normal de 1938 a 1942, rememorar estes eventos apresenta as mesmas singularidades para quem teve sua vida marcada por uma educação onde o que aprendeu foi de tal forma introjetado que, às vezes, afirma que “todo mundo era obrigado a ir esperá-lo” e em seguida diz “[...] podia ter sol ou chuva que todo mundo queria ir de bandeirinha na mão”, ou seja, quando antes já havia afirmado “que todo mundo era obrigado a ir

esperá-lo [...]” em seguida “[...] todo mundo queria ir de bandeirinha na mão [...]”, numa quase total absorção sem distanciar que era obrigada a fazer daquilo que fazia por livre escolha, afirma “isso eu não achava certo”, mesmo assim, como quem de alguma maneira já absorveu as normas “mas também participava”, conforme seu depoimento abaixo, acrescenta:

[...] O que eu achava importante é que quando um político ia para o sul, no seu retorno todo mundo era obrigado a ir esperá-lo, podia ter sol ou chuva que todo mundo queria ir ficar de bandeirinha na mão, isso eu não achava certo, mas também participava.

Para entendermos o lugar em que as práticas escolares e culturais ocorriam e pelas quais passavam as escolas do Piauí, foi feito um estudo historiográfico para auxiliar na compreensão dos vários caminhos percorridos pela educação, apontando possibilidades de flexibilizar a temporalidade escolhida, principalmente com recuos buscando encontrar indícios, não como quem busca uma origem, mas necessariamente para afirmar melhor o tempo da história que pudesse assegurar das práticas comemoracionistas (Catroga, 2005), para melhor situá-las como tradições.

Aprimorando melhor o olhar analítico sobre como estas práticas escolares e culturais aconteciam, é necessário recorrer a conceitos fundamentais que apontam horizontes teóricos para maior compreensão. Foucault (1988, p.94) nos faz perceber que “as práticas que se tornam modo de pensamento, com sua lógica, estratégia, evidência e razão própria. Enfim, como uma reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos”. Dizendo de outra maneira, este conceito nos auxilia a enxergar que as práticas culturais e escolares contribuíram significativamente para a criação das tradições.

Desde o começo do século XX, no Piauí aconteciam vários tipos de festas desde as sagradas, profanas, políticas, populares, até as festas cívicas, que se espalharam por todo o Estado, ora aconteciam em Parnaíba, por ser uma das maiores cidades onde a efervescência dos acontecimentos políticos, sociais e culturais se fazia notar com maior frequência, outras vezes em Floriano, em Campo Maior, ou ainda, em cidades bem menores como Boa Esperança (hoje Esperantina), Barras, quando recebiam o interventor Leônidas Melo, mesmo que muitas vezes por algumas horas, nos retornos da capital federal, por ser ali roteiro obrigatório, conforme uma das muitas notícias que

circulavam pelos jornais locais em torno destes dias de viagens do governante, atentando para o fato de que essas notícias geralmente ganhavam destaque de primeira página:

[...] regressará a Teresina e ao convívio de seus inúmeros amigos, possivelmente a 16 deste à tarde, o Exm<sup>o</sup>. Sr. Dr. Leonidas de Castro Mello [...]. O preclaro Chefe do Estado tomará o avião da linha, que voará do Rio a 13 deste [...]devendo saltar em Parnahyba, onde tomará passagem na Estrada de Ferro Central do Piauí, até Peripery, ponto terminal da linha. Desta importante localidade Sua Excellencia viajará de automóvel, escalando em Campo Maior e Altos, onde será recebido por uma comissão de autoridades que acompanhará até a ponte do rio Poty. Neste local, antes do acesso à cidade, o Sr. Governador será saudado pelo Prefeito de Teresina, Dr. Lindolpho do Rêgo Monteiro, que então incorporará a comitiva. Grande número de amigos e admiradores aguardarão a chegada do illustre, itinerante em Karnak [...] No dia seguinte ao da chegada do Sr. Dr. Leonidas Mello, o Sr. Dr. Anfrísio Lobão, Governador interino, em regozijo do feliz regresso do Chefe do Estado e dos beneméritos serviços prestados ao Piauí durante a sua estadia no Rio, dará recepção publica em Palacio sendo oportunamente marcada a hora para a referida recepção havendo à noite, à avenida Antonino Freire, cinema ao ar livre para o povo da capital, que se associará assim ao regozijo geral pelo retorno ao Estado do seu honrado governante [...].  
Tocarão no acto da chegada do Governador Leonidas Mello, em Karnak, as bandas do Exército e da Polícia. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 202, 8/ janeiro/1937, p.1)

A festa cívica tem uma função pedagógica, porque educa a população à civilidade, à estética e para as normas morais de comportamentos, a festa tem, ainda, a capacidade de ser um acontecimento voltado para alegria e para diversão e muda o cotidiano da cidade e das pessoas, provocando uma suspensão da rotina em que a população não é somente espectadora ela também se sente parte da festa e, assim como os estudantes, também aprende lições ensinadas com as festas.

Para além de todas as festas já apresentadas, as homenagens, que ganhavam uma forma “espontânea” de mostrar que o Interventor era bem aceito pelos piauienses, cercavam-se de ilusões e de alegria às muitas idas e vindas do chefe do executivo à capital federal, como bem mostrou o jornal diário,

As adesões à idéia de uma expressiva recepção ao benemérito estadista têm ultrapassado as intenções e cálculos dos amigos, auxiliares e admiradores do Sr. Dr. Leonidas de Castro Melo. A recepção tomou, na espontaneidade do povo generoso e bom de Teresina, uma significação popular que, com certeza, tocará aos nobres sentimentos daquele que, no governo, se tem

votado de corpo e alma ao desenvolvimento da grandeza da terra que lhe foi dada a dirigir. Todos os elementos representativos: políticos, auxiliares do governo, comerciantes, industriais, profissionais, sindicatos operários e representantes autorizados do proletariado já se manifestaram, espontaneamente e acaloradamente, aderindo à recepção que tomou vulto e atingirá aos foros de uma verdadeira consagração. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 207, 15/setembro/1937, p.1).

Em outubro de 1940, foi o momento de homenagear com uma grande festa o ex-Interventor Landri Sales, todas as classes sociais se manifestaram, os pequenos varejistas através de telegrama informaram que “vêm mui respeitosamente, e com a máxima satisfação, associar-se às demais classes para as manifestações que serão prestadas mercidamente ao Capitão Landri Sales” (Fonte: Diário Oficial, 22 de outubro de 1940, nº 238, p.1); as cidades de Castelo, São Miguel do Tapuio, Floriano, Simplício Mendes, Urussuí, Alto Longá, São Benedito, Parnaíba, Valença, Buriti dos Lopes, Porto Seguro, José de Freitas, Jaicós, Piracuruca, Socorro, Patrocínio, Paulista, São Raimundo Nonato, Amarante, São Pedro, Belém, Periperi, Pedro Segundo, Barras, Campo Maior, União, Batalha, Oeiras, Picos, Boa Esperança, Regeneração, Miguel Alves, Corrente e Teresina, de norte a sul do Estado, quase todas as autoridades municipais se movimentaram para as homenagens prestadas ao Capitão. E para finalizar a matéria veiculada no dia 22 de outubro, portanto, data anterior à festa, o jornal fez saber a todos que:

[...] A Associação Comercial Piauiense, inteiramente solidária com as justas homenagens que o Governo e o povo do Piauí vão prestar ao Exm<sup>o</sup>. Sr. Cap. Landri Sales Gonçalves, ex-Interventor Federal, neste Estado [...], pede aos associados e comerciantes em geral, desta praça, para cerrarem as portas de seus estabelecimentos durante a manhã ou a tarde do dia da chegada do ilustre viajante à nossa capital.

Este pedido tem por fim possibilitar empregados e empregadores a tomarem parte nas manifestações projetadas, às quais a Associação Comercial Piauiense, se junta, jubilosamente, prestando também, o tributo de sua admiração ao grande visitante, que tantos benefícios prestou e vem prestando não só ao Piauí, com a causa da República.

O dia da chegada do Sr. Cap. Landri Sales Gonçalves será previamente anunciado ao povo e ao comércio, em geral, de acordo com as notícias que forem transmitidas por intermédio das Comissões encarregadas da recepção, podendo, desta maneira, ser atendida prontamente a solicitação em apreço. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 238, 22/outubro/1940, p.1).

Para demonstrar maior apreço ao Capitão e ex-Interventor, os estudantes foram mobilizados para apresentarem os números de Educação Física, cumprindo um dos objetivos desta disciplina, com seus corpos treinados para a consagração dos vultos festejados pelo Estado, dentre o que constava na programação a apresentação das alunas da Escola Normal Oficial (fotos nº 18 e 19), em uma sintonia ímpar, com seus uniformes diferentes do que usavam no dia-a-dia. Para quem eram vigiadas em todos os lugares, na escola, em casa, nas ruas, essas alunas que se apresentavam naquele momento deviam sentir enorme alegria, pois além de estarem diferentes das demais, passavam a serem mais notadas e para coroar tal comemoração o “o povo em geral”, que geralmente era convocado, compareceu às homenagens, de acordo com as imagens abaixo:



Foto nº 18. Apresentação das alunas durante a festa de homenagem ao ex- Interventor Landri Sales. Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 237, 20/10/1940, p.2



Foto nº 19. Apresentação das alunas durante a festa de homenagem ao ex- Interventor Landri Sales. Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 237, 20/10/1940, p.2.

Atendendo ao convite, o “povo em geral” compareceu para mais uma manifestação de demonstração do apreço a Landri Sales, assim pode-se fazer uma leitura da fotografia de nº 20, sobre o significado que essa composição imagética representava tanto a quem homenageou quanto ao ilustre homenageado, o ex-Interventor Federal, cearense que chegando ao Piauí usou a diplomacia de quem se sabe forasteiro, mas quer sentir-se em casa, em seu discurso de posse afirmou:

[...] Não venho a vossa terra com a preocupação de auferir vantagens na posição em que me coloca o Governo da República. Desejando ouvir vossas opiniões e colaborar convosco, venho com a parcela de meu esforço tentar resolver o problema administrativo do vosso Piauí, do meu Piauí”. (Fonte: Diário Oficial, nº 114, 22/05/1931)

Pode-se sentir que conseguiu atingir seus objetivos ao assistir a essa quantidade de pessoas, que comportava todas as classes sociais, todos os credos e todas as filiações partidárias. Como se sabe, cada um tem objetivos diferenciados quando vai a uma festa, uns vão para aplaudir e outros nem tanto, uma multidão que prontamente atendeu à solicitação feita pelo convite oficial, como forma de declarar a alta estima a quem “se fez piauiense”.



Foto nº 20. Aspectos da multidão durante a festa de homenagem ao ex- interventor Landri Sales.  
 Fonte: Diário Oficial, nº 237, 20/10/1940, p.2

## 2.4 Festas de aniversário de governo

[...] O povo theresinsense prepara-se com a maior satisfação para comemorar na próxima segunda-feira o primeiro aniversário do governo brilhante, honesto, patriótico do eminente Sr. Dr. Pires Leal. Por que justas, as festas projectadas promettem revestir-se de grande brilho e terão a mais alta significação. A comissão promotora das homenagens ao preclaro chefe do Poder Executivo convida a todas as classes para assistirem a missa que, em ação de graças, será cantada na igreja do Amparo, depois de amanhã, às 9 horas do dia. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 142, p. 4, 29/06/1929).

Por esta notícia das festas para comemorar o aniversário “do governo brilhante, honesto, patriótico do eminente Sr. Dr. Pires Leal” recuei o recorte temporal escolhido para análise, com o intuito de apresentar algumas festas que antes de 1930 já eram realizadas pelo Estado e que após as várias mudanças ocasionadas com a Revolução se tornaram mais evidentes, como as manifestações que adiante analiso.

Ao tatear o passado, buscando compreendê-lo apenas por um fragmento clicado na fotografia, imagem coagulada de um evento cívico, vê-se que não é somente o evento que é efêmero, o que a máquina fotográfica registrou é mais passageiro ainda, é o instante em que o olhar consagrou o vivido quando materializou com o jogo de luz e sombra o que agora temos como fonte para mirar o passado.

Mostrar o caminho ao passado pelas imagens torna-me meio tonta, trôpega, cambaleante não sei ao certo onde posso chegar, o refletido aparece apenas como feixe de luz, frações de uma realidade que talvez seja recomposta com o auxílio da fotografia; teria a fotografia a capacidade de recompor o passado? Caberia no meio do parágrafo uma interrogação. De certo se é novamente errante ao pensar das várias possibilidades de interpretações do acontecido.

Mirar a imagem fotografada há tanto tempo me invade por instantes a sensação de imaginar o momento consagrado no papel fotográfico; reviver o que aqui talvez a posteridade pudesse esclarecer é impossível, no máximo, consigo divagar criando múltiplos olhares por onde a mente histórica é capaz de discorrer.

Na Praça Pedro II a festividade cívica, no centro da cidade de Teresina, fratura a rotina na capital do Piauí, é 1942, mais um aniversário do golpe de 1937 é comemorado. De certo “os homens de casimira cinza”<sup>33</sup> (Machado, 1978, p. ???) assistem a festa e conjecturam política. As crianças perfiladas no escaldante calor da manhã, o transeunte que atravessa o cenário carregando sobre os ombros o peso do mais significativo símbolo da pátria, o profissional que plasmou a cena e cuidou para deixar o “lábaro que ostenta estrelado, o verde-louro desta flâmula” no primeiro plano, como a imagem que deve ser lembrada e eternizada da comemoração cívica.

---

<sup>33</sup> Paulo Henrique Couto Machado, poeta piauiense, nasceu em Teresina em 1956. Poeta e contista é também advogado e defensor público, Pertence à Geração Pós-69. Publicou “Tá Pronto, Seu Lobo?”, (1978); “A paz do pântano” (1992); “As Trilhas da Morte” (2002).

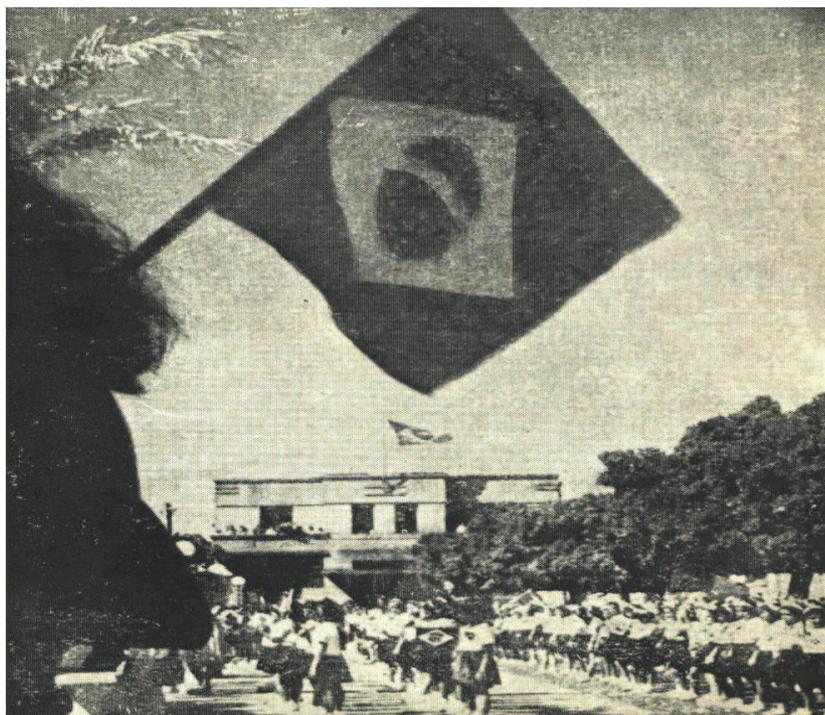


Foto nº 21. Festa cívica na Praça Pedro II. Fonte: Folheto comemorativo: Oito anos de governo: a Administração Leônidas Melo no Piauí. Maio de 1935 – Maio de 1943.

A Praça Pedro II caracteriza bem em Teresina o que Nora (1993) chama de “lugares de memória”<sup>34</sup>. Quem viveu ou vive em Teresina sabe da sua existência, ela está lá desde o final do século XIX, no coração da cidade, foi chamada de Pedro II somente a partir de 1937, designação adotada no momento em que a pátria constrói novos heróis e as permanências históricas resguardam o passado escolhido.

As gerações dos anos 30 e 40 tinham-na como uma das únicas opções de lazer, ponto de encontro de jovens intelectuais e poetas que planejavam nos seus bancos todas as transformações do mundo que a imaginação pudesse alcançar. Quando a descreve, o poeta H. Dobal<sup>35</sup> (1999) busca no fundo da memória o que é também lembranças de muitos piauienses:

---

<sup>34</sup> Lugares de memória, tomado mais uma vez emprestado a categoria criada por Nora (1993), como sendo: [...] A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama [...]. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. nº 10, p. 12. 1993.

<sup>35</sup> Hindemburgo Dobal Teixeira, poeta piauiense, nasceu em Teresina em 1927. Membro da Academia Brasiliense de Letras. Obras: O Tempo Consequente (1966); O Dia Sem Presságios (Premio Jorge de Lima, 1970); A Viagem Imperfeita (1973); A Província Deserta (1974); A Serra das Confusões (1978); A

Praça noturna é a Pedro II. [...] Tem canteiros cuidados, onde as rosas florescem a sua beleza, carnaubeiras decorativas, tanque e o busto do velho e pensativo imperador. Ninguém que quiser conhecer o mundanismo da cidade, olhar as moças ou conseguir uma namorada, poderá deixar de vir a esta praça. Pouco a pouco irá descobrindo os seus segredos, revelando os seus hábitos. Propriamente são duas praças; a de cima e a de baixo. Nesta última, bem ao centro, passeiam as burguesinhas ricas. Por fora, as burguesinhas pobres. Os homens ficam parados ou andam em sentido contrário ao das moças. É claro que estas divisões não são estanques nem rigorosas e se interpenetram [...].

A memória teresinense possui a Praça Pedro II, lembrada por quase todos, independente do lugar social que ocupe, da profissão que exerça, há sempre um espaço da memória que cabe esta praça. Dona Anita Barros (2002), uma das colaboradoras desta pesquisa, destina a este lugar da cidade uma afetividade, um apego carinhoso:

[...] a inesquecível Praça Pedro II. Inesquecível porque até hoje é lembrada com saudade daquele tempo em que era o maior centro de lazer de Teresina. Lembro-me de quando a gente ia lá, mocinhas novas, ingênuas que ficavam rodando a praça várias vezes, umas com a intenção de arranjar namorado, outras, só mesmo para se divertirem. Na parte alta da praça ficavam os soldados e as moças pobres, na parte baixa ficavam as moças ricas. Sempre fiquei na parte baixa, não por ser rica, mas porque eu tinha um comportamento decente e andava sempre bem arrumada. Lembro-me de que além da Igreja, a Praça Pedro II era o único lugar que papai levava mamãe para se divertir. Iam quase todos os domingos. Ela achava, lindo a polícia tocar. O movimento da praça começava às dezenove horas e encerrava às vinte e uma horas. Dado o sinal de recolhimento, não ficava mais ninguém, menos aquelas moças que gostavam de desafiar a autoridade dos pais. Além do passeio na praça as moças iam ao Teatro 4 de Setembro, ao Cine Rex e ao Clube dos Diários.

Para Nora (1993), o passado só existe quando é buscado naquilo que nos auxilia em sua construção. A Praça Pedro II para Teresina guarda essa função de lugar de lembranças da população local, lembranças formadoras da memória, assim compreendida:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados

nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. (p.13).

A Pedro II exerce sobre quem por aqui se permitiu guardar as lembranças desta cidade o fascínio de ser um destes “[...] lugares de memória que nascem e vivem do sentimento [...]”, os arquivos de sentimentos e de memórias agora revistos reservam-na como “[...] focos privilegiados e enciumadamente guardados [...]”, como se pode detectar pela imagem acima (foto nº 21) utilizada para esta análise, na comemoração já referida, as alunas da Escola Normal Oficial e a população que a tudo assiste garantiram a ela este ‘lugar de memória’ pois “[...] Sem vigilância comemorativa [...]”, a história já a teria empurrado para o esquecimento.

Passado o impacto que a fotografia provocou no meu olhar, que para além da beleza possibilita a contemplação num fragmento de realidade, ela traz o momento vivido para a análise histórica, compreendendo que:

[...] esta reflexão, tem o intuito de destacar que o belo do registro fotográfico, além de emocionar, representa, produzindo imagens do passado, que apesar de desterradas do carácter de uma verdade, abrem-se à leitura de múltiplas verdades sobre o ontem. (VIDAL,1988, p.86).

A imagem apresentada é representação de algo que perpassou o tempo, não tem a pretensão de retratar a realidade, quem a vê é que a confronta com a sua realidade, faz comparações, relembra um dado tempo, trilha caminhos de outro tempo, “A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido” (Benjamim, 1985, p.135).

## **2.5 Novas festas criadas na Era Vargas**

No dia 10 de novembro de 1937 Getúlio Vargas toma as decisões que encaminharam o golpe que de muito tempo já gestava, ordenou o fechamento do Congresso Nacional e em mais um dos seus famosos pronunciamentos anunciou que a Constituição de 1934, então em vigor, seria substituída. Baseada na Constituição polonesa de carácter autoritário, a nova Carta Brasileira foi arquitetada para dar totais

poderes ao Chefe da Nação. Na concepção de Skidmore (1975), o novo Estado que se forjara tinha apoio popular o que facilitaria a centralização política. A partir daquele momento passou-se a viver sob a ditadura do Estado Novo no Brasil, no entanto, grande parte da população comungava com tais ideias, como já foi mostrado neste trabalho, principalmente evidenciado por alguns dos discursos aqui analisados.

As políticas advindas pós 1937 ampliaram as comemorações cívicas, modificando o calendário já existente com novas datas festivas, como o aniversário da Revolução de 1930, o aniversário do Interventor, o aniversário de Getúlio Vargas e do Estado Novo, que passaram a fazer parte do calendário cívico e eram fartamente noticiadas pela imprensa piauiense. O jornal Diário Oficial abre a edição do dia 10 de novembro de 1940, portanto, no terceiro ano do golpe de 1937, afirmando que “O Piauí tem motivos particulares de manifestar-se por meio de explosões de cívico regozijo, pela data de hoje, evocativa de um dos episódios mais sensacionais da vida histórica da nação”, sempre com discursos neste nível enfático de reafirmação do que o Estado adotava como correto e lícito o jornal divulgava as várias comemorações ao público leitor, como as que seguem:

### **2.5.1 As comemorações do aniversário da Revolução de 1930**

Com o título de “24 de Outubro”, a edição de 23 de outubro de 1931 do jornal Diário Oficial conclama o povo piauiense para lembrar aquele mesmo dia um ano antes, quando novos rumos foram dados aos destinos do país, acontecimento este que seria comemorado foi assim enfatizado pelo noticiário local:

O dia de amanhã será de grande e merecido jubilo para o povo brasileiro. Será o dia em que comemoramos o primeiro aniversário da vitória da Revolução Brasileira, com intensa vibração patriótica, com o coração repleto e esperanças e com um acentuado otimismo quanto ao futuro luminoso, que aguarda nossa Pátria.

Focando o olhar para os acontecimentos de 1930, tentando compreender melhor o seu desenrolar no Piauí, Humberto de Área Leão, então interventor do Estado, afirmava que:

A Legião de Outubro tinha mais um caráter patriótico do que partidário e justamente por isso estavam abertas as portas para os que nela se quisessem alistar, independentemente de credos políticos, porque acima das competições locais estavam os interesses da pátria e a segurança dos principais republicanos ora restaurados. (Fonte: Jornal Estado do Piauí, nº 616, de 19/dezembro/1930, p.1).

A eterna dança da história, neste vai-e-vem de passado e de presente, permite-nos compreender porque, em 1930, o interventor afirmava que a “Legião de Outubro tinha mais um caráter patriótico do que partidário” e convocava a todos para se alistarem nesta legião, independente da filiação partidária e do credo político, “porque acima das competições locais estavam os interesses da pátria [...]”, justificando desta maneira porque em 1931 tinha-se o que comemorar,

O Piauí que contribuiu valorosamente na Revolução de Outubro, lembrará com satisfação desmedida o Dia da Vitória, cômico de haver cumprido o seu dever e orgulhoso por estar colaborando na grande obra de reconstrução nacional. E assim também, o Piauí marcha na fileira dos Estados que seguindo a fecunda orientação do Governo Provisório procuram integrar o Brasil na pureza do regimen republicano. (Fonte: Diário Oficial, 23/outubro/1931, nº 237, p.1.).

### **2.5.2 O aniversário do Presidente da República**

O aniversário do Presidente da República merece uma grandiosa festa organizada pelas autoridades locais, assim justificada: “[...] O Piauí deve ao Chefe da Nação e à sua esclarecida obra administrativa os mais assinalados serviços e, por isso mesmo, no elevado propósito de patentear sua gratidão, celebrará a data [...] com a realização de festas e solenidades cívicas” que envolveram todos os setores da sociedade piauiense, que prontamente atenderam ao convite do interventor:

O Sr. Interventor Federal convida, por nosso intermédio, as autoridades federais, estaduais, eclesiásticas e municipais, a família teresinense e o povo em geral, para abrilhantarem as festas que se realizarão nesta Capital, a 19 deste, principalmente para a sessão cívica no “Teatro 4 de Setembro”, em homenagem ao aniversário natalício do eminente Chefe da nação, Dr. Getúlio Vargas.

Com uma vastíssima programação, tendo início às 8 horas da manhã e uma nota de advertência de que “Todas as escolas deverão reunir-se na Praça Marechal Deodoro (em frente à Escola Normal Oficial) às 7 horas em ponto e daí rumarão para o Liceu”. Deveriam as escolas obedecer à seguinte ordem da organização para o desfile: Liceu Piauiense, Ginásio Municipal “São Francisco de Sales”, Ateneu Piauiense, Ginásio Piauí, Escola Normal Oficial, Colégio “Sagrado Coração de Jesus”, Escola de Adaptação, Escola Modelo, Grupo Escolar “Engenheiro Sampaio”, “Félix Pacheco”, “Barão de Gurguéia”, “José Lopes”, “Teodoro Pacheco”, “João Costa”, “Abdias Neves”, “Miguel Borges”, “Domingos Jorge Velho”, “Matias Olímpio”, “Gabriel Ferreira”, constando da festividade o canto do Hino Nacional pelas alunas da Escola Normal Oficial e do Colégio “Sagrado Coração de Jesus”, constando de discurso das autoridades, desfile e demonstração de Educação Física por alunos do Liceu Piauiense e do Ginásio Municipal “São Francisco de Sales”, a programação resguarda os lugares assumidos pela escola assegurando uma ordem hierárquica da importância que cada uma tinha na cidade, geralmente ocupavam posições de destaque o Liceu Piauiense, a Escola Normal Oficial e o Ginásio Municipal “São Francisco de Sales”.

Nesta perspectiva, para Brandão (1989), a festa se apossa da rotina e não a rompe, vai muito além da fratura do cotidiano, excede sua lógica e neste aspecto que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão.

Um momento do olhar na praça de uma cidade poderia oferecer o ilusório espetáculo de uma combinação de corpos, de gestos, de vestimentas e de situações não muito diferentes da descrição feita aqui. [...] A festa é uma viagem: vai-se a ela e ali transita-se entre seus lugares. Por isso o desfile, o cortejo, a procissão, a folia e tudo o mais que possibilite fazer deslocar, entre as pessoas e pelos lugares que a própria festa simbolicamente reescreve e redefine: sujeitos, cerimônia e símbolos. (p.13).

Mais uma vez a Praça Pedro II será palco, nela os estudantes e trabalhadores se concentrarão para prestar homenagens a Getúlio Vargas, ajustando-se perfeitamente às políticas trabalhistas e “pelegas”<sup>36</sup> tão comuns aos idos de 30 e 40, conforme o exposto pelo jornal, quando faz referência aos trabalhadores assim descreve:

[...] dando início à solenidade, às 16:30 horas, em nome do Sindicato dos Empregados -, o Sr. Lino Corrêa Lima; às 18 horas, em nome de diversas classes operárias, o Sr. Pedro Nonato Gomes; às 18 ½ horas, em nome dos

---

<sup>36</sup> Denominação dada aos trabalhadores sindicalizados que eram favoráveis às políticas do governo e dos patrões, em detrimento da classe trabalhadora.

trabalhadores do Piauí e associações de classes do interior do Estado, leader trabalhista, Sr. Nei Baumann, que dissertará, de um modo geral, sobre as grandes vantagens do Estado Novo, instituído a 10 de novembro de 1937, pelo grande Presidente Getúlio Vargas. Além desses oradores poderão usar da palavra outros que desejarem expressar sua gratidão ao Chefe da Nação, na data do seu natalício, pelos incontestáveis serviços prestados ao Brasil.

O redator do referido jornal também expôs o que pensava sobre os estudantes e conseqüentemente sobre a educação ao afirmar que:

[...] No conjunto, a concentração escolar de sábado passado causou funda impressão, excedendo à expectativa dos espíritos mais exigentes, provando assim os alunos dos cursos secundários, no desfile realizado logo depois, que sabem marchar admiravelmente ao som dos tambores e das marchas militares.

Reforçando a importância da juventude piauiense no discurso proferido na mesma solenidade, o professor de História Valdir Gonçalves assim se manifesta:

[...] E a juventude, - esperança radiosa do Brasil de amanhã, - com intenso patriotismo e vibrante entusiasmo, rende suas homenagens ao preclaro homem público. Nada mais natural e justo que os brasileiros assim procedam, porque em verdade, o aniversariado de hoje é digno e merecedor dos nossos calorosos aplausos e da nossa inteira solidariedade. Salvando o Brasil do abismo iminente, procurou resguardar a pureza de nossa família e a integridade de nossas mais caras tradições.

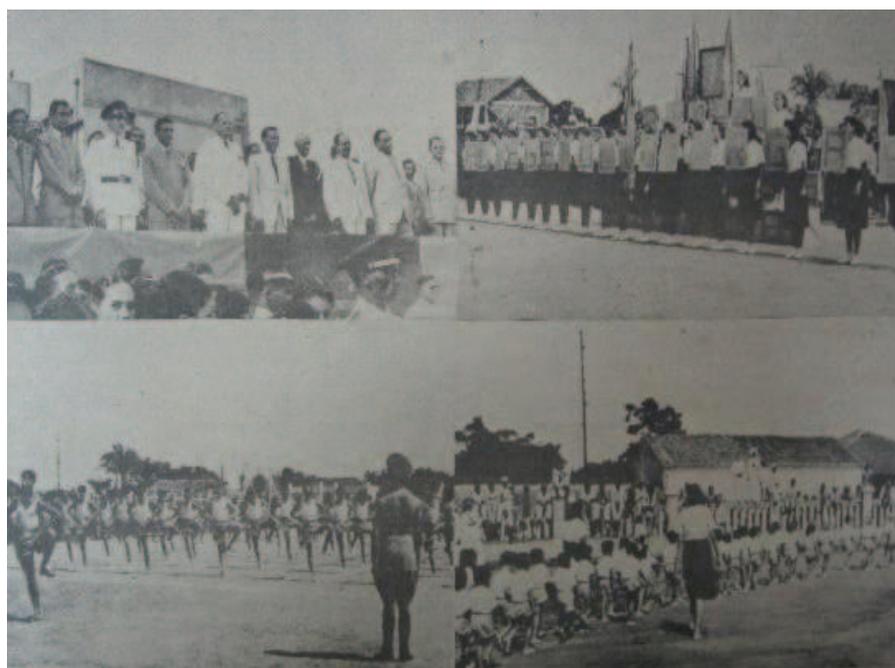


Foto nº 22. Comemorações do aniversário de Getúlio Vargas. Diário Oficial, 20/04/1940, nº . 89, p. 1, 20 de abr. de 1940.

Prosseguindo a programação oficial, conforme o mini-painel imagético acima exposto, sempre presentes nas comemorações, garantindo lugar de destaque nos palanques montados para os discursos, as autoridades compareciam representando os poderes que assumiam e as alunas da Escola Normal Oficial geralmente mereciam posição diferenciada nas comemorações, assim como também compunham a programação oficial os militares, e preparando as novas gerações a professora com seus alunos percorriam as ruas da cidade merecendo aplausos dos presentes.

E, de acordo com o que estava previsto, a festa segue noite a dentro ....

Às 20 horas, grande sessão cívica no “Teatro 4 de Setembro”, presidida pelo Exmº Sr. Dr. Leonidas de Castro Mélo, Interventor Federal no Piauí. Usarão da palavra, sucessivamente, o Sr. Dr. Lindolfo do Rêgo Monteiro, operoso prefeito de Teresina, em nome do povo piauiense; professora Zenobia Ribeiro da Silva e o operário teresinense Sr. João Neves de Jesus. (Fonte: Jornal Diário Oficial, 17 de abril de 1940, nº 87, p.1).

Um dia após a festa os jornais ainda dão conta do ocorrido, auxiliando na consolidação da memória e reforçando as lembranças de todos da importância do homem homenageado:

A concentração escolar na praça de esportes do Liceu Piauiense, da qual tomaram parte cerca de cinco mil estudantes, elementos constitutivos de todos os estabelecimentos de instrução, secundária, normal e primária da capital, alcançou completo sucesso. As autoridades do Departamento de Ensino tiveram seus esforços coroados de êxito [...]. O Chefe de Estado, acompanhado de todos os seus auxiliares e de altas autoridades federais, estaduais, eclesiásticas e municipais, assistiu a concentração, penetrando e se retirando do Liceu entre alas de normalistas, que o aplaudiram entusiasticamente. De início, ao ser executado o hino nacional, do centro da concentração e envolto na bandeira nacional, surgiu, por entre aclamações, a esfígie do Sr. Presidente da República. [...] Seguiram-se o desfile, a interessante demonstração de educação física por elementos do Liceu e do Ginásio Diocesano e finalmente o encerramento com hino nacional. Fonte: Jornal Diário Oficial, 20 de abril de 1940, nº 89, p.1).

### CAPITULO 3 - AS FESTAS CÍVICAS ESCOLARES

O desvelamento desta temática dá-se no instante em que a festa torna-se um objeto pesquisável e é posta à compreensão histórica. Este objeto de estudo, relativamente novo em História, insere-se no campo da História Cultural e a partir dela, no espaço ocupado hoje pela História da Educação e principalmente relaciona-se com o tempo, oferecendo, assim, plasticidade ao analista. Quando traz essa “dupla abertura do presente da festa para o passado e para o futuro, oferece ao historiador uma linguagem que lhe é familiar”. (OZOUF, 1976, p.226).

O historiador passou, desde a chamada Escola dos Annales, a remexer na sua caixa de ferramentas de trabalho e atentar para a festa como algo analisável pelo seu ofício. A festa sobe degraus, então como objeto de estudo; o que antes era visto sem nenhum significado, era mirar cuidadosamente para o quase sem sentido, o que antes era visto apenas como diversão e lazer, passando a algo que faz parte do ser humano e dá sentido a sua existência, tornou-se analisável, crescem os olhares em torno do objeto histórico - a festa. Antes somente os etnólogos e folcloristas viam-na nos seus campos, os historiadores relatavam as festas pela tangente procurando por meio delas entender as relações sociais e comportamentais que elas encerram.

Como antes já foi mostrado pelas festas de inauguração e de homenagens a autoridades, as festas caracterizadas aqui como diretamente relacionadas com a escola, compreende-se que a construção da memória cívica se faz quando se entende como acontece a invenção das tradições no Piauí, procurando situar esta análise não em uma gênese das festas, mas no sentido de compreendê-las como um ritual de repetição que cria mentalidade, cria tradição, uma tradição cívica, imbricada no ensino da história pátria, inculcada pelos mais diferentes conteúdos didáticos das várias disciplinas escolares, criando uma nova cultura escolar.

Neste sentido, a festa, enquanto objeto de pesquisa, pode ser vista como “as práticas”, categoria de análise de Certeau (1994) onde são elas as práticas que norteiam a cultura, lembrando ainda que não é suficiente que a cultura seja criada destas práticas, a sua significação maior é para quem as põe em ação, para quem as pratica.

Passa-se no Brasil à prática comemoracionista como uma espécie de “liturgia cívica” (Catroga, 2005, p.37), de ritual cívico, como uma necessidade de

preencher os vazios, que as mudanças provocadas pela Revolução de 1930 foram capazes de cavar, de preencher estes vazios, ocupando-os com algo significativo, algo que fosse assumido por todos em defesa do que se estava pondo em prática, uma prática de reunir pessoas, que chegavam muitas vezes a serem multidão, apresentando a essas populações uma grande aula de história pátria, recheada de simbologia e de simbolismos diversos, verdadeiros espetáculos públicos, cujo palco são as ruas da cidade que tem seu cotidiano alterado, numa sagração dos mitos que a escola ajuda a construir.

Todas as crianças, jovens estudantes dos vários estabelecimentos, das escolas públicas e privadas, de todos os níveis de ensino e de professores eram convidados a participar das várias comemorações cívicas, um chamamento como uma lembrança da obrigação e da relação de fidelidade ao Estado, não esquecendo que todos tinham que participar e de não deixar de lembrar que o futuro do país lhes pertencia. Todos deveriam comparecer, criava-se a ilusão de um estado participativo, o calendário cívico constava de datas a serem festejadas e vivificadas para engrandecimento da pátria amada e do torrão natal, como o Dia da Árvore, o Dia do Pan-Americano, o Dia da Bandeira, o Dia da Raça, a Semana da Pátria e o 7 de Setembro, da Proclamação da República.

O Brasil pode ter herdado essa prática de Portugal, que buscou por sua vez, mirar-se na França; é uma tradição que remonta tempos idos, que na Europa pode ter começado com a Revolução Francesa, que por ser ritualístico remete às práticas das antigas procissões católicas ainda da Idade Média, no entanto, as procissões têm sua origem nas celebrações pagãs de agradecimento pelas colheitas agrícolas.

A festa tem vários significados e vários são os sentidos da comemoração, desde os mais particulares e pessoais até um significado maior que é do festejar coletivamente. Festeja-se o nascimento, os aniversários de vida, batizados, primeira comunhão, os casamentos, de fato as comemorações coletivas têm mais notoriedade.

A justificativa das festas e do festejar anualmente, as comemorações oficiais, cumprindo um calendário que às vezes é maleável outras vezes não, estabelece uma permanente ligação entre o passado e o presente e vice-versa, apresentando por sua vez seu lado didático, com a missão de passar as lições, aulas de história-pátria que se aprende na escola e na rua-palco, tanto os que estão na escola como os que não estão, todos aprendem.

A montagem deste calendário começou a ser pensada logo após a tomada do poder, em 1930, pelo Decreto Nº 19.488, de 15 de dezembro de 1930, do Presidente da República:

Declara os dias de festa nacional

O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil: Considerando que, pelo decreto n. 155-B, de 14 de janeiro de 1890, o primeiro governo Provisório da República declarou festa nacional os dias 1º de janeiro, 21 de abril, 3 de maio, 13 de maio, 14 de julho, 7 de setembro, 12 de outubro, e 15 de novembro, aos quais os decretos nº 3 de 28 de fevereiro de 1891, nº 4.497, de 19 de janeiro de 1922, e nº 4.859, de 26 de setembro de 1924, ajuntaram, respectivamente, os dias 24 de fevereiro, 25 de dezembro e 1º de maio.

Considerando que esta instituição foi, judiciosamente, motivada ao fato de basear-se o regime republicano “no sentimento da fraternidade universal”; sentimento este “que se desenvolve por um sistema de festas publicas destinadas a comemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas”, atendidos, também, “os laços especiais que prendem os destinos de cada pátria aos destinos dos outros povos”.

Considerando, todavia que, com manifesta vantagem do trabalho nacional, podem e devem ser reduzidos os dias feriados, sem prejuízo da condigna comemoração visada naqueles atos, mantendo-se de preferência, os que, por sua mais larga significação humana e nacional, sensibilizam, mais profundamente, a consciência coletiva.

Decreta:

Art. 1º - São considerados feriados nacionais os seguintes dias:

1º de janeiro, consagrado à comemoração à fraternidade universal; 1º de maio, consagrado à confraternidade universal das classes operarias; 7 de setembro, consagrado à comemoração da Independência do Brasil; 2 de novembro, consagrado à comemoração dos mortos; 15 de novembro, consagrado à comemoração do advento da República; 25 de dezembro, consagrado à comemoração da unidade espiritual dos povos cristãos. [...] (Fonte: Diário Oficial, 8 de janeiro de 1931- Nº 5).

Esta determinação passou a vigorar em todo o território nacional, obrigatoriamente respeitado e cumprido com as devidas comemorações. No Piauí este calendário ganha de acréscimo as datas locais, sendo divididas em cívicas, religiosas, políticas e eram festejadas de acordo com o calendário que segue:

24 de janeiro – feriado no Piauí  
 13 de março – dia da Batalha do Jenipapo  
 21 de abril – Tiradentes  
 3 de maio – descobrimento do Brasil  
 13 de maio – abolição da escravatura  
 13 de junho – dia de Santo Antonio  
 14 de julho – queda da Bastilha  
 28 de julho – feriado federal  
 15 de agosto – feriado federal

4 de setembro – dia da juventude  
 7 de setembro – Independência do Brasil  
 21 de setembro – dia da árvore  
 12 de outubro – Dia da Raça, descoberta da América  
 2 de novembro – finados  
 15 de novembro – proclamação da República  
 16 de novembro – feriado no Pará, Ceará e Piauí

A temporalidade histórica escolhida foi recortada de 1930 a 1945, no Piauí, o que me permite todas as justificativas antes apresentadas, no entanto, não estou buscando uma origem para as festas cívicas, mas relacionando-as com um tempo anterior a este, mostrando como, por exemplo, algumas comemorações já existiam por aqui, como por exemplo, a que localizei em notícias de jornais locais e no livro “Em tempo de memória” de A. Tito Filho<sup>37</sup>, que afirma que no final do século XIX, durante a gestão de Raimundo Artur de Vasconcelos, que governou o Piauí de 01/07/1896 a 01/07/1900, grandes festas foram realizadas na entrada do novo século.

Seguindo as “práticas comemoracionistas”, em 1922, durante o governo de João Luis Ferreira, grandes festas aconteceram em comemoração ao centenário da independência do Brasil, o ato se repete no ano seguinte, desta feita para festejar o centenário de independência do Piauí e a criação do hino do Estado, cuja letra é do poeta Da Costa e Silva<sup>38</sup> e música da professora Firmina Sobreira Cardoso<sup>39</sup>.

As festas cívicas eram motivos para comentários de vários dias, as notícias eram publicadas nos jornais, as mães comentavam com as vizinhas que seus filhos

---

<sup>37</sup> José de Arimatéa Tito Filho, A. Tito Filho, cronista piauiense, advogado e professor. Foi Presidente da Academia Piauiense de Letras. Obras: Combustível e Alimento (1951); O Problema Social da Infância (1952); Da Atualidade do Latim Vulgar (1958); Viagem ao Dicionário (1972); Esmaragdo de Freitas - Homens e Episódios (1973); Deus e a Natureza em José Coriolano (1973); Zito Batista - o Poeta e o Prosador (1973); Lima Rebelo - o Homem e a Substância (1973); Teresina, Meu Amor (1973); Gente e Humor (1974); Em tempo de memória (1974); Sermões aos Peixes (1975); Praça Aquidabã, Sem Número (1975); Teresina, Ruas, Praças e Avenidas - Roteiro Turístico (1976); Crônica da Cidade Amada (1977); Carnavais de Teresina (1978); A Igreja do Alto da Jurubeba (1978); José de Freitas, Comunidade Exemplar (1978); Sua Excelência O Egrégio (1978); A Augusta Casa do Piauí (1978); Memorial da Cidade Verde (1978); O Piauí no Congresso Nacional (1980); Anglo-Norte-Americanismos no Português do Brasil (1986); Governos do Piauí; Crônicas (1989); Temas Atuais (1992).

<sup>38</sup> Antônio Francisco da Costa e Silva - poeta piauiense, nasceu na cidade de Amarante em 23 de novembro de 1885 e morreu no Rio de Janeiro em 1950, estudou o primário em sua terra natal e depois estudou Direito em Recife. Seus primeiros versos são de 1896, seu primeiro livro de poesia “Sangue”, foi lançado em 1908, seguido de tantos outros que compõem sua obra, como Zodiáco, Pandora, Verônica, Alhambra e Poesias Completas. É o autor da letra do hino do Piauí.

<sup>39</sup> Firmina Sobreira Cardoso, professora, foi Diretora da Escola Modelo e da Escola Normal Oficial, entre os anos de 1920 e 1930, musicou a letra de Antônio Francisco da Costa e Silva do Hino do Piauí.

seriam Tiradentes, Princesa Isabel, Duque de Caxias, D. Pedro, ou qualquer outro herói, como se todas entendessem facilmente a simbologia daquela representação. Representação entendida aqui como “esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (Chartier, 1990, p.83), e para tornar-se mais compreensível, como formas integradoras da vida social expressas pelas várias maneiras de representar a realidade, por meio das instituições, das normas, da disciplina, das imagens e rituais, como entende Pesavento (2003), que representar é estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência, ou seja, as representações:

[...] são portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como materiais naturais, dispensam reflexão. (p. 53).

Privilegiei nesta pesquisa, como fonte de busca, a memória dos sujeitos entrevistados, que vivenciaram o período e com alguma relação com a escola, e as notícias veiculadas pelos jornais relativas ao objeto deste estudo, a justificativa da escolha dos periódicos locais se faz por compreender que este era o principal espaço de divulgação, não só da ideologia da época, mas também de quase tudo que acontecia no Estado, além do que os profissionais da comunicação conheciam a função tanto do seu espaço de comunicação quanto do seu próprio valor na sociedade naquele período, porque:

[...] para escrever sobre os acontecimentos sociais, o jornalista precisa ter uma visão enciclopédica ou especializada do acontecimento, um grande domínio gramatical ou mesmo literário da língua, um posicionamento político definido, uma ética que o compromete com esclarecimento público, cumprindo uma função de educação política dos leitores, aos quais, pela informação do conjunto de acontecimentos de interesse da polis que integram, estarão mais próximos de se fazerem ou se sentirem cidadãos. (CAVALCANTE, 2008).

A imprensa escrita da cidade de Teresina, no período analisado, nos dá a dimensão cultural das festas que ali aconteciam, desde as cívicas até as escolares,

religiosas e populares. Santos e santas de todas as devoções eram festejados de janeiro a dezembro consagrando o calendário litúrgico e a religiosidade piauiense.

Vendo o cotidiano da cidade, como o palco em que se tecem as tradições, onde acontecem as festas de toda natureza e as festas-espetáculos cívicos, cabe-me neste aspecto analisar o relacionamento do tempo escolar com a cidade, de que forma esse tempo alterava a cidade, no sentido de procurar compreender desde o treinamento dos corpos que eram apresentados nos grandes dias, até o dia em que realmente os eventos aconteciam, e lembrar também que outras festas aconteciam neste mesmo palco, como as que foram lembradas por Dona Francisca Almeida:

[...] participávamos de festas, passeios, comemorações públicas como os desfiles do sete de Setembro, as quermesses da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, de Nossa Senhora das Dores e principalmente da Igreja São Benedito por ser mais perto.

Natal e Reveillon eram grandes festas, cada uma tinha seu significado como hoje tem, só que naquela época havia mais um sentido religioso. No Natal a gente não perdia a procissão, nem a missa da meia noite, a chamada Missa do Galo, como também a Ceia em família. [...] Mas o bonito mesmo desta comemoração era apresentação dos Marujos, um grupo de homens que realizavam uma tradição portuguesa. No dia 24 de dezembro um grupo de homens vinha de vários lugares, entoando cantigas sobre o som dos maracás nas embarcações que navegavam nas águas do Rio Parnaíba. Desembarcavam na Praça Deodoro da Fonseca onde a população já esperava inclusive as mulheres que os recebiam com aplausos. Saíam em passeatas pelas ruas apresentando espetáculos e cânticos.

O desembarque acontecia no dia 25 de dezembro, dia do Natal, pela manhã. Os Marujos compareciam à missa das oito horas, depois saíam se exibindo pela cidade em visitas às famílias onde recebiam recompensa em dinheiro. Nestas casas cantavam e dançavam. E na despedida havia muitos aplausos. (2002).

As festividades cívicas iam, à medida que era festejada cada data, criando outros calendários na cidade. As comemorações cívicas exaltavam os heróis e reafirmavam as datas antes criadas, como o Dia da Árvore, o Dia do Piauí, Dia da Juventude, Dia do Pan-Americano, Semana da Pátria, Dia da Independência e novas datas que surgiam ano após ano.

O século XIX marcou significativamente a memória piauiense na construção do gosto e da estética pelas comemorações. Neste sentido, Teresina possuía espaços que demarcaram o sentido do sagrado e do profano, o sagrado se edificando no cotidiano, com as procissões como a de Bom Jesus dos Passos, a construção das capelas e das igrejas, por exemplo, e as festas dos padroeiros como a de Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora das Dores e São Benedito.

À medida que se avança no século XX, este espaço considerado sagrado vai aos poucos mudando, deixando mostrar as fendas de uma homogeneidade ilusória, o que antes era sagrado vai tornando-se profano, o cívico começa a ser cultuado criando novas tradições.

Toda festa tem finalidades diversas, cada uma guardando suas particularidades, como, por exemplo, as festas religiosas ou de consagração, de louvor ao padroeiro, aos santos de predileção, o carnaval, que tem ou teve em algum tempo como objetivo primeiro a alegria, e a festa cívica, que tem como objetivo primeiro a louvação ao Estado e a seus heróis.

Compreender o sentido histórico deste comemorar, ou deste festejar, é adentrar a alma piauiense, como quem diz “ô de casa”, pede licença e vai entrando, conhecendo sua sensibilidade, para espiar seu sentir e só assim entender o que já se fazia desde tempos idos o festejar piauiense.

Quando outros ventos começam a ser sentidos nos primeiros momentos do pós-30, apesar das animosidades políticas, as datas cívicas voltam a ser comemoradas delineando o Estado que estava só começando a mostrar suas feições, para não se perderem da memória, no silêncio do esquecimento, uma vez que já eram comemoradas desde tempos mais remotos.

Estas celebrações aconteciam nos mais diversos locais, de acordo com o que era comemorado podiam ser privadas ou públicas. A rua era o espaço físico demarcado e universalmente conhecido (DaMatta, 1997), e eleito para a apresentação destas celebrações, o palco onde quase tudo acontecia, lugar próprio para exibição das procissões e da escola. As celebrações públicas elegem a rua para suas apresentações, o grande palco onde quase tudo podia acontecer para exibição daquilo que se quer tornar público; a rua é, também, espaço para dar visibilidade àquilo que naquele momento se quer apresentar para a cidade, cidade aqui compreendida na perspectiva de Barros (2007), como uma representação física que faz nascer várias representações sociais sobre ela mesma, indo mais além do que uma junção de ruas, avenidas e bairros, mas também, uma mistura de maneiras diferentes de pensar e ver o mundo.

Caracterizando as festas como instrutivas de caráter moralizador, festa como lazer e divertimento, compreendendo que nas comemorações e também nos seus preparativos se aprende muito, pois são experiências ricas onde compartilhar e dividir são aprendidos na prática, em que se aprende a convivência em grupo e a respeitar o direito do outro, o espaço do outro, onde se evidenciam as sociabilidades.

A festa é um acontecimento que geralmente tem como uma das suas intenções a alegria, em que o tempo real é escondido, há uma suspensão do que é vivido, cria-se outro tempo, é o tempo de comemorar. Embora a festa cívica seja diferente das demais conhecidas por todos, é uma festa da ordem, mesmo assim, é nesta festa que se extravasa a vida como ela é, extrapola-se o limite da permissão, vai-se além, inventa-se outro ritmo onde o compasso da marcha treinada pode ser alterado, as horas dos treinos são aproveitadas para transgredir as normas da escola e da família, como lembrou Dona Constância Nogueira Bastos (2008), para quem as poucas horas fora das normas da família poderiam ser vividas com mais liberdade, no seu dizer muito claro “a gente ganhava a praça”:

A gente saía pelas ruas muito cedo, a marchar, professor de Educação Física, professor de Música tudo acompanhando a gente, a Diretora sempre acompanhava, era bom... (risos)... a gente não saía de casa, tudo era privado e a gente aproveitava, terminava o desfile a gente ganhava a praça, a praça Rio Branco e a Pedro II. [...] É para namorar, a gente ia namorar, naquele tempo era flertar, passava pelo rapaz era flertar. (2008).

As festas cívicas aqui analisadas, embora guardem suas particularidades, podem ser especificadas como as que aconteciam no interior da escola mas que, de uma ou de outra forma, davam a saber na cidade e as que ocorriam com a participação direta da escola, como os desfiles cívicos e tinham a rua e a praça como locais escolhidos para serem realizadas e para exibição do que tinham aprendido nas lições patrióticas, como o que se percebe nesta comemoração da Escola São Francisco de Sales:

Organizados em ordem de formatura militar, sob o comando do sargento-instrutor, os alunos desfilaram por várias ruas da cidade, precedidos por banda de música da Força Pública, sendo notados o garbo e a disciplina com que se apresentaram. No seu passeio a companhia de ginásios estacionou em alguns pontos, para fazer demonstrações de esgrima de baioneta e de ginástica sueca, sendo entusiasticamente aclamada pela população. A primeira parada deu-se em frente ao palacete do bispado, onde foi cantado o Hino Nacional e pronunciado um discurso por um dos alunos. (Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 230, p.1,13 de outubro de 1933).

O Estado determinava, através das lições ensinadas, as noções teóricas de civismo, patriotismo, nação, progresso, ordem e culto ao chefe da nação, assim exigia-se um comportamento exemplar, “sendo notados o garbo e a disciplina com que se

apresentaram” – conforme o que foi explicitado pelo jornal no texto acima - tendo a educação como suporte destas práticas, contando para tanto com a participação de quase todas as escolas nos vários níveis de ensino, primário, normal e técnico.

Para Hobsbawm (1997), o Estado ao longo dos tempos apropriou-se das comemorações para atrair a todos e, principalmente, os estudantes, na invenção de novos feriados para construir os símbolos e heróis, transformando estas festas em teatros ao ar livre para a sua própria sagração.

As lições de civismo eram ensinadas cotidianamente tanto nos livros didáticos como em todas as outras atividades escolares, tornando-se uma prática vivida quase que com naturalidade, desde o canto dos hinos nas primeiras horas do dia na escola, nas chamadas horas cívicas. Neste aspecto, o que era ensinado dentro de sala de aula é visto quando da delimitação dos conteúdos trabalhados nas disciplinas cujos objetivos estavam voltados para a construção da memória cívica.

### **3.1 As festas que ocorriam no interior da escola**

Consideradas como aquelas que ocorrem no interior da escola e que mais especificamente estão relacionadas com as atividades desenvolvidas diretamente por estas instituições de ensino, como por exemplo as festas de encerramento do ano letivo, de colação de grau e de aniversário da escola.

O Ginásio Municipal “São Francisco de Salles”, em novembro de 1934 comemorou o encerramento do ano letivo, como que divulgando a propagação do ensino com uma festa de demonstração dos serviços que poderia prestar e de civismo pelas principais ruas de Teresina,

[...] hoje aquelle estabelecimento em festas das quaes participaram, numa mesma nota de oralidade e de júbilo, a direção e os corpos docente e discente. Como demonstração pública de regosijo e de eficiencia do Gymnasio, o corpo de alumnos realizou hoje, pela manhã, uma grande parada pelas ruas da cidade, tendo sido visitadas, no curso das evoluções feitas com grande brilhantismo, as altas auctoridades, os demais institutos de ensino secundários, os quartéis e as redações dos jornaes. (Fonte: Jornal O Tempo, 21/novembro/1934, nº 324, p.1).

Na Teresina de então, de certo causava enorme admiração algo que fugisse à normalidade da morna rotina, que precisava vez ou outra ser rompida, desenfastiando o tédio, como que dando sentido à vida. Evidente que nem todos sabiam que aquela forma

de rompimento com a mesmice tinha um alto custo político, ideológico, cultural que marcaria significativamente a vida de todos, os que diretamente estavam envolvidos com a festa e os que eram apenas cenários naquela ilusão participativa,

Os movimentos executados pelos alunos, cuja formatura se fazia preceder por uma banda de música, despertaram excepcional movimento de curiosidade nas ruas aglomerando-se sempre a massa popular à sua passagem. Em frente de cada um dos edifícios visitados, os alunos faziam paradas e executavam evoluções rigorosas ou cantavam hinos patrióticos. (Fonte: Jornal O Tempo, 21/novembro/1934, nº 324, p.1).

Neste mesmo ano de 1934, o Professor Felismino Weser Freitas, então Diretor Geral da Instrução Pública, organizou festas comemorativas de encerramento do ano letivo para todas as escolas do Estado, constando da programação, a exposição nos salões da Escola Normal Oficial, de acordo com o noticiário local:

Mereceram elogios por parte da Directoria da Instrução, além da maravilhosa exposição, que esteve aberta durante alguns dias nos salões da Escola Normal e na qual se viam trabalhos de todos os municípios do Estado, reveladores da alta compreensão dos professores que acudiram, com presteza louvável ao apelo da Directoria no grande certame, as festas levadas no dia 25, pela manhã, no pátio da Escola. (Fonte: Jornal O Tempo, 04/dezembro/1934, nº 335, p.1).

Era comum também nas escolas a realização de exposições dos trabalhos manuais feitos durante o ano, o jornal Diário Oficial recebeu convite para este evento e assim o noticiou:

Acha-se franqueado a público, desde ontem, a exposição dos trabalhos manuais executados durante o ano letivo pelos alunos da Escola de Adaptação. Hoje à tarde tivemos oportunidade de visitá-la, colhendo ótima impressão do aproveitamento demonstrado pelos escolares daquela casa de ensino, entre os quais se encontram verdadeiras revelações artísticas. A Escola de Adaptação solenizará o encerramento de suas aulas com uma festa que se realizará em sua sede, no próximo domingo, 26, às 9 horas da manhã. (Fonte: Jornal Diário Oficial, 22/ novembro /1933, nº 261, p.1).

É pertinente ressaltar que no ano de 1931, o periódico oficial já apresentava destaque das festividades de exposição de trabalhos manuais que eram produzidos pela escola, conforme o registro abaixo:

Esteve hontem, nesta redação, a distinta professora Henriqueta Teixeira Figueiredo, Inspetora do Grupo Escolar “Teodoro Pacheco”, desta capital, acompanhada de diversas alunas daquele estabelecimento, que nos veio convidar para uma visita à exposição de trabalhos daquela casa de ensino. Referida exposição começara hoje até o dia 14, da esperamos o êxito que sempre vem alcançando em todos os anos, o Grupo “Teodoro Pacheco”. Agradecidos. (Fonte: Jornal Diario Oficial, 14/ novembro /1931, nº 254, p.1).

A professora aposentada Dona Constância (2008), colaboradora desta pesquisa, remexendo seus baús de antigas lembranças de seus tempos de criança relembrou das exposições escolares:

[...] eu me lembro só do Grupo, eram trabalhos bordados, eu fiz uma toalha muito bonita e todo mundo admirou, a toalha era grande e eu era pequena, toda vida eu era pequena ainda hoje sou pequena, e eu pequena com aquela toalha enorme [...].

Havia neste comemorar uma grande quantidade de eventos e estes se caracterizavam pelo seu desenrolar, como o que segue no aniversário da Escola Normal Oficial: “iniciou-se com uma conferência pronunciada pela professora de Psicologia daquela Escola, srta Lelia Avelino, versando sobre a fundação e história do Estabelecimento que tantos serviços vem prestando à Instrução do Piauí”. As festas guardam semelhanças, dadas as especificidades de cada uma e a programação pode prosseguir da mesma forma como esta que tem uma festa dentro de outra, pois logo na sequência “tomaram posse, os membros eleitos das novas diretorias das sociedades locais, Liga da Escola Nova e Club de Leitura Firmina Sobreira, tendo usado da palavra nesta ocasião, as respectivas oradoras oficiais srts. Branca Miranda e Esther Carvalho”. (Fonte: Jornal: O Tempo, 15/maio/1935, nº467, p.1).

Com seus calendários específicos, cada escola cuidou ano a ano da elaboração destas comemorações, fundando e reforçando ao longo deste processo de criação do sentido da educação escolar na vida de cada piauiense, através de todos os grupos construídos e de sua expansão, dos conteúdos trabalhados em sala de aula, mas também por meio das comemorações cívicas, de fora ou de dentro da escola, cada uma contribuiu significativamente para esta tradição.

Na colação de grau da Escola Normal Oficial, em 1932, o discurso da normalista oradora Liduina Lima, em nome de sua turma,

[...] Vamos para o magistério. Saimos de uma escola para outra escola. Aprende-se com a inteligência. Ensina-se com o coração. A professora primária tem que ser um modelo de bondade, de paciência e de dedicação. [...] O mestre mais eficiente, o professor mais útil, mais querido, mais apreciado, não é o que sabe mais, mas o que ensina melhor, o que tem método, o que tem vocação, o que tem gosto, o que tem assiduidade, o que se faz amar e compreender pelos alunos. [...] A arma da professora não é mais a palmatória. É a brandura, é a suavidade, é o zelo, é o sacrifício, é o devotamento, é a energia mansa e aveludada, que vence e se impõe, sem ofender nem irritar. [...] As crianças são flores que desabrocham à mão das professoras. Precisam de carinho, de luz e de bondade, e não de asperezas que maltratam e irritam. Educar é a mais difícil das artes, a mais sublime das profissões. [...] Ensinando-se, serve-se à família, à religião, à pátria, à comunhão social.[...] E a nossa pátria, a nossa terra, espera de nós o cumprimento sereno do dever sagrado de educadoras.[...] Vamos! Para o futuro, pela pátria e pela glória do magistério primário do Piauí! (Fonte: Diário Oficial, 22/dezembro/1932, nº 285, p.5).

O discurso, acima referido, além de enfatizar o papel do professor, diz ainda das suas obrigações que, deveriam repassar os ensinamentos que aprenderam e propagados aos seus futuros alunos, cientes da missão que a partir daquele teriam, de formar as futuras gerações de piauienses, tornando-os homens e mulheres de bem, nacionalistas, patriotas e educados dentro dos princípios cívicos.

## **3.2 As festas cívicas que tinham a participação direta da escola**

### **3.2.1. Festa da árvore – ou o nascimento da consciência ecológica**

Comemorada a 21 de setembro, a festa da árvore marca o começo da primavera, seguindo uma tradição que teve início no século XIX, nos Estados Unidos, com o lenhador John Stirling Morton, como forma de chamar a atenção para a preservação da natureza. A partir daí vários povos seguiram o exemplo. No Brasil, esta comemoração ganha sentido, tendo sido repassada nas escolas como estímulo de educar as crianças para a sensibilidade e civilidade.

As comemorações cívicas, mesmo tendo sido inventadas no seio do pensamento republicano positivista, ainda permeiam a mentalidade dos piauienses, como práticas que habilitavam o Estado para exercê-las e reinventá-las, reforçando a

ideia de tradição, como mostram as notícias veiculadas através dos periódicos locais, na década de 1930:

Sabemos que por iniciativa do Sr. Dr. Christino Castello Branco, Diretor Geral da Instrução Pública, e de Firmina Sobreira Cardoso, Diretora da Escola Normal, será festejada nesta capital a passagem da primavera ou solstício de verão, com a solenidade de plantação de uma árvore, às 7 horas da manhã do dia 21 do corrente, na Praça Marechal Deodoro. Alguns números de jogos ginásticos e ginástica sueca, que estão sendo ensaiados pela esforçada professora, D. Adélia Avellino serão executados em frente ao edifício da Escola Normal logo após a plantação da árvore. Todas as escolas públicas e particulares da Capital tomarão parte na festa e em seguida farão um desfile pelas principais ruas da cidade. (O Piauí, 18 de setembro de 1930, p.4).

No dia da festa da árvore em Teresina, em 1937, o Conselho Florestal Federal, ligado à Secretaria da Prefeitura Municipal de Teresina, distribuiu o texto abaixo de autoria do poeta maranhense Coelho Neto, apresentando intenções de instruir para o civismo e de educar para o que era considerado no momento como um refinamento do gosto, da estética. E mesmo distante de tornar-se um problema global, evidenciam-se preocupações com a preservação da natureza, mostradas pelo autor mais especificamente quando diz: “Matar a árvore é estancar uma fonte. Onde se devastam as florestas estende-se o deserto estéril – resseca-se o terreno...”, conforme o exposto:

#### A ÁRVORE

A árvore não é só o enfeite da terra; ora em flor, ora em fruto: ela é a purificadora do ar que aspiramos, a garantidora do manancial que jorra para a nossa sede e para a rega das lavouras. Movendo docemente os seus ramos, trabalha como fiandeira do sol; recebendo na copa os raios ardentíssimos, desfia-os em brando calor, agasalhando assim os que achegam à sua sombra. Ela é medicina e é beleza frondejante à beira da nossa morada, e ainda é confidente dos nossos pezares e alegrias quando, sob os seus galhos, recordamos saudades ou edificamos no sonho. Assim é a árvore viva. Morta, ela é tudo – o princípio e o fim: berço e esquife e, entre esses dois pólos, tudo é árvore – a casa e o templo, o leito e o altar, o carro que roda nas terras lavradas, o navio que sulca os mares, o cabo da enxada, da lança e tantos outros utensílios da vida. Matar a árvore é estancar uma fonte. Onde se devastam as florestas estende-se o deserto estéril – resseca-se o terreno, os rios ninguém, somem-se os animais. Assim a árvore, sendo beleza é, ao mesmo tempo, a fiadora da vida. (Distribuída pelo Conselho Florestal Federal na festa da árvore de 1937). (Da Secretaria da Prefeitura Municipal de Teresina). Fonte: Diário Oficial, setembro de 1937.

No dia 21 de setembro de 1939, teve lugar em Teresina, na Praça Marechal Deodoro, também conhecida como Praça da Bandeira, mais uma festividade cívica em que a banda da Polícia Militar executou o Hino Nacional, com os alunos das várias escolas públicas e privadas perfilados e treinados que foram pelas alunas do curso especial de educação física, conforme foto abaixo:

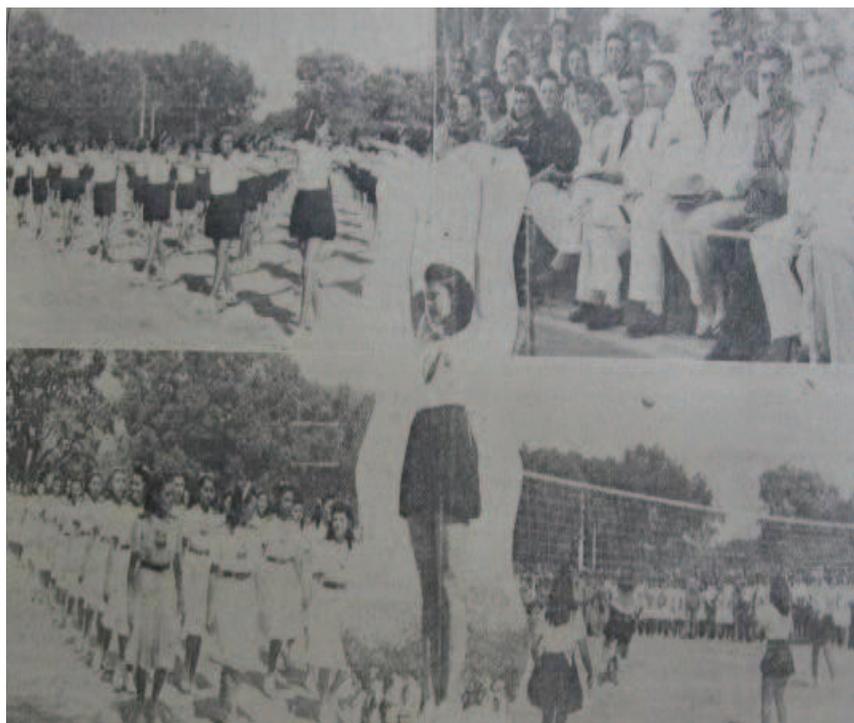


Foto nº 23. Comemorações do dia da árvore. Fonte: Diário Oficial, 21/09/1939 nº 216, p.8.

Além dos estudantes, professores e diretores, estavam presentes nesta cerimônia o interventor federal, o Diretor do Departamento do Ensino, várias autoridades federais, estaduais e municipais e, segundo consta no jornal, “uma imensa massa popular” que prestigiava a festa, com toda a representação que o momento merecia, desde o plantar da árvore, simbolizando a atenção dada à natureza, educando a consciência para a importância da vida, até o cantar dos hinos pátrios, obedecendo às determinações da programação pensada e organizada pelo Departamento de Ensino.

De acordo com o jornal acima referido, um dia antes desta festa, portanto no dia 20, o Diretor do Departamento de Ensino, Dr. Anísio de Brito Melo, enviou telegrama-convite ao Diretor da Imprensa Oficial onde expôs mais sobre as

demonstrações de educação física do que mesmo sobre as comemorações daquela data, conforme o texto abaixo:

Agradecerei o comparecimento de Vossa Excelência à aula-demonstração de educação física, dirigida pelas alunas do curso especial de educação física, no dia 21 deste, às 7 ½ horas, em frente da Escola Normal Oficial. Respeitosas saudações. (Diário Oficial, nº 215, p. 8, 20 de setembro de 1939.)

As professoras de educação física nesta cerimônia tiveram grande destaque nas demonstrações apresentadas pelos seus alunos, embora os focos maiores fossem voltados para o real sentido da festa,

[...] A parada de hoje, todavia, não tinha apenas o intuito de dar um público testemunho das imensas vantagens da cultura do corpo. Ela se orientava ainda e principalmente no rumo de homenagear uma data que exprime um alto sentido de fé, de beleza e de cultura [...] (Diário Oficial, nº 215, p. 8, 20 de setembro de 1939.)

O resultado dos vários treinos das professoras em suas demonstrações foi considerado naquele momento o ponto alto da festa embora o jornal ressaltasse que “A parada de hoje, todavia, não tinha apenas o intuito de dar um público testemunho das imensas vantagens da cultura do corpo” (1939).

As autoridades superiores presentes à expressiva demonstração tiveram ensejo de externar as suas impressões a respeito do adiantamento das crianças que tomaram parte da festa escolar de hoje, sendo o Sr. Diretor do Departamento e técnico que orienta a educação física, entre nós, vivamente felicitados pelos resultados obtidos em tempo relativamente curto. Ao ser plantada a árvore simbólica, o Hino à Árvore foi entoado com tamanho sentimento emotivo que alguém ali presente transplantou-se em espírito aos tempos primitivos, quando os homens apenas se inspiravam nos divinos mistérios dos Bosques.

As notícias acima analisadas dão conta das comemorações da Festa da Árvore até o ano de 1939, no entanto, conforme o exposto abaixo, estas comemorações continuaram ocorrendo criando tradições, reforçando o sentimento de

pertença a este Estado, auxiliando assim a montagem desta memória que se construiu ano após ano, reforçada pelo ritual da repetição:

Com vivo sentimento de brasilidade foi comemorado o Dia da Árvore, não só nesta capital, como em todos os municípios do Estado [...]. As expressivas festas cívico-escolares de Teresina em homenagem ao Dia da Árvore, todas elas levadas a efeito com largo apoio do seio da sociedade, tiveram lugar não só na Praça Marechal Deodoro, em frente ao palácio da Escola Normal Oficial, onde tomaram parte as alunas desse conceituado estabelecimento, as do Curso Especial de Educação Física, as da Escola de Adaptação, Escola Modelo, e ainda os dos Grupos Escolares Engenheiro Sampaio, Teodoro Pacheco, Felix Pacheco e Barão de Gurgueia, e ainda comissões de alunos do Liceu Piauiense e Colégio Sagrado Coração de Jesus, como também em todas as demais escolas teresinenses, tendo referidas festas se revestindo do maior brilho e entusiasmo. (Fonte: Diário Oficial, 24 de setembro de 1940, nº 214, p.1).

Reforçando a idéia já antes defendida, percebe-se claramente a participação da escola nas várias comemorações cívicas por todo o ano. As festividades de 1940 contaram com a presença de autoridades civis, políticas, eclesiásticas e com a presença dos estabelecimentos de ensino da capital, Escola de Adaptação, Escola Modelo, os grupos Escolares Engenheiro Sampaio, Teodoro Pacheco, Félix Pacheco, Barão de Gurguéia, do Liceu Piauiense, Colégio Sagrado Coração de Jesus e das demais escolas teresinenses.

As comemorações desta data ganhavam a cada ano maior importância para a sociedade piauiense no ano de 1943. A imprensa consegue expor esse sentimento assim se manifestando:

Todas as escolas públicas de ensino primário e secundário, na data de hoje engalanaram-se para festejar condignamente o Dia da Árvore, consagrando a velha tradição de reconhecimento e gratidão do homem pelos benefícios que dela recebe a todo instante. Oferecendo a sombra reconfortadora e gratuita ao viajante cansado; o fruto delicioso aos que sentem fome e aprimoram o paladar; as folhas e raízes ao uso da medicina e o caule majestoso à construção da morada humana, é a árvore a amiga sincera e incondicional que merece as nossas maiores homenagens e os mais carinhosos cuidados. Sempre, e cada vez mais necessária para sua melhoria de vida. (Fonte: Diário Oficial, Teresina, ano XIII, n. 116, p. 12, 21 de set. de 1943).

### 3.2.2 A juventude piauiense o pan-americanismo e a construção dos signos de unidade nacional

A partir da Revolução de 30 as festas cívicas passaram a ser comemoradas como verdadeiros espetáculos públicos, cujo palco eram as ruas da cidade, que têm seu cotidiano alterado numa sacração dos mitos que a escola ajuda a construir. O Estado que foi implantado procurou resgatar os ideais e valores de pátria e trazer do passado o sentimento de nacionalidade que a Primeira República havia deixado um pouco de lado, e passa a construir a prática “comemoracionista”, uma espécie de “liturgia cívica”, de ritual cívico, uma prática de reunir pessoas que chegavam muitas vezes a ser multidões, apresentando a essas populações uma grande aula de história pátria, conforme Catroga (2005, p.47):

[...] as comemorações tinham por finalidade representificar o passado, silenciando o facto de a sua evocação ser selectiva, processo mediante o qual o presente paga aos defuntos ilustres a sua dívida de reconhecimento [...] a mobilização da memória dos mortos era decisiva para a solidificação dos elos sociais entre os vivos [...].

No pós-1930 passam a vigorar os objetivos de instaurar uma mentalidade de tudo novo, tempo, homem, Estado e, mais tarde, Estado Novo, que concretizou uma ordem política pensada e iniciada desde 1930, tendo as cerimônias cívicas como escore ideal para sustentação destas ações, buscando recuperar o espírito patriótico, o espírito de nacionalidade, vale dizer, construindo um imaginário coletivo, de uma nação nova. Para esclarecer melhor este ponto, busquei apoio na análise de Hobsbawm (1997) quando este afirma que o conceito de nação pode ser pensado por dois ângulos: um objetivo e outro subjetivo. No primeiro, a nação possui indivíduos que compartilham a mesma língua, religião, cultura, costumes. No segundo, a nação gira em torno de indivíduos que compartilham a ideia de pertencimento, fazendo com que se crie um sentimento de unidade. O conceito serve bem pelos dois vieses interpretativos, para o ideal de nação que ora se impõe.

Com as tentativas da oposição comunista em 1935, ou diga-se pós-Intentona Comunista, ficam mais à mostra as divergências políticas no Brasil e os ideais comunistas ameaçavam não só o governo, mas também a tão falada unidade nacional, o

calendário cívico ganha a cada momento um novo feriado para festejar, caracterizando assim as práticas “comemoracionistas” (Catroga, 2005).

Os professores eram conclamados a comungar destes objetivos do Estado, e para alcançar estes objetivos foi criado, dentre outros organismos, o Departamento Nacional da Criança – DNCR - que institucionalizou uma burocracia que gerenciava a infância brasileira, com políticas voltadas para as crianças, formando, assim, uma juventude ordeira e cívica, destacando sobremaneira a importância da simbologia da criança e dos jovens nas cerimônias cívicas escolares, colocando a olho visto o sentido de unidade, com a dimensão política de construir uma nova nação, pautada nos ideais de progresso, unidade, homogeneidade, ordem e disciplina, evidenciando seu caráter nacionalista, ufanista, de culto aos heróis, através das festas cívicas concretizando, assim, os símbolos cívicos, teatralizados em verdadeiros rituais de sacração do Estado.

O Estado Novo, através de sua máquina burocrática, conseguiu pôr em prática um dos grandes objetivos deste governo, que vinha sendo gestado desde 1930, produzindo uma nova ordem política, articulada através das cerimônias cívicas, pensadas e orquestradas desde os gabinetes ministeriais até as escolas, por onde se arquitetam as ideias de unidade nacional, de modernidade e a “getulização” (Monarcha, 1999, p.18) da cultura escolar que pretendia criar uma imagem mítica, construir um símbolo de Vargas e mobilizar a infância e a juventude em torno dos ideais nacionalistas.

Segundo relatos de memórias e ainda de acordo com as notícias de jornais locais, algumas datas já eram festejadas desde muito tempo, como as grandes festas que foram realizadas durante o governo de Raimundo Artur de Vasconcelos, na passagem do século XIX para o século XX, ou ainda, de acordo com as memórias do ex-governador e interventor Leônidas de Castro Mello, quando se refere ao ano de 1913, época em que era estudante:

[...] Nesse ano o Diretor resolveu realizar sessões comemorativas das grandes datas nacionais, para as quais eram convidados os alunos do Liceu e da Escola Normal.

[...] Às vezes essas reuniões tinham caráter festivo, com banda de música e mesa de chocolate, bolinhos e bolachas. Fui escolhido para orador da sessão de 7 de setembro. (MELLO, 1976, p.147).

As datas comemoradas, vividas e revividas constituem o calendário escolar, somando-se as datas consideradas nacionais e outras locais, o Dia da Raça, o Dia da Árvore, Dia da Bandeira, o Descobrimento da América, o Encerramento do Ano Letivo, Dia da Juventude, Dia do Piauí, festas de Inauguração de Escolas, Dia da Independência, Semana da Pátria, Aniversário da Escola, Chegada do Interventor, o Aniversário de Getúlio Vargas.

Criado em 1936 pelo Ministério da Educação e Saúde, com o nome de “Dia da Raça e da Mocidade” o Dia da Juventude que procuro compreender como data comemorativa e feriado era festejado sempre no domingo que antecedia o 7 de Setembro, marcando o início das comemorações da Semana da Pátria, uma semana festiva constituindo-se, como diz DaMatta (1997), em um dos rituais mais longos do Brasil, com duração igual ao da Semana Santa, que possui caráter sagrado. Nos feriados longos que envolviam diretamente a escola, constituindo-se assim uma nova cultura escolar, mesmo tornando-se um dia de folga, criou-se a obrigatoriedade de participação nas comemorações, criando uma tradição herdada pela escola até os dias atuais.

O Dia da Juventude era um dia de grande movimento na cidade de Teresina, era dia de desfilar, de apresentar os corpos disciplinados e treinados dos jovens, o disciplinamento da população educada para assistir ao espetáculo e que representava ali o seu sentimento nacionalista e de pertencimento a este país, como cumprimento de um dever cívico, lições aprendidas nas aulas de História da Pátria e nos desfiles, estes ensinamentos que ultrapassam o tempo cronometrar do evento e são levados para a vida, tornando-se uma tradição.

Tais práticas ganham maior significação com a construção de um novo calendário cívico, revivendo as datas que já existiam e criando outras que passaram a ser festejadas e vivificadas pelo sentimento patriótico. Um calendário regula o tempo social, e em consequência o tempo escolar, ordenando e reordenando as práticas de alunos e professores, dentro e fora da escola.

Buscando construir as fontes que auxiliam na compreensão deste calendário cívico ora analisado, as lembranças de quem vivenciou cada uma das festas que aqui se comemorava são adotadas como suporte para este mosaico que compõe a memória cívica piauiense, apresentada na fala de Dona Constância Nogueira Bastos (2008), quando rememora estes eventos:

[...] Aí no Dia da Raça chamado, que hoje é o dia do índio, era uma festa muito bonita, era traje esporte, tinha a chulipa, chulipas e meias soquete, tinha uma blusinha com aquele torçal de professor de Educação Física um apito aqui no bolso, era muito bonito, era o Dia da Raça chamado, era uma festa muito boa e cantando, todo mundo numa cadência bruta, [...]. (2008).

As festas têm vários significados, apresentando aspectos como tradições, fazeres, saberes e símbolos, desde o mais o particular e pessoal até uma dimensão coletiva; no âmbito privado se festeja a vida, os ritos de passagem e todas as conquistas. As festas cívicas são necessariamente coletivas e possuem essência política, tornaram-se ao longo do tempo de sua existência distanciadas do sentido do antigo festejar das cerimônias religiosas de adoração ao sagrado; as festividades oficiais serviam e servem para fortalecer o regime político em vigor e se voltam à sagração do Estado, como substituição do culto cristão pelo culto cívico.

É no decorrer das comemorações cívicas, traduzidas muitas vezes como festas escolares, que têm dentre outros o objetivo de despertar na população local a importância da educação das crianças e dos jovens, que o caráter de doutrinação torna-se visível através dos vários elementos pedagógicos que constituem a programação dos dias do evento, como a “preleção”, uma verdadeira conferência didática esclarecedora da importância daquela comemoração, que é feita momentos antes do desfile acontecer; o cantar os hinos pátrios, os discursos dos oradores oficiais, sempre de enaltecimento do Estado, dos Chefes do Estado, do Brasil e do Piauí, tudo isto nos remete a outras questões analíticas, como por exemplo, a história ensinada em sala de aula, como nos lembra Carretero (2007), quando afirma que:

[...] As festas escolares geram uma compreensão forçada e precoce da história que pode afetar ou comprometer a capacidade para: estabelecer relações causais e seqüenciais de trechos cronológicos; compreender o presente (em clave) do passado e não o contrário.[...]

[...] A eficácia das festas escolares – remete ao conceito de viabilidade que a idéia de verdade – possui uma relação muito grande com os objetivos romântico-nacionalistas. (p.220, 221).

As cerimônias cívicas no momento de sua apresentação constituem-se como eventos, numa conjunção de desfile escolar, desfile militar, hasteamento de bandeiras, canto de hinos. No entanto, elas vão além das apresentações e do limite deste tempo de

realização. Nos dias que as antecedem, os periódicos locais, em especial o Diário Oficial, O Tempo, O Piauí, começavam a noticiar minuciosamente toda a programação, as escolas que comporiam este conjunto e o itinerário do desfile.

As cerimônias locais tinham como referencial as realizadas na capital federal, Rio de Janeiro, que geralmente eram realizadas no estádio Vasco da Gama com a presença das autoridades políticas, militares e a efetiva participação das escolas; eram planejadas para servirem de modelo para as demais que aconteciam em todo o país, cuja maior simbologia, além de seu caráter cívico, é o de demonstração da unidade nacional.

A efetiva participação das escolas, públicas e privadas, nas cerimônias amplia e estende o seu significado para todas as classes sociais e para todos os locais. Quase todos os professores, estudantes e pais de estudantes participam e se sentem integrantes do espetáculo, quando a impactante festa cívica fratura o cotidiano, cria várias dinâmicas na cansativa rotina da escola, suspende o tempo.

Muda o cotidiano da cidade enquanto palco onde se tecem as tradições, onde acontecem as festas de toda natureza e as festas-espetáculos cívicas. Cabe, portanto, analisar o relacionamento do tempo escolar com a cidade, de que forma esse tempo alterava a cidade, no sentido de procurar compreender desde o treinamento dos corpos que eram apresentados nos grandes dias, até o dia em que realmente os eventos aconteciam, e lembrar também que outras festas aconteciam neste mesmo palco.

As fontes de acesso para análise deste trabalho, como já foi dito anteriormente, assim como a memória, os jornais locais, lócus de divulgação não só do pensamento escrito de uma dada época, constituem-se também de imagens. Portanto, um dos objetivos deste trabalho é refletir acerca das fotografias como fontes para a história.

Depois da “revolução documental” o conceito de documento foi ampliado, trazendo-se para o campo da história a fotografia enquanto fonte-imagem de um tempo, ampliando as possibilidades de análise do historiador, aprimorando seu olhar, passando a fazer enxergar melhor e para além dos testemunhos oficiais escritos.

A imprensa local, fiel aliada na divulgação dos eventos cívicos, serviu também como educadora da sociedade piauiense, moldando, através do que noticiava, a memória cívica desta terra, auxiliando no sentido de que cada uma destas comemorações estivesse sempre de acordo com as maiores e melhores festas comemoradas nas outras capitais do país, feitas para servir de modelo. Assim sendo,

muito antes do dia já se propagava a solenidade festiva, por exemplo, a notícia de 3 de setembro de 1941, sobre o Dia da Raça, mais tarde conhecido como Dia da Juventude:

O Piauí, acompanhando entusiasticamente o ritmo de celebrações do “Dia da Raça”, no próximo dia 5 do corrente, dará desempenho a um brilhante programa que bem define a maneira patriótica por que compreendemos a significação do papel reservado à juventude, segundo a valorização que lhe é dada pelo Estado Nacional. (Fonte: Diário Oficial, nº 196, p.12, 3 de setembro de 1941).



Foto nº 24. Comemorações do Dia da Juventude Brasileira.

Fonte: Diário Oficial, 03/09/1941. nº 196.

O evento foi divulgado tanto antes, quanto depois do ocorrido. A imagem que segue nos serve, como defende Kossoy, quando afirma que “as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações” [...]. (2001, p.49).



Foto nº 25. Comemorações do Dia da Juventude Brasileira.  
Fonte: Diário Oficial, 6/09/1941, n.198, p. 3.

A fotografia acima, produzida em 1941, mostra a comemoração do Dia da Juventude, momento histórico em que o Brasil vive sob as imposições da ditadura do Estado Novo e do outro lado do mundo os horrores da Segunda Guerra Mundial. O referencial bélico contido na foto reflete todo o contexto das tensões internacionais e nacionais, o olhar que clicou a imagem encontra-se totalmente imbuído desta mentalidade militarista. O que é retratado reflete o sentimento do vivido, as moças e rapazes perfilados no pelotão que, embora sendo de estudantes, segue a padronização militar, sentem-se orgulhosos das bandeiras que carregam assim como do sentimento patriótico que demonstram.

O festejar de cada data traz consigo o sentido de sua criação, como por exemplo, o Dia do Pan-Americano ou o Dia das Américas, como já foi chamado, comemorado no dia 14 de abril, remete à união entre as três Américas, relembra da intenção de aproximação de fronteiras, de ajuda mútua, de fraternidade. E à medida que se revive é intensificado o seu significado, dando destaque aos heróis nacionais e ao grau de urbanidade e civilidade alcançado pelo povo americano. Esta data foi amplamente divulgada e festejada durante toda a era Vargas. No entanto, as atrocidades e os horrores do segundo grande conflito mundial desencadeado na Europa são lembrados pelo comentarista local, chamando a atenção dos leitores para o sentimento de fraternidade que unia os americanos e, mais do que antes, havia vários motivos para festejar e dar lições de união ao Velho Mundo:

[...] para que o Dia das Américas tivesse, entre nós, brilhante comemoração, de modo a ficar patente, no ânimo de todos, esse admirável espírito de concórdia, de fraternidade, de amor que domina os povos do Continente

Americano, justamente quando a velha Europa, aliás culta e civilizada, luta com os horrores de uma guerra, que dilacera o seu organismo social e político. (Fonte: Diário Oficial, n. 85, p. 1,2. 15/04/1940).

A significação maior de cada uma destas comemorações se faz no sentido de que dia a dia a memória cívica piauiense era forjada desde as várias lições de História do Brasil, que na programação dos conteúdos constava de palestras com sugestivos títulos: “O Trabalho como fator econômico do progresso nacional”; “A fé como fator da civilização brasileira”; “O amor da liberdade, qualidade distinta da raça”, ou ainda, “Heroísmo como elemento creador da grandeza da pátria” (Diário Oficial, nº 63, de 15/03/1932), indo até as preleções que antecediam os desfiles e efetivamente com a participação da “mocidade de todos os estabelecimentos de instrução”, conforme o fragmento abaixo:

[...] Tiveram brilho invulgar as homenagens do Piauí nas comemorações de ontem ao dia do cincoentenário do Panamericanismo. A data destinada à confraternização americana expressou-se, nesta capital, com vivo entusiasmo, tomando parte saliente nas cerimônias a mocidade de todos os estabelecimentos de instrução de Teresina. Integrados nos utilíssimos princípios da educação física, os nossos estudantes erguendo o pavilhão nacional e as bandeiras das demais pátrias americanas, percorreram as principais ruas da cidade, prestando continências ao Chefe do Estado, em frente ao Palácio do Governo [...]. (Fonte: Diário Oficial, nº 85, 15/04/1940 p.1).

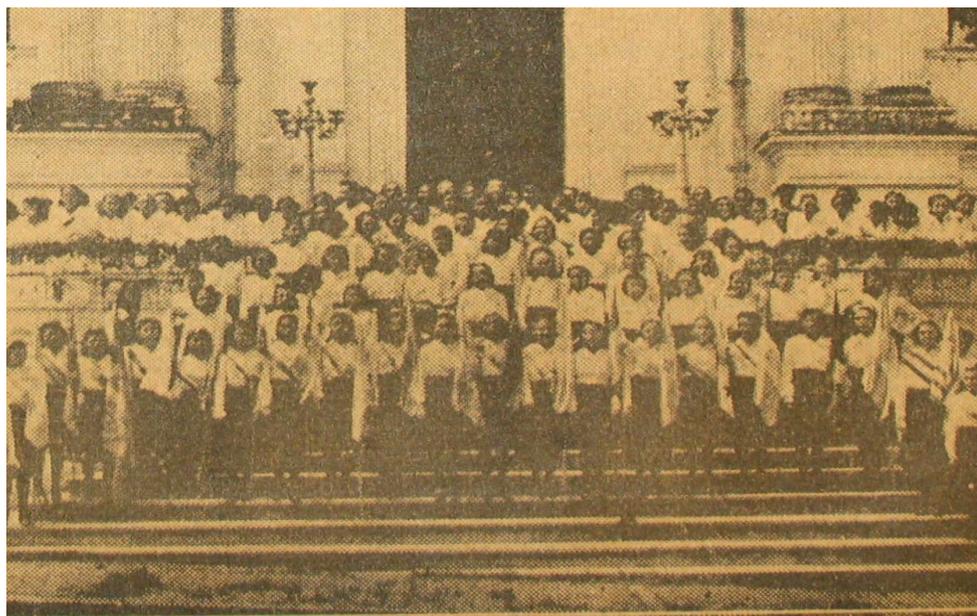


Foto nº 26. Comemorações do Dia do Pan-americanismo. 15/04/1940, nº 85, p.2.

Fonte: Jornal Diário Oficial,



Foto nº 27. Comemorações do Dia do Pan-americanismo. Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 03/09/1940, nº 198. p.1.



Foto nº 28. Comemorações do Dia do Pan-americanismo. Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 03/09/1940, nº 198. p.2.



Foto nº 29. Comemorações do Dia do Pan-americanismo. Fonte: Jornal Diário Oficial, nº 03/09/1940, nº 198. p.2.

O Dia do Pan-americanismo apresentado pelo jornal Diário Oficial, texto e imagens completam-se perfeitamente, quando o cronista diz: “[...] brilhante comemoração, de modo a ficar patente, no ânimo de todo esse admirável espírito de concórdia, de fraternidade, de amor que domina os povos do Continente Americano”. A foto de nº 26, mostra um corpo compacto de alunas em frente ao prédio da Escola Normal Oficial, numa pose oficial em dia de festa, demonstrando uma homogeneidade que a posteridade histórica se encarregou de analisar.

A fotografia de nº 27, além de expor aspectos da cidade e da população, nos faz ver também as alunas da Escola Normal Oficial que, quase sempre, iam à frente dos desfiles demarcando o lugar ocupado por estas duas escolas piauienses, acompanhadas pelos alunos do Liceu Piauiense, que exibiam seus corpos treinados. Esta mesma imagem também aponta indícios de modernidade, com mulheres representando ciclistas, meio de transporte considerado novidade na cidade e conduzido pelas normalistas, algo inusitado para o momento visto, mostra ainda aspectos dos espectadores que assistiam ao desfile. As fotos de nº 28 e 29 apontam outros componentes desta sociedade, os militares e as altas autoridades. As quatro fotografias aqui analisadas expõem o Piauí de

então, representado por estas parcelas sociais, caracterizando um todo que se quer homogêneo tal como os objetivos do pan-americanismo.

A educação da estética e dos sentimentos tornou-se lição de sala de aula, em que o aprimoramento do gosto e da relação de amor com a pátria é ensinado cotidianamente na escola, familiarizando desde muito cedo as crianças com as noções de patriotismo. Para alcançar tais metas algumas estratégias foram criadas, conforme Veiga (2000, p.432):

[...] a difusão da educação estética das populações presente nos conteúdos escolares, na organização do espaço urbano e escolar e na rotinização de acontecimentos promovedores de emoção estética, as festas escolares e as festas dos escolares na cidade, presentes nas primeiras décadas republicanas.

O sentimento nacional e patriótico foi construído lentamente, diariamente, desde as lições recebidas pelos estudantes em sala de aula, assim como nos eventos comemorativos, como quem aprende as primeiras letras, até uma alfabetização cívica, fazendo-se permanecer nas lembranças de quem rememorou estes momentos que os esquecimentos lacunares não conseguiram embranquecer.

Este Pan teve como de praxe a abertura oficial com os discursos das altas autoridades, no entanto, devido ao conflito mundial, a tônica das oratórias foi paz, além do sonho da união das Américas, da crença no futuro do país pelo seu desenvolvimento econômico, em função do desempenho e da capacidade política do Chefe da Nação.

Os desfiles cívicos como ato pedagógico ensinavam a história pátria, ensinava-se o que era necessário para se passar a acreditar que aquilo era a verdade, até fazer com que se passasse a defender o que se tinha visto, escutado, introjetado e naturalizado. As ruas eram palcos para a exibição do que a escola havia preparado ao longo dos anos, grande teatro aberto onde a cidade se envolvia, os estudantes, os professores e as autoridades civis, eclesiásticas e militares, estes geralmente mereciam destaque, os outros compareciam para se sentirem a ilusão de estarem realmente participando da vida do país.

A memória cívica, pensada e construída a partir das comemorações cívicas, que, de uma forma ou outra, aconteceram com a participação da escola, como as festas cívicas que acontecem dentro e fora da escola, por exemplo, os desfiles cívicos de 7 de

setembro, do aniversário da cidade e das várias festas empreendidas pela escola, como as de inaugurações dos prédios escolares, colação de grau, aniversário da escola, aniversário de Getúlio Vargas, aniversário do Golpe de 1937, foi construída a partir das lembranças de ex-professores, ex-alunos e pessoas idosas que vivenciaram estes acontecimentos históricos.

### **3.2.3 As festas do dia grande ou o dia da Pátria**

O Dia da Pátria, mais do que todas as outras festas cívicas, era lugar de encontro político das autoridades civis, militares e religiosas. Em torno desta data foi se construindo ano após ano o calendário e a memória cívica brasileira.

Data magna da história política do país, romantizada desde os primeiros momentos em que o Príncipe Regente anuncia às nações amigas a necessidade do rompimento definitivo com Portugal, e o coroamento desta ideia se concretiza com a imagem plástica do pintor Pedro Américo na tela “O grito do Ipiranga” apresentada ao público em 1888, no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro. A partir de setembro de 1822, o dia 7 passa a ser comemorado e rememorado pelo Estado como o marco de nascimento dessa comemoração, quando o Brasil se apresenta ao mundo do século XIX como nação livre e que mereceria ser reconhecida, mesmo com as desconfianças da Santa Aliança, o auxílio da Doutrina de James Monroe e os interesses comerciais da Inglaterra.

Festividade de caráter patriótico, nacionalista, durava vários dias, chegando mesmo a ser a Semana da Pátria, merecendo maior ênfase o dia 7 de setembro, data consagrada à independência do país, lembrada e relembrada ano após ano, como foi construída ao longo da escolarização de cada brasileiro.

Em 1922, quando do centenário da independência, as mais variadas manifestações cívicas aconteceram no Piauí para reviver a participação do Estado, que se orgulhava de ter participado na construção da emancipação política do país. Uma das comemorações vividas em 7 de setembro deste ano foi o lançamento do Hino do Piauí, criado pela Lei de nº 1078 de 1923, escrito pelo poeta piauiense Da Costa e Silva, cuja letra carregava de entusiasmo e exaltação à terra natal, como era próprio da época e que

a partir de então passou a fazer parte do cotidiano das escolas dos mais diferentes lugares deste Estado, conforme os trechos que seguem abaixo:

Salve! terra que aos céus arrebatas  
Nossas almas nos dons que possuis:  
A esperança nos verdes das matas,  
A saudade nas serras azuis.

Piauí, terra querida,  
Filha do sol do equador,  
Pertencem-te a nossa vida,  
Nosso sonho, nosso amor!  
As águas do Parnaíba,  
Rio abaixo, rio arriba,  
Espalhem pelo sertão  
E levem pelas quebradas,  
Pelas várzeas e chapadas,  
Teu canto de exaltação! [...]

Desde o ano de 1921, no Piauí já vinham sendo preparadas as comemorações do centenário da independência do Brasil, o jornal “O Livro”, do Colégio 24 de Fevereiro, da cidade de Floriano, assim convocava os brasileiros para a festa centenária que estava por vir,

[...] de hoje a um ano, em que a Nação se apresta, de já, para comemorar o centenário de nossa Independência, pensamos, satisfeitos, ver espargida por todos os recantos de nossa pátria amada a luz da instrução, da instrução, sem a qual não pode haver verdadeiro patriotismo, sem a qual uma nação poderá marchar, progredir e sentir-se forte e feliz.  
Trabalhemos, e sem desfalecimentos, pela difusão da instrução. É este o melhor meio para a comemoração do centenário de nossa Independência.  
(Fonte: Jornal O Livro, 07/setembro/1921, nº 47, p.1, Floriano-PI).

Na mesma edição deste jornal escolar veiculou a notícia abaixo, pela qual se tem uma visão mais ampla do sentido desta comemoração de 1922, do aniversário do centenário do Grito do Ipiranga, quando foi criada uma Comissão que cuidaria da preservação da imagem positiva desta data, que necessariamente deveria ser marcada com as inaugurações de escolas, materializando este fato histórico:

Uma escola em cada cidade para comemoração da nossa Independência

O Secretário do Interior mandou circular a todas as câmaras municipais do Estado, reproduzindo a moção da Comissão Executiva do Centenário da Independência para que cada cidade do Brasil, tendo mais de 10.000

habitantes inaugure uma escola no dia 7 de setembro de 1922. (Fonte: Jornal O Livro, 07/setembro/1921, nº 47, p.3, Floriano-PI).

Para tornar público, mas principalmente consciente de que contribuía para instruir e educar a população local, o jornal escolar acima referido também publicou os dez mandamentos cívicos nesta edição. Certamente sabia que não só os alunos, mas pais e professores teriam acesso a estas informações e assim os ensinamentos do poeta Coelho Neto seriam repassados ao maior número possível de pessoas:

- 1- Honra a Deus, amando a Pátria sobre todas as coisas, por no-la haver Ele dado por berço com tudo o que nela existe de esplendor no céu e de beleza e fortuna na terra.
- 2 – Considera a bandeira como a imagem viva da Pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração.
- 3- Honra a Pátria no Passado: sobre o túmulo dos heróis; glorifica-a no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro: com a dedicação que é a Força da Fé.
- 4 – Instrui-te, para que possas andar por teu passo na vida e transmite aos teus filhos a instrução, que é dote que não se gasta, direito que não se perde, liberdade que não se limita.
- 5 – Pugna pelos direitos que confere a Lei, respeitando-a em todos os seus princípios, porque da obediência que se lhe presta, resulta a Ordem que é Força suave que mantém os homens em harmonia.
- 6- Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilíbrio. Quando sentires o tentador, refugia-te no trabalho, como quem se defende do demônio na fortaleza do altar.
- 7 – Previne-te na mocidade, economizando pra a velhice, que assim preparas de dia a lâmpada que há de alumiar a noite.
- 8 Acolhe o hóspede coma gasalho, oferecendo-lhe a terra, a água e o fogo, sempre, porém, como senhor da casa: nem com arrogância que o afronte, nem submissão que te humilhe, mas serenamente sobranceiro.
- 9 – Ouve aos teus, que tem interesse no que lhes é próprio, reservando-te com os de fora. Quem sussurra segredos é porque não pode falar alto, e as palavras cochichadas na treva são sempre rebuscos de idéias que se não ousam manifestar ao sol.
- 10 – Ama a terra em que nasceste e à qual reverterás na morte. O que por ela fizeres por ti farás, que és terra, e a tua memória viverá na gratidão dos que te sucederem.

Estes dez mandamentos enceram-se em dois: Amar a Pátria sobre todas as coisas e aos que conosco trabalham para engrandecê-la. Coelho Neto. (Fonte: Jornal O Livro, 7/setembro/1922, nº 53, p.2, Floriano-PI.)

As comemorações em 1922 foram grandiosas, festejar o centésimo ano do histórico feito do Ipiranga requeria reinventar o passado bem ao gosto do que o presente exigia, a riqueza de detalhes trabalhados e retrabalhados asseguraram o direito de juntar,

no mesmo caldo, a festa do centenário da independência, a festa da árvore, inauguração dos retratos bem ao gosto brasileiro, conforme consta do jornal “O Livro”:

Às cinco horas da manhã, a cidade foi despertada com alvorada pela “Euterpe Florianense”, apitando, então, as fábricas e os vapores que estão no porto.

Às seis horas, em ponto, será hasteada no Conselho Municipal a bandeira nacional, ao som de cânticos e hinos patrióticos, fendendo os ares girândolas de foguetes. Farão, nesta ocasião, continência à bandeira todos os alunos dos colégios e escolas de Floriano [...].

[...] A uma hora da tarde far-se-ão no salão nobre do Colégio, uma apoteose à Bandeira, seguindo-se a inauguração do retrato de D. Pedro I ao lado de seu filho magnânimo D. Pedro II. Este quadro será ladeado do Pendão Colonial (1500) à Bandeira Nacional.

[...] Às 4 ½ (hora em que D. Pedro soltou, às margens do histórico Ipiranga, o grito de Independência ou Morte), será plantada na praça da Matriz uma bela árvore, que denominar-se-á “Árvore da Independência”. (Fonte: Jornal O Livro, 7/setembro/1922, nº 53, p.2, Floriano-PI.)

A arquitetura deste calendário que contribui para a construção da memória cívica piauiense só se torna possível de visibilidade porque a memória é repleta de fragmentos que a complementam, ilustrando o conceito de memória. Para melhor compreensão, retomo aqui Portelli (1997), quando utiliza a metáfora de uma colcha de retalhos que, apesar de serem diferentes, formam um todo depois de reunidos. Todos os pedaços das lembranças de cada um, e não somente dos que narraram suas histórias vividas para esta pesquisa, mas todas as lembranças são extremamente significativas, e por isso mesmo teriam recheado com maior colorido a memória cívica piauiense.

Todos e cada um dos colaboradores desta pesquisa enfatizam nas suas recordações aquilo que foi ou lhe é mais significativo. A professora aposentada Maria do Socorro Almendra de Carvalho (2009), no passeio ao seu passado rememorado e remontado para esta pesquisa, quando pinçou dali as festas cívicas, disse:

[...] Sete de setembro, a escola nunca deixou de comemorar a independência, o Sete de setembro, naquela época eu quero lhe dizer que eu não lembro assim do Dia das Mães, no tempo que eu estudava, já o tempo que eu trabalhei, aí a gente já tinha o Dia das Mães, agora naquela época as festas eram justamente o 7 de Setembro e o Dia do Mestre, esses dois, o 15 de outubro, essas duas eu sei bem, isso no tempo que eu estudava.

A sua memória reteve muito mais as festas do Dia dos Professores e de 7 de Setembro, com os fragmentos de lembranças que o tempo não foi capaz de varrer, assim também rememorou a festa cívica da Independência do Brasil, quando já repassando seus ensinamentos patrióticos aos seus alunos na condição de professora e diretora de uma escola piauiense,

Eu achava muito importante, a coisa que eu tenho mais pena, de hoje em dia não ter, eu não acho aquilo um desfile de 7 de setembro, uma pequena representação de colégios, eu faz tanto tempo, prá dizer a verdade, que eu não gosto de falar sobre esses dez anos atrás, porque não é mais como era no nosso tempo, minha filha nós fazíamos desfile aqui nesse Grupo Escolar Miguel Borges, fizemos um desfile sobre as profissões, fizemos um pelotão, caracterizamos todas as profissões que ajudam a comunidade, nós começamos tinha de tudo, fizemos demonstração de tudo, do engraxate, do padeiro, do leiteiro, por que naquele tempo, [...] nos anos de 1940, 43 foi quando eu vim fazer o ginásio[...]. Então aqueles desfiles eram uma coisa você trabalhar, você pensa olha, prá você arrumar aquilo prá poder servir de uma amostragem bonita, que procurava mostrar tudo da melhor maneira possível, como era o nosso Brasil, todas as coisas, olha os carros alegóricos, eram muito bonitos. [...] em Campo Maior na escola que eu trabalhei, 7 de setembro minha escola fez um carro, onde D. Pedro, preparei [...] em José de Freitas, também tinha esse mesmo desfile, com todos os requintes da História você mostrava, a História, porque você muita gente não teve a felicidade de estudar, porque no interior naquele tempo, quantas pessoas deixavam de fazer o próprio primário que era a única coisa que existia nas cidades pequenas, [...] eu só já procuro recordar do que foi muito bom, [...] na outra encarnação eu vou pedir a Deus, Nosso Senhor, prá que eu seja professora, olhe eu só não fui Superintendente, com toda minha humildade, mas eu fui Diretora, fui Coordenadora, porque naquelas épocas, só tinha Diretora não existia essas outras coisas, a Coordenadora, o Supervisor, o Superintendente, pois eu fui Diretora, Coordenadora e Supervisora. Encerrei minha carreira artística como Supervisora, maravilha eu só tenho coisas boas [...].

Aprimorando suas buscas de antigos guardados, Dona Constância Nogueira Bastos (2008), entre as lembranças e os esquecimentos, recuperou ricos detalhes que vieram à tona quando indagada sobre estes eventos, como por exemplo sobre o itinerário dos desfiles, o local do palanque, a particularidade do pelotão feminino. E trouxe também do tempo vivido imagens de uma Teresina de ruas sem calçamentos, do prefeito (Dr. Lindolfo), que restaurou a praça e ao mesmo tempo controlava e disciplinava, através do olhar do vigia, todo e qualquer movimento contrário ao que era permitido, “que a gente não podia nem botar a saia ali em cima do gramado que tinha o vigia prá ... (risos)”,

As festas de 7 de Setembro, lembro, aliás não eram desfiles, eram paradas, eram na Praça Pedro II, naquela parte alta da praça faziam aquele palanque, faziam aquele desfile, desfile não, a parada dos alunos [...] sim .... e um desfile que houve, não sei era 7 de Setembro, tinha umas meninas que tocavam tambor, um pelotão só mulher [...] a gente saía ali pela porta da Escola Normal rodeava pelo lado da Prefeitura e passava pelas praças, procurando os calçamentos melhores, ali aquela praça que hoje é a Praça da Bandeira, não tinha nada era só um turrão velho, cheio de barro, depois que entrou o Dr. Lindolfo, é que ajeitou lá, ele tinha um ciúme daquela praça, era onde a gente fazia Educação Física, ajeitou, tinha gramado, que a gente não podia nem botar a saia ali em cima do gramado que tinha o vigia prá ... (risos).



Foto nº 30. Desfile do 7 de setembro. Fonte: Arquivo particular.

As comemorações do 7 de Setembro, assim como acontecia nas várias capitais do país, como mostra a imagem acima da festa de 1942, em Teresina, ocorria também nos mais distantes municípios piauienses, como resultado da expansão dos grupos escolares, escolas mistas, escolas singulares, escolas rurais, que com a chegada dos prédios, das professoras, dos livros, enfim de todos os equipamentos materiais e culturais mudou significativamente a vida destas populações, criando uma cultura escolar que respondia às mais diferentes determinações do Estado. A notícia abaixo, veiculada por ocasião das festividades alusivas à Independência do Brasil em Altos-PI, é uma demonstração clara da construção desta memória cívica por todo o território piauiense,

O dia 7 de setembro em Altos

Por notícias particulares soubemos haver sido condignamente comemorado pela Prefeitura Municipal, com o concurso das escolas primarias e do povo em geral. O Dia da Pátria, na próspera e vizinha vila de Altos. Antes de ter início a passeata, os alunos da escola em forma, sob a direção das esforçadas professoras locais, postaram-se em frente ao prédio da Prefeitura, onde já era grande a massa popular que ansiava, também por prestar a sua homenagem à Pátria. [...] Seguiu-se a passeata, que decorreu debaixo da maior ordem possível, na qual tomaram parte todas as escolas primárias daquela vila, precedidas de uma orquestra da Força Pública do Estado, e que revestiu-se de um cunho de verdadeiro e sadio patriotismo, ouvindo-se constantes vivas a D. Pedro I, José Bonifácio, ao Presidente Vargas e ao eminente Interventor Federal, Dr. Leonidas de Castro Melo. (Fonte: Diário Oficial, nº 202, p.1, 10/09/1938).

Olhando por este viés interpretativo, a dança do tempo marca necessariamente, a partir de 1930, no Brasil, segundo preferem muitos historiadores, um novo tempo, ou um começo de algo que estava por vir. Entretanto, a festa do 7 de Setembro em 1937, ano do golpe, acontece assim como nos demais anos, embora em Teresina tenha tido programações muito mais restritas ao espaço escolar, as autoridades talvez já sentissem o que se aproximava, o interventor do Estado em suas memórias “Trechos do meu caminho” (1976), no capítulo intitulado “Minha participação no Golpe de Estado de 10 de novembro de 1937 (Estado Novo)”, descreve que após informações de que estava sendo esperado às margens do rio Parnaíba deslocou-se para lá e mesmo tendo este encontro acontecido em outubro, as conjecturas políticas já ocorriam para além da capital federal, lembrando das tentativas de Luis Carlos Prestes e seus homens:

[...] A porta do avião se abriu, Negrão de Lima<sup>40</sup> veio a meu encontro. Trocamos cordial abraço. A tripulação recolheu-se à cabina. Ficamos sós e Negrão falou:

- Leonidas, ando em missão do Presidente da República, absolutamente reservada. Já estive com vários governadores e tenho recomendação de

---

<sup>40</sup> Francisco Negrão de Lima, político mineiro, era advogado, mas dedicou-se na década de 1920 ao exercício do jornalismo em Belo Horizonte. Eleger-se deputado federal constituinte por Minas Gerais pelo Partido Progressista. Nas articulações políticas para o golpe de 1937, o governador mineiro Benedito Valadares, em acordo com Eurico Gaspar Dutra e Goés Monteiro, enviou Negrão de Lima, aos estados do Norte e do Nordeste do país, a fim de averiguar os governadores destes estados, com exceção dos Estados de Pernambuco e da Bahia, contrários a permanência de Vargas no poder, esta empreitada ficou conhecida como “missão Negrão de Lima”.

conversar com você. O Presidente da República considera grave a situação nacional e julga necessário a adoção de um regime de Governo que fortaleça o Poder Executivo e dê-lhe condições de enfrentar o perigo que nos ameaça. Está disposto a dar um Golpe de Estado, de feição ditatorial, mas sem derramamento de sangue. O Presidente quer conhecer o pensamento dos governadores. Os que julgarem, necessário e benéfico à nação continuarão no Governo dos seus Estados, como Interventores.

Apesar do aturdimento que experimentei por alguns instantes, respondi o que realmente pensava e achava da situação nacional.

- Negrão, disse-lhe eu, o Presidente tem inteira razão e creio que todos os governadores sentem a necessidade de fortalecimento do Poder Executivo. Com a atual agitação política e subversão da ordem por infiltração comunista pouco poderá fazer um Governador em benefício do Estado que governa.

- Então é esta a sua resposta?

- Negrão, esse é o meu pensamento e apoiarei o ato do Presidente.

- Pois aguarde o Golpe que será dado possivelmente a quatro de novembro. (p. 275).

Por assim compreender, fica mais fácil entender a notícia que circulou no Diário Oficial poucos dias antes das festas da Independência

Por motivo superior, não haverá a festa escolar que seria realizada a 7 de Setembro, em frente à Escola Normal Oficial.

Naquele dia effectuar-se —á apenas a parada militar da qual tomarão parte o 25º BC., a Polícia Militar, o Collegio Diocesano, e Lyceu Piauiense.

Às sete horas S. Excia o Sr. Governador do Estado passará revista à tropa. (Fonte: Diário Oficial, 4 de setembro de 1937, nº 199, p. 12).

A viabilização do golpe de Vargas para implantar uma ditadura só tornou-se possível graças ao apoio dos militares aliados do Presidente, que construíram um falso plano comunista, "o plano Cohen fora inventado pelo exército dando sustentação política para Vargas em 1934 implantar o Estado Novo." (SKIDMORE, 1975, p.48).

A Semana da Pátria na Escola Normal Oficial foi comemorada quase que exclusivamente dentro da escola, no ano seguinte ao do golpe do Estado Novo em 1938, “[...] constando principalmente de preleções, em classe, feitas pelos professores e alunas previamente designadas” dentro desta programação consta ainda a inauguração do “retrato oficial do Sr. Presidente da República, fazendo-se ouvir, então, alguns números de canto orfeônico”, ou seja, uma festa dentro da outra, e múltiplas atividades eram organizadas para as comemorações de sagração do Chefe do Estado.

A Diretoria da Escola Normal Oficial, em colaboração com os corpos docentes e discentes do grande estabelecimento de instrução, deliberou que o programa comemorativo da Semana da Pátria seja executado no seio interno de sua sede, constando principalmente de preleções, em classe, feitas pelos professores e alunas previamente designadas. O início das solenidades teve lugar ontem, às 9 horas, com uma sessão do Clube de Leitura “Firmina Sobreira”. As preleções a que nos referimos terminarão no dia 7, com uma expressiva cerimônia presidida por Sua Excelencia, o Sr. Dr. Leonidas de Castro Melo. Nessa ocasião será inaugurado o retrato oficial do Sr. Presidente da República, fazendo-se ouvir, então, alguns números de canto orfeônico, sob a regência do competente Professor, o maestro Pedro Aloisi. Assim a Escola Normal Oficial comemorará condignamente a data máxima da nação brasileira. (Fonte: Diário Oficial, 2 de setembro de 1938, nº196, p.12).

Múltiplas atividades cercavam as comemorações cívicas, principalmente as do 7 de Setembro, dia da independência do Brasil, por um ato heróico que todo brasileiro deveria sempre relembrar, visto ser um povo alegre, livre e independente, mesmo que por decreto.

#### 4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS FINALIZAÇÕES

Neste momento que pede considerações dos caminhos percorridos, dos encaixes encontrados, dos conceitos utilizados, das fontes usadas e das outras fontes construídas, experimento estranhas sensações de inquietação, de atordoamento, buscando neste ponto da escrita encontrar os sentidos construídos ao longo desta trajetória.

Percebo que do pensar inicial que norteou este caminho outros atalhos foram necessários, de acordo com o que me apontava cada dado encontrado nas fontes, mostrando sempre a maleabilidade de um projeto elaborado anteriormente, às vezes com doses de romantismo e de vislumbamento, geralmente com o desejo de adentrar por lugares não pesquisados, por objetos ainda vistos como não pesquisáveis, ciente de que os atalhos labirínticos não me desviaram do sentido primeiro para compreender a construção da memória cívica piauiense.

Esta altura do trabalho, que sugere uma “conclusão final”, é um momento extremamente delicado, quando ainda tenho dúvidas e penso outras possibilidades de trilhar novos rumos, o que me é muito bom, porque jamais assumiria a posição de subir ao patamar das verdades deusificadas e absolutizadas, e salutar ter consciência de pesquisas que não são encerradas em si mesmas.

Por outro lado, é necessário dizer, como disse Diadorim, na passagem do rio, “carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem”, porque adentro por um local que é híbrido por demais, que hora parece ser uma e é outra, hora se confunde com o que já está posto, digo da História da Educação, porque para a grande maioria dos historiadores não é considerada ao menos campo da História, embora os historiadores da educação estejam fazendo excelentes trabalhos preenchendo os vazios teóricos, ampliando seus conhecimentos no âmbito historiográfico, colocando-se no lugar da pesquisa histórica, trazendo objetos ainda não pesquisados, contribuindo para compreender determinadas realidades e tempos históricos.

A coragem para assumir que não importa o lugar que ocupe, se o primeiro ou o último, mas o seu significado, não importa se mais história ou mais educação, importa que contribuição tenha dado.

A História da Educação buscada por esses caminhos situa-se entre os vários canteiros do campo da História Cultural porque auxilia a análise da educação identificada aqui, no período recortado de 1930 a 1945, como um dispositivo forjador de uma memória nacional, portanto, como terreno propício para uma abordagem de cunho historiográfico, que toma forma pelo viés da História Cultural, tendo a cultura escolar como traço de união entre diversos sistemas simbólicos em ebulição na sociedade piauiense, que constrói estas memórias, a cívica, a da escola e a da cidade, memórias individuais e plurais.

Iniciei esta caminhada historiográfica pelas pequenas veredas, construindo pequenos córregos que me apontassem possibilidades de fontes, por intermédio das narrativas de quem tem o ócio a favor da vida para contá-la, revivendo a partir de cada detalhe do que foi remexido e trazido à tona pelas reminiscências de professoras normalistas e de outros colaboradores que vivenciaram estes tempos em que há festas para comemorar uma independência que alguns perguntavam que independência?, e muitos entoavam hinos pátrios para serem ouvidos e repetidos como eco, e outras tantas vezes repetidos até a total introjeção e aceitação como naturalizados e incorporados.

As histórias escutadas nos momentos de buscas me fizeram entender que cada uma delas é uma história revivida e recontada toda vez que se é instigado a lembrá-la, o que não diminui jamais a importância da experiência do vivido, e isto me fez compreender que as experiências são individuais e que são estas experiências que, costuradas e montadas, compõem a memória, como Portelli (1997), que montou sua “colcha de retalhos”.

Dizer que o pós-30 é divisor de águas é comungar com o que já foi postulado por historiadores dos mais diferentes gostos historiográficos. No Piauí, desenha-se neste momento de grandes promessas políticas algumas mudanças significativas, é quando os interventores resolvem dar um caráter “moderno” ao Estado e começam a espriar prédios escolares por todo o estado.

A Escola Normal Oficial, na capital, sozinha não dava conta da capacitação e formação de normalistas para atender à demanda do ensino primário em todo o estado, havendo assim a necessidade de criar a Escola Normal de Parnaíba, em 1928 e a de Floriano, em 1930. Desta maneira, ampliam-se as teias da emaranhada expansão do ensino primário, por conseguinte, todo este processo é resultante da tentativa de interiorização do ensino normal, almejando assegurar a presença da professora

normalista, em uma dinâmica de substituição da professora leiga em todos os municípios do Estado.

Esta dinâmica de expansão do ensino, normal e primário, carrega consigo a construção de uma cultura escolar e as alterações no cotidiano, e em cada lugar, por mais distante que fosse, a chegada dos prédios escolares, do material escolar e das professoras provocava mudanças na vida de todos, impossibilitando, portanto, dissociar o cotidiano da história e do espaço da escola, caracterizando a escola como espaço de produção de sentidos e de lugar de memórias.

Assim sendo, o intuito primeiro foi o de entender pelas lembranças, pelas reminiscências, pela narrativa oral como a escola modificou ou não o dia-a-dia piauiense, como as normalistas eram recebidas em cada lugar de escola, o que elas levavam e depois o que traziam, compreendendo que estas trocas culturais modificaram significativamente o piauiense, numa dinâmica singular de resguardar a essência mais cara para cada um.

Nesta efervescência de um tempo em que os relógios apressaram o passo, não se pode esquecer que “toda a vida cotidiana, afetiva, fantástica de uma sociedade depende de um calendário”, Le Goff (1996), um novo tempo instaurado, um novo calendário cívico foi construído por uma oficialidade, para controlar, uniformizar e homogeneizar as ações educativas, com as festas, as cerimônias ritualísticas - do hasteamento das bandeiras, do canto dos hinos pátrios, das inaugurações de retratos – norteando e sincronizando o ritmo da vida.

A análise da arquitetura deste calendário, que contribuiu para a construção da memória cívica piauiense, só se tornou visível porque teci com os fragmentos de lembranças de quem aprendeu e ensinou a fortalecer o sentimento patriótico, dando origem às virtudes cívicas a partir destas engrenagens pedagógicas edificadas como capacidade de fazer o bem e evitar o mal à pátria amada e que foram construídas ao longo do tempo, toda vez que se cantava o hino louvando a pátria, hasteando as bandeiras, desfilando em marcha pelos heróis nacionais, numa permanente edificação e sacralização dos símbolos do Estado.

As festas serviam como propaganda do que era ensinado na escola, utilizadas para despertar o interesse da população local para a educação das crianças e dos jovens, criando meticulosamente o gosto pela obrigação da participação e respeito por essas atividades repetidas cada data e comemorada todos os anos, inventando assim a tradição cívica.

As ruas eram palcos para os grandes espetáculos cívicos, teatro aberto para as aulas de História do Brasil, onde desfilavam lado a lado todos os heróis nacionais, desde os que chegaram em 1500, os que tornaram o país independente, a princesa que aboliu a escravidão, os que lutaram na Guerra do Paraguai, o marechal que proclamou a República até os que estavam construindo um Brasil novo. Para a grande maioria dos que assistiam era repassada uma história única, de verdades inquestionáveis como os ensinamentos religiosos que são levados para a vida.

A memória cívica, pensada e construída a partir das comemorações cívicas que tiveram a participação efetiva da escola, em que todas as comemorações analisadas contaram com a presença fiel de professores e alunos, festas como a da Independência do Brasil, da Juventude, do Pan-americanismo, da Árvore, festas de inaugurações, para homenagear autoridades, de aniversário do Estado Novo, aniversário de Getúlio Vargas e as que aconteciam dentro da própria escola, todas puderam ser memoradas e rememoradas porque os baús das lembranças foram forjados dos gestos e das ações construídas pela educação.

As tradições cívicas aqui “inventadas” têm sua gênese anterior ao recorte temporal estabelecido, com pequenas comemorações geralmente como divulgação dos ideais republicanos. No entanto, somente a partir de 1930 e mais especificamente de 1937 é que o calendário ganha mais datas a serem festejadas e com características de espetáculos públicos, compreendendo assim que a temporalidade histórica é responsável pela flexibilidade das datas comemoradas nesta permanente construção de novos calendários.

As tradições inventadas e aqui analisadas que se apresentam com maior duração são as que foram construídas e aprendidas no dia a dia da escola e que se firmaram ao longo do tempo por terem características ritualísticas, as quais foram repetidas, faladas e trabalhadas em sala de aula e a cada ano eram apresentadas e rerepresentadas de acordo com as datas marcadas no calendário.

As comemorações cívicas tornaram-se parte significativa das lembranças de homens e mulheres que participaram desta pesquisa, daí serem as memórias cívicas, cada data, cada festa vivida, como um ato religioso de quem acredita piamente naquilo que vivencia.

Mulheres e homens que muitas vezes eram “convidados” para as preparações destas festas e criaram ilusões de participação política, de quem ajudava a

construir o Estado, de quem colaborava para tornar meninas e meninas em sujeitos cívicos, nacionalistas e patriotas.

A tradição cívica resguardou para além do recorte temporal desta pesquisa, como eco de um passado que se disse glorioso, estas comemorações cívicas, especialmente a do 7 de Setembro, reforçando na memória piauiense o sentimento de pertença à pátria amada.

## 5 - BIBLIOGRAFIA

AIRES, Joubert Max M. P. **Educação e identidade nacional: um estudo dos tempos de Capanema**. Cadernos da Pós-Graduação em Educação Mestrado e Doutorado. N° 13, UFC, 1999.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde. **Estado Novo: projeto político pedagógico e a construção do saber**. Revista Brasileira de História, v. 18. n° 36, 1998.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Coordenadoras. **Usos e abusos da história oral**. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. **Momento Brasileiro: reflexões sobre o nacionalismo, a educação musical e o canto orfeônico em Villa-lobos**. Revista Eletrônica Complutense de Investigación em Educación Musical, volumen 5 Número 2. 2008.

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e imaginário: um olhar historiográfico**. – Teresina; EDUFPI/Instituto Dom Barreto, 1997.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Brasília: Editora UnB, 1996.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol2, n.3, 1989, p.29-42.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. tradução de Júlio Castañon Guimarães. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **A Educação como Espetáculo**. IN: BASTOS, Maria Helena Câmara e STEPHANOU, Maria (org.). Histórias e memórias da educação no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005, vol II.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios sobre literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol.1 Trad. Sergio Paulo Rouanet. 5ª ed. Editora Brasiliense. 1985.

BERFORD, Álvaro Bittencourt. **O estado nacional e a constituição de novembro de 1937**. Edição do Departamento de Imprensa e Propaganda. Rio de Janeiro. 1944.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOMENY, Helena Maria Bousquer. **Os intelectuais da educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

BORGES, J. L. **Funes, o Memorioso**. In: Ficções. São Paulo: Ed. Globo, 1989.p. 89-97. Tradução Carlos Nejar.

BORGES, Jorge Luis. **História da Noite**. In: Obras completas. Volume 3 – São Paulo: Globo, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. S. Paulo: Companhia das Letras. 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. – São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua.** – Campinas, SP: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Fátima Regina Lopes. **O Estado Novo em nossa casa:** uma reflexão a partir do sentimento nacionalista. Cadernos de Pós-Graduação em Educação – UFC, N° 3 – v. 1-2, 1999.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História.** Ed. Perspectiva. São Paulo. 1969.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a história.** [tradução Eduardo Brandão]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (O homem e a história).

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **Pierre Nora, ou o historiador da memória.** História Social. Campinas – SP, nº 6, 13-33, 1999.

BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia. (orgs.). **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2001.

BRITO, Itamar Sousa. **História da educação no Piauí.** Teresina: EDUFPI, 1996.

BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas.** Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

\_\_\_\_\_. **A História como memória social.** In: O mundo como teatro. Estudo de Antropologia Histórica. Lisboa. Difel. 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **“Coisas Velhas”:** um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958) – São Paulo: Editora UNES, 2000.

CAMPOS, Francisco. **Educação e cultura.** Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora. 1941.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena:** propaganda política no varguismo e peronismo. Campinas: Papirus, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. **História e Imagem:** Os exemplos da Fotografia e do Cinema. IN: Cardoso, C.F. e Vainfas, R. (ORG). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Múltiplas e singulares: histórias e memórias de estudantes universitárias em Teresina. (1930-1970)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

CARRETERO, Mario. **Documentos de identidad: la construcción de memoria histórica em um mundo global**. 1ª ed.- Buenos Aires: Paidós, 2007.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A configuração da historiografia educacional brasileira**. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva* (org.). São Paulo: Contexto, 2000.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto**. trad. Carmen Sylvia Guedes, Rosa Maria Boaventura; revisão técnica Denis Rosenfield. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CATROGA, Fernando. **Memória e história**. In: Pesavento, Sandra Jatahy, org. *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

\_\_\_\_\_. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo** (EUA, França e Portugal) – Fortaleza: Edições NUDOC/ Museu do Ceará, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os passos do homem como restolho do tempo**. Memória e fim do fim da História. Coimbra-Portugal. Edições Almedina, 2009.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O jornal na História: lugar do encontro de fontes escritas, orais e imagéticas**. In: *História da educação – vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais*. – Fortaleza: Edições UFC, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A escrita da História**. Tradução Maria Lourdes Meneses. 2ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **A cultura no plural**. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. – São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHAVES, Miriam Waiderfeld. **A modernização da escola anisiana dos anos 30**. In: FERREIRA, António Gomes. *Escolas, culturas e identidades*. III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa. Difel. 1990.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Além do Estado Novo e da ideologia: imigração judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial**. In. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v.22, nº 44, 2002.

CONTIER, Arnaldo D. **Passarinhada do Brasil: canto orfeônico, educação e getulismo**. Bauru-SP: EDUSC, 1998.

CONTIER, Arnaldo D. **Canto orfeônico, Villa-lobos e as manifestações culturais do período getulista (1930-1945)**. *Anais da Associação de História - ANPUH*. XXIV Simpósio Nacional de História – 2007.

CUNHA, Célio da. **Educação e autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo. Cortez Editora e Autores Associados, 1986.

D'ALÉSSIO, Marcia Mansor. **Intervenções da Memória na Historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes**. *Proj. História*, São Paulo, (17), nov. 1998.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEL PRIORY, Mary. **História do Cotidiano e da Vida Privada**. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v.1.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **O processo de escolarização em Minas Gerais**. IN: VEIGA, Cynthia Greive e FONSECA, Thaís Nívia Lima. História e Historiografia da Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário: (1920-1940)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. – Teresina, 1996.

FIGUEIREDO, Adiel Tito de. **O Estado Novo e a educação no Maranhão (1937-1945)**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michael. **A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro. Graal. 1977.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. **A educação brasileira no contexto histórico**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, Identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAS, Clodoaldo. **História de Teresina**. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1988.

FREITAS, Marcos Cezar de. (Organizador). **Memória Intelectual da Educação Brasileira**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco/ EDUSF, 1999.

GALLEGO, Rita de Cássia. **Dias em vermelho no calendário: feriados, festas e comemorações cívicas nas escolas primárias paulistas (1890-1929)**. 2007.

GARCIA, Néelson Jahar. **Estado novo, ideologia e propaganda política**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda. Edições Vértice. 1988.

\_\_\_\_\_. **Propaganda política, construção do tempo e do mito Vargas: O Calendário de 1940**. In. BASTOS, Elide Rugai, RIDENTI, Marcelo e ROLLAND, Denis. (orgs). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil- França*. São Paulo: Cortez, 2003.

GONÇALVES, Luis Mendes Ribeiro. **Impressões e perspectivas**. Brasília, 1980.

GONÇALVES NETO, Victor. **Fogo**. Edições Corisco, Teresina – PI. 1988.

GOULART, Silvana. **Sob a Verdade Oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero. 1990.

GUIMARÃES, César Geraldo. **Imagens da memória: entre o legível e o visível**. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras/ Estudos Literários – Fale/UFGM; Ed. UFGM, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. – São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. – (Biblioteca Vértice).

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. (tradução: Maria Célia Paoli, Anna Maria Quirino). – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos velhos na Polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária. 2003.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira da Educação. Campinas. Nº 1, p.9-44, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **As grandes festas didáticas: A educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)** – Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1986.

LOBOS, Heitor Villa. **Sua obra**. Museu Villa-Lobos, 1965.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **Superando a pedagogia sertaneja: Grupo Escolar, Escola Normal e Modernização da Escola Primária Pública Piauiense (1908-1930)**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Ceará, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pão do espírito, sol radioso: o discurso e a ação educacional católica e as polêmicas anticlericais no Piauí (1890-1930)**. IN. A educação escolar em perspectiva histórica. Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação – PUCPR – SBHE – 2004.

\_\_\_\_\_. **Das escolas reunidas ao Grupo Escolar: a escola como repartição pública de verdade**. IN. Grupos Escolares: cultura escolar e primária e a escolarização da infância no Brasil (1893-1971) / Diana Gonçalves Vidal, (org). – Campinas, SP: Mercado de Letras. 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro. DP& A. 2001.

LOVISOLO, Hugo. **A Memória e a Formação dos Homens**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.16-28.

MACHADO, Paulo Henrique Couto. Post Card 57/77. In.: **Tá pronto seu lobo?** Teresina, PI: Edições Corisco. 1978.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: histórias das instituições educativas**. Bragança Paulista - SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para contar**. Tradução Eric Nepomuceno. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia e história**: possibilidades de análise. IN: CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda. (orgs). A leitura de imagens na pesquisa social. História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004; p. 19-36.

MCLAREN, Peter. **Rituais na escola**: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Tradução Juracy C. Marques, Angela M. B. Biaggio; apresentação à edição brasileira Tomaz Tadeu da Silva; prefácio Henry Giroux. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MELLO, Leônidas de Castro. **Trechos do meu caminho**. Teresina-PI: COMEPI, 1976.

MELO, Salânia Maria Barbosa. **A construção da memória nacional a partir da Escola Normal piauiense, no período de 1937 a 1945**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de História da Educação. UFRN – Natal. 2002.

\_\_\_\_\_. **Reminiscências do processo de escolarização**: a formação da professora normalista piauiense e o ensino primário (1930-1945). Dissertação de Mestrado. Defendida em março de 2005. Mestrado de Educação da Universidade Federal do Piauí.

MONARCHA, Carlos. **A reinvenção da cidade e da multidão**: dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. – (Coleção educação contemporânea. Série memória de educação).

\_\_\_\_\_. **Educação da infância brasileira**: 1875-1983. Campinas. SP: Autores Associados, 1999. (Coleção educação contemporânea).

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a educação nacional na “Era Getuliana”**. In. Revista de história da educação. Nº 6. out. 1999.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **O tenentismo no poder**: A interventoria Landri Sales (1931-1935). In: *Carta CEPRO*. Teresina, v.11. nº 1, 1986.

\_\_\_\_\_. **Cronologia do Piauí republicano 1889 – 1930**. Teresina: Fundação CEPRO, 1988.

\_\_\_\_\_. **Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica.** Teresina: Fundação CEPRO, 1993. 190 p.

\_\_\_\_\_. **A revolução de 1930 no Piauí.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1994.

\_\_\_\_\_. **Teresina anos 40: o labirinto dos incêndios.** Cadernos de Teresina. Ano X, nº 26 – Agosto, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cidade e Memória: O processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940.** In. EUGÊNIO, João Kennedy. Histórias de vários feitio e circunstância. (org). Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

\_\_\_\_\_. **A cidade sob o fogo.** Modernização e violência policial (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. **A ilusão pedagógica: 1930-1945: Estado, sociedade e educação em Goiás.** Goiânia: Editora da UFG, 1994.

NEVES, Frederico de Castro. **As mil voltas de “Seu” Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar.** Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, vol.2, nº 3, 2002.

NORA, Pierre. **“Entre Memória e História: a problemática dos lugares”**, In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NUNES, Clarice. **Cultura Escolar, Modernidade Pedagógica e Política Educacional no Espaço Urbano Carioca.** IN: NUNES, Clarice (et al.) (org.). Missionários do Progresso: Médicos, Engenheiros e Educadores no Rio de Janeiro (1870-1937). Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

OLIVEIRA, Maria Christina de Moraes Souza. **Parnaíba: das primeiras escolas aos cursos universitários.** Teresina: Editora Gráfica da UFPI, 1993.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

OZOUF, Mona. **“A Festa sob a Revolução Francesa”**. In: LE GOFF, J. e Nora, P. História Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PEREIRA, André Ricardo. **A criança no Estado Novo: uma leitura de longa duração.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v.19, n° 38, 1999.

PEREIRA, Maria Goretti Lopes. **Educação brasileira e memória.** Cadernos da Pós-Graduação em Educação – UFC, n° 13, v. 1-2, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Historiografia do Estado Novo: Visões Regionais.** In: SILVA, José Luis Werneck da. O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

\_\_\_\_\_. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Dossiê: Cidades Abertura. Rev. Bras. Hist. vol.27 n°53 São Paulo Jan./Jun. 2007.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Marilu Emília Borges e MENEGAZZA, Maria Adélia. **Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa.** Rev. Brasileira de Educação. set./ out./ nov./ dez. 2004 – n° 27. ANPED. SP: Autores Associados.

PINTO, Júlio Pimentel. **Os muitos tempos da memória.** Proj. História, São Paulo. (17), Nov. 1998.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Rev. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15. (tradução de Dora Flaksman).

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social.** Rev. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

POMIAN, K. Enciclopédia Einaudi. **Tempo e Temporalidade.** Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1993, vol. 29. (Tempo e Temporalidade – p.11-91).

PORTELLI, Alessandro. **“A Filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”.** IN: Revista Tempo/ Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v.1, n.2, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

\_\_\_\_\_. **O que faz a História Oral diferente?** IN: Projeto história/ Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Dpt. De História da PUC/SP. São Paulo, nº 14, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”**. In. Olga de Moraes Simson. Experimentos com histórias de vida (org). São Paulo: Vértice, 1988.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

\_\_\_\_\_. **História, literatura, sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

\_\_\_\_\_. **Educação no Piauí**. – Imperatriz, MA: Ética, 2008.

RAGO, Margareth e GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. **Narrar o passado, repensar a história**. Organizadores: - Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. (Coleção Idéias).

REIS, José Carlos. **História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. – 3.ed – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REZNIK, Luis. **Tecendo o amanhã: a História do Brasil no ensino secundário – programas e livros didáticos. 1931 a 1945**. Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 1992. 284p. (Dissertação de mestrado).

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da educação brasileira**. A organização escolar. 18ª ed. ver. e ampl. – Campinas: Autores Associados, 2003.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. – tradução: Alain François [et. al.]. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RIOS, Kênia Sousa. **História Oral que história é essa?** Cadernos do CEOM – Ano 14 – nº 12 – Unoesc – Chapecó – Junho/2000.

ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. **Educação conformada: A política de educação no Brasil – 1930-1945/ Juiz de Fora: UFJF, 2000.**

ROLLAND, Denis. **O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle das culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras.** In. BASTOS, Elide Rugai, RIDENTI, Marcelo e ROLLAND, Denis. (orgs). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França.* São Paulo: Cortez, 2003.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** Petrópolis-RJ. Vozes, 1982.

SALES, Luís Carlos. **O valor simbólico do prédio escolar.** Teresina: EDUFPI, 2000.

SAMUEL, Raphael. **Teatros de memória.** Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997.

SANTOS, Tatiana Medeiros. **Entre a ordem e a disciplina: práticas e representações disciplinares no cotidiano escolar de ex-normalistas do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970).** IN. *Do silêncio à voz: pesquisas em história oral e memória/ Charlinton José dos Santos Machado ... [et AL]; (Orgs.). – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.*

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação.** tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema.** Helena Maria Bousquet Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Estado Novo, um auto-retrato.** (Arquivo Gustavo Capanema). CPDOC/FGV. Editora UNB, 1983.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo.** 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra: 1979.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001.

SOUSA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A escola e a memória.** Bragança Paulista: IFAN-CDAPH - Editora da Universidade São Francisco - EDUSF. 1992.

SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. **Irmandade e Festa**. Rosário dos Pretos de Sobral. (1854-1884). Fortaleza: Edições NUDOC/ Expressão Gráfica e Editora, 2006. (Coleção Mundos do Trabalho).

SOUZA, Rosa Fátima de. **Cultura escolar e currículo**: aproximações e inflexões nas pesquisas históricas sobre conhecimento e práticas escolares. In: Escola, culturas e saberes/ Organizadores Libânia Nacif Xavier ... [et al.]. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 172p.

TAVARES, José Nilo. **Getúlio Vargas e o Estado Novo**. In. O feixe e o prisma. Uma revisão do Estado Novo. O autoritarismo como questão teórica e historiográfica. Org. José Luiz Werneck da Silva. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1991.

THEODORO, Janice. **Memória, Escola e Comunidade**. In: Revista de Divulgação Cultural, Blumenau, vol.13, nº 44, julho-agosto, 1990.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TITO FILHO, José de Arimathéa. **Em tempo de memória**. Artenova S.A. Teresina, 1974.

VALLE, Lilian do. **A escola imaginária**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

VARGAS, Getúlio Dorneles. **A nova política do Brasil**. A Realidade Nacional em 1933 - Retrospecto das realizações do Governo, em 1934. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.

\_\_\_\_\_. **As diretrizes da nova política do Brasil**. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora. 1941.

VASCONCELOS. José Gerardo. **Diferentes concepções de memória: refazendo os caminhos no Brasil autoritário**. Educação em Debate – Fortaleza – Ano 19 – nº 33 de 1997- p.56-70.

VEIGA, Cynthia Greive. **Educação estética para o povo**. In: 500 anos de educação no Brasil/ organizado organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga, - Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª ed.

VIDAL, Diana Gonçalves e SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. (organizadoras). **A memória e a sombra** – a escola brasileira entre o Império e a República. – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves e ABDALA, Rachel Duarte. **A fotografia como fonte para a História da Educação**: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. Revista Educação. Edição 2005 – vol.30 – Nº 2 – <http://coralx.ufsm.br/revce/2005>.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## 5.1- FONTES ORAIS

ALMEIDA, Francisca Mendes de. Entrevista concedida a Maria Leal dos Santos (aluna de História do 8º bloco da UESPI, orientanda da Profª Salânia Maria Barbosa Melo), em agosto de 2002.

BASTOS, Constância Nogueira. Entrevista concedida a Salânia Maria Barbosa Melo. Teresina, 2008.

CARVALHO, Expedito Rodrigues de. Entrevista concedida a Salânia Maria Barbosa Melo. Teresina, 2008.

CARVALHO, Maria do Socorro Almendra de. Entrevista concedida a Salânia Maria Barbosa Melo. Teresina, 2009.

GONÇALVES, Luis Mendes Ribeiro. Entrevista cedida ao Núcleo de História Oral do Piauí. Fundação CEPRO.

MOURA, Anita de Barros. Entrevista concedida a Maria Leal dos Santos (aluna de História do 8º bloco da UESPI, orientanda da Profª Salânia Maria Barbosa Melo), em agosto de 2002.

PAIVA, Elza. Entrevista concedida a Salânia Maria Barbosa Melo. Teresina – PI, 2002.

REIS, Hilma Mendes dos. Entrevista concedida a Salânia Maria Barbosa Melo. Teresina, 2002.

ROCHA, Enid Matos. Entrevista concedida a Salânia Maria Barbosa Melo. Teresina. 2002.

SANTOS, Expedita Alves de Lira. Entrevista concedida a Maria Leal dos Santos (aluna de História do 8º bloco da UESPI, orientanda da Profª Salânia Maria Barbosa Melo) em agosto de 2002.

## 5.2 - FONTES IMPRESSAS

BRASIL, CONSTITUIÇÃO DE 1937.

BRASIL – **Relatório Educação Pública Administração e Desenvolvimento**, apresentado por Anísio S. Teixeira, Diretor Geral do Departamento de Educação. Outubro de 1931 a dezembro de 1934. Officina Graphica do Departamento de Educação. Rio de Janeiro. 1935.

BRASIL – **Discurso do Presidente Getúlio Vargas**. Panorama da Educação Nacional. Ministério da Saúde e Educação. Rio de Janeiro, 1937.

BRASIL – **Discurso do Ministro Gustavo Capanema**. Panorama da Educação Nacional. Ministério da Saúde e Educação. Rio de Janeiro, 1937.

### JORNAIS:

PIAUI – Jornal - A ÉPOCA. Teresina, 1886.

PIAUI – Jornal - ESTADO DO PIAUÍ. Teresina, 1930

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1932.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1933.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1934.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1935.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1936.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1937.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1938.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1939.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1940.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1941.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1942.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1943.

PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1944.

- PIAUI – Jornal - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Teresina, 1945.
- PIAUI – Jornal - GAZETA. Teresina, 1933.
- PIAUI – Jornal - O TEMPO. Teresina, 1935.
- PIAUI – Jornal - O PIAUÍ. Teresina, 1945.
- PIAUI – Jornal – O MOMENTO, Teresina, 1937.
- PIAUI – Jornal - O DIA. Teresina, 1960.
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1936.
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1940.
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1941. Gráfica Renascença. Parnaíba – PI.
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1942. Typ. Minerva. Assis Bezerra & Cia. Fortaleza – CE.
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1943. Ed. Fortaleza – CE.
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1944. Gráfica Americana – Parnaíba – PI.
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1945. Oficinas do Almanaque da Parnaíba – PI
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1947.
- PIAUI – Almanaque da Parnaíba. 1985.
- PIAUI – Código e Leis do Estado do Piauí – Teresina: Typ. do Piauhy, 1928. (Lei nº 1.196, de 1928).
- PIAUI – Decreto nº 1.301 de 14 de setembro de 1931. Imprensa Oficial. Teresina – Piauí.
- PIAUI – Decreto nº 123 de 1938. Imprensa Oficial. Teresina – Piauí.
- PIAUI – Decreto nº 237 de 1939. Imprensa Oficial. Teresina – Piauí.
- PIAUI – Decreto-Lei nº 868 de 1938. Imprensa Oficial. Teresina – Piauí.
- PIAUI – Revista da Academia Piauiense de Letras, 1974. 1º vol., edição especial.
- PIAUI – Relatório apresentado ao Exmº Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República. Pelo Interventor Federal do Estado. Dr. Leônidas de Castro Melo. Atividades relativas ao ano de 1938. Imprensa Oficial, Teresina, 1938.

PIAUI – Relatório apresentado ao Exmº Sr. Dr. Getúlio Vargas, Pres. Da República. Pelo Interventor Federal do Estado. Dr. Leônidas de Castro Mello. Atividades relativas ao ano de 1942.

PIAUI – Mensagem do Sr. Antonino Freire, 1º de junho de 1910. Typ. do Piauhy – Therezina.

PIAUI – Mensagem do Sr. Landri Sales, 1935. Imprensa Oficial. Teresina – Piauí.

PIAUI – Mensagem do Sr. Leônidas de Castro Melo, 1939. Imprensa Oficial. Teresina – Piauí.

PIAUI – Mensagem do Sr. Leônidas de Castro Melo, 1942. D. E. I. P. – Piauí.

RELATÓRIO: Apresentado ao Exmº Sr. Dr. Getúlio Vargas, Pres. Da República. Pelo Interventor Federal do Estado. Dr. Leônidas de Castro Mello. Atividades relativas ao ano de 1942.

## 6 - ANEXOS

EXPEDITO RODRIGUES DE CARVALHO

82 anos

Dia 08/10/2008

-Qual a sua escolaridade?

2º ano do primeiro grau.

- Quais as festas de Teresina, que você mais gostava?

Carnaval, São João, sou feresteiro, sou apaixonado por carnaval, festa junina.

- O senhor se lembra de já ter desfilado no dia 7 de Setembro?

Lembro.

- O que mais o senhor lembra desta festa?

Carnaval, festa junina.

- E as festas dos desfiles do dia 7 de Setembro, o que o senhor mais gostava?

Gostava de todos, as Forças Armadas, Polícia Militar, os colégios que iam todos fardados, hoje não usam mais nem farda é uma molecagem, naquele tempo tinha ordem, iam tudo bem fardadinho, com todo respeito.

- Como era a cidade, havia alguma decoração, enfeite, para estas festas?

Lembro, naqueles anos de 1950, 7 de Setembro, todos botavam na porta, um ramo de flor, um gai de pau, uma lembrança, as ruas, a Avenida enfeitadas com os papel das festas juninas, defronte o Colégio das Irmãs, até o Palácio, aquele largo ali, era tudo enfeitado.

- Tinha muita gente nas ruas? Dava para saber se eram pobres ou ricos?

Era feijão misturado, era mais pobre que do rico.

- Você se lembra de alguma autoridade presente nestes desfiles? Tinha discurso?

Lembro, em 1945 o governador era Leônidas de Castro Melo e o prefeito era Lindolfo Monteiro, tem até aquele estádio em homenagem ao nome dele ... governou durante 13 anos, durante a ditadura, ele foi prefeito daqui de 1932, parece, até 45... governo era Leônidas Melo, foram botado, não foram eleitos não ...

- O senhor me disse antes que lembra da vinda de Getúlio Vargas, o senhor gostaria de me dizer alguma coisa?

Ele veio com Carlos Lacerda, Carlos Lacerda foi um grande jornalista e era muito amigo dele, ele veio com ele e um ajudante de ordem Negrão de Lima, até quando do suicídio, no momento quiseram .... ninguém sabe a origem nem o motivo, ele veio aqui na campanha de 1954, ele foi eleito e depois 3 a 4 meses se suicidou, pressão que fizeram a ele.

- O que mais chamada a atenção do senhor nos desfiles?

Desfile era a alegria do povo ... porque esse horror de assalto que tem hoje, todo tempo esse pessoal ruim, mas hoje ... todo muito saía, brincava, tudo alegre pulando, dançando é isso.

- O senhor foi alfaiate, o senhor é alfaiate, aliás desculpe, eu gostaria que o senhor me falasse alguma coisa sobre a sua profissão, desde quando começou, fale tudo que quiser sobre a profissão.

A minha profissão foi muito boa, foi uma ... das melhores aqui de Teresina, ..... trabalhei 30 anos, fazia aquelas fardas do exército .... chapéu era comigo mesmo, durante 30 anos, pro exército, trabalhei para os Correios, para a Cepisa muitos anos, para a Agespisa, fazia fardamento, Seplan, tinha uma freguesia muito boa, graças a Deus, tinha .... na minha profissão, se eu não tenho economia o culpado fui eu, é

quando o João Claudino botou aquele Armazém Paraíba, nós era amigo .... eu na Riachuelo e ele na João Cabral, que antigamente se chamava Joaquim Ribeiro, é depois mudaram de nome, ele ajuntava e eu espaiava, hoje ele tem, tudo que Deus deu a ele, deu a mim e deu a todos, precisa ter cabeça... eu pensava que o mundo era meu e aí eu me lasquei todin, e essa doença acabou de serenar tudo ... minha profissão foi muito boa ...

- Como era a divisão do trabalho, o que era que o senhor fazia e o que os operários faziam?

Eu era talhador, ensinava fazer as fardas, fazer chapéus, estrelas, divisas, eu era o mestre ....

- Qual era função do mestre, o senhor era como um mestre de obras, cortava, costurava ...

Eu cortava, aviava e administrava, onde tinha uma coisa errada mostrava e mandava desmanchar ...

- O que significa aviar?

Aviar, você corta a peça e bota o operário competente, basta corta e entrega ao operário que ele avia

- Cada operário fazia uma farda completa ou fazia uma parte?

Tinha os calçeiro, tinha os paleteiro, faziam as tunicas, e tinha as mulheres que faziam as camisas, outros faziam divisas, outros faziam as estrelas, ... administrava isso tudo

- Era tudo manual ou já tinha alguma máquina elétrica?

Era tudo manual, nessa época, e que a máquina elétrica eu não gostava, eu gostava era à mão, ficava tudo certinho as estrelas

- O senhor tem idéia de ter feito fardas para quantas gerações?

Eu trabalhei em farda de 1955 até agora em 1990, nessa época, dá uns 50 anos, mais ou menos isso .

Eu botei minha oficina em 1º de janeiro de 1950, foi instalada em 1º de janeiro de 1950, na Rua Riachuelo com a Rua Benjamim Constant, próximo ao Mercado Central.

- Eu gostaria que o senhor me falasse alguma coisa a mais sobre Teresina antes de 50, e até 50.

Teresina antes de 50 era muito atrasada, não existia nenhum conjunto desses, só era do Marques prá lá, isso aqui prá cá tudo era mato, ali donde a gente mora, eu cansei de passar por ali de canoa ...

Chagas Rodrigues foi governador por aquelas épocas de 88, 58 não me lembro mais ...

Ali onde nós mora ficou um mar d'água, tipo aquela nós passamos, mas a outra foi maior, eu vim mais ela e desembarcamos bem ali ...

Nós andamos de canoa, com aquelas palmeirona ali, eu achava era bonito, aguaceirão - Era muito pobre a cidade, tinha alguns ricos?

Muito pobre, hoje em virtude daquele tempo desenvolveu, posso dizer 500% , era muito atrasada Teresina, era só aquele moim da Praça Rio Branco, as lojas que tinha aqui era Roland Jacob, Casa Inglesa, Samaritana .... era só, ... Casa Nova, então era aquele moim, da Praça Rio Branco até a Paissandu, era só aquele moim véi

E as ruas como eram, eram calçadas?

Só tinha calçamento da Praça Rio Branco até a São Benedito, era um calçamento vei muito porco, pedra vea bruta, depois foi que botaram , que veio um prefeito, parece que em 19.... parece que foi o Ribamar que tirou as pedras e botou paralelepípedo aí foi que, esse negócio de asfalto é d'agora poucos tempos aqui em Teresina, não existia Jockey, Jockey era tudo mata, cansei de caçar lá veado, todo diacho tinha prá lá, Jockey, São Cristóvão.

- E essas ruas mesmo sem serem caçadas havia desfile, passava os desfiles por elas? Antigamente a Avenida Getúlio Vargas, que hoje é a Frei Serafim, ali não tinha calçamento, era pedrona bruta tudo feio, só tinha ali mesmo, até chegar lá na ponte.

- Tem alguma festa religiosa, dos santos que o senhor gosta?

Gosta de todas elas. Aqui em Teresina, festa religiosa que tinha aqui era na Igreja de São Benedito, Igreja das Dores, Nossa Senhora de Lurdes, lá na Vermelha eram festas católicas.

- Diz que aqui antigamente existia uma festa dos marujos, o senhor lembra?

Claro, lembro muito, lembro demais.

- Como é que era essa festa dos marujos?

Os marujos representa os marinheiros, se trajavam de marinheiro, aí todo com ... tipo mas fardas bem feitinhas, eles tinham ... aquelas fardas ....

Sobre a Marinha, marujo vem da Marinha, porque o primeiro nome dos marinheiros foi marujo, era uma brincadeira muito boa

- O senhor lembra assim de detalhe da farda?

As fardas eram cor de chumbo e dourado, o chapéu era quepe o mesmo que o exército e a marinha, era muito bonito inclusive estive em muitas delas

- O senhor lembra até que tempo houve essa festa aqui?

As coisas foram se desenvolvendo e foram acabando essas coisas aqui, até .... 19 .. , 1955

- O senhor me disse que só estudou até a 2ª série, mas o senhor é um homem muito, inteligente e porque que na época de estudar não se interessou mais para estudar?

Hoje eu to arrependido, primeiro que eu não tinha apoio de nada, eu trabalhava, eu não tinha nem parente nem aderente aqui, .... eu sou do interior, eu trabalhava prá ....., eu pagava aluguel, enfrentava tava muito cansativo, aí eu me comecei nas farras, Não fumava, não bebia, nessa época aprendi a fumar a beber, cair na gandaia

- O senhor se alfabetizou já era adulto?

Já, eu tinha mais ou menos 16 anos.

- Com dezesseis anos o senhor começou trabalhar também?

A trabalhar eu comecei muito antes, eu era do interior, era na roça, eu comecei trabalhar de 6 prá 7 anos.

- O senhor nasceu onde?

Nasci em São João do Piauí.

- Veio muito cedo prá cá com seus pais?

Em 1944, meus pais morreram, com a morte deles eu vim

- O senhor lembra alguma coisa sobre os incêndios das casas de palhas?

Ave Maria, eu não quero nem me lembrar, no tempo da ditadura, no tempo de Leônidas Melo, Lindolfo Monteiro, ..... me lembro demais, o centro todo era de palha só tinha ali aquela praça Rio Branco, aquela Pedro II, ali a Landri Sales perto do Liceu, o resto tudo era de palha, foi uma coisa muito vagabunda que fizeram com muitas famílias ....

- O senhor conheceu alguém que teve a casa queimada?

- Onde era que o senhor morava nessa época?

Morava na Riachuelo, lá perto do Mercado, nessa época eu morava na mesma oficina.

- Nessa época por ali era centro, e mesmo por ali tinha casa de palhas?

Tinha sim, tinha casa de palha em todo lugar, da Vermelha, existia Vermelha, existia Porenquanto, até ali perto desse Marquês, na Avenida Santos Dumont, perto do Aeroporto tudo era de palha.

- O senhor tem alguma idéia por que incendiaram essas casas?

Aquilo ali foi uma campanha debaixo dos panos para acabar com as casas de palha, ficava mal visto o povo chegar aqui e falar que em Teresina só tinha casa de palha e aí por baixo dos panos esse Leônidas Melo, com Lindolfo Monteiro ..... e tinha um chefe aí que eu esqueci o nome, a gente tava assim quando dava fé era o fogo, foi proposital mesmo.

- De 1930 até 50 alguma coisa boa, bonita que aconteceu em Teresina que o senhor lembra?

- A única bonita que tinha em Teresina era esse Rio Parnaíba, que era navegável, tinha lancha, barco, balsa, muita canoa, toda mercadoria que vinha aqui para o Piauí, vinha pelo Parnaíba através das embarcações, o rio era navegável, não era como hoje, o rio acabou, era bonito.

- As fardas que o senhor fabricava, costurava, comprava o material onde?

Comprava na Pernambucana, comprava na Casa Nova, comprava na Samaritana, Miguel Sady ...

- Eram comércio grandes, tinha de tudo?

Tinha de tudo.

- Que mais o senhor gostaria de falar sobre o 7 de Setembro? Sobre as festas de 7 de Setembro, aniversário da cidade, o senhor lembra, gostaria de dizer mais alguma coisa?

Eu sinto saudade, era bonito, o povo tudo alegre, os amigos, os cavaleiros, era muito bom, você podia sair qualquer hora, a portas eram tudo abertas, passeava à noite, hoje ninguém pode sair, nem sentar na calçada, assaltante.

- Porque o senhor levava seus filhos para assistir essas festas?

Para tomar conhecimento do 7 de Setembro, o significativo da independência.

- Diz que sempre que o governador (interventor) chegava de alguma viagem, ele era recebido com festa, o senhor foi a alguma festa dessas da chegada dele?

Não. Toda a vida eu não gostava dele, o tipo das perversidades e da maldade da polícia, porque aqui a guarda civil era um terror, enterravam gente viva, faziam o diabo, judiavam muito e ele dava cobertura, eu toda a vida fui contra a pessoa fazer o que não presta.

- Como era que o senhor sabia essas notícias, era boca a boca ou lia nos jornais?

Lia os jornais e via também.

- Teve alguém assim, algum amigo seu que foi perseguido por ele?

Teve. Era assim a polícia, a guarda civil, não tinham cultura, uns caboco véi nojento, essa guarda era tipo cangaceiro, tudo gente ruim, ele incubria quem mandava, eles eram perverso.

- O senhor acha que ele fez alguma coisa boa pelo Piauí?

Quem?

- Leônidas de Castro Melo?

Na minha lembrança, não. O Piauí veio desenvolver de 1945 para cá. Que foi o primeiro governo, depois .... na democracia .... depois que terminou a guerra, foi Dr. José da Rocha Furtado, que até mora em Fortaleza, governador, prefeito,... de 1945 para cá foi que Teresina pode dizer que nasceu, o Leônidas e esse Lindolfo Monteiro não deixou nada de saudade ...

O senhor quer dizer mais alguma coisa?

Quero, eu hoje não posso nem em Teresina eu lhe digo que nesse tempo, só existia ali a praça Saraiva, a Landri Sales, ali aquela avenida Frei Serafim, avenida Santos Dumont que é aquela que vai para o aeroporto, hoje eu não conheço mais Teresina, viu ... com tanto parque que tem por aí, que eu nunca vi, não existia Mocambinho, Jockey, não existia São Cristóvão, não existia esses conjuntos, não existia nada disso, realidade foi coisa de 1945 para cá foi que teve vida, nós tivemos sorte sempre foi com os prefeitos

.... porque os outros não deixavam nada a desejar, nenhum governador .... era um pessoal naquele tempo do carrancismo, do coronelismo, da taca, da chibata, era muito perverso ....

Muito obrigada, foi uma grande contribuição a do senhor.

BOA TARDE – HOJE É DIA 4 DE DEZEMBRO DE 2008

DONA CONSTÂNCIA NOGUEIRA BASTOS

- Dona Constância quantos anos a senhora tem?

81 anos

- Qual o dia do seu aniversário?

12 de outubro

- Eu gostaria que a senhora me falasse um pouco sobre Teresina, nas décadas, aí pelos anos 30 e 40 até 45?

Era uma cidade assim muito pequena todo mundo se conhecia, não tinha violência, você andava só, sentava na calçada, a família toda sentada, a energia era racionada, passava um era pela manhã, outro era à noite, e às vezes ficava tudo no escuro mesmo, era um povo muito pacato. De colégio particular só existia mesmo era Diocesano e Colégio das Irmãs, depois de muito tempo foi surgindo o Demóstenes Avelino, mas particular só tinha esses dois, e toda sociedade era nos grupos, como se chamava, hoje é Unidade Escolar.

- Nessa época a senhora ainda era estudante, qual a escola que a senhora estudou?

Estudei o primário no Barão de Gurguéia, aí fui para a Escola de Adaptação, que era anexo à Normal, que se chamava na época Escola Normal Oficial, depois é que ela passou a Antonino Freire.

- No Barão de Gurguéia e na escola de Adaptação, você lembra-se de alguma coisa de suas professoras?

No Barão de Gurguéia, era Dona Olga Batista, que era Diretora, dona Dagmar Oliveira, que era esposa do ... por sinal a dona Dagmar, era filha até do Miguel Rosa, ela tinha duas filhas a Dulce e a .... mas, meu Deus quero me lembrar o nome do pai da menina, o marido da dona Dagmar, meu pai até trabalhou com ele, na loja era ali na praça Saraiva, to tentando em lembrar, Dôta Oliveira (risos) e tinha também a dona Maria Auxiliadora e a dona Cleonice. Da Escola de Adaptação era a dona Zaíra, que era esposa do Dr. Lineu, e a outra, como era o nome da outra ... eram só duas ou três professoras.

- O que você lembra assim mais claro nas suas lembranças na sua memória da escola Normal? Dos professores, era muito boa, eu conhecia todas as contemporâneas, as da mesma série, aí os professores, o professor de Geografia era o professor Waldemar Sandes, professor de História da Educação e Sociologia era o Dr. Pedro Conde, de Puericultura, era até um médico Dr. Epifânio

- E a professora Adalgisa?

Adalgisa era de Canto Orfeônico, depois a dona Adalgisa entrea de licença e vinha uma moça que vinha do Colégio das Irmãs, eu não recordo o nome dela, ela passava pouco tempo, mas a dona Adalgisa é que era... ela era maravilhosa

- A senhora lembra alguma música que ela ensaiava, como eram as aulas dela, da Professora Adalgisa Paiva?

Eram umas aulas muito boas animadas, quando era assim perto do dia do Professor, do dia do aniversário da Escola Normal, ela fazia aquilo tudo, tinha o Salão de Honra que

ela chamava, um piano muito bonito que ela ensaiava, agora eu não me lembro das músicas não. (risos).

- Das festas cívicas o que a senhora lembra, o que a senhora gostaria de me falar, por exemplo do 7 de Setembro e as outras festas da cidade?

As festas de 7 de Setembro, lembro, aliás não eram desfiles, eram paradas, eram na Praça Pedro II, naquela parte alta da praça faziam aquele palanque, faziam aquele desfile, desfile não, a parada dos alunos. Aí no Dia da Raça chamada, que hoje é o dia do índio, mas era uma festa muito bonita era traje esporte, tinha a chulipa, chulipas e meias soquete, tinha uma blusinha com aquele torçal de professor de Educação Física um apito aqui no bolso, era muito bonito, era o Dia da Raça chamado, era uma festa muito boa, e cantando todo mundo numa cadência bruta, ..... sim e um desfile que houve, não sei era 7 de Setembro, tinha umas meninas que tocavam tambor, um pelotão só mulher, nós temos uma viva ali Maria Alice Bastos

- Para que esses desfiles fossem bonitos eu acredito que tinham muitos treinos antes, a senhora lembra como eram os ensaios?

A gente saía pelas ruas muito cedo, a marchar, professor de Educação Física, professor de Música tudo acompanhando a gente, a Diretora sempre acompanhava, era bom (risos) a gente não saía de casa, tudo era privado e a gente aproveitava, terminava o desfile a gente ganhava a praça, a praça Rio Branco e a Pedro II.

- Aproveitavam para namorar, também?

É para namorar, a gente ia namorar, naquele tempo era flertar, passava pelo rapaz era flertar.

- E a cidade, ela era ainda muito pequena Teresina, como eram as ruas para vocês desfilarem?

Tinham umas ruas calçadas, essa Avenida Frei Serafim tinha um calçamento muito ruim mas, até o Hospital Getúlio Vargas, era um calçamento péssimo, a gente saía ali pela porta da Escola Normal rodeava pelo lado da Prefeitura e passava pelas praças, procurando os calçamentos melhor, ali aquela praça que hoje é a Praça da Bandeira, não tinha nada era só um turrão velho, cheio de barro, depois que entrou o Dr. Lindolfo, é que ajeitou lá, ele tinha um ciúme daquela praça, era onde a gente fazia Educação Física, ajeitou tinha gramado, que a gente não podia nem botar a saia ali em cima do gramado que tinha o vigia prá ...

- Tinha alguma decoração nas ruas, ou mesmo no palanque, a senhora lembra como era o palanque nos dias das festas?

Era quase igual aos de hoje, só tinha bandeira, bandeira do Brasil, bandeira do Piauí, não tinha nada de decoração.

- E o uniforme, a senhora lembra?

Era verde e amarelo, lembro também de uma festa muito bonita, foi o Presidente Dutra que veio aqui, fizeram uma festa lá no Teatro, as alunas formaram a bandeira, mas era muito bonito e dona Adalgisa era quem fez a festa, ave Maria ele ficou empolgado, nunca tinha visto uma bandeira humana, umas enroladas de verde outras de amarelo, a faixa branca, foi muito bonita, era muito bonita a festa.

... Lembro de Dona Adalgisa, era baixinha muito bonitinha.

A professora de Trabalhos Manuais era Dona Odete Batista, quando ela chegava dizia logo, “ meninas não façam barulho, Dona Odete não gosta de barulho” ....

- Tinha algum aluno que fazia algum tipo de brincadeira, a senhora lembra, algum desvio ali daquela determinação do que deveria ser ali no desfile?

Não, todo mundo era assim mais comportado, não fazia brincadeira, só ali mesmo entre nós, a gente cantava no intervalo das aulas, ia para o fundo da sala, a cantar e bater na carteira baixinho, senão vinham lá da Diretoria e brigavam com a gente ...

- As ruas nos dias dos desfiles, das festas cívicas, elas ficavam muito cheias de gente?  
Ficava acho que o povo todo que tinha em Teresina iam para lá, porque era novidade.
- Então tinha gente pobre e gente rica, dava para perceber todas as classes?  
Dava, tinha o pobre o rico, as crianças iam para lá.
- E o palanque, quem participava do palanque, que autoridades a senhora ....?  
Vi governador, os comandantes da Polícia e do Exército, eram esses ...
- Teve um determinado momento que o Presidente Getúlio Vargas, veio aqui para o Piauí, a senhora lembra?
- Não, acho que eu era muito criança, porque eu ouvi falar que ele veio, mas ...
- Destas festas que tinham em Teresina, porque a gente sabe que tinham as festas cívicas e o carnaval, que outras festas a senhora lembra?  
As festas juninas, eram bem animadas, tinha fogueiras em todas as ruas, nas portas muitos fogos, as quadrilhas, as escolas também faziam quadrilhas.
- Nós estamos falando da sua vida como aluna depois a senhora passou a ser professora e conseqüentemente Diretora da Escola, quando a senhora era diretora ou mesmo só professora, como era para organizar essas festas de desfiles a senhora chegou a organizar alguma destas festas na sua escola? Qual era a escola?
- Primeiro eu trabalhei no Anísio Brito, a gente formava não era todos os alunos que iam, a gente formava um pelotão prá desfilar na rua, no dia das festas cívicas, era prá desfilar na rua, passar lá, e ..... no Dia da Criança também tinha apresentação desfile pelas ruas, o movimento era na rua, e dentro da escola era Quadrilha, o Dia do Professor, tinha a Hora de Arte ...
- A senhora lembra alguma coisa sobre a Hora de Arte?  
Era as declamação, como se fosse ... naquele tempo chamava drama, era o drama, cantava, tinha umas peças ...
- E o treino para que as crianças desfilassem direito pelas ruas da cidade, o ensaio para que saísse tudo direitinho, dava muito trabalho?  
Até que os meninos eram bons, tinha uns mais assim, mas eles não davam muito trabalho, dava não, era feito no pátio da escola os treinos eram lá e não tinha esse trabalhão não, muito trabalho não.
- Os professores aceitavam de bom grado fazer ...  
Cooperavam, uma beleza, achavam bom
- Na sua concepção de professora, de diretora de escola, qual era o sentido das festas cívicas?  
Era o respeito pela Pátria, pelas autoridades era isso aí.
- Tem alguma festa que a senhora lembra assim com carinho, com alguma lembrança que me gostaria de recordar também?
- Só essa da bandeira, foi uma festa linda, eu queria que ela voltasse (risos) ... mas a Dona Adalgisa não tá mais aqui ..
- Por que chamou tanto a atenção da senhora essa festa?  
Porque foi um momento muito bonito, muito bonito, muita autoridade, tinha gente pobre, gente da sociedade, foi muito bonito.
- Lembra de alguma de suas amigas que estava presente nesta festa?
- Antonia Diamantino, Elza Coutinho, era Ligia Martins .... a Vilanova, Neusa.
- A senhora lembra de sua festa de colação de grau?  
Não coleí grau, porque meu pai tava zangado comigo, por causa de meu namorado, não deixou, eu só fui mesmo receber meu diploma lá na sala.
- Mas, independente da senhora ter ou não colado grau, como eram estas festas de colação de grau?

Era só ir prá o Clube e lá tinha o momento solene de entregar o diploma e aí a gente ficava na festinha, (risos) no baile.

- Mas também tinha a festa de rainha da escola, a senhora chegou a participar de alguma?

Só da Vanir, a Vanir era rainha dos estudantes, Vanir Lopes, ela até morreu a pouco tempo, a Vanir era até irmã da mulher do João Henrique e teve outra também que eu não recordo o nome, morava lá na zona norte, festa bonita animada, a gente trabalhava muito, tinha gente pros dois lados, eram duas candidatas, dos colégios né ..., era a rivalidade (risos) trabalhava muito prá eleger a rainha, mas geralmente essa só a Normal, acho que não houve outra rainha não era só da Escola Normal.

- Tinha muita festa na escola?

Tinha muita festinha, muita festinha ...

- E as exposições dos trabalhos, você lembra de alguma?

Na Escola Normal, não lembro, eu me lembro só do Grupo, eram trabalhos bordados, eu fiz uma toalha muito bonita e todo mundo admirou, a toalha era grande e eu era pequena, toda vida eu era pequena ainda hoje sou pequena, e eu pequena com aquela toalha enorme

- Qual era o Grupo?

O Barão de Gurguéia, ainda hoje existe, mas o Barão do meu tempo, não era aquele Barão, como é hoje não, era uma Casa simples, a frente era virada prá praça, depois ele veio prá, mas eu não estudava lá não, veio prá cá prá Praça da Liberdade, enquanto reformavam, mas eu alcancei meu Grupo, era muito tristisinho (risos).

- Mais alguma coisa que a senhora queira me lembrar de Teresina desse tempo, 30 ou 40 que a senhora que ainda muito nova, mas tem boas lembranças?

- Os cinemas que a gente, como é que chamava vespéral era a tarde, porque os pais não deixavam ir à noite, só se ele ia com a gente, ..... e as praças a gente já moça, ali na Pedro II, passear, aquela roda lá, tinha uma roda de dentro e a roda de fora, a roda de dentro era soçaita a de fora era mais assim (risos), era assim, era gostoso, era muito bom, os rapazes de um lado e pro outro e ali começava a paquera, os namoros e os casamentos.

- O seu marido, que primeiro foi seu namorado, você chegou a namorar com ele na Praça Pedro II?

Namorei (risos), namorei sim ...

- Que anos eram esses, a senhora lembra?

Era 40, eu sei que comecei a namorar com ele foi em 49, e me casei em 52.

- Mais alguma coisa Dona Constância?

Não, não, minha memória ta ficando muito fraca, eu to notando.

- Muito obrigada.

## ENTREVISTA 5

Qual seu nome completo?

Maria do Socorro Almendra de Carvalho

E sua idade?

76 anos

Qual sua escolaridade?

Eu tenho o curso pedagógico e fiz o curso de Educação Física, porque no ano que eu fiz não tinha Educação Física aqui no Piauí, aí eu fui como bolsista ao Rio de Janeiro e fiz

o curso que se chamava curso infantil, mas só que neste curso estudava com todas as pessoas, 1º, 2º e 3º ano, porque o curso superior era formado de 3 anos, formava no curso superior, mas eu só nunca trabalhei aqui na Universidade, quando eu cheguei foi em 1957, começo de 58, cheguei e comecei a trabalhar, mudei porque eu era professora de Letras comecei a trabalhar com Educação Física, até me aposentar.

- Vamos falar um pouco de sua vida escolar, antes de sua ida ao Rio de Janeiro, quais as escolas que você estudou, você se lembra dos seus professores?

Eu lembro de tudo, como eu já lhe falei, não to muito .... às vezes eu esqueço, mas o passado eu recordo muito. A primeira escola que eu estudei foi Grupo Escolar Padre Sampaio, na cidade de José de Freitas, eu sou de lá e as minhas professoras eu também quero lhe dizer, se eu não sou e fui melhor professora eu não me queixo dos meus mestres me queixo, talvez de mim mesma, a inteligência que pudesse ter capitado todas as coisas, mas ao meu ver, eu aprendi muito, muito desde o primário. Eu tive uma professora que era minha madrinha de crisma Agripina Portela que era uma sumidade, a minha madrastra, que a minha mãe eu perdi a minha mãe com 1 ano e pouco, meu casou-se eu tinha 3 e pouco e ela me criou como filha e foi minha orientadora, eu não precisei naquela época de orientadora, não fui aluna dela mas fui aluna das outras, ela não quis ser minha professora, prá .... sabe interior tem sempre alguma coisa e então, mas ela me orientou e então, pois bem e esta escola o Grupo Escolar Padre Sampaio foi a primeira escola que eu estudei que fiz, antigamente tinha o primário chamado, esta escola foi a primeira escola que eu trabalhei, tive a felicidade de trabalhar no mesmo grupo claro com outras professoras, mas eu ainda encontrei professoras aquelas mais novas, que chegaram assim quando eu já estava na 5ª série, lá eu encontrei até, então foi a primeira escola que eu estudei e foi a primeira escola que eu trabalhei, de lá eu vim para cá e fiz o exame de admissão no Ginásio Demóstenes Avelino, porque o professor Felismino Werner, que era o Diretor do Demóstenes Avelino, ele era Inspetor Escolar, na época tinha os Inspetores que fiscalizavam as Escolas no interior e ele era muito amigo da minha mãe, ele tinha uma verdadeira admiração, acho que pela capacidade dela e então quando eu estava na 5ª série minha mãe falou, pois olhe eu tenho um colégio. E apesar de eu ser a mais velha, tinha os outros ainda prá virem, mas fizeram o sacrificio de me botar no Demóstenes Avelino, eu fiz a primeira série, antigamente era a 1ª série, de lá eu fiz um teste, porque aí as despesas, foram vendo que tinha os outros irmãos prá vir, então eles acharam que eu tinha que ir prá uma escola pública, aí onde eu fiz um teste e terminei o ginásio no Liceu Piauiense, que hoje é o Colégio Estadual Zacarias de Goés, certo. De lá eu sair para a Escola Normal Antonino Freire, fiz o pedagógico e quando eu terminei fui para José de Freitas, trabalhei 5 anos, eu tive assim uma felicidade, eu que trabalhei, chequei lá eu peguei um primeiro anhinho chamado não é? E fui do primeiro anhinho a 5ª série.

- Da escola que a senhora estudou em José de Freitas que festas aconteciam nesta escola que a senhora lembra? Que lembranças a senhora tem dessa escola, em relação as festas por exemplo?

Sete de setembro, a escola nunca deixou de comemorar a independência, o Sete de setembro, naquela época eu quero lhe dizer que eu não me lembro assim do Dia das Mães, no tempo eu estudava, já o tempo que eu trabalhei, aí a gente já tinha o Dia das Mães, agora naquela época as festas eram justamente o 7 de Setembro e o Dia do Mestre, esses dois, o 15 de outubro, essas duas eu sei bem, isso no tempo que eu estudava.

- Diga, fale mais alguma coisa, sobre o 7 de Setembro, o que vem na sua lembrança desta festa, que a senhora quando fala os olhinhos brilham, dessa festa, o que acontecia assim de tão interessante na sua cabeça de criança daquela época?

Naquela época a gente não tinha como hoje as crianças tem, que mostram tudo dos outros Estados dos outros países na televisão, naquele tempo não tinha, então esse desfile as professoras, que como eu já lhe disse que as minhas professoras, eu não sei dá assim um qualitativo por que eu acho que não existe elas eram tão boas, mas eram mesmo não é porque eu queira disser não, que eram verdadeiramente mestras, mestras viu. Então é, elas faziam esse desfile.....era bem diferente, prá gente nunca esquecer que aquele era um dia festivo, o dia da liberdade de nossa pátria e isso é o que eu não posso esquecer dessas partizinhas assim são detalhes muito importante que eu achei daquela dedicação que o mestre tinha em mostra prá você, prá seus queridos alunos e também lá no interior eles faziam umas festas que eles chamavam dramas, que são aquelas peças que a gente representava, onde eu sempre, ..... fui assim espirituosa, com 4 anos eu cantei, ainda não estudava no grupo que hoje em dia as crianças começam desde pequenininha já vão para o berçário não é? Naquela época não você entrava .....mas geralmente tinha muitas crianças que entravam alfabetizadas, porque tinham pessoas mais esclarecidas que alfabetizavam agora não vou dizer.....não tinham mais professores, eram pessoas assim simples que tinham feito o primário e que sabiam também ensinar seus filhinhos correto, mas se ela não tinha uma escolaridade igual a dos professores por elas não era professora então elas com a mesma capacidade de ensiná-los, então eu já entrei na escola sabendo escrever e ler porque como eu lhe disse minha .....não só como meus irmãos entramos já alfabetizados e digo mais a minha mãe ainda era viva quando a minha mais velha nasceu e ela foi que alfabetizou a minha filha, quando ela entro na escola ela passava muito tempo lá em José de Freitas com ela então quando a minha filha foi para a escola, aqui no Miguel Borges, todos os meus filhos estudaram aqui no Miguel Borges e depois foi que lutei e meus três filhos homens foram para o Diocesano e depois quando a minha filha terminou o ginásio no Colégio das Irmãs já tinha homens, ou já tinha mulheres não era só homens, no Diocesano ela fez um teste e aí e foi juntar-se aos outros irmãozinhos para estudar tudo num colégio só para mim seria mais fácil, porque eu trabalhava, porque teve ano que eu trabalhava de cinco e meia da manhã às dez da noite, aquilo obrigava a gente a fazer isso, porque eu professora e meu marido comerciante e então prá você manter um filho seu em escola particular, hoje em diante os pais reclamam, não minha filha naquela época não era fácil.

- Depois a senhora chega, se forma como professora, se torna professora de Educação Física, me fale um pouco da sua ação, como eram as aulas? Quais eram as práticas desportivas, e o que a senhora achava naquele momento de ser professora de Educação Física?

Era o meu sonho, eu tive muitos sonhos na vida e não sei porque Deus foi muito misericordioso comigo que eu realizei todos os meus sonhos, onde um dos sonhos era esse, ou eu ser formada em Direito ou em Professora, então eu realizei meu sonho professora, lecionei cinco anos, não achei ruim, mas o meu sonho era conhecer o Rio de Janeiro e fazer o curso de Educação Física, porque eu gostava muito de História e não gostava de matemática, era a única matéria que meu pai teve que pagar aula particular prá mim porque eu meio dura em raciocinar matemática, não sei se é porque a gente mete isso na cabeça, bicho papão, era difícil e aí terminava com besteira mas eu fui aluna do Prof. Edgar Tito, uma sumidade que você já deve ter ouvido falar nele e nele você só tirava um dez se você soubesse porque pescar você não pescava não, aí eu disse não sou burra eu vou mostrar e tirei um dez na minha vida de ginásio, no terceiro ano ginásial um dez com Edgar Tito, foi uma das passagens da minha vida que eu nunca esqueci. Eu tenho às vezes assim um .... um ....uns provérbios muito prá meus filhos ....

que brigam comigo, eu digo sempre assim, “querer é poder”, eu digo sempre assim “o pouco com Deus é muito e muito sem Deus é nada”, então se você quer uma coisa você só não faz se você não quiser porque Nosso Senhor não botou ninguém burro que não pudesse aprender, nada então é você querer, se você diz assim não aprendo, não aprendo eu sempre .... pego eu não sei acho que é uma pessoa, eu sempre gostei de me juntar ao grupo das melhores alunas em toda turma que eu estudei eu tinha sempre as minhas amizades com as alunas para que aquelas coisas que eu visse que eu não podia assimilar, eu não tinha a minha mãe prá eu recorrer, que ela morava em José de Freitas e eu vim morar aqui na casa de um tio, então eu sempre me ajuntei as pessoas assim, tinha uma colega no ginásio que era minha amiga inseparável o nome dela era Santília Vilanova, essa moça, ela e os irmãos tudo inteligente ainda hoje ela tem uma irmã que mora bem aqui na Quintino Bocaiúva ..... e quando eu fiz o pedagógico eu fiz umas grandes amigas elas são de Regeneração, elas fizeram o ginásio em Floriano porque era mais perto da cidade delas, como eram também muitos filhos, então elas fizeram o ginásio delas lá e vieram prá cá e eu era colega de uma delas Maria do Carmo Vasconcelos, hoje em dia o nome dela é Maria do Carmo Vasconcelos Leal, ela é casada também com um piauiense de Angical, Agenor Leal e ainda hoje, até hoje eu sou amiga dessa família, muitos anos depois olha do Pedagógico há quantos anos, eu me casei, e uma irmã dela Maria Luiza Vasconcelos trabalhou com meu marido no escritório da Moraes que era João Beckman de Carvalho aí eu já era amiga da família, ouviu e aí .... chegando para trabalhar como meu marido e a gente se tornou grandes amigas, hoje ela mora em Brasília, mas elas nunca vem aqui que não venham na minha casa é pena que eu num tenha um retrato que facilitasse eu lhe mostraria as minhas grandes, da Santília eu não me lembro .....

- Voltando para as aulas de Educação Física, como eram as aulas?

As aulas de Educação Física, nós naquela época, hoje em dia já tem os professores especializados voleibol, handebol, futebol, que era para os homens, pras mulheres também, .... mas a parte da gente, a gente assumia, por exemplo, na minha época eu dava voleibol com outra colega, e a nossa parte era a parte de exercícios e tinha, por exemplo, no Instituto de Educação, que no meu tempo era Escola Normal Antonino Freire, a gente dava também a parte recreativa, que eu trabalhei aqui, prá enumerar, não é vaidade vou só dizer, por que você já me disse que sou simples, mas eu quero lhe dizer que aqui em Teresina eu trabalhei, Colégio Estadual Zacarias de Góis, onde eu estudei, Escola Normal, Colégio das Irmãs, trabalhei substituindo uma colega, que entrou de licença para tratamento de saúde que eu substitui, Diocesano eu trabalhei seis anos, como professora de Educação Física do Diocesano, Instituto Batista, um dia desses eu fui no escritório de um rapaz, e aí quando o carro passou, era bem pertinho eu disse, eu vou, que eu andava de táxi, e aí eu vou passar e olhar e parar no Instituto Batista, e parei e fiquei olhando e ia saindo um professor, aí ele disse a senhora quer entrar, eu disse não moço, porque eu acho professor, que recordar é viver, eu não podia passar na porta dessa e não parar, porque aqui eu tive momentos maravilhosos, lá também eu tava substituindo uma colega, que nós fizemos o pedagógico juntas, também e nós conversávamos, eu ia ser professora de Letras, primária que eu não podia fazer o curso de Educação Física mas no dia que eu tivesse oportunidade eu fazia o curso de Educação Física, pois bem, por que ela era Batista, ela disse eu também tenho vontade, ela disse que tinha porque o Instituto precisava de uma professora, quando é um dia eu trabalhando em José de Freitas, era muito perto eu vinha muito aqui e passear naquelas épocas a gente tinha umas folgas e eu vinha na praça Pedro II, que nessa época não tinha assalto, a gente rodava, não sei se você já ouviu falar, que a gente rodava, de lá e pro cinema, o teatro, tinha dois cinemas na minha época, então nós nos encontrávamos,

ou eu ia na casa dela, ou as vezes marcava, ou se encontrava nesses passeios na praça, então ela disse, Socorro eu quero te dizer uma coisa que eu fiz, mas eu vou te dizer que eu prometo, eu tenho o professor Itamar, Itamar era da Secretaria de Educação, vieram umas bolsas para a gente fazer o teste, para fazer o curso de Educação Física, nunca esqueci de você, sempre lembrei que você é uma pessoa, não é egoísta, dizia sempre prá nós que o que tinha de ser seu, então eu quero lhe dizer eu também não fui egoísta, o professor Itamar me disse que tinha chegado essas bolsas, eu fiz o teste, mas eu quero lhe dizer que eu vou fazer o curso, ela fez o curso, o mesmo que eu fiz, de um ano, dava todas as matérias dos três anos. O diretor Dr. Waldemar Areno .... ele esteve lá e disse Piauí, não chamava seu nome Maria, Socorro, chamava pelo nome do Estado, Piauí. Quando chamou Piauí, levantamos nós duas, estávamos sentadas perto, ela era bem alta e eu baixa aí o professor disse muito bem o Piauí, este ano mandou duas representantes, mostrando que lá tem mulheres de uma estatura maior e tem mulheres menores, nós respondemos, sim professor o Piauí tem mulheres inteligentes também, pois é nesta época nós fomos nós duas, no curso apenas o governador autorizou o secretário que não desse muita publicidade para, como quem diz não ter muita gente, porque só eram três vagas, eu não nego de confessar isso, que eu não minto em nada, então eu acho que a gente tem que falar aquilo que tem que falar ..... você vai voltar para cumprir o que você com bolsa do seu Estado e você tem cumprir dois anos, pois olhe quando você cumprir dois anos, me escreva me mande seu endereço, que eu vou mandar uma bolsa prá você, mas aí eu cheguei em 58, 59 casei aí fui fazer outro curso de cuidar, de criar filhos, ser dona de casa, ser mãe, pois ela mandou, Socorro ... a reitoria, lá as bolsas para o Piauí seguiram, vá lá que você

- Depois a senhora passa a condição de professora e passa a ser diretora, como já dissemos de algumas escolas e a senhora b das festas de 7 de setembro, de aniversário de Teresina, de Dia da Raça, Dia da Juventude, essas festas Dia do Índio, essas festas cívicas, como professora como a senhora via isso de repassar esse sentimento prá os seus alunos?

- Eu achava muito importante, a coisa que eu tenho mais pena, de hoje em dia não ter, eu não acho aquilo um desfile de 7 de setembro, uma pequena representação de colégios, eu faz tanto tempo, prá dizer a verdade, que eu não gosto de falar sobre esses dez anos atrás, porque não é mais como era no nosso tempo, minha filha nós fazíamos desfile aqui nesse Grupo Escolar Miguel Borges, fizemos um desfile sobre as profissões, fizemos um pelotão, caracterizamos toas as profissões que ajudam a comunidade, nós começamos tinha de tudo, fizemos demonstração de tudo, do engraxate, do padeiro, do leiteiro, por que naquele tempo, você não é, mas naquelas épocas, eu ainda me lembro, que na casa do meu tio onde eu morava o padeiro chegava e chamava nos anos de 1940, 43 foi quando eu vim fazer o ginásio, que eu terminei em 51, comecei trabalhar em 1952. Então aqueles desfiles eram uma coisa você trabalhar, você pensa olha, prá você arrumar aquilo prá poder servir de uma amostragem bonita, que procurava mostrar tudo da melhor maneira possível, como era o nosso Brasil, todas as coisas, olha os carros alegóricos, eram muito bonitos. Eu me casei morei um ano em Campo Maior na escola que eu trabalhei, 7 de setembro minha escola fez um carro, onde D. Pedro, preparei ..... José de Freitas, também tinha esse mesmo desfile, com todos os requintes da História você mostrava, a História, porque você muita gente não teve a felicidade de estudar, porque no interior naquele tempo, quantas pessoas deixavam de fazer o próprio primário que era a única coisa que existia nas cidades pequenas, que hoje em dia já existe mais, científico, não é isso? E tem município que eu acho que tem o científico e o pedagógico, é tem .... eu já vivo desligada um pouco, porque eu já lhe disse a idade, as outras coisas então, eu só já procuro recordar do que

foi muito bom, eu dizia prá o meu marido que ele dizia que nunca viu gostar de conversar como professora, ele diz que na outra encarnação não se casaria mais com professora, pois eu disse então não vai casa comigo, na outra encarnação eu vou pedir a Deus, Nosso Senhor, prá que eu seja professora, olhe eu só não fui Superintendente, com toda minha humildade, mas eu fui Diretora, fui Coordenadora, porque naquelas épocas, só tinha Diretora não existia essas outras coisas, a Coordenadora, o Supervisor, o Superintende, pois eu fui Diretora, Coordenadora e Supervisora. Encerrei minha carreira artística como Supervisora, maravilha eu só tenho coisas boas, hoje mesmo é um dia que eu estou muito feliz, fui fazer meu recadastramento do Estado, no Banco do Estado que hoje em dia é o Banco do Brasil, me encontrei com minha colega, foi até minha Diretora, Maria Amália Moreira Ramos, ela foi Diretora da Escola Normal, uma pessoa muito inteligente, de Regeneração, ..... daí o que eu já disse prá você eu acho que fiz amigos, eu procurei fazer amigos.

- A senhora me falou do carro alegórico que a senhora mesma preparou você quer tecer alguns detalhes desse carro, você lembra como era ele? É pena como eu já disse se eu pudesse procurar o retrato eu lhe mostraria, você depois passa aqui .... o jipe, o pai do aluno, o aluno era muito bonito, dava mesmo as aparências, a gente achava, ficava empolgada preparava, e a gente preparou ele como D. Pedro, ouviu e, a roupa .... os pais tinham muita boa vontade de preparar os filhos que eram escolhidos pré esses desfiles e o jipe também, a gente preparou, contornava o jipe com uma fazenda adequada e era um carro alegórico mesmo muito bonito, preparado com muito requinte, na época que a gente não tinha, hoje em dia você vê as televisão, copia muita coisa, a gente tinha livros que a gente pesquisava e fazia.

- A senhora me falou também sobre o pelotão?

Bom como eu já disse, eram as profissões, mas eu que ao invés da gente começar pelo médico, pelo dentista, pelo professor, nós caracterizamos todos, com a roupa adequada, médico, enfermeira, tudo de branco, o advogado com aquela toga dele, com o chapéu, todo mundo olhava para a criança e sabia o que ele estava representando, sem precisar escrever nada, certo? O padeiro ia com a cestinha de pão, nesse tempo era uma cesta que eles entregavam o pão, o engraxate ia com aquelas maletinhas, que ainda hoje existe engraxate com as caixinhas, pois então, eram todos eles representavam, e o que a gente fez, para mostrar que o rico não é melhor que o pobre, o branco não é mais bonito do que o moreno, que eu não gosto de chamar preto, moreno, certo? E então a gente deu as melhores profissões a aqueles alunos de menor poder aquisitivo, os de poderes aquisitivos melhores foi quem representou padeiro, leiteiro, o engraxate por que nós achamos que deveria ser assim.

- A senhora deve ter participado muito dos treinos para os desfiles, as marchas, como era muito difícil, os alunos eram rebeldes, indisciplina?

Não, não, aquilo eles tinham assim, é como eu lhe digo, se hoje em dia se a gente fosse voltar, talvez não conseguisse com tanta presteza dos alunos, porque já existe a televisão, e a televisão é boa em muitas coisas, mas tem umas que .... imbui tanto a criança naquilo que eles não são capazes de querer ir no ensaio de um desfile desses, como a gente tinha os ensaios, **os ensaios eram três vezes na semana, nesta época ao invés da gente dar aulas de educação física, a gente fazia os ensaios .... agora parece que só tem uma representação dos colégios, mas na época os colégios desfilavam completos, aluno nenhum faltava, quer dizer eles tinham aquele amor, gostavam, logo você explicava porque que eles iam desfilarem era um dia só, não deixava de ser cansativo prá eles todo mundo sabe, mas eles eram jovens não iam se cansar, ao contrário, eles iam demonstrar para as outras pessoas que não tiveram a felicidade de desfilarem quando criança, porque eu dizia para eles que**

**tinha muita gente que assistia um desfile, não tinham participado, então eles tinham..... nunca ninguém reclamou, nenhum aluno dizia, ao contrário ....** a gente tirava alguns porque não era possível botar a escola toda, porque antigamente as escolas estaduais eram muito grandes, mas eram grandes mesmo, porque eu lhe digo mesmo, eu que trabalhei em todos os colégios como eu lhe disse, trabalhei no Dom Barreto, falei que trabalhei no Dom Barreto, Colégio das Irmãs, Diocesano como professora, agora o Colégio das Irmãs eu trabalhei como substituta, no Instituto Batista como substituta e os colégios do Estado eu trabalhei como professora, como eu lhe disse. 2º grau, Escola Normal, o Liceu – antigo Liceu Piauiense – Álvaro Ferreira, aqui na Piçarra. 2º grau deixa eu ver se teve outro, 2º que eu trabalhei .... 1º grau, Maria de Lourdes do Rego, Monteiro, ali na Álvaro Mendes, teve o Miguel Borges, teve o João Clímaco, teve minha gente, não sou mais capaz de me lembrar de todos? , não sou mais, aqui na Zona Sul, é por que aí mudou para o Sistema de Complexo, aí a gente fica assim, mas aqui no Monte Castelo, quando eu trabalhei no Monte Castelo, não foi como professora, eu trabalhei como Coordenadora, então mas, eu tive outras unidades.

#### **Prof: ENID MATOS\* - 90 anos de idade**

NO PERÍODO ENTRE 1937 –1945 COMO ERAM REALIZADAS AS FESTAS CÍVICAS?

As festas cívicas eram feitas com muito cuidado, geralmente com desfile. O 7 de Setembro era sempre muito bem festejado. Além do desfile militar também tinha um desfile escolar. Onde a Escola Normal e o Liceu Piauiense destacavam-se, as fardas muito bonitas. Geralmente tirava o 1º lugar ou a Escola Normal ou o Liceu. Farda: saia pregueada, camisa de manga comprida e uma boina azul marinho (Liceu), meia soquete branca com listras azuis e todas com sapatos iguais. Havia à noite uma sessão solene com vários oradores onde alunos cantavam e recitavam.

OUTRAS FESTAS LEMBRADAS, COMO COLAÇÃO DE GRAU?

A colação de grau da Escola Normal era sempre feita no Salão Nobre da Escola Normal, tinha o paraninfo geral tinha a moça que era responsável pelo..., interessante que geralmente era a aluna que tirava o 1º lugar, ela seria a oradora da turma. Fui professora eleita pela turma.

EM RELAÇÃO À ESCOLA MODELO?

Não sei quando começou a Escola Modelo, porque eu lhe digo, porque eu mudei para Teresina em 1941. Não sei quando ela foi instituída, quando foi criada, não sei, era geralmente para treinamento das professorandas. Era uma escola muito bem organizada, Escola com excelentes professoras. A princípio a diretora da Escola Modelo era a mesma da Escola Normal. Já no tempo de Firmina Sobreira, a partir de 30. Acho que depois ela teve sua própria diretoria. Ela foi criada para treinamento, tirocínio das professorandas.

COMO ERAM TRATADOS OS HERÓIS NAS FESTAS CÍVICAS E NO DIA-A-DIA DA ESCOLA?

Você tem preferência por algum herói? (perguntou a entrevistada). Tem muita gente que não gosta de Getúlio Vargas. Mas acontece que Getúlio não foi ditador. Em

---

\* Ex-secretária e ex-professora da Escola Normal Oficial de Teresina.

1930, ele era Presidente do Rio Grande do Sul, porque nessa época havia quatro presidentes, interessante o que veio governador era Presidente. São Paulo, Minas Gerais e por incrível que pareça no Nordeste, a Paraíba, que era João Pessoa. Em 1930 era Presidente da República Washington Luis. Getúlio vem de lá para cá ... e naquela época eu ainda era jovem, mas ainda assim, tola, tinha o ginásio, sempre me interessei pelas coisas, lia os jornais, porque nesse tempo não tinha televisão, a gente se informava só pela palavra escrita. Em 30 Getúlio assumiu, ele chegou no Rio e deu baixa a Washington Luis e deu 24 horas. Getúlio assumiu como governo provisório, em 33 ele requereu eleições gerais e ele foi candidato venceu as eleições e assumiu definitivamente o governo da República em 34 a 1937. Agora, foi até 1937, teria novamente eleições, ele seria o candidato, mas acontece, interessante isso, eu me lembro bem disso, um emissário para todos os governadores. E nessa época o governador do Piauí era Leônidas de Castro Melo. O rio Parnaíba era uma beleza, não era o que é hoje não, os governadores deixaram o rio morrer, pela primeira vez veio um hidravião..., veio então um emissário de Getúlio, João Batista Lizardo. Dr. Leônidas foi lá e lá naturalmente houve a consulta, porque aí foi instalada, ao invés da eleição, a ditadura, sendo que todos os governadores foram transformados em interventores, Dr. Leônidas, então ele passou a ser interventor até 1945, quando realmente a ditadura caiu.

A SENHORA GOSTARIA DE FALAR ALGUMA COISA SOBRE ESSE PERÍODO CONSIDERADO DITATORIAL PARA A EDUCAÇÃO NA ESCOLA NORMAL?

Não houve qualquer coisa que desabonasse a conduta do ditador, não. Continuava tudo do mesmo jeito. Dona Maria de Lourdes do Rego Monteiro tinha todo o prestígio, ela era uma diretora maravilhosa. Dr. Leônidas Melo era um interventor maravilhoso, ele dizia que a Escola Normal era a menina dos olhos do seu governo.

A SENHORA LEMBRA DO DIA-A-DIA, DO COTIDIANO DA ESCOLA, COMO QUE COMEÇAVAM AS AULAS?

As aulas eram regulares, os professores muito competentes. História, Religião, Higiene e Puericultura, com o Dr. Vicente de Carvalho, era médico. E Canto Orfeônico, Dona Adalgisa Paiva e Silva, que ela fez o curso no Conservatório Nacional, ela foi aluna de Vilas Lobo, o maestro chefe-geral do Conservatório.

PROFESSORA, O QUE VOCÊ MAIS GOSTAVA E O QUE MENOS GOSTAVA NA ESCOLA NORMAL?

Eu? Gostava de tudo (risos), as aulas eram maravilhosas, os professores eram maravilhosos, os professores nunca faltavam.

ERA TUDO MUITO ORGANIZADO, NÃO HAVIA ESSA INDISCIPLINA QUE HOJE HÁ.

Tinha brincadeiras, os alunos brincavam na hora que era para brincar, mas não havia essa indisciplina, essa falta de respeito.

O QUE A SENHORA ACHA QUE LEVAVA À NÃO INDISCIPLINA NAQUELE MOMENTO?

Os alunos já traziam de casa naturalmente a educação doméstica. E havia autoridade dos professores. Porque os professores responsáveis os alunos respeitam, essa é a verdade. O professor era pontual, ensinavam bem com muita responsabilidade, os professores eram preparados, quando o professor é preparado, não havia essa falta de respeito, os professores eram muito competentes. Higiene e Educação Solidária, Geologia, Biologia Humana ... os professores eram todos médicos (doutores em Medicina). As turmas eram preparadas para que saíssem delas mestres ou doutores mesmo. Hoje a pessoa faz o curso, volta para fazer mestrado, depois volta para fazer doutorado. Naquela época não, eles já saíam de lá doutores. Nossos professores foram Dr. Luis Pires, Dr. Artur Oliveira.

ALGUMA FESTA DA CIDADE?

O Centenário de Teresina e as festas populares como o bumba-meu-boi.

E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NESTAS FESTAS?

Mulher participa de tudo. Tem mulher até mesmo na Marinha, no Exército ... A mulher demorou participar de determinados meios públicos, mas quando entrou já foi em todos os tipos de lugares. E quem deu essa liberdade à mulher foi Getúlio Vargas, porque permitiu que a mulher votasse. A primeira vez que a mulher votou foi em 1934, tinha que ter 21 anos. Muita gente não gosta da ditadura, mas ela trouxe muita coisa boa, por exemplo, antes da ditadura não havia férias. Getúlio criou as férias remuneradas, licença gestante e mais uma porção de coisa, principalmente para o povo. Os ricos não precisavam, quem precisava mesmo era o povo. As primeiras férias concedidas foram de vinte dias e depois aumentaram para trinta dias, não me lembro se no governo de Juscelino Kubitschek.

**Prof: ELZA PAIVA (79 anos) ex-aluna da Escola Normal, no período de 1938 - 1942, nascida em Timon - MA.**

Quando a Ponte Metálica foi concluída meu pai foi transferido para Teresina. Eu devia ter 16 anos. Acho que já havia ingressado na Escola Normal quando nos mudamos para cá.

COMO A CIDADE E AS ALUNAS RECEBIAM AS FESTAS CÍVICAS?

A cidade aceitava as festas cívicas. Todas as escolas participavam, desde as primárias. As pessoas assistiam. Os estudantes iam uniformizados, de muito boa vontade. As festas cívicas eram muito organizadas e concorridas pelos estudantes, ao contrário de hoje, que os estudantes não gostam de participar destas festas, as próprias festas dentro da Escola eram organizadas e todos participavam, escutavam. Não havia balburdia.

COMO ERAM OS UNIFORMES DA ESCOLA NORMAL?

Foram vários modelos, mas teve um tempo que usamos meias pretas, saia plissada azul marinho. Reclamávamos das meias pretas e algum tempo depois foram trocadas por meias soquete. Mas ainda usamos muito tempo meias pretas e mangas compridas. Era inadequado para o clima. Mas todo mundo aceitava. Não havia atitude de revolta. Nós reclamávamos por causa do calor, mas nunca com atitudes drásticas. Talvez em reuniões da Escola isso tenha sido discutido e foram trocadas pelas meias soquetes.

COMO ERA A ORGANIZAÇÃO DAS SALAS DE AULA. HAVIA HOMENS?

Poucos. As carteiras eram presas no chão. E todos tinham lugar marcado.

E A RELAÇÃO COM OS COLEGAS HOMENS?

Cordial, de amizade mesmo, algumas vezes, alguns eram confidentes. O comportamento das moças era diferente, não se comportavam de maneira depreciativa, conversávamos em grupos.

PROFESSORES (HOMENS) TINHAM TRATAMENTO DIFERENCIADO DAS PROFESSORAS?

Nunca percebi por parte da direção tratamento diferente com relação a isso não.

COMO ERAM TRATADOS PELAS PROFESSORAS OS HERÓIS DA HISTÓRIA?

Eram tratados com muito civismo e respeito, sempre enaltecidos. Getúlio Vargas era de muita simpatia, por exemplo. As pessoas não eram obrigadas a participar das festas cívicas, mas todos gostavam de participar.

QUAL SUA LEMBRANÇA DAS NOTÍCIAS TRANSMITIDAS PELO RÁDIO SOBRE O GOVERNO DE GETÚLIO VARGAS OU DO INTERVENTOR?

Não me lembro como era feita a comunicação. O que eu achava importante é que quando um político ia para o sul, no seu retorno todo mundo era obrigado a ir

esperá-lo, podia ter sol ou chuva que todo mundo queria ir ficar de bandeirinha na mão, isso eu não achava certo, mas também participava.

VOCÊ LEMBRA DAS DISCIPLINAS DE MÚSICA, HIGIENE E PUERICULTURA?

Nós tínhamos professor de música, professora de canto orfeônico. Lembro até da Dona Adalgisa Paiva, muito animada. Eram aulas boas, participativas. Essas aulas levavam os alunos a participarem mais da vida escolar, apresentando números.

VOCÊ LEMBRA AINDA DE ALGUMA MÚSICA QUE VOCÊS CANTAVAM NAQUELE MOMENTO?

Não lembro.

E HIGIENE E PUERICULTURA?

De Higiene me lembro muito do professor, que era um médico. De Puericultura não lembro muito. Mas eram aulas que orientavam. primeiro a Higiene, como deveríamos praticar, mostrando necessidades para conservação da Saúde, a Puericultura era orientação na educação dos filhos.

HAVIA TAMBÉM O DESENHO COMO DISCIPLINA?

Sim, tinha desenho. Professor Jonas, ele era um terror, gostava de dar notas baixas. Diziam até que ele era meio doido. Todo mundo tinha pavor da matéria.

EXISTIA ALGUMA FORMA DE INDISCIPLINA NA SALA DE AULA, E COMO ERA TRATADA PELOS PROFESSORES?

Nunca presenciei atitude de indisciplina, que pudessem atrapalhar as aulas.

O QUE VOCÊ MAIS GOSTAVA NA ESCOLA NORMAL E DO QUE MENOS GOSTAVA?

O que eu menos gostava era da matéria de História da Educação. Nós tínhamos que decorar um livro enorme. Eu tinha horror, o professor Valdir Gonçalves ainda é vivo, mora nesta rua. O que eu mais gostava eram das festas, que me encantavam. Eu sempre participava, eu achava engraçado porque muitas coisas eram feitas ali em frente à Escola, ocupava a praça. Era lá que aconteciam as festas, os jogos, as brincadeiras, as ginásticas rítmicas. Eu gostava demais das disciplinas eu gostava de trabalhos manuais, tanto é que hoje eu ensino a bordar e fazer crochê às meninas carentes. É assim que ocupo meu tempo.

E AS FESTAS QUE NÃO ERAM CÍVICAS? VOCÊ LEMBRA, GOSTAVA, PARTICIPAVA?

Eu só ia olhar. Só as festas cívicas que nós participávamos mesmo. Mas, no carnaval, por exemplo, muita gente ia olhar o Corso. Tinham os carros alegóricos, enfeitados e tinham também os carros particulares que acompanhavam o desfile. Tinha sempre o caminhão das meretrizes, muito enfeitado onde elas desfilavam em cima. Não me lembro se tinha fantasia nua. Mas, a gente sempre ia olhar, o Natal só nas Igrejas.

E AS FESTAS RELIGIOSAS?

Então, tinham as procissões, que participávamos.

MAIS ALGUMA COISA QUE VOCÊ QUEIRA LEMBRAR?

Na Escola Normal tinham sempre as festas de rainha ... Maria Francisca Almeida foi rainha. Tiramos uma fotografia na frente do Monumento da Praça Deodoro.

### **Prof: HILMA MENDES DOS REIS – 81 ANOS.**

VOCÊ GOSTARIA DE FALAR SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA EDUCAÇÃO, DA FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS NO PERÍODO DE 1937-1945? E DA PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NORMAL NAS FESTAS CÍVICAS?

Nas festas de 7 de Setembro, chamadas de paradas, nessa época eram feitas na Avenida Antonino Freire, que é aquela que vai até a frente da Igreja São Benedito. Também quando o governador chegava de viagem as alunas da Escola Normal iam recebê-lo no Palácio de Karnak, era uma obrigação que a Escola Normal tinha.

COMO ERA RECEBIDA PELAS ALUNAS A NOTÍCIA DAS FESTAS?

Nem todos gostavam, como é ainda hoje, mas éramos obrigados a assistir e participar. Havia punição para quem faltasse.

FALE UM POUCO SOBRE O UNIFORME ESCOLAR – O QUE AS ALUNAS ACHAVAM DO UNIFORME? INCOMODAVA?

Quando eu entrei a farda era quente, de mangas compridas e saia justa, ninguém gostava. O sapato era preto e as meias eram pretas, e num lugar quente como Teresina, nós reclamávamos muito, mas depois melhorou.

COMO ERA A ORGANIZAÇÃO DAS SALAS, E COMO ERA A RELAÇÃO DOS PROFESSORES COM OS ALUNOS?

Nós respeitávamos muito, os professores. Quando eles chagavam a turma já estava completa na sala. Não tinha aquela história do aluno chegar depois que o professor já estava na sala de aula. Era a figura máxima dentro da sala.

EXISTIA ALGUM TIPO DE PARTICIPAÇÃO DAS ALUNAS NA AULA, COM PERGUNTAS, QUESTIONAMENTOS?

Quando tínhamos alguma dúvida, pedíamos licença e perguntávamos. Já faz tempo que eu deixei de dar aula, mas ainda me lembro que alunos levantavam do seu lugar e se dirigiam até o professor. Na Escola Normal não, cada um perguntava do seu lugar, da sua carteira mesmo.

EXISTIAM HOMENS TRABALHANDO NA ESCOLA. VOCÊ ACHA QUE EXISTIA DIFERENÇA NO TRATAMENTO DOS PROFESSORES E DAS PROFESSORAS POR PARTE DA DIREÇÃO DA ESCOLA?

Eu acho que eram tratados iguais. A diretora não ficava só na sua sala, ela sempre percorria as salas de aula, os corredores.

QUAIS OS MOTIVOS PARA UM PROFESSOR PÔR UM ALUNO FORA DA AULA?

Dependia, porque tinha professores que não podiam ouvir o menor barulho, então bastava uma aluna falar com a outra. Mas era difícil isso ocorrer. Porque nem todos os professores eram tão exigentes. Havia três professores que eram irmãos: Adelaide (Matemática), Júlio (Matemática) e Guilherme Fontenele (Desenho). O Guilherme era muito exigente. Ele gostava de botar os alunos para fora. Eu achava ele muito exigente. Ele pedia coisas fora do comum. Ele pedia para fazermos “Desenho Natural”. Você levar uma flor para fazer um desenho natural é normal, mas ele pedia para as alunas cachorros, peixes vivos, para a sala de aula. Eu achava isso horrível. Se não levasse ele botava para fora. Até que a diretoria da Escola baixou uma portaria proibindo aquela prática. A Portaria dizia que os alunos deveriam levar para as aulas o que estivesse dentro de suas possibilidades.

ALGUÉM CHEGOU A LEVAR CACHORROS OU PEIXES VIVOS?

Sim. Eu, por exemplo, cheguei em casa chorando, porque gostava de cumprir com as obrigações. Falei para meu pai que tinha que levar um peixe vivo para a Escola. Meu pai então foi à beira do rio, na casa de um pescador e trouxe alguns peixes vivos dentro de um recipiente. Então eu levei esses peixes. Há pouco tempo eu ainda guardava o desenho desses peixes.

NAS AULAS DE HISTÓRIA ERA DADA ÊNFASE AOS HERÓIS?

Tinham grande destaque os heróis piauienses, brasileiros. Tiradentes, por exemplo, era muito destacado. O dia de Tiradentes era sempre lembrado na Escola. Duque de Caxias também. As comemorações eram na Praça da Bandeira, antes chamada de “bacia”.

E AS AULAS DE CANTO ORFEÔNICO?

A nossa professora de Canto e Música não era daqui, não me lembro o nome dela.

## HISTÓRIAS DE VIDA

### DONA ANITA

Inicialmente quero agradecer a Deus pelas oito décadas e mais um ano de vida que completarei no dia três de setembro do corrente ano, bem como a oportunidade de ter conhecido você e poder-lhe contar a minha história. Quero também lembrar fatos que possam contribuir com a história de nossa cidade. Mesmo eu não tendo nascido aqui em Teresina considero-me filha desta terra que tanto me orgulha. Foi aqui que cresci e construí uma grande família que hoje me proporciona uma vida tranqüila.

Meus pais moravam em Cocal, município do Piauí, lugar onde nasci a três de setembro de 1921. Papai, Manoel Barros Marinho, era vaqueiro, mas possuía sua própria propriedade. E mamãe, Iria Góis de Barros, fazia apenas os trabalhos domésticos. Tiveram 13 filhos, mas só criaram 9. Ter muitos filhos naquela época era comum, talvez porque os meios de vida fossem melhores do que hoje.

Vim para Teresina em 1930, com 9 anos de idade, para estudar e ajudar a cuidar de uma criança de minha irmã, Maria de Barros Evangelista, que já morava aqui na rua 24 de janeiro. Logo que cheguei comecei a estudar no Grupo Escolar José Lopes, que ficava ali na rua Paissandu, onde hoje imagino ser o Paraíba. Com o crescimento do centro comercial de Teresina certamente esta escola mudou-se de local e recebe outro nome ou foi extinta, o que é mais provável. A diretora da época era dona Maria Dina e as professoras eram dona Estelina Dantas, dona Hilda, dona Zilda e dona Rosilda. Todas eram maravilhosas e atenciosas comigo. Estudei até o 4º ano do primário, depois prestei o exame de admissão para estudar no Liceu Piauiense, colégio mais importante naquela época.

Mas antes quero falar do tempo em que vivi no interior. Em 1926, eu tinha 5 anos de idade, me lembro de um grupo de pessoas que passou por lá espalhando terror por aquelas redondezas, chamados de “revoltosos”. Um dia papai e mamãe foram à roça plantar arroz e nos deixaram com uma moça, sobrinha deles. Quando de repente chegaram os “revoltosos” e perguntaram – “Cadê papai, cadê mamãe?” Só lembro que saímos correndo, saltando cercas e fomos nos esconder detrás de um cemitério, subimos uma árvore e ficamos escondidos olhando aquela quantidade enorme de soldados com chapéus, fitas e lenços vermelhos no pescoço. Dali saímos correndo até encontrar papai que estava a nossa procura. Passamos o dia todo no mato. À noite papai forrou o chão com folhas e ali amanhecemos o dia. Pela manhã papai nos levou para um lugarejo chamado “Água Vermelha” onde permanecemos até os “revoltosos” desocuparem a nossa casa.

Quando foram embora carregaram quase tudo, levaram muitas redes novas que mamãe tinha guardado, bem como uma porção de capão que estava no chiqueiro para o resguardo da mamãe que esperava um filho, que não nasceu vivo por causa do susto. Ela própria correu risco de via. Foi muito sofrimento.

Mamãe tinha umas jóias guardadas para serem distribuídas para as filhas. Naquele tempo era assim, cada um que casava levava sua parte. Mas nem todas tinham recebido, boa parte estava guardada numa meia velha dentro de um baú. Os “revoltosos”, procurando coisas de valor, reviraram tudo e não deram a menor importância àquela trouxa velha e jogaram fora. Foi a única coisa que sobrou, porque até um dinheiro que papai tinha guardado e os animais, eles levaram. Isso foi um dos

acontecimentos que nunca esqueci. Foi triste ver aquele povo todo se escondendo e protegendo-se como podia.

Como já falei antes, aos 9 anos de idade vim para Teresina. Quatro anos depois, papai veio morar aqui também e comprou uma casa e eu saí da casa de minha irmã e fui morar com eles. Nessa época eu já havia terminado o 4º ano do primário e preparava-me para fazer o exame de admissão. Mas parei de estudar porque precisei trabalhar para ajudar meus pais que naquele momento passavam por dificuldades. Para ajudá-los eu e minha irmã Ana fazíamos bolinhos doces temperados com rapadura porque o açúcar era caro. Assávamos em forno de lenha, depois colocávamos na quitanda do meu irmão para serem vendidos. Com o lucro das vendas ajudávamos nas despesas de casa e ainda dava para comprar nossas coisinhas.

Enquanto não arrumava um emprego ficava fazendo uma coisa e outra. Quando um dia a namorada do meu irmão arrumou-me um emprego para trabalhar na loja do senhor Samuel Gutzman, um alemão simpático, porém autoritário. Mas, por isso, não tive qualquer problema, trabalhava na seção de perfumaria, mas quando era solicitada para fazer qualquer coisa a mais, sempre estava pronta para colaborar. A loja era bem organizada, tinha até farda para os funcionários. Chamava-se “Quatro mil e setecentos”, ficava ali onde era a Lobrás, hoje loja Liliane. O que não me agradava era o salário por ser pouco demais. Eu ganhava apenas 50 mil réis, o equivalente a 50 reais hoje. E quando assinou minha carteira passou a descontar 3.500 réis para o Ministério do Trabalho. Mesmo assim passei bastante tempo porque não encontrava outro emprego. Quando saí de lá fui para a Singer onde fiz o curso de corte, costura e bordado, mas não recebi diploma porque precisava pagar uma quantia e eu não tinha.

Diante de tantas dificuldades papai resolveu voltar para o interior, ainda bem que não tinha desfeito-se das terras e dos gados. E eu fui morar na rua Olavo Bilac com outra irmã, a Dolores, que hoje mora no Rio de Janeiro, está com 91 anos de idade, esbanja saúde e tem uma memória de causar inveja. Pertence à Congregação Filha de Maria e só não vai sozinha à Igreja porque não deixam. Sempre que vou ao Rio fico na casa dela.

Quando aprendi a bordar vivia de fazer serviços para muita gente. Fui muitas vezes costurar e bordar para dona Estelina Dantas, minha primeira professora. Ela morava ali perto da antiga Delegacia da Mulher, que minha filha, a Gracinha, foi delegada. Hoje ela está na Delegacia do Menor. Um dia senti tanta saudade, passando por ali com a Gracinha. Lembrei do tempo que eu ia à casa de dona Estelina fazer alguns serviços para ela. A casa nem existe mais, com certeza foi substituída por outra. Tudo ali está mudado. Aliás, Teresina mudou muito depois da década de 40. Até 1940, Teresina parecia uma cidade do interior. Havia muitas quintas cercadas de arame e muito mato. Com o passar do tempo foram sendo construídas casas melhores, principalmente depois da onda de incêndio que nessa época ocorreu em toda Teresina. Depois a cidade começou a crescer e passou-se a construir mais espaços públicos para o lazer.

Lembro-me de que a Praça Rio Branco foi um dos primeiros espaços de lazer, muito animada durante as quermesses da Igreja Nossa Senhora do Amparo. As noites eram lindíssimas! A Igreja bem ornamentada, rodeada e os alto-falantes tocavam as músicas religiosas, davam avisos e convidavam o povo a participar das novenas. Cada noite era patrocinada por categorias sociais. Tinha a noite dos comerciantes, dos funcionários públicos, dos operários, dos homens públicos da cidade... cada noite era uma surpresa. Depois da novena gritava-se os leilões, era um momento de muita animação e expectativas. O valor da jóia leiloada dependia do arrematador, quem desse mais levava.

A Praça Rio Branco foi um espaço público muito importante nesta época. Quase tudo acontecia ali, festa de solenidade, festas religiosas, festas populares como os desfiles dos blocos carnavalescos, as partidas de futebol e, principalmente, o lugar de encontro das moças e rapazes. A gente ficava rodando a praça e flertando para os rapazes. As que já tinham namorado aproveitavam para conversar e as que não tinham tentavam arranjar, ou simplesmente conversavam com as amigas.

Já a Praça da Bandeira tinha outro sentido, foi planejada e construída como o símbolo de beleza que junto com a Igreja Nossa Senhora do Amparo representavam o centro da cidade. Era também um ponto de encontro dos namorados. Era bela, bem iluminada. Antes da Praça Pedro II era o nosso cartão postal. Já passou por algumas reformas e hoje está aí abandonada.

Depois da Praça Rio Branco veio a inesquecível Praça Pedro II. Inesquecível porque até hoje é lembrada com saudade daquele tempo em que era o maior centro de lazer de Teresina. Lembro-me de quando a gente ia lá, mocinhas novas, ingênuas que ficavam rodando a praça várias vezes, umas com a intenção de arranjar namorado, outras, só mesmo para se divertirem. Na parte alta da praça ficavam os soldados e as moças pobres, na parte baixa ficavam as moças ricas. Sempre fiquei na parte baixa, não por ser rica, mas porque eu tinha um comportamento decente e andava sempre bem arrumada. Lembro-me de que além da Igreja, a Praça Pedro II era o único lugar que papai levava mamãe para se divertir. Iam quase todos os domingos. Ela achava lindo a polícia tocar. O movimento da praça começava às 19:00 horas e encerrava às 21:00 horas. Dado o sinal de recolhimento não ficava mais ninguém, menos aquelas moças que gostavam de desafiar a autoridade dos pais. Além do passeio na praça as moças iam ao Teatro 4 de Setembro, ao Cine Rex e ao Clube dos Diários. Após a missa.

Nessa época tanto meus pais quanto minhas irmãs pouco iam a esses lugares e como eu só poderia sair acompanhada, quase não saía de casa. Fui criada muito presa. O que fiz mesmo durante toda minha vida foi trabalhar. Só depois de casada é que passei a freqüentar esses lugares de lazer. Ao Clube dos Diários íamos todos os sábados, isso antes de ter filhos, porque depois das crianças ficou mais difícil. Quando íamos a alguma festa, as crianças ficavam aos cuidados de dona Raquel, uma senhora de idade, velha conhecida nossa lá do interior que morava aqui na beira do Rio Parnaíba.

Outros espaços públicos como a Praça Saraiva e a praça João Luiz Ferreira tinham também sua importância. A Praça Saraiva era também um espaço onde se realizavam as festas religiosas promovidas pela Igreja Nossa Senhora das Dores, principalmente as quermesses no mês de maio. Eu não perdia as procissões e nem as novenas. Era a nossa paróquia e eu era associada à Congregação dos Anjos. Ainda recebi a fita rosa claro, a verde e a roxa, só não recebi a fita de Filha de Maria porque fui morar no Mafuá, e por ficar distante passei a freqüentar a Igreja da Vila Operária. Essa minha irmã com quem eu morava era associada ao Coração de Maria, por isso fui criada numa vida religiosa muito ativa. Hoje, eu, meu esposo e meu filho José Wilson, o dono do Laboratório Teresina e do Hotel Arapuã somos associados à Congregação Vicentina.

Como já falei, a Praça Saraiva, além de ser um espaço para eventos religiosos, era um espaço para lazeres como jogo de futebol e os circos, que se instalavam ou ali ou na Praça João Luiz Ferreira. Mas o lazer das mulheres não se dava apenas nas praças. Os lugares e as formas de lazer eram diversos, desde os bailes aos piqueniques. A toailete era uma marca de beleza feminina. O chapéu e a sombrinha eram moda, assim como os vestidos longos bordados. As moças ricas e as de classe média tinham o costume de passear pelas calçadas às tardezinhas. Já as pobres não tinham esse privilégio vivam do trabalho do qual faziam seu próprio lazer como eu fazia. Bordar,

costurar e ensinar a bordar para mim era um lazer como hoje ainda é porque faço por prazer. No meu modo de pensar lazer é tudo aquilo que nos dá prazer.

Então era assim, as mulheres se divertiam nos salões, nos clubes, nas praças, nas Igrejas, no Teatro e principalmente nas casas de família onde eram realizadas as grandes festas como casamento, batizado e aniversário. Essa última era feita de surpresa. À noite chegava-se na casa da aniversariante já levando comida e bebida sendo esta chocolate ou suco. Tinha também as serenatas dos namorados apaixonados que tocavam e cantavam debaixo da janela de suas amadas durante a madrugada.

Outra forma de lazer que eu me lembro em que muitas mulheres participavam ou assistiam era o carnaval nas ruas, nas praças e nos clubes. O mais comum era o que se realizava na Praça Rio Branco. Eu mesma não participei de nenhum bloco porque minha irmã não deixava, mas eu gostava de assistir o desfile das mulheres da Paissandu, como chamava o professor Diniz, “mulheres de vida horizontal”. Carros belíssimos! Fantasias lindas! Aqueles vestidos longos enfeitados, não via igual! Acho que as mulheres daquela época se divertiam mais do que hoje, porque se respeitavam mais.

Já falei tanto de tantas coisas, mas pouco falei de minha infância. Não falei porque quando vivi no interior era muito criança, lembro pouca coisa somente do fato que já comentei anteriormente. De nove anos em diante só me recordo do estudo e do trabalho. Quando morei com minha irmã tinha que estudar e fazer os afazeres de casa e quando fui morar com meus pais parei até de estudar para poder ajudar na sobrevivência da família. Comecei a trabalhar com 15 anos de idade e nunca mais parei porque ainda hoje faço meus bordados como uma das formas de lazer.

Antes do meu casamento eu trabalhava com dona Ivani Costa. Bordei muita roupa de linho e ganhei muito dinheiro. Aí conheci o Antônio mais ou menos no mês de fevereiro e em pouco tempo já me pedia em casamento. Eu era uma moça criada muito presa, vivia só do trabalho. Não tinha costume de namorar, embora eu já tivesse 21 anos de idade, tive apenas um namorico que não passava de uma paquera. Na verdade Antônio foi meu primeiro namorado. Nosso namoro era só de se ver, conversar e só, nem abraço tinha, quase tudo era por carta. Lembro-me de que logo na primeira carta que ele me mandou já queria saber se aceitaria me casar com ele. Ao receber a carta mostrei para minha irmã e ela foi de acordo porque ele só era pobre, mas era trabalhador. Respondi a carta dizendo que aceitaria. Imediatamente ele escreveu para os meus pais e acertaram tudo. O casamento foi marcado para o dia 23 de julho, dia do aniversário dele.

Casamos no dia 23 de julho de 1942, às 08:00 da manhã, no civil na cidade de Timon e às 05:00 da tarde, o casamento religioso na Igreja Nossa Senhora das Dores, com o padre Joaquim Nonato. Dona Graça Fernandes muito minha amiga, para quem fiz muitos bordados, foi quem me deu a grinalda, mas eu não me casei com ela, casei-me com a Coroa de Nossa Senhora que o Frei Eliodoro me emprestou. Ele disse: “Você vai ser muito feliz”. Da grinalda foi feito um bouquet e colocado no vestido. Depois tiramos fotos e em seguida fomos para nossa própria casa que ficava na Rua São João onde moramos 20 anos. Inicialmente era alugada, depois compramos, hoje é nossa e está alugada.

Sáímos da rua São João para a rua Senador Teodoro Pacheco, onde hoje funciona o Cartório Nazareno Araújo, lá moramos 12 anos era também alugada. Antônio tinha um comércio na Avenida Maranhão, mesmo assim eu queria ajudá-lo, mas ele não queria que eu trabalhasse fora. Então eu resolvi voltar à Singer e tirar o diploma de corte e costura e bordado. Ai abri um salão em casa para ensinar as moças a bordar. Mais tarde fomos morar em outra casa na mesma rua. Lá abri um comércio

chamado “Magazine maravilha”. A partir daí começamos a investir em imóvel. É disso que vivemos hoje. Temos vários alugados e inclusive a Clínica Lucídio Portela é nossa.

Desse abençoado casamento, Deus me deu 11 filhos e permitiu que eu criasse 9. Sou uma mãe muito feliz porque meus filhos são todos formados em diversas áreas. Direito, Medicina, Enfermagem, Farmácia, Bioquímica, Filosofia e História. No momento apenas uma vive ainda comigo, a Rita. esta é formada em História e está cursando Direito. Todos são empregados e vivem bem, graças a Deus. Tenho 16 netos dos quais 4 já são formados e uma bisneta.

Hoje estou com 81 anos de idade e 59 de casada. Nossa festa de Bodas de Ouro foi lindíssima! A missa foi realizada na Igreja São Benedito. Foi um momento inesquecível. Sou muito feliz, não só como esposa ou mãe, mas também como mulher. Sinto-me como uma jovem, ainda ando sozinha, viajo, tenho uma vida normal, gozo de boa saúde, participo de programas de lazer para a terceira idade, vou a festas com amigas, gosto de dançar. Encaro a vida mesmo quando apresenta certas dificuldades de uma forma natural sem preocupar-me, sem aborrecer-me, pois, tudo na vida tem solução. Preencho meu tempo com atividades que me dão prazer, como ler, rezar, conversar, dançar e bordar.

Já viajei muito, fui a Portugal duas vezes, a Poços de Caldas, Rio de Janeiro, Fortaleza. Atualmente faço parte do Coral do SESC e do grupo de Biodança no Centro de Convivência da Terceira Idade ao lado do Centro de Saúde Lineu Araújo, dirigido pela Professora Universitária e Economista da Prefeitura de Teresina a Professora Francisca Margareth Batista. Lá me sinto em casa, sou muito bem recebida e tratada. Obrigada! Deus te abençoe por ter me dado essa oportunidade.

## **DONA FRANCISCA ALMEIDA**

Meus pais eram muito pobres. Papai era tenente da Polícia Militar, Inácio Alves de Almeida, primo do Dr. Agenor Almeida, e mamãe Maria Luiza da Silva Mendes, era apenas dona de casa. Tiveram 21 filhos, mas só criaram 12: Julimar, Daniel, Joaquim, Francisca, Geraldo, Luísa, Izabel, João, Abmael, José e Manoel. Nem todos nasceram aqui, papai viajava muito e mamãe tinha um em cada cidade. Eu fui uma das que nasceu aqui, a três de setembro de 1922, mas ainda fui a Picos duas vezes. Papai só parou de viajar em 1932.

Naquele tempo viajava-se de carroça e de carga. Lembro de uma das viagens a Picos em que a mamãe forrava os jacás com as redes e nos colocava dentro, meu irmão de 7 anos em um, eu de 5 e o de 3 anos no outro. A viagem às vezes durava 7 dias. Ao meio dia a gente descansava, papai e os soldados cuidavam dos animais e a gente, a meninada, aproveitava para brincar e andar por aqueles matos na companhia dos soldados. Quando era a noite, a lua clara como o dia, armava-se aquela porção de redes ao ar livre. Ao amanhecer arriava-se novamente os animais e prosseguia-se mais um dia de viagem.

Quando chegamos em Picos, papai começou logo a trabalhar. Uma cidade pacata, tranqüila, quase não tinha divertimento, só às vezes quando por lá passava algum circo. Uma vez chegou um circo na cidade, foi aquela animação! Nesse tempo eu tinha 8 anos de idade e era uma menina muita levada. Para acompanhar minhas travessuras tinha a Erolí, uma menina da mesma idade. Um dia papai estava na delegacia e mandou mamãe nos levar ao circo para assistirmos ao espetáculo das 19 horas, quando mamãe procurou por mim eu já estava lá, toda pintada como os palhaços, sentamos próximos a eles fazendo algazarra para chamar atenção. Quando papai entrou

o soldado que lhe acompanhava foi dizendo: “Tenente, veja onde está a Francisquinha!”. Papai olhou e baixou a cabeça, morto de vergonha. Coitado!

Moramos dois anos em Picos, numa rua chamada Rua Velha, lá conheci uma menina de 12 anos de idade, a Enoe. Todos os dias ela me chamava para subir um morro próximo a casa dela. Era uma menina bem diferente das outras da mesma idade, andava sempre descalça a mal vestida, era simples demais, e isso causava estranheza porque seus pais eram afortunados e ela vivia daquele jeito. Quando a gente ia para o morro ela levava marmitas de comida e roupas para doar àquelas pessoas que viviam num estado de miséria. Ao chegar lá ela doava as roupas e dava alimentação para todos, depois ia fazer curativo em um velho todo ferido. Isso era todos os dias, mas ninguém podia saber, só eu e ela. Até que um dia sua mãe descobriu ao perceber que ela já não tinha mais roupa e passou a proibí-la.

Foi quando voltei a morar em Teresina, em pouco tempo fiquei sabendo de sua morte vitimada por um raio. Fiquei muito triste, ela era uma menina muito especial, tanto que depois virou Santa, até hoje tem gente que acredita mesmo em sua santificação. A partir de então toda menina que nascia em Picos era dado-lhe o nome de Enoe.

Naquele tempo papai viajava muito a trabalho e nessas cidades para onde ia destacado morávamos meses e até ano, mas nunca se desfez dessa casa da Rua Olavo Bilac, onde nasci em 1922. Papai contava que quando veio morar aqui, existiam poucas casas e as que existiam eram de taipas cobertas de palhas. Recordo-me de que em 1935 ainda não tinha água encanada nem luz elétrica, usava-se lamparina, as ruas eram cheias de matos, pedras e buracos. Só a partir de 1940 é que Teresina começou a progredir, mas o povo sofreu muito nessa época porque houve uma onda de incêndio em vários cantos da cidade. Quem tinha casa de palha era obrigado a cobrir de telha se não pudesse ia morar no interior. Nunca se soube a causa desses incêndios. Passada essa onda de incêndio, o governo, que era chamado de interventor, passou a organizar a cidade, a fazer calçamentos e ampliar o sistema de água e de luz elétrica. Foi bom para a cidade, mas o povo sofreu muito.

Vou voltar um pouco ao tempo da minha adolescência. Nossa casa não era pensão, mas abrigava várias meninas que vinham do interior para estudar. A casa era grande, mas a gente ficava todas num mesmo quarto: Nair, Lody, Nilda, Miriam, Luísa minha irmã e eu. Em frente a nossa morava a cunhada do coronel Jofre, a Laura, que namorava o Raimundo com quem se casou. No dia seguinte eu dizia: Laura, eu vi tudo o que você e Raimundo fizeram ontem a noite. Na verdade não via nada, os dois nem se tocavam, era só para vê-la aperreada. Uma noite mamãe já desconfiada, entrou bem devagarzinho no quarto e nos pegou olhando pelo buraco da janela.

Todas nós estudávamos no mesmo colégio, o Barão de Gurguéia que ficava na praça Saraiva. Estudei do 1º ao 4º primário, depois prestei o exame de admissão e fiz a 5ª série do Ginásio. Parei de estudar porque meus pais ficaram doentes e eu precisei trabalhar para cuidar deles. Na escola eu também era levada. Minhas professoras foram dona Dagmar, dona Hilda e dona Olga, a diretora da escola. Ela tinha o cabelo avermelhado, não sei se era natural ou pintado, um dia ela me castigou porque chamei-a de cabelo de fogo, não me lembro qual foi o castigo, só sei que naquele tempo o mais comum era ficar ajoelhada sobre os grãos de milho ou ... E quando não sabia a lição ficava em pé diante da turma com o livro na cabeça. Não passei por isso, mas naquela época era uma prática comum em muitas escolas de Teresina.

Fui uma criança muito saudável, brinquei muito tanto na escola quanto em casa. Pulava corda, amarelinha, brincava de roda, de esconder, inventava outras brincadeiras como: canela-de-pau, casco de cavalo feito com latas ... A rua era o espaço de lazer.

Quando era noite de lua clara ameninada vizinha vinha para nossa calçada. Sentávamos e meu irmão contava histórias de trancoso, aquelas que tem começo e não tem fim, assim eram as suas histórias, o final de uma já era o começo de outra, chegava a hora de se ir dormir e a história não chegava ao fim. Papai, mamãe e alguns vizinhos também sentavam na porta de casa e conversávamos até tarde. Era tempo bom! Aquela é que era vida boa!

Depois que a gente crescia as coisas mudavam muito. As mulheres, principalmente as de classe alta e média, só saíam acompanhadas dos pais, esposos ou irmãos. As diversões nessa época se destinavam as festas religiosas, ao Teatro, aos clubes e praças e principalmente as retretas na Praça Pedro II, duas vezes por semana em que o Coreto da Polícia tocava. As moças, às vezes, saíam sozinhas quando se tratava dos saraus, festas surpresas nas casas de amigas como: festas de aniversário ou simplesmente festas para concursos de poesias, muito comuns na época ou ainda festas para integrar nos grupos de amigos estudantes que estavam recentemente chegados do interior.

Tive sorte porque meus pais eram muito compreensivos, criaram a gente com uma certa liberdade, participávamos de festas, passeios, comemorações públicas como os desfiles do 7 de Setembro, as quermesses da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, de Nossa Senhora das Dores e principalmente da Igreja São Benedito por ser mais perto.

As festas juninas eram boas demais! A gente fazia em nossa casa. Fechava a rua e fazia uma fogueira, armava barracas e ali vendíamos todos os tipos de comidas típicas. A bebida era eu que preparava, um licor feito de milho, gengibre e rapadura, uma mistura curtida durante três dias. Era uma delícia! Somente eu sabia fazer. Deixei de promover festas, depois que comecei minha profissão de parteira porque às vezes eu era chamada às pressas. A fogueira queimava toda a noite, ali se fazia batizado, passava fogo para ser compadre ou comadre, realizava-se experiências para saber com quem iria se casar, ou se iria estar vivo no próximo ano. As experiências eram várias. Pegava-se uma bacia virgem com água e colocavam-se as pedras de carvão, se afundassem a pessoa morreria e se se encontrassem o casamento desejado daria certo.

Natal e Reveillon eram grandes festas, cada uma tinha seu significado como hoje tem, só que naquela época havia mais um sentido religioso. No Natal a gente não perdia a procissão, nem a missa da meia noite, a chamada Missa do Galo, como também a Ceia em família. A prática dos presentes já existia, só que não havia esse comércio de exploração que hoje existe, parece até que para alguns o Natal é isso, dar e receber presente. E o sentido religioso onde é que fica? Naquele tempo a gente também recebia presentes, só que se acreditava mesmo em “Papai Noel”.

Mas o bonito mesmo desta comemoração era apresentação dos Marujos, um grupo de homens que realizavam uma tradição portuguesa. No dia 24 de dezembro um grupo de homens vinha de vários lugares, entoando cantigas sobre o som dos maracás nas embarcações que navegavam nas águas do Rio Parnaíba. Desembarcavam na Praça Deodoro da Fonseca onde a população já esperava inclusive as mulheres que os recebiam com aplausos. Saíam em passeatas pelas ruas apresentando espetáculos e cânticos.

O desembarque acontecia no dia 25 de dezembro, dia do Natal, pela manhã. Os Marujos compareciam à missa das oito horas, depois saíam se exibindo pela cidade em visitas às famílias onde recebiam recompensa em dinheiro. Nestas casas cantavam e dançavam. E na despedida havia muitos aplausos.

Particpei de todas as festas, não só as religiosas como também as populares. Quando eu era criança brinquei muito carnaval. Os blocos se apresentavam na Praça Rio Branco. Os democráticos, o guará, os quebrados e outros. Os blocos chegavam em

carros alegóricos, os foliões ficavam circulando a Praça, jogando confetes, serpentinas e lança-perfume, momento em que senhoras e senhoritas nas trocas de lugares aproveitavam para fazer declarações de amor, muitas vezes proibido.

Mas, bonito mesmo era o bloco das mulheres da Paissandu. O primeiro carro era o delas e todos aplaudiam. A madame Delzuite e a Antonia Nogueira eram minhas amigas e eu fazia questão de assistir ao desfile delas. Desfilavam num carro muito bem enfeitado. Dançavam e cantavam de forma que agradavam a todos, é bem verdade que ainda existiam aqueles que não sabiam respeitar, mas era a minoria. Elas caprichavam tanto nas suas fantasia, com lindos vestidos de seda javanesa e empunhavam tanto respeito que recebiam elogios de todas as classes sociais, até mesmo das mulheres da elite.

Outra diversão era o cinema no Teatro 4 de Setembro. Todos os domingos depois da missa a gente assistia à sessão das 9:00 horas. quando terminava o cinema, íamos à matinê no Clube dos Diários. Eu gostava muito de dançar. Era bom demais! E não eram só os jovens que iam, mas famílias inteiras pertencentes a todas as classes sociais. Já meus pais dificilmente iam. O que eles gostavam mesmo era de visitar os amigos após a missa.

Um dos espaços mais importantes para o lazer era a Praça Pedro II, visitada por todas as classes sociais. Na parte alta ficavam as curucas, as moças que namoravam mais de um rapaz, na maioria domésticas, e na parte baixa as moças tidas de boa família, que ficavam rodando a procura de alguns rapazes para o flerte ou apenas conversar. Já as mulheres casadas, acompanhadas dos esposos, sentavam nos bancos para ouvir a Polícia tocar.

Como papai era policial e trabalhava no quartel onde funciona o Artesanato, sempre que ele estava de plantão a gente ia com a mamãe. Assistíamos ao cinema e depois ficávamos na Praça até as 21 horas, quando era dado o sinal. Como tenho saudades daquele tempo! A gente era tão feliz! Não existia violência! Não existia medo!

Quanto ao trabalho das mulheres naquela época era considerado por muitas como uma diversão. A maioria não realizava nenhuma atividade fora de casa, com exceção das mais pobres que buscavam meios de sobrevivência. Mas a maioria utilizava o espaço doméstico para realizar atividades como costura, bordado, crochê e outras. Mamãe por exemplo, trabalhava muito. O Coronel José Cordeiro cortava as fardas dos soldados e ela costurava. Era uma mulher trabalhadora e dedicada a família, mas teve um final de vida trágico, ficou parálitica durante 12 anos.

Desde criança eu tinha vocação para enfermagem, nem me lembro quando aprendi a aplicar uma injeção, faço isso até hoje. Meu primeiro emprego foi no Hospital Getúlio Vargas, com apenas 15 anos de idade, depois fui para a Maternidade São Vicente, onde funciona atualmente o Centro de Saúde Lineu Araújo. Comecei a me interessar pelo trabalho em Hospital porque meus pais viviam doentes e eu queria ajudá-los. Passaram muito tempo internados. Mamãe falava muito pouco. Papai ficou enfermo bastante tempo e veio a falecer no dia 26 de fevereiro de 1971, com 80 anos de idade. Quando dei a notícia do seu falecimento a mamãe, ela disse: “Seja feita a vontade de Deus”. Foi a última palavra até a sua morte em setembro do mesmo ano.

Com a falta dos meus pais, coube a mim toda a responsabilidade pelo bem-estar da família, passei a trabalhar cada vez mais. Não cheguei a me formar em enfermagem, porque aqui nessa época não tinha um estudo para essa formação, mas como era jovem e inteligente todo curso que surgia em Teresina minha chefe Dona Alzenira e Dona Auzenir mandavam eu fazer. Participei também de vários congressos no Rio de Janeiro. Na verdade só estudei até a 5ª série do Ginásio, mas nunca sofri qualquer tipo de preconceito por parte dos médicos. O mesmo não posso dizer das enfermeiras,

principalmente das recém formadas, que não queriam ouvir meus conselhos porque tinham estudado, mas acabavam me procurando porque eu tinha a prática e elas só traziam a teoria.

Em hospitais e centros de saúde que trabalhei procurei fazer todos os serviços de enfermagem, mas a minha maior dedicação foi mesmo a profissão de parteira. Comecei a fazer partos com 16 anos de idade. Ajudei mais de 3 mil crianças a nascer. Para não esquecer seus nomes tenho um livro de registro e um álbum de fotos já envelhecido pelo tempo. Ai! como é bom recordar! Sou feliz, Deus me deu o dom de cuidar de vida, isso é maravilhoso!

Aprendi a fazer partos com os médicos Ursulino Martins, Renato Paiva, Gerson Mourão, Edgar Pereira e Mariano Maia. Minha fama corria longe. Além de Teresina eu era chamada para fazer partos em Floriano, Timon e Carolina (MA). Para chegar a essas localidades utilizava vários meios de transportes, dependendo do local eu ia até de animal, burro, cavalo ..., não media esforços para chegar até as mulheres que precisavam de minha ajuda. Quando precisava ir a Timon, por exemplo, seguia de canoa porque na época não havia ponte para a travessia. Viajava debaixo de sol e chuva, às vezes também à noite, dependendo da necessidade.

Nesses anos de experiência nunca enfrentei complicações nos partos que realizei. Nenhuma criança ou mãe morreu aos meus cuidados, graças a Deus. Embora confiasse em minha competência concedida por Deus, sempre carreguei uma bolsa contendo injeções, gases, ataduras, colírios, mercúrio, tesoura, pinça e até balança para pesar o bebê. Também costumava utilizar chás e caldos para tranquilizar as mulheres que entravam em processo de parto. Para dar força à gestante era feito um chá com cravo e gergelim batido no pilão. Na ameaça de hemorragia era preparado outro chá a base de malva do reino e açúcar. Mas graças a Deus nunca aconteceu um caso sequer de hemorragia. Já no caso de dor após o parto era feito um remédio com folha de arruda, alho e cominho. E durante cinco dias após o nascimento da criança era recomendado um banho de aroeira e umburana de cheiro para evitar infecções. Como naquela época não havia muitas alternativas de tratamento, quase sempre estas combinações acabavam dando certo.

Sei que hoje os riscos são menores do que naquela época. A ciência evoluiu bastante e o processo se tornou menos traumático. Agora existe todo um conforto, mas o risco ainda é muito grande. É preciso ter muita fé em Deus na hora de ter um filho, pois nem tudo está ao alcance do homem. Sou uma pessoa temente a Deus e de muita fé nos santos, pois acredito no poder da interseção dos santos junto a Deus.

O sucesso de minha profissão como parteira devo a Deus e parte a Santa Laura de quem sou devota. Ela é minha protetora e nunca falhou comigo. Quando a parturiente ficava agoniada, eu tentava acalmá-la com reza, conversava com Deus e me apegava a Santa Laura. Sempre fui atendida. O homem tem sabedoria, mas é preciso ter humildade e muita fé em Deus em tudo que ele faz e isso nunca me faltou.

Devido a minha humildade e dedicação eu era solicitada por todas as classes sociais. Da esposa do juiz a prostituta do cabaré. Eu era chamada de dia e de noite, não tinha hora. Meu irmão Daniel chegou a fazer uma lista dos nomes das pacientes que eu tinha para atender. Atendi muitas vezes as “madames” da Paissandu bastante famosa na década de 50. Eu não me recusava a ir na casa de ninguém. Cheguei a andar em cima de carroça, debaixo de chuva de madrugada. Onde tivesse “mulher precisando de minha ajuda eu estava lá”.

Fui infinitas vezes fazer partos das mulheres da Paissandu e garanto que fui muito bem recebida e respeitada. O curioso é que sempre que estive lá, não vi um homem sequer. Eu fazia o parto e durante 6 dias dava assistência à mãe e à criança.

Após o período de observação, a mãe estava apta a cuidar da criança que nesse momento era separada da mãe em cumprimento às ordens daquele ambiente. A criança era levada para um quarto adaptado para todas a fim de serem protegidas de qualquer que fosse a situação de convivência naquele meio.

Muitos dos bebês que ajudei a nascer são profissionais renomados de áreas como: Direito, Medicina e outras. Tenho um imenso carinho por todos. Muitos são meus afilhados, outros me chamam carinhosamente de mãe Chica.

Depois de ter prestado serviços ao Hospital Getúlio Vargas e ao Centro de Saúde Lineu Araújo fui transferida para o IAPETEC onde fiquei até 1978. Nesse tempo prestei serviço no ex-Sandu, juntamente com Dr. Ludgério Raulino e Dr. Edgar Pereira, de 1965 a 1977, quando deixei de trabalhar por extinção do mesmo, aposentando-me logo em seguida em 1978.

Nunca tive filhos. Sou solteira por opção. Acho lindo um parto, vejo a mão de Deus naquele momento, mas nunca quis ter meus próprios filhos. Criei cinco sobrinhos, que os substituíram muito bem, duas já casadas e me deram netos lindos! Hoje vivo para eles, se fosse casada a dedicação seria a mesma.

Hoje, com 80 anos de idade, ainda me sinto jovem, gosto muito de dançar, sou uma pessoa muito alegre, tenho uma boa saúde e muita disposição. Reconheço que há momentos em que a memória já me falta, porém continuo a exercitá-la porque é importante reviver o passado, principalmente quando este traz boas lembranças. Atualmente cuido de um irmão doente, mesmo assim encontro tempo para me divertir. Freqüento o Centro de Convivência da Terceira Idade, onde tenho um bom convívio e recebo amor e carinho de todos, em especial da Diretora Geral, Professora Francisca Margareth Batista.

Obrigada por esta oportunidade!

**DONA EXPEDITA**

Nasci em Beneditinos, município do Piauí, em 1930. Com dois anos de idade eu já estava em Teresina. Meus pais nasceram e viveram lá, Vicente José de Lira e Honorata Alves de Lira. Tiveram três filhas e um menino que faleceu com um ano de vida. Lá em Beneditinos papai era vaqueiro e mamãe apenas dona de casa. De lá nada me lembro, eu era muito criança naquela época. Também não conheci meus avós paternos e nem maternos.

Em Teresina papai foi comerciante e mamãe costureira. Papai começou com um negócio de sociedade com um amigo dele que não deu certo, uma loja de tecidos, onde hoje é o Banco do Brasil aqui na Piçarra. Depois abriu um negócio, não deu certo e papai desfez a sociedade, depois botou sozinho uma loja de mantimentos. Mamãe costurava e de vez em quando ajudava a manter o comércio com o dinheiro das costuras.

Quando chegamos aqui morávamos em casa alugada, perto do comércio. O nome da rua eu não lembro. Mais tarde tudo começou a dar certo, papai comprou um grande terreno, quase um quarteirão na rua Alto Alegre, hoje Nossa Senhora de Fátima, onde moro atualmente. Papai construiu uma casa enorme, lembro-me principalmente do quintal onde brincávamos de boneca. Hoje o lugar é o mesmo, mas a casa já foi reformada várias vezes, mas posso ver vagamente na memória o nosso quarto, aquela mesinha com a lamparina, meu cachimbo e as cartas de baralho que eu consultava nossa sorte. Depois que meus pais faleceram minha irmã é quem mora lá.

Com 7 anos papai matriculou-me no Grupo Escolar Domingos Jorge Velho, onde estudei do 1º ao 4º ano, depois fui para o colégio Maria de Lourdes, onde hoje é a Prefeitura, lá conclui a 8ª série do Ginásio. Naquela época não tinha transporte coletivo,

por isso saíamos muito cedo de casa porque antes da aula tinha a prática da Educação Física, além disso, era muito distante, íamos e voltávamos a pé, mas para nós aquela caminhada era uma diversão.

Todos os dias eram assim, de casa para a escola e ajudar a mamãe nos afazeres domésticos. Fomos criadas muito presas, papai não permitia nem mesmo um passeio na praça, só saíamos com ele e a mamãe. Brincar só na porta de casa. Como não havia movimento, a rua era um espaço de lazer, ali, juntava uma porção de meninas, quase todas na mesma idade. Brincávamos de amarelinha, de roda, boca de forno, mas a principal era a cobra cega. Quando era noite de lua clara, papai sentava na calçada e rodava corda para a gente pular. Era bom demais! Ah, lembrei-me de uma cantiga de roda que brincávamos muito. Era assim:

*Fui em Tororó beber água não achei  
Encontrei bela morena que em Tororó deixei  
Olá fulana, fulanazinha que entrou na roda  
Para ficar sozinha  
Sozinha eu não fico nem hei de ficar  
Porque tenho fulana para ser meu par*

*Bota aqui o teu pezinho  
Bota aqui igual ao meu  
Para não sair dizendo  
Coitadinha, coitadinha se arrependeu.*

Brincávamos também de boca de forno. Era assim: formava-se uma grande roda, no centro uma pessoa gritava.

*Boca de forno, forno  
Tirando bolo, bolo  
Jacarandá, dá  
Quando eu mandar, vou  
E se não mandar, vou  
E se não for, bolo  
1, 2, 3, já*

Todos se escondiam e aquele que gritou saia procurando, quando encontrava segurava, e aquele seria o próximo gritador.

De boneca brinquei até mocinha. Lembro do quintal de lá de casa, enorme! Lindo!, cheio de pés de vinagreira tudo limpinho! ... Era uma beleza! Ali, fazíamos casinhas de talos de coco, mesinhas, cadeirinhas, tudo ... Nem víamos as horas passarem. Papai nem se importava, só não permitia que fôssemos brincar em casa de vizinhos. As únicas diversões fora de casa eram as festas religiosas. A missa aos domingos era sagrada. Nada de outras festas, passeios em praças ou cinema, quando muito, assistíamos ao matinal, levados pela inspetora da escola para assistirmos a um filme infantil das nove horas, no Teatro 4 de Setembro. Fora isso, só para a Igreja com a mamãe, o único lugar em que ela ia. Ficava o tempo todo em casa costurando, ali era a sua diversão.

No domingo ela nos levava para assistirmos a missa na Capelinha do Hospital Getúlio Vargas, só na época dos festejos é que freqüentávamos a Igreja São Benedito. Quando a Igreja São Raimundo aqui da Piçarra foi construída passamos a frequentá-la

porque era mais perto. No mês de agosto, quando começavam as quermesses, mamãe ajudava na ornamentação da Igreja e nos levava com ela. Tinha os noitantes. A noite dos vaqueiros era a mais bonita, tinha corrida de cavalos, era a mais bonita, tinha corrida de cavalos e leilões de bois, vinham vaqueiros de todas as redondezas ... Ah! Era uma festa linda demais! Tinha também a noite dos comerciantes mais antigos, como seu Manoel Joaquim, um comerciante bem sucedido e outros mais. Era também uma noite bem animada, bem participada, cada comerciante doava uma jóia para ser leiloada. Era muito bom, a gente ia tanto para rezar como para se divertir, porque depois da novena as moças aproveitavam para passear nas barracas e também namorar um pouquinho quando escapavam dos olhares dos pais por alguns momentos.

Outras diversões eram as festas juninas, não sei dizer como é que eram porque papai não deixava a gente participar, mas em casa fazíamos uma grande fogueira, ali, assávamos batata, macaxeira, abóbora, milho verde ... Brincávamos de passar fogo. Era assim: Santo Antonio disse, São Pedro confirmou, fulano vai ser meu padrinho ou madrinha, compadre ou comadre que São João mandou. Fazia-se também a experiência da água na bacia para ver a imagem refletida no fundo, caso não conseguisse ver, morreria naquele mesmo ano. Já no interior era assim: tinha a novena, e no último dia a procissão por aquelas veredas, depois se levantava um mastro. Como eu era a pessoa mais prendada daquela redondeza, era eu quem desenhava São João na bandeira do mastro.

O Natal era um momento festivo de forte espírito religioso e não uma exploração comercial como acontece hoje. Havia a Missa do Galo e a Ceia em família, o que não me recordo é se havia a troca de presentes, eu mesma nunca ganhei um brinquedo no Natal. Já no ano novo tinha a troca de presentes e comemorava-se a passagem do ano velho para o ano novo em reuniões nas casas de parentes e amigos. Mas o que era bom mesmo, era a Festa do Divino Espírito Santo, o chamado Reisado, comemorado do 1º ao dia 6 de janeiro. Homens e mulheres, povo em geral saiam tirando esmola nas casas já preparadas para receberem ao Santo. Chegavam de madrugada cantando assim:

*Quem bate nesta porta (bis)*  
*É o Divino Espírito Santo*  
*Que tem pede uma esmola*  
*Para o Pai e o Espírito Santo*  
*Deus te pague esta esmola (bis)*  
*Meu Divino Espírito Santo*  
*Que te dê muita fartura*  
*E amor no coração*  
*Deus guarde esta casa (bis)*  
*Meu Divino Espírito Santo*  
*Que estejam todos vivos*  
*Na entrada do outro ano*  
*Já estamos indo embora (bis)*  
*Meu Divino Espírito Santo*  
*Que Deus guarde todos nós*  
*Até o próximo ano.*

Depois dançavam a dança da burrinha e ao amanhecer do dia, tomavam café com bolo, beiju . Cada noite numa das casas escolhidas e encerrava no dia 6 numa Igreja.

A Semana Santa naquele tempo eram todos os dias da semana e não dois dias apenas. Primeiro se jejuava depois se fazia a ceia com todo ritual religioso refletindo

sobre a morte ressurreição de Jesus Cristo. Diferente de hoje, em que as pessoas se preocupam mais em viajar de banquetes do que rezar e refletir sobre o real significado desses dias. A gente ia todas as novenas e no Domingo Ramos, era a coisa mais linda! Durante a missa o padre José benzia os ramos e jogava água benta, era muito importante aquele momento de fé.

Diferente das festas religiosas era o carnaval, uma festa popular muito bem participada pelos teresinenses, só não sei dizer como era porque papai não deixava a gente participar, só sei que era realizada na Praça Rio Branco, era lá que os blocos se apresentavam. Mas papai nunca levou a gente, logo ele não gostava de carnaval e também porque tinha o bloco das mulheres livres e ele não queria que a gente visse. Naquele tempo a Praça Rio Branco era um dos lugares mais atrativos de Teresina, quase todos os eventos aconteciam lá, reuniões, políticas, manifestações públicas e principalmente, como espaço para as festividades religiosas da Igreja Nossa Senhora do Amparo durante as quermesses.

A Praça Pedro II era a mais importante e o espaço público mais freqüentado de Teresina, era bem diferente do que está hoje, pena que por cada reforma que passa vai perdendo sua originalidade e recebe aparelhos modernos como cabine de telefone. É muito bom, eu sei, pena que aos poucos vai se perdendo a memória porque o nosso poder de lembrar é fraco. Vê-la como era naquela época. Tinha uma parte alta como ainda hoje tem, ali ficava o coreto da Polícia tocando e as pessoas ouvindo, moças e rapazes passeavam pela praça. As retretas eram duas vezes por semana até às 21 horas, quando era dado o toque de recolhimento. Papai de vez em quando nos levava para ver o coreto tocar. Sentávamos num banco, papai, mamãe, eu e minhas irmãs, ali permanecíamos quietinhas até a hora de irmos embora.

Agora quando tinha os desfiles das escolas no 7 de Setembro, aí sim, eu participava. O desfile saía da escola e encerrava na Praça Pedro II. Na parte alta ficavam as personalidades no palanque discursando e a gente aplaudindo. Na escola eu era uma criança que destacava-se entre as demais, participava de tudo, peça de teatro, concurso de poesia e de outras apresentações comemorativas, como o Dia das Mães e muitas outras que aconteciam durante o ano letivo. No recreio da escola a gente brincava de amarelinha, de roda, de esconder, de giribira e outras que agora não me lembro. Nunca fui uma criança levada, fui apenas divertida, estudiosa e dedicada, nunca dei trabalho para as minhas professoras. Em casa fui também muito obediente, principalmente com papai, porque mamãe, coitada, não tinha poder de decisão, quem mandava mesmo era papai. E eu era quem o auxiliava, tudo dele era comigo, eu era para ele o filho que não teve.

Naquela época Teresina parecia uma cidade de interior, ruas tortas, esburacadas, cheias de lama e muita poeira também na época da seca, muitos animais criados soltos, era muita sujeira. Aqui mesmo onde morávamos era uma grande quinta, um casarão e ao lado uma vacaria. Naquele tempo gado e terra significavam riqueza e papai só não ficou rico porque sabia ganhar dinheiro, mas jogava fora com facilidade. Quem vê esse bairro hoje não diz que aqui já foi um matagal, se caminhava pelas veredas desviando dos barreiros de porcos. Não tinha calçamento e a água encanada só chegava até o Hospital Getúlio Vargas, luz elétrica só no centro, nos bairros usava-se lamparinas a querosene.

Veja o quanto Teresina progrediu, até 1945 existiam casarões de palha em pleno centro da cidade, ali mesmo por trás da Telemar da Frei Serafim tinha um casarão onde morava um sobrinho do papai. Em frente a Maternidade São Vicente, onde hoje é o Hospital Lineu Araújo, tinha um outro casarão de taipa coberto de palha cercado de arame, uma grande quinta onde morava dona Francisquinha, minha professora, que

trabalhava no Grupo Escolar Domingos Jorge Velho. Dona Luíza Oliveira também era outra professora que morava num casarão na esquina do IAPEP. Naquela época existiam poucas casas de telha e quem morava em casa de palha sofreu demais por causa dos incêndios. A todo momento se ouvia clamor. Foi um período de muita agitação e sofrimento. Eu era menina nessa época, mas me lembro muito bem do sofrimento daquelas famílias que à noite dormiam ao relento com todos seus pertences temendo serem queimados. No quintal de lá de casa, por exemplo, dormiam no mínimo 12 famílias. Fico triste só de lembrar de tanta crueldade

Dizem que recordar o passado é sofrer duas vezes, mas tem uma passagem da minha vida que gosto de relembrar porque foram anos de felicidades. Meu casamento. Quero falar em detalhes. Foi assim:

Papai criava a gente presa demais. Eu não ia festa, eu não ia a nada. Eu já era uma mocinha e aquela vida era uma tortura, a gente não tinha a menor liberdade. Devido a vida que eu levava casei-me cedo demais. Aos 14 anos de idade começava uma grande história de amor. Mas, antes, eu quero falar de uma coisa. Naquele tempo os pais eram que escolhiam esposos para as filhas e papai já tinha escolhido nossos noivos. O da minha irmã era um viúvo que morava em Castelo do Piauí, um loiro dos olhos azuis, dono de fazendas, cunhado de um amigo dele, eu só chamava de Tachariado porque ele era ruivo demais. E o meu era um sobrinho do papai que morava em Demerval Lobão, um rapaz trabalhador, que fazia uma casa e uma roça num mesmo ano.

Mas o meu destino já estava traçado. Um belo dia eu ia saindo de casa para o colégio, quando vi um rapaz que vendia mantimentos para o papai, de repente senti um choque! Ele estava de terno, chapéu de massa, montado numa burra toda equipada. Ah! Ele estava lindo demais! Olhei e fui embora. Quando foi um dia, eu estava na porta da casa de uma vizinha, a Maria do Carmo. A casa era de palha e tinha na goteira uma travessa, onde as pessoas sentavam à noite para conversar, e eu estava sentada ali quando ele passou. Ai! Me deu uma tremedeira, meu coração palpitou forte, eu disse: “Ducarmo, vou me casar com aquele rapaz”. Ela disse: “Com aquele menino do nariz quebrado!?” “Como é que vão ser esses meninos?”. Achei lindo ela dizer aquilo! Fiquei com ele na cabeça mas ...

Ele morava em Parnarama, um lugarejo próximo a Altos. Quando ele chegava hospedava-se na casa de dona Inês, nossa vizinha da rua de lá de cima. Conversando com dona Inês, ele perguntou: “Dona Inês, quem é uma loirinha que eu vi saindo da quitanda de seu Vicente José?”. Ela disse: “É filha dele”. “Pois eu estou gamado nela”. “Ah! Meu filho”, disse dona Inês, “ali é muito difícil, aquele velho é muito ciumento”. Ele falou: “Não tem nada não, vou escrever para ela”.

Um belo dia ele me escreveu. Era uma quarta-feira de cinzas, 27 de fevereiro de 1945. Eu tinha acabado de chegar da Igreja. Tinha uma vizinha aqui de frente que gostava muito de nós, dona Firmina, eu ia saindo para ir à casa dela, quando me deparei com ele, fiquei parada, ele tirou do bolso uma carta e disse: “Leia, é para você”. Eu não sabia o que fazer, voltei depressa. Pensa que li? Não tive coragem. Quem leu foi minha irmã lá no fundo do quintal, porque papai não podia saber. Quando ela voltou foi dizendo: “Eita! Chico Américo quer namorar contigo, eita bichinha, tu vais apanhar!”. Eu falei: “Nem me importo, eu já gosto dele”.

E agora para responder esta carta, em casa não podia, então peguei lápis e papel e fui à casa da madrinha Anselma, lá tinha uma moça velha, a Luíza, morreu tuberculosa, coitada! Ela disse: “Eu ajudo você a responder”. Eu falei: “Não, eu faço, não quero nada com ele mesmo”. Fiz uma carta desanimada, sem muita esperança.

Quando ele chegou na casa de dona Inês foi dizendo logo: “Ah! dona Inês, aquela loirinha não quer nada comigo”. Ela disse: “Meu filho, aquela menina não tem costume de namorar”. Depois ela me contou tudo. Aí mandei uma carta melhorzinha. Ele se animou todo. A partir daí cada mês era uma carta. Um dia eu ia à casa da Lina, minha irmã mais velha, que morava ali onde hoje é a avenida Odilon Araújo. Ele acompanhou-me e foi logo perguntando se eu queria casar com ele, falei que sim. Ele disse: “Pois eu vou falar com seu pai”.

Da outra vez que veio falou com papai. Depois papai me perguntou se era isso que eu queria, confirmei que sim. Aí os pais dele vieram e marcaram o casamento para o mês de outubro de 1945, mas fiquei doente e tiveram que adiar para o mês de novembro. No início papai ficou preocupado porque eu era muito nova, magrinha, frágil, tinha penas 14 anos de idade, parecia uma menina e já estava noiva. De certa forma ele tinha razão, mas eu estava decidida. Pensava muito na vida que eu levava, então eu dizia “vou me casar e construir uma bela família. Vou criar meus filhos diferentes do que fui criada”. Para mim aquela vida era uma tortura. Sabe o que papai fazia? Nos proibia de ficar com a lamparina acesa em nosso quarto, porque ele achava que estaríamos falando de namorado. Mesmo assim, eu brincava de botar baralho para ver a nossa sorte, se realmente iríamos de fato casar-nos com os noivos escolhidos por ele. Era só uma brincadeira, eu não entendia nada disso, mas confesso que todas as vezes em que eu botava as cartas para Chico e eu dava certo, já com Antônio não. Assim também era com minha irmã.

Papai dizia que se me visse escrevendo para Chico Américo, fazia eu engolir lápis e papel. Pra responder as cartas dele, eu subia num pé de caju que tinha no quintal e lá em cima eu escrevia. Era tudo muito escondido porque se ele pegasse ... O velho era muito carrasco. A gente morria de medo. Coitada da minha mãe! A vida dela não deve ter sido diferente da minha e ainda não teve sorte no casamento. Era uma pessoa tranqüila, trabalhadora e era feliz a seu modo. Eu é que não me conformava com aquela vida... Graças a Deus fui feliz no meu casamento.

Casei-me em 21 de novembro de 1945, na Igreja São Benedito, e logo em seguida fomos casar no civil, no Fórum, onde hoje funciona o Museu Piauiense. dali fomos tirar retrato no foto Totó, o fotógrafo mais famoso daquela época. Em casa o povo aguardava a chegada dos noivos. Era assim: Os noivos na frente e os convidados acompanhando, uns a pé, outros a cavalo, era aquela animação, uma poeira danada. Em casa esperávamos com um almoço. Depois fomos para a casa dele em Parnarama, lá esperávamos com uma grande festa.

Casei em novembro de 1945 e comecei a trabalhar como professora leiga em julho de 1946, e tive minha primeira filha em outubro do mesmo ano. Tive uma gravidez muito complicada, talvez por causa da minha idade; 15 anos. Lá onde morávamos se usava água de cacimba e eu carregava várias latas d’água na cabeça sem meu esposo saber porque ele não queria que eu fizesse isso, pelo menos durante a gravidez. Quando fiquei bem pesadona ele fazia tudo, era bom demais para mim. Me dói lembrar.

Sempre fui uma mulher trabalhadora, além de lecionar também quebrava coco, tirava azeite, vendia e com o dinheiro comprei gado e uma máquina de costura que ainda possuo. Ele também era muito trabalhador, a gente tinha algumas coisas, mas resolvemos vir morar aqui em Teresina por volta do ano de 1958, se não me falha a memória. Quando cheguei comecei logo a trabalhar como professora leiga na escola São Paulo, que funcionava num casarão aqui próximo, depois é que construíram aquela sede na avenida Miguel Rosa. Lá trabalhei até 1968. Voltei a estudar e conclui o

magistério. Da Escola São Paulo fui transferida para o Colégio Pio XI, onde me aposentei em 1977.

Quando chegamos aqui, Chico colocou uma quitanda, mas não deu certo porque ele não tinha traquejo para o comércio. Aí tirou a carteira de motorista e foi trabalhar com meu cunhado nuns carros de lotação. Um dia uma passageira falou para ele: “Seu Francisco, o senhor é um homem tão fino, tão educado, não é para trabalhar num negócio tão chato como esse, o senhor quer um emprego?” Ele falou: “Dona, Luzia eu quero, de fato não agüento mais isso aqui”. Ela falou com seu Manoel, o chefe da Sucan, e arrumou para ele trabalhar lá onde ficou até se aposentar.

Quero te confessar uma coisa: fui muito feliz com meu casamento, foi um amor a primeira vista. Apaixonei-me por ele e ele por mim. Com 10 meses eu já estava casada. Foi o primeiro e o único amor da minha vida, eu era uma eterna apaixonada, mas o destino nos separou depois de 49 anos de casados. Hoje vivo só de lembranças, lembranças que doem, fico horas olhando as fotos dele e relendo as belas cartas de amor que trocávamos, bate uma saudade tão grande que me dói o coração, mas sou feliz porque sei que enquanto ele viveu eu o fiz feliz.

Dessa abençoada união nasceram 14 filhos que, pelas circunstâncias do destino, só criamos 10: Maria Rosimar, Maria das Graças, Raimunda Maria, Antônio Luís, Edvaldo, Manoel, Gorete, Roseane, Francisco Filho e Ana Maria. Graças a Deus todos estão formados e empregados, sou feliz com os filhos que tenho, só lamento ter perdido meu esposo há 12 anos, mas para mim foi ontem.

Depois que meu esposo faleceu entrei numa depressão profunda. Aí comecei a participar dos programas para a terceira idade. Comecei no SESC, hoje faço parte do coral. Estou também no Centro de Convivência da Terceira Idade em Aço, promovido pela Universidade Federal do Piauí, coordenado pela Dr<sup>a</sup> Aglair Alencar Setúbal. Lá participei de cursos: Estudo de Texto, Terapia I e II e Nutrição. Em outro momento fiz ainda História de Vida e Memória, Afetividade e Perda na Terceira Idade. Recebi muitos incentivos dos professores, em especial, a professora Bernadete, que através de seus estímulos consegui um acróstico.

